

Mestrado em Turismo

Ramo de Inovação em Turismo Ativo e de Experiências

Dissertação

As experiências de agroturismo e o seu impacto
socioeconómico no Alentejo

Sara Neves Alves Portugal

Estoril, novembro de 2022

Mestrado em Turismo

Ramo de Inovação em Turismo Ativo e de Experiências

Dissertação

As experiências de agroturismo e o seu impacto
socioeconómico no Alentejo

Sara Neves Alves Portugal

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Isabel Inácio

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a
obtenção do grau de Mestre.

Estoril, novembro de 2022

Para a Vó Alice.

Agradecimentos

A elaboração de uma dissertação é um processo moroso, árduo e complexo que tornar-se-ia extremamente penoso se, ao meu lado, não caminhasse um conjunto de pessoas que, de uma forma ou de outra, me auxiliaram ao longo deste percurso tão intenso pautado por muitos altos e baixos.

Primeiramente, agradeço à Professora Ana Isabel Inácio que, enquanto orientadora, me guiou durante os vários meses de execução deste trabalho, mostrando-se sempre disponível e receptiva para esclarecer quaisquer dúvidas, dar sugestões e tecer comentários que me animavam e davam alento para continuar o processo de concretização do mesmo.

Em seguida, agradeço aos meus pais, destacando a minha mãe por ter sido uma ajuda imprescindível e por ser a pessoa que me auxilia incansavelmente em qualquer fase da minha vida, que me ouve e me acalma em momentos de maior *stress*, que sabe sempre o que me dizer.

Agradeço também aos meus irmãos que celebram sempre as minhas conquistas como se fossem as deles e que, à sua maneira, me foram dando coragem e fazendo acreditar que seria capaz de terminar este trabalho, independentemente dos obstáculos que foram surgindo.

Por último, quero agradecer igualmente aos meus amigos, nomeadamente ao Gonçalo, à Bia e à Bruna, por saber que posso contar sempre com eles e por me terem dado força em diferentes fases da realização desta dissertação.

Índice geral

Agradecimentos	iv
Índice geral	v
Índice de figuras	viii
Índice de tabelas	x
Resumo	xii
Abstract	xiii
1. Introdução.....	1
1.1. Pertinência e justificação da temática	1
1.2. Problema, objetivos e hipóteses de investigação	2
1.3. Estrutura da dissertação.....	5
1.4. Abordagem metodológica	5
2. Enquadramento teórico	8
2.1. A evolução socioeconómica dos espaços rurais.....	8
2.2. Caracterização do turismo em espaço rural	13
2.3. Caracterização do agroturismo.....	19
2.4. A importância das experiências no agroturismo	27
3. Metodologia de investigação.....	33
3.1. Modelo de Análise	33
3.2. Métodos e técnicas de recolha de dados	34
3.3. Métodos e técnicas de análise de dados	37
4. Estudo de caso – agroturismo na região alentejana	38
4.1. A Região do Alentejo.....	38
4.1.1. Caracterização geográfica	38
4.1.2. A Evolução do Agroturismo	48
4.2. Agroturismo no Alentejo	49
4.2.1. Apresentação de herdades e quintas e das suas atividades.....	49
4.3. Guião das entrevistas estruturadas	52

4.4. Análise dos resultados obtidos	53
5. Considerações finais.....	86
5.1. Conclusão.....	86
5.2. Limitações do estudo e contributos para futuras investigações	88
Bibliografia	90
Apêndices	100
Apêndice I – Apresentação das unidades de agroturismo alentejanas estudadas	100
a) Quinta da Sagrada Família	100
b) Pátio Lima	100
c) Herdade da Maridona.....	101
d) Quinta dos Ribeiros.....	102
e) Casa do Guizo	103
f) Refúgio das Origens.....	103
g) Agroturismo Xistos	104
h) Quinta da Espada.....	105
i) Monte da Serralheira	105
j) Herdade do Vau.....	106
k) Horta de Torrejais.....	107
l) Monte do Pantaleão.....	107
m) Casas do Rio Sado.....	108
n) Vale de Gatos	108
o) Passo do Lobo	109
Apêndice II - Guião para entrevistas estruturadas dirigidas aos diretores/responsáveis das herdades e quintas de agroturismo	110
Apêndice III – Correlação entre as perguntas do guião, os objetivos e as hipóteses.....	114
Apêndice IV – Transcrições das entrevistas	118
a) Agroturismo com exploração animal e atividades	118
b) Agroturismo sem exploração animal e com atividades.....	169
c) Agroturismo com exploração animal e sem atividades.....	208

d) Agroturismo sem exploração animal nem atividades.....	214
Apêndice V – Resumo dos resultados obtidos	220
a) Agroturismo com exploração animal e atividades	220
b) Agroturismo sem exploração animal e com atividades	225
c) Agroturismo com exploração animal e sem atividades	230
d) Agroturismo sem exploração animal nem atividades.....	235
Apêndice VI – Esquema de semelhanças <i>versus</i> diferenças entre as quatro categorias de agroturismo.....	240

Índice de figuras

Figura 1 – Atos e etapas de uma investigação.....	7
Figura 2 – Variação da população residente no continente (de 1960 a 2011).....	10
Figura 3 – População empregada por setores de atividade e NUT II (1991 e 2021).....	11
Figura 4 – Densidade populacional, no continente, na década de 80 e em 2016	13
Figura 5 – Evolução do TER e do TH por número de dormidas, em Portugal (em milhares)	16
Figura 6 – Vantagens do TER	17
Figura 7 – Desvantagens do TER.....	18
Figura 8 – As tipologias de agroturismo	23
Figura 9 – Evolução do agroturismo por número de dormidas, em Portugal.....	23
Figura 10 – Potencialidades do agroturismo	26
Figura 11 – Os quatro domínios das experiências.....	28
Figura 12 – Modelo de Análise	34
Figura 13 – Universo e amostra estudada das herdades e quintas de agroturismo.....	36
Figura 14 – Divisão territorial por NUT II e III.....	38
Figura 15 – Unidades geomorfológicas de Portugal Continental.....	39
Figura 16 – Amplitude térmica anual de Portugal Continental.....	39
Figura 17 – Temperatura média mensal de Portugal Continental (janeiro de 2021) (à esq.) e Temperatura média mensal de Portugal Continental (agosto de 2021) (à direita)	40
Figura 18 – Precipitação acumulada anual.....	41
Figura 19 – Vegetação de Portugal Continental.....	42
Figura 20 – Pirâmides etárias do Alentejo, referentes aos anos de 2011, 2016 e 2080.....	45
Figura 21 – Índice de envelhecimento (Nº), em 2020, por NUT II.....	45
Figura 22 – Índice de dependência de idosos (Nº), em 2020, por NUT II	46
Figura 23 – Densidade populacional de Portugal, por NUT III, em 2021	47
Figura 24 – Número de estabelecimentos de agroturismo em atividade.....	48
Figura 25 – Número de dormidas em empreendimentos de agroturismo, em milhares	49
Figura 26 – Portão de entrada para a Quinta da Sagrada Família	100
Figura 27 – Espaço de lazer, onde é possível observar diversos animais	100
Figura 28 – Fachada de um dos edifícios do Páteo Lima.....	100
Figura 29 – Espaço exterior do empreendimento Páteo Lima	101
Figura 30 – Entrada da Herdade da Maridona	101
Figura 31 – Fachada de um dos edifícios da Herdade da Maridona e espaço de lazer	101
Figura 32 – Loja da Herdade da Maridona.....	102
Figura 33 – Espaço de entrada da Quinta dos Ribeiros.....	102
Figura 34 – Caminho para passeios e de acesso à quinta pedagógica (à dir.)	102

Figura 35 – Entrada da receção da Casa do Guizo.....	103
Figura 36 – Pátio do antigo espaço de armazenagem de trigo (à esq.) e zona de lazer (à dir.).	103
Figura 37 – Entrada para a zona da receção e dos quartos do Refúgio das Origens.....	103
Figura 38 – Fachada do empreendimento (à esq.) e pátio da sala de refeições (à dir.).....	104
Figura 39 – Vista aérea do Agroturismo Xistos.....	104
Figura 40 – Espaços exteriores do Agroturismo Xistos.....	104
Figura 41 – Zona exterior (à esq.) e fachada de um edifício da Quinta da Espada (à dir.).....	105
Figura 42 – Espaço exterior da propriedade, por onde passa o aqueduto de Évora.....	105
Figura 43 – Entrada para o Monte da Serralheira.....	105
Figura 44 – Espaços exteriores do empreendimento.....	106
Figura 45 – Fachada de um dos edifícios da Herdade do Vau e espaço de lazer.....	106
Figura 46 – Vista panorâmica para os campos de cultivo.....	106
Figura 47 – Zona de entrada para a Horta de Torrejais.....	107
Figura 48 – Espaço de lazer, onde são servidos os pequenos-almoços.....	107
Figura 49 – Edifício do Monte Pantaleão, entradas da receção, apartamentos (à esq.) e área de cultivo (à dir.).....	107
Figura 50 – Portão da entrada principal para as Casas do Rio Sado.....	108
Figura 51 – Apartamentos das Casas do Rio Sado (à esq.) e vista panorâmica dos arrozais (à dir.).....	108
Figura 52 – Empreendimento de Vale de Gatos.....	108
Figura 53 – Espaço de trabalho com teares (à esq.) e ovelhas Campaniças de Vale de Gatos (à dir.).....	109
Figura 54 – Portão de entrada do Passo do Lobo (à esq.) e pátio de entrada para o edifício....	109
Figura 55 – Espaço exterior de lazer do Passo do Lobo.....	109
Figura 56 – Esquema conceptual (1).....	240
Figura 57 – Esquema conceptual (2).....	241
Figura 58 – Esquema conceptual (3).....	242
Figura 59 – Esquema conceptual (4).....	243
Figura 60 – Esquema conceptual (5).....	244
Figura 61 – Esquema conceptual (6).....	245
Figura 62 – Esquema conceptual (7).....	246
Figura 63 – Esquema conceptual (8).....	247

Índice de tabelas

Tabela 1 – Objetivos e hipóteses de investigação	3
Tabela 2 – Objetivos e hipóteses de investigação	4
Tabela 3 – Definições de agroturismo.....	21
Tabela 4 – Exportações de cortiça e de produtos à base de cortiça, em milhares de euros.....	43
Tabela 5 – Produção de azeite, em hectolitros (hl), por NUT II	43
Tabela 6 – Produção de vinho, em hectolitros (hl), por NUT II	44
Tabela 7 – População residente em Portugal, em 2001 e em 2021, por NUT II.....	44
Tabela 8 – Herdades e quintas de agroturismo alentejanas estudadas	50
Tabela 9 – Herdades e quintas de agroturismo alentejanas estudadas	51
Tabela 10 – Identificação dos entrevistados e das respetivas herdades/quintas.....	54
Tabela 11 – Correlação relativa à Parte I do guião	114
Tabela 12 – Correlação referente à Parte II do guião.....	114
Tabela 13 – Correlação relativa à Parte III do guião.....	114
Tabela 14 – Correlação relativa à Parte III do guião.....	115
Tabela 15 – Correlação relativa à Parte III do guião.....	116
Tabela 16 – Legenda com os objetivos específicos	117
Tabela 17 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte I.....	220
Tabela 18 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas, grupo a), parte II	220
Tabela 19 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (1)	221
Tabela 20 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (2)	222
Tabela 21 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (3)	223
Tabela 22 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (4)	224
Tabela 23 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte I	225
Tabela 24 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte II	225
Tabela 25 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (1)	226
Tabela 26 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (2)	227
Tabela 27 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (3)	228
Tabela 28 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (4)	229
Tabela 29 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte I.....	230
Tabela 30 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte II	230
Tabela 31 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (1)	231
Tabela 32 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (2)	232
Tabela 33 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (3)	233
Tabela 34 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (4)	234
Tabela 35 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte I	235

Tabela 36 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte II	235
Tabela 37 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (1)	236
Tabela 38 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (2)	237
Tabela 39 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (3)	238
Tabela 40 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (4)	239

Resumo

A crescente procura turística pelo turismo em espaço rural e, particularmente, pelo agroturismo tem sido uma constante em Portugal, na medida em que, atualmente, os turistas provenientes dos espaços urbanos pretendem, sobretudo, desfrutar da serenidade proporcionada pelos espaços rurais e das experiências de um rural tão pouco familiar e distante, no tempo e no espaço, que chega a ser “exótico”. Para esta população urbana, observar um porco ou uma vaca tornou-se tão raro como ver uma girafa ou uma zebra. Por outro lado, alguns dos motivos que se encontram na base desta recente procura turística referem-se à curiosidade sobre o entendimento dos processos produtivos e ao contacto com a realidade agrícola, associados a uma maior sensibilidade para questões relacionadas com a sustentabilidade e com a preocupação de adotar uma alimentação saudável.

Assim, considera-se relevante o estudo do agroturismo por estar intimamente relacionado com a autenticidade, o “aprender a fazer” e a troca de saberes entre indivíduos das comunidades rurais e os do mundo urbano, bem como com a preservação do ambiente e a valorização da identidade e cultura de uma região. Neste sentido, como objeto de estudo da presente dissertação, pretendeu-se compreender o contributo socioeconómico relativo às atividades e experiências agroturísticas no Alentejo, uma região portuguesa que, no decorrer dos anos, foi sendo esquecida e enfrentando problemas referentes a uma economia deficitária, quando comparada com outras regiões do país, à desertificação humana, ao conseqüente envelhecimento populacional, entre outros.

De forma a aprofundar este objeto de estudo, delineou-se um objetivo geral (compreender as conseqüências socioeconómicas das atividades turísticas oferecidas pelas herdades e quintas de agroturismo no Alentejo) e nove objetivos específicos, a partir dos quais se procurou caracterizar o agroturismo no Alentejo; selecionar e identificar as unidades de agroturismo pertencentes à amostra, assim como descrever as atividades agroturísticas oferecidas; e perceber se as mesmas fomentam os negócios agroturísticos e o desenvolvimento socioeconómico local.

Deste modo, para se entender os impactes socioeconómicos despoletados pelas atividades agroturísticas no Alentejo, realizou-se um trabalho de campo composto por quinze entrevistas a proprietários e/ou responsáveis de diferentes herdades e quintas de agroturismo nesta região, permitindo o contacto com diversas visões e realidades. Deste trabalho concluiu-se que o agroturismo despoleta algumas vantagens para o Alentejo, todavia, por si só, não consegue, em larga escala, fomentar a economia e colmatar os problemas sociais vigentes na região.

Palavras-chave: espaços rurais, turismo em espaço rural, agroturismo, herdades e quintas, atividades agroturísticas.

Abstract

The increasing tourist demand for rural tourism and for agritourism has been a constant in Portugal because, nowadays, above all, tourists from urban areas seek to enjoy serenity that only rural areas can provide. Moreover, these tourists want to enjoy the experiences of a rural area that is so unfamiliar and distant, in time and space, which becomes “exotic”. For this urban population, a cow or a pig became as rare to observe as a giraffe or a zebra. Some of the reasons behind this recent growing tourist demand are related to the curiosity to understand the production processes and to the contact with agriculture. Both of these are associated with greater awareness of issues related to sustainability and to healthy eating.

The study of agritourism is considered relevant because it is closely related to authenticity, “learning by doing” and to the knowledge exchanges between rural and urban communities. Also, agritourism is related to environment preservation and local culture and identity appreciation. Furthermore, this thesis aims to understand if agritourism and, specifically, the activities developed within this modality are key pieces for the socio-economic revitalization of Alentejo. Throughout the years, this portuguese region has been forgotten and has been facing problems related to depopulation, aging population and weak economy, when compared to other regions of the country.

In this work, it was outlined a general objective (understanding the socio-economic consequences of tourist activities offered by working farms in Alentejo) and nine specific objectives such as characterizing agritourism in Alentejo; selecting and identifying the agritourism units that form the sample, as well as describing the agritourism activities offered; and understanding if those activities increase agritourism business and stimulate local socio-economic development.

With the purpose of understanding the socio-economic impacts triggered by agritourism activities in Alentejo, a field work was developed, according to which fifteen owners and/or managers of different working farms in Alentejo were interviewed, allowing the contact with diverse perspectives and realities. From this thesis it was concluded that agritourism brings some advantages to the region, however, this type of rural tourism cannot, by itself and on a large scale, increase the economy and mitigate the current social problems of Alentejo.

Key words: rural areas, rural tourism, agritourism, working farms, agritourism activities.

1. Introdução

1.1. Pertinência e justificação da temática

O tema de investigação proposto para o desenvolvimento desta dissertação é bastante pertinente, visto que, de todas as modalidades de turismo inseridas no turismo em espaço rural (TER), o agroturismo baseia-se nas premissas da genuinidade aquando do acolhimento dos turistas por parte da população rural e na troca de conhecimentos entre pessoas com modos de vida completamente distintos, pressupondo a existência de uma atividade agrícola de base que é dada a conhecer ao turista. O agroturismo é também enriquecedor, pois assenta igualmente nas ideias do “aprender a fazer” e do dar a conhecer novas culturas, podendo, por esta razão, contribuir para o desenvolvimento pessoal do turista que procura esta forma de turismo. Acrescenta-se a importância de o agroturismo estar intimamente ligado à natureza, contribuindo para a difusão de boas práticas ambientais e para a manutenção da sustentabilidade do ambiente. O facto de exigir que exista uma atividade agrícola de base faz com que a população local se ocupe e mantenha um espaço produtivo, campos agricultados, espécies animais e vegetais nas propriedades que constituem a oferta, numa lógica de pluriatividade em que o turismo e a agricultura surgem como setores complementares em benefício daqueles que deles se ocupam. Numa década em que os incultos e as políticas de gestão de florestas estão na agenda do dia, infelizmente, por causa dos sucessivos incêndios estivais que todos os anos consomem o património natural português, a dinamização do espaço rural e agrícola nunca se revelou tão relevante como hoje. Acredita-se que a atividade turística, na sua complementaridade com o mundo rural, tenha capacidade de o tornar mais atrativo para quem dele deseje subsistir, por outro lado, permitindo sensibilizar os urbanos para o seu valor patrimonial.

Ademais, dado que o turismo é a formação de base da discente, esta optou pela temática mencionada de forma a poder expandir os seus conhecimentos relacionados não só com o TER, mas também com o agroturismo que se encontra pouco estudado e desenvolvido pelos seus pares. Este tema suscitou-lhe um enorme interesse e fascínio, pois o agroturismo pode ser dinâmico e criativo por permitir experienciar atividades que não são comuns no meio urbano.

A região escolhida recaiu sobre o Alentejo, visto ser um dos territórios portugueses que apresenta debilidades socioeconómicas e demográficas, entre outras, precisando, por isso, de ser dinamizado com recurso a soluções inovadoras. Posto isto, pretende-se averiguar se o agroturismo e as suas atividades poderão ser um meio para gerar dinâmicas socioeconómicas positivas na região do Alentejo. Outra razão pela escolha desta região, de foro mais pessoal, prende-se com o encanto que a discente nutre pela beleza singular do Alentejo e pela simpatia da sua população, acreditando-se genuinamente no seu elevado potencial turístico.

1.2. Problema, objetivos e hipóteses de investigação

À semelhança de todos os outros trabalhos de cariz académico, escolheu-se uma temática que, para além de ser do interesse da discente, acredita-se ser um contributo relevante para gerar e partilhar eventuais novos conhecimentos. Neste sentido, a investigação relacionada com este trabalho prende-se com o problema da fragilidade social e económica no Alentejo que se tornou, ao longo dos anos, uma região portuguesa bastante deprimida e desertificada, com fraca densidade populacional e com parca contribuição para o PIB nacional. Perante estes fenómenos expõe-se a pergunta de partida que será o fio condutor de toda a investigação: “Será que as atividades e experiências de agroturismo contribuem para a dinamização socioeconómica do Alentejo?”. Como objeto de estudo, pretende-se averiguar o contributo socioeconómico relativo às atividades e experiências de agroturismo no Alentejo.

Com a definição da pergunta de partida, surgem diferentes objetivos, subdivididos em geral e específicos, que possibilitam o desenvolvimento da investigação. No que diz respeito ao objetivo geral, este corresponde ao propósito principal e ao elemento orientador da mesma. Quanto aos objetivos específicos, estes viabilizam atingir gradualmente os resultados (Sousa & Baptista, 2014), permitindo obter informação mais pormenorizada acerca da temática em estudo.

Associadas aos objetivos surgem também hipóteses de investigação, através das quais se formulam perguntas ou afirmações simples, baseadas em suposições, que o investigador quer ver respondidas no decorrer da pesquisa, podendo estas ser verdadeiras ou falsas. Para conseguir testar as hipóteses, o investigador confronta-as, numa fase posterior, com os dados que obteve na sua investigação (Quivy & Campenhoudt, 1998; Vilelas, 2020). Os objetivos e as hipóteses possibilitarão responder à pergunta de partida e compreender o tema em análise (Sousa & Baptista, 2014). Neste contexto, elaboraram-se duas tabelas (Tabela 1 e Tabela 2) onde estão descritos os objetivos, geral e específicos, bem como as diversas hipóteses relacionadas com os mesmos. De mencionar que o objetivo geral não possui nenhuma hipótese levantada, pois é abordado e respondido a partir de conclusões retiradas aquando do estudo dos outros objetivos específicos.

Tabela 1 – Objetivos e hipóteses de investigação

	Objetivos	Hipóteses
Objetivo geral	<u>Compreender</u> as consequências socioeconómicas das atividades turísticas oferecidas pelas herdades e quintas de agroturismo no Alentejo.	-
Objetivos específicos	1. <u>Caracterizar</u> o agroturismo no Alentejo;	a) Na região alentejana o agroturismo baseia-se em herdades e quintas onde a principal atividade é o turismo, complementada e suportada pela prática agrícola.
	2. <u>Identificar</u> herdades e quintas de agroturismo alentejanas;	b) As herdades e quintas de agroturismo alentejanas inserem-se em alguma das tipologias apresentadas por Phillip, Hunter e Blackstock (2010) ¹ . c) Numa mesma herdade ou quinta coexiste mais do que uma tipologia de agroturismo. d) A maioria das herdades e quintas insere-se na tipologia <i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i> . e) A implementação do agroturismo em herdades e quintas permitiu a renovação e reutilização do seu património material e cultural.
	3. <u>Descrever</u> todas as atividades agroturísticas oferecidas pelas herdades e quintas selecionadas;	f) Uma herdade ou quinta oferece, durante todo o ano, sempre a mesma tipologia de atividade. g) As atividades agroturísticas oferecidas contam com a participação direta dos turistas. h) Os proprietários das herdades e quintas privilegiam a oferta de atividades autênticas. i) As atividades oferecidas são semelhantes na maioria das herdades e quintas existentes. j) As atividades turísticas oferecidas têm relação direta com a identidade local e os produtos específicos da região. k) Verifica-se alguma inovação nas atividades turísticas oferecidas. l) As herdades e quintas promovem experiências únicas e memoráveis.
	4. <u>Perceber</u> , comparativamente, se é mais vantajosa a oferta de uma ou de mais atividades agroturísticas nas herdades e quintas selecionadas;	m) Uma herdade ou quinta consegue gerar maior lucro direto se oferecer aos seus hóspedes mais do que uma atividade agroturística. n) Com uma variada oferta de atividades, os turistas acabam por ficar fidelizados à herdade ou quinta.
	5. <u>Identificar</u> quais são essas atividades turísticas mais vantajosas para as herdades e quintas selecionadas;	o) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a famílias com crianças. p) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a seniores. q) As atividades de agroturismo com mais benefícios de fidelização para as herdades e quintas são aquelas que envolvem o contacto direto com animais. r) As atividades agroturísticas que revelam mais vantagens para as herdades e quintas são aquelas que pressupõem a venda de produtos similares aos obtidos nos <i>workshops</i> .

(continua)

Fonte: Elaboração própria

¹ Autores e as tipologias de agroturismo defendidas serão abordados no subcapítulo “2.3. Caracterização do agroturismo”.

Tabela 2 – Objetivos e hipóteses de investigação

(continuação)

	Objetivos	Hipóteses
Objetivos específicos	6. <u>Perceber</u> se essas atividades agroturísticas fomentam, por um lado, as dinâmicas dos negócios agroturísticos e, por outro, as dinâmicas de desenvolvimento local;	Vertente económica: a. As vendas de produtos existentes nas lojas das herdades e quintas são significativas para os negócios de agroturismo? b. Os produtos obtidos em algumas das atividades de agroturismo são vendidos para/por mercearias locais? c. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para as herdades? d. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para a região em que se localizam? e. O agroturismo revela-se como uma fonte extra de rendimento para os agricultores alentejanos?
	7. <u>Averiguar</u> , comparativamente, que herdades e quintas agroturísticas revelam maior capacidade no contributo socioeconómico local, quer para a sua própria atividade quer para as sociedades e economias locais;	Vertente sociocultural: f. As atividades agroturísticas são dinamizadas por indivíduos pertencentes às comunidades locais? g. O agroturismo detém a capacidade de criar emprego local? h. O agroturismo incentiva a fixação da população em regiões de menos densidade populacional? i. Existe inter-relação entre os proprietários das herdades e das quintas, as comunidades e as entidades locais? j. O agroturismo viabiliza uma melhoria do autoconceito e da valorização das culturas locais? k. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para as herdades? l. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para a região em que se localizam? m. O agroturismo viabiliza a construção e a melhoria de infraestruturas na região?
	8. <u>Compreender</u> se as atividades agroturísticas são uma mais-valia para as comunidades, no caso de estarem envolvidas;	Vertente ambiental: n. Denota-se uma melhoria do meio envolvente com a fundação de herdades e quintas de agroturismo? o. As herdades e quintas de agroturismo denotam uma preocupação com as condições ambientais?
	9. <u>Compreender</u> se as atividades agroturísticas contribuem para fomentar outros negócios locais, quando associados a estas atividades.	p. As comunidades locais encontram-se envolvidas nas atividades desenvolvidas nas herdades e quintas de agroturismo? q. As comunidades locais encontram-se envolvidas nos produtos vendidos nas herdades e quintas? r. As atividades turísticas oferecidas apenas ocorrem nas herdades e quintas? s. Existem parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais? t. As parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais implicam a promoção de atividades turísticas fora destes empreendimentos? u. As culturas locais encontram-se em destaque nas atividades turísticas que se desenvolvem nas herdades e quintas?

Fonte: Elaboração própria

1.3. Estrutura da dissertação

A presente dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos, com os seus respetivos subcapítulos. O primeiro capítulo, o da introdução, explana-se a pertinência e o motivo pela escolha desta temática; apresenta-se o problema, os objetivos e as hipóteses de investigação; evidencia-se o modo como se dividiu este trabalho; e destaca-se a abordagem metodológica que mais se adequa a este estudo. O segundo, o do enquadramento teórico, debruça-se sobre os assuntos que ajudam a sustentar a temática proposta, apresentando diversas informações e opiniões de autores que investigaram a evolução dos espaços rurais, do TER, do agroturismo e das suas experiências, tentando problematizar as hipóteses que aqui se pretendem investigar. O terceiro, o da metodologia de investigação, explicita-se o modelo de análise; expõem-se os métodos e técnicas de recolha e de análise de dados mais adequados para o estudo de caso que sustenta as hipóteses equacionadas. O quarto, o do estudo de caso, apresenta-se geograficamente a região alentejana e demonstra-se a evolução do agroturismo em Portugal e, particularmente, neste território; trabalha-se um conjunto de herdades e quintas que integram esta oferta, assim como as atividades que oferecem aos hóspedes; recolhem-se os dados empíricos que foram utilizados na investigação; analisa-se e discute-se os resultados e comprova-se a afirmação ou infirmação das hipóteses explanadas. Por último, o quinto capítulo, o das considerações finais, divulgam-se as conclusões obtidas, discutem-se os resultados alcançados, mencionando também as limitações no decurso deste estudo e eventuais contributos para futuras investigações.

Para além dos capítulos e subcapítulos apresentados, fazem parte da estrutura deste trabalho outros pontos essenciais que são comuns a qualquer outra dissertação, a saber: agradecimentos, índices, resumo/*abstract*, bibliografia e apêndices.

1.4. Abordagem metodológica

A elaboração de um trabalho de investigação em ciências sociais deve seguir uma metodologia específica e adequada à pergunta de partida que o investigador pretende ver respondida, bem como aos objetivos que visa alcançar. Para esse efeito, Quivy e Campenhoudt (1998) propuseram um esquema (Figura 1) composto por três atos e sete etapas distintas que se interligam e se complementam entre si, com o propósito de orientar o investigador ao longo do seu estudo. Este esquema que o investigador segue é dinâmico, visto que, embora apenas se consiga prosseguir com a investigação quando as etapas anteriores estão concluídas, há sempre a possibilidade de se retroceder no processo para uma etapa anterior caso não consiga dar resposta à pergunta de partida.

De acordo com os autores mencionados, as sete etapas encontram-se inseridas em três atos diferentes, sendo o primeiro, o da rutura, através do qual o investigador deve distanciar-se do seu

conhecimento prévio, de preconceitos e de evidências incorretas para obter informações verdadeiras acerca do seu tema de estudo; o segundo, o da construção, a partir do qual o investigador encontra o propósito do seu estudo, executa um plano teórico para o guiar ao longo da pesquisa, composto por informação essencial, técnicas a aplicar e consequências que espera verificar no ato seguinte; e o da verificação ou experimentação, no qual o investigador averigua se a sua teoria corresponde à realidade. Neste contexto, acredita-se que esta é a abordagem metodológica mais adequada para a elaboração da presente dissertação. Por esta razão, explanam-se as sete etapas do esquema de Quivy e Campenhoudt (1998), equiparando-as ao trabalho em causa. Em relação à primeira etapa do esquema, na ótica dos autores referidos, a pergunta de partida visa, sob a forma de uma interrogação, dar a conhecer o projeto de investigação. É a partir dessa pergunta que o investigador procura exprimir o que pretende saber e compreender melhor, assumindo-se como uma linha condutora da investigação, logo deve ser concisa, clara, viável e pertinente. Assim sendo, tal como mencionado no subcapítulo precedente, a pergunta de partida deste trabalho é: “Será que as atividades e experiências de agroturismo contribuem para a dinamização socioeconómica do Alentejo?”.

No que concerne à segunda etapa, a da exploração, o seu principal intuito é o de criar uma problemática de investigação e de perceber se a temática escolhida é viável. Nesta fase o investigador deve proceder à leitura de bibliografia e, caso seja relevante, à realização de entrevistas exploratórias. Por um lado, a leitura garante a qualidade da problemática, por outro, as entrevistas permitem que o investigador contacte com a realidade experienciada por pessoas que estejam diretamente relacionadas com essa problemática (ibidem). Para esta dissertação, a discente procedeu somente à leitura de bibliografia selecionada cuidadosamente relativa ao agroturismo e às experiências que esta modalidade oferece, bem como ao TER e à evolução socioeconómica dos espaços rurais. Para o efeito, recorreu ao Google Académico, ao RCAAP, à b-on, ao ScienceDirect e a outras bases de dados, bem como a bibliotecas e outros centros de documentação, para além da documentação fornecida pelos interlocutores que integraram a amostra trabalhada.

Quanto à terceira etapa, como referem Quivy e Campenhoudt (1998), o investigador deve estabelecer uma problemática alusiva à sua pergunta de partida, expondo a sua perspetiva teórica. Deste modo, a problemática deste estudo é a seguinte: o Alentejo é uma região portuguesa que enfrenta inúmeros problemas de cariz social e económico, por não apresentar fatores humanos atrativos à fixação da população jovem e ao desenvolvimento económico, sendo, por isso, que o agroturismo e as suas experiências poderão ser cruciais para a minimização destas falhas.

No que diz respeito à quarta etapa, esta implica a construção de um modelo de análise coerente onde constam, numa relação de interdependência, os conceitos e as hipóteses que o investigador

aborda e analisa no desenrolar do seu estudo. O modelo de análise da presente investigação será tratado no capítulo três.

A respeito da quinta etapa, a da observação, os autores citados mencionam que nesta fase o investigador confronta as informações que recolheu e verifica as hipóteses referidas no modelo de análise, recorrendo, para este propósito, a métodos e técnicas de recolha de dados. De forma a garantir o sucesso desta etapa, é aconselhado responder a três perguntas: “observar o quê?”, “em quem?” e “como?”.

Em relação à sexta etapa, a da análise das informações, através de métodos e técnicas de análise de dados, o investigador analisa e interpreta as informações e os dados que obteve na etapa anterior, comparando, com recurso às suas hipóteses, os resultados observados com os resultados esperados. Caso se revele necessário, o investigador pode rever as hipóteses que levantou, com o intuito de, posteriormente, proceder a alterações no seu modelo de análise e a tecer contributos para futuras investigações (Quivy & Campenhoudt, 1998). À semelhança do supracitado, para o presente estudo, as etapas cinco e seis serão descritas no capítulo três e executadas no capítulo seguinte.

Por fim, na sétima etapa, a das conclusões, o investigador resume as principais reflexões que retirou do seu estudo e esclarece o leitor acerca do modo como o seu trabalho poderá enriquecer futuras investigações. Esta fase encontra-se exposta no capítulo alusivo às considerações finais.

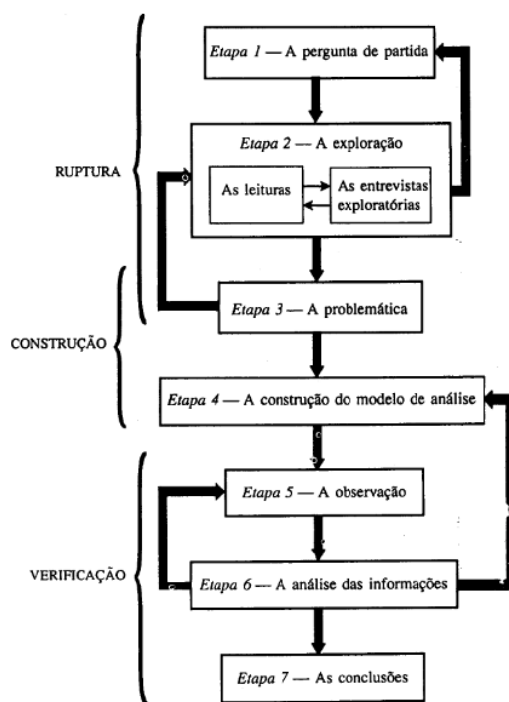


Figura 1 – Atos e etapas de uma investigação

Fonte: Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 27

2. Enquadramento teórico

2.1. A evolução socioeconómica dos espaços rurais

O conceito de espaço rural é, para diferentes autores (Cella, Queda & Ferrante, 2019; Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2017; Lane, 1994; Valente & Figueiredo, 2003), complexo visto não se cingir somente a uma definição ou realidade e por ser um território com variadas especificidades que tem vindo a sofrer mudanças económicas, sociais e culturais. Outrora, o espaço rural diferenciava-se do espaço urbano, pois, na ótica de Bramwell (1994) e de Lane (1994), a densidade populacional era menor no primeiro território; a funcionalidade existente em cada um destes variava, sendo que, no espaço rural, o enfoque estava, maioritariamente, no setor primário (Cavaco, 2004; Ferrão, 2000); e, a nível sociocultural, as tradições, usos e costumes acentuavam-se mais no primeiro espaço.

Com o decorrer dos anos, a relação dicotómica entre o espaço rural e o urbano foi substituída por uma relação de interdependência e complementaridade entre ambos, demonstrada pelos fluxos de capital, indivíduos, produtos, entre outros (Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2017; Ferrão, 2000; Marques, 2003; Pereiro, 2018). Ademais, Ferrão (2000) acrescenta que surgiu uma nova dicotomia pós-rural/urbano, a partir da qual se opõem dois mundos, um moderno, considerado urbano-industrial ou rural, e um arcaico, constituído, principalmente, pelo espaço rural. Deste modo, Pereiro (2018) é da opinião que, embora os espaços rurais continuem a estar associados à sustentabilidade e ecologia, à alimentação saudável e às fugas ao *stress* despoletado pelo modo de vida citadino, estes devem ser vistos como territórios num âmbito alargado, segundo o qual a globalização e a urbanização estão igualmente presentes.

Apesar destas perceções relativas à definição dos espaços rurais, importa perceber a realidade portuguesa face à evolução destes territórios. Até meados do século XX, em Portugal, os espaços rurais registavam um elevado número populacional devido, entre outros fatores, a uma alta taxa de natalidade (Ferrão, 2018). Estes espaços estavam bastante ligados ao setor primário, sendo caracterizados pela predominância da prática agrícola, da pastorícia, da exploração florestal e das manufaturas. Avillez (2015) salienta que, no início dos anos 50 do referido século, a agricultura detinha um enorme peso no PIB nacional, representando mais de 30%, e contava com mais de 40% da população ativa total, embora fosse uma atividade mal remunerada. O mesmo autor menciona o facto de ser uma agricultura tradicional com técnicas elementares e instrumentos rudimentares. Não obstante este cenário, a população, predominantemente rural, conseguia sobreviver com esta atividade.

No entanto, a partir da década de 50 do século XX, ainda que tenha chegado tardiamente a Portugal, a Revolução Industrial fomentou a modernização da faixa litoral do país e provocou

uma panóplia de consequências nefastas para os espaços rurais, como a substituição da mão-de-obra agrícola pelas máquinas e a perda da importância da atividade agrícola, “que passou de principal fonte de rendimento a atividade complementar e/ou de subsistência” (Valente & Figueiredo, 2003, p. 97).

Os novos espaços urbanos, especialmente Lisboa e Porto, passaram a estar providos de equipamentos e infraestruturas modernas, tornando-se atrativos para as populações rurais (Almeida, 2007) que se viram obrigadas a reconstruir as suas vidas e a deixar para trás um mundo rural em declínio socioeconómico e com parca oferta de trabalho na agricultura. O êxodo rural, fenómeno traduzido pela deslocação de grandes fluxos populacionais dos campos para as cidades, em busca de melhores condições de vida, era uma das soluções para a sobrevivência das comunidades rurais (Ferrão, 2018), na medida em que, de acordo com Moreira e Reis (2017), as suas atividades de subsistência transformaram-se ou desapareceram graças a um mundo urbano industrializado, grande concorrente do mundo rural e destruidor de pequenos negócios. Aos poucos o interior do país foi sendo sucessivamente descapitalizado do seu capital humano (Pena & Cabral, 1992), uma vez que a população jovem e adulta se concentrou, maioritariamente, nas cidades do litoral (Arroteia, 1991; Carvalho, 2003; Veiga, 2004), permanecendo nos espaços rurais uma população idosa (Barreto, 1995; Maia, 2000; Marques, 2003). Rodrigues e Oliveira (2008) reforçam este fenómeno, mencionando que, entre as décadas de 20 e 60 do século passado, 89% das migrações internas foram motivadas por uma maior atração exercida pelos centros urbanos, sendo que 79% se fixou nas cidades e os restantes 10% referiram-se ao êxodo urbano, isto é, a movimentos internos da cidade para o campo, comprovando que a migração em Portugal foi maioritariamente rural.

De acordo com Arroteia (1984), as migrações internas portuguesas continuaram a verificar-se ao longo das décadas seguintes, facto comprovado pelos valores do saldo migratório² registados em cada distrito, entre os anos de 1973 e 1981. Dos dezoito distritos do continente, somente cinco detiveram um saldo migratório positivo, sendo estes Aveiro, Faro, Lisboa, Porto e Setúbal, ou seja, foram distritos que atraíram um maior número de indivíduos oriundos de outras regiões do país. Averigua-se que estes distritos estão localizados na faixa litoral de Portugal, comprovando-se que as migrações internas ocorreram dos campos para as cidades do litoral. Em contraposição, os distritos onde se registaram perdas populacionais foram os do interior do país, destacando-se Beja, Bragança, Castelo Branco, Évora, Guarda, Portalegre, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu. Para ilustrar as afirmações do autor supracitado, a Figura 2 demonstra que com o decorrer dos anos continuou-se a verificar essa variação da população no território nacional. Neste sentido,

² Corresponde à diferença entre o número de imigrantes e o número de emigrantes contabilizado num período de tempo específico. Este indicador é igualmente utilizado para as migrações internas ocorridas num país.

entre os anos 1960 e 2011, devido às migrações internas portuguesas, registou-se uma variação populacional negativa nos territórios do interior de Portugal Continental, significando uma perda de indivíduos no interior por terem migrado para os territórios do litoral onde, contrariamente, se assinalou uma variação populacional positiva. É de salientar que ao longo dos 51 anos, apenas o concelho de Évora e a cidade de Viseu, territórios situados no interior, registaram uma variação da população positiva.

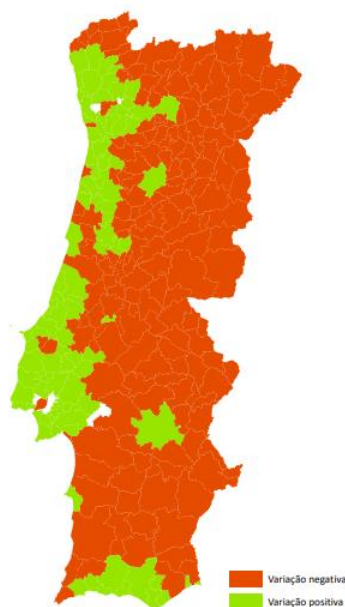


Figura 2 – Variação da população residente no continente (de 1960 a 2011)

Fonte: UMVI, 2017

A par do êxodo rural, durante os anos 60 e 70, a emigração de jovens e adultos para a Europa foi outro fator que contribuiu para a diminuição da população agrícola e consequente desertificação humana no interior do país (Rodrigues & Oliveira, 2008). O setor agrícola ficou fortemente afetado, tal como revela a diminuição acentuada da população ativa agrícola total (Barreto, 1995) que passou de mais de 40%, na década de 50, como acima referido, para somente 18,8%, na década de 80 (Medeiros, 1992). Esta diminuição da população empregada no setor primário continuou a verificar-se, na medida em que, tal como se observa no primeiro gráfico da Figura 3, todas as regiões portuguesas apresentavam, em 1991, números reduzidos de indivíduos que se dedicavam ao setor referido comparativamente com os outros setores de atividade. De notar que, no setor primário, o Norte detinha mais de 300 mil trabalhadores empregados, sobressaindo em relação às outras regiões. Quanto ao setor terciário, na generalidade, este registou um maior número de população ativa, conduzindo ao fenómeno da terciarização, isto é, ao aumento do setor terciário em detrimento dos restantes setores de atividade. A Área Metropolitana de Lisboa (AML) era a região onde predominava o maior número de trabalhadores empregados neste setor,

contando com mais de 1 milhão de pessoas. Contudo, salienta-se que na região Norte prevalecia o setor secundário, com mais de 700 mil trabalhadores empregados.

Em contrapartida, passados trinta anos, averiguou-se, pelo segundo gráfico da Figura 3, que a população empregada no setor primário diminuiu drasticamente em todas as regiões do país. Por exemplo, na região Norte este setor passou de mais de 300 mil trabalhadores empregados, em 1991, para menos de 50 mil, em 2021. De salientar que, em 2021, qualquer região portuguesa apresentava menos de 50 mil trabalhadores empregados no referido setor. Esta quebra abrupta do número de população ativa no setor primário denota um elevado abandono da prática agrícola e a substituição da mão-de-obra pela maquinaria, tendo-se vindo a confirmar o contínuo fenómeno da terciarização, acima abordado. O setor secundário sofreu algumas oscilações no número de indivíduos empregues, entre 1991 e 2021, todavia, dos três setores de atividade, o terciário é o que sobressai visto ter registado, em todas as regiões portuguesas, um aumento significativo no número de população ativa ao longo destes anos. Ademais, três regiões destacam-se por terem sido aquelas onde se registou o maior número de trabalhadores a dedicar-se ao setor terciário, nomeadamente a AML e o Norte com mais de 1 milhão de trabalhadores e o Centro com, aproximadamente, 700 mil trabalhadores.

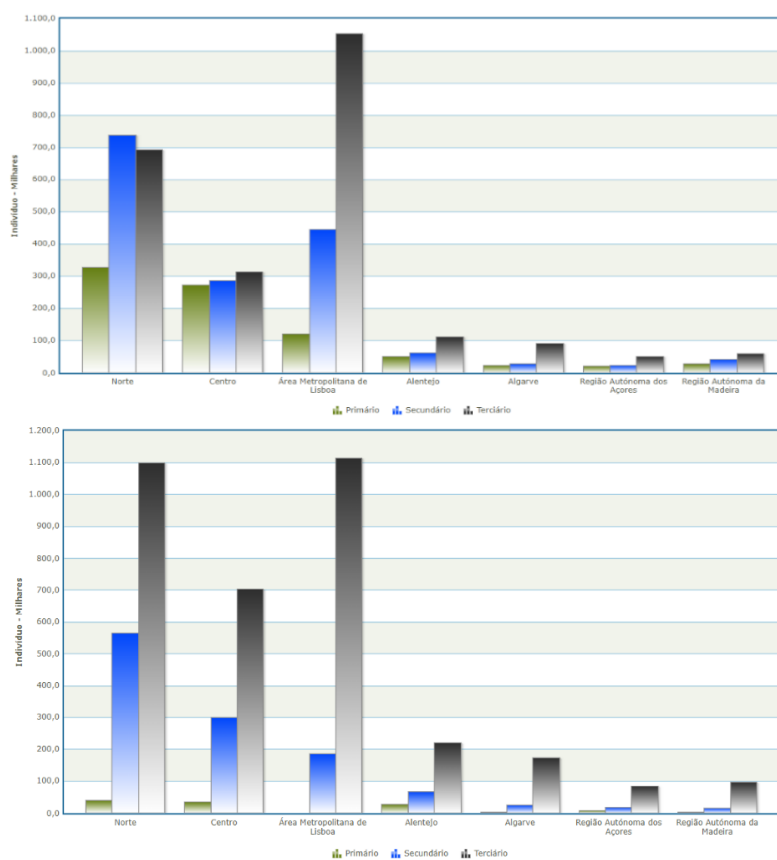


Figura 3 – População empregada por setores de atividade e NUT II (1991 e 2021)

Fonte: PORDATA, 2022a

Perante este cenário, é possível afirmar que os territórios rurais foram sendo esquecidos, revelando, segundo Ferrão (2018), um forte declínio demográfico que conduziu principalmente ao despovoamento do interior de Portugal, onde predominam os espaços rurais que ocupam, sensivelmente, 69,7% deste território (Marques, 2015). Em 2015, Marques (2015) afirmou que apenas 21% da população portuguesa era rural. O primeiro autor menciona ainda que, grande parte dos municípios rurais, onde há várias décadas se registam perdas populacionais, irá sofrer quebras demográficas maiores até 2030, sendo este um problema muito difícil ou até impossível de solucionar. Em consequência desta litoralização, desertificação do interior e progressiva bipolarização a que se veio a assistir no país, encontrando em Lisboa e no Porto os principais polos de atração destas populações, o interior do país e os espaços rurais foram perdendo também a sua dinâmica económica e o capital necessário à inovação agrícola, perdendo competitividade e até capacidade produtiva, diminuindo substancialmente as dinâmicas endógenas destes locais. Instalou-se uma espécie de ciclo vicioso em que menos atividades requerem menos mão-de-obra, gerando, conseqüentemente, menor atratividade. As populações ao deslocarem-se para as metrópoles, originaram o “adormecer” dos setores primário e secundário vigentes no interior do país. Nesta sequência, com menos população aí residente passaram a ser necessários menos serviços, existindo cada vez menos oferta em diversos setores, incluindo o da saúde, educação, comércio, entre muitos outros (Marques, 2003).

Os fenómenos anteriormente referidos encontram-se espelhados no primeiro mapa da Figura 4, onde se observa a densidade populacional na década de 80, em Portugal Continental. A partir da sua análise, constata-se que o interior do país contava com menos de 50 habitantes por km², denotando-se a desertificação humana e o abandono do mundo rural. Em contrapartida, a faixa litoral contava com uma maior concentração humana, atingindo valores entre os 100 e os 250 habitantes por km², somente ultrapassados pelas duas cidades de maior atração urbana, Lisboa e Porto, que contavam com mais de 500 habitantes por km². Deste modo, confirma-se a bipolarização e a dicotomia entre o litoral e o interior, gerando o fenómeno da litoralização, tão patentes nos anos que se seguiram, tal como demonstrado pelo segundo mapa da Figura 4, onde estão espelhadas essas consequências das migrações internas portuguesas. Este mapa confirma que, em 2016, os dois polos socioeconómicos mais atrativos continuavam a ser Lisboa e Porto com uma concentração populacional compreendida entre 325 e 936 habitantes por km². Nesse ano, os territórios do interior de Portugal Continental continuavam com uma fraca densidade populacional.

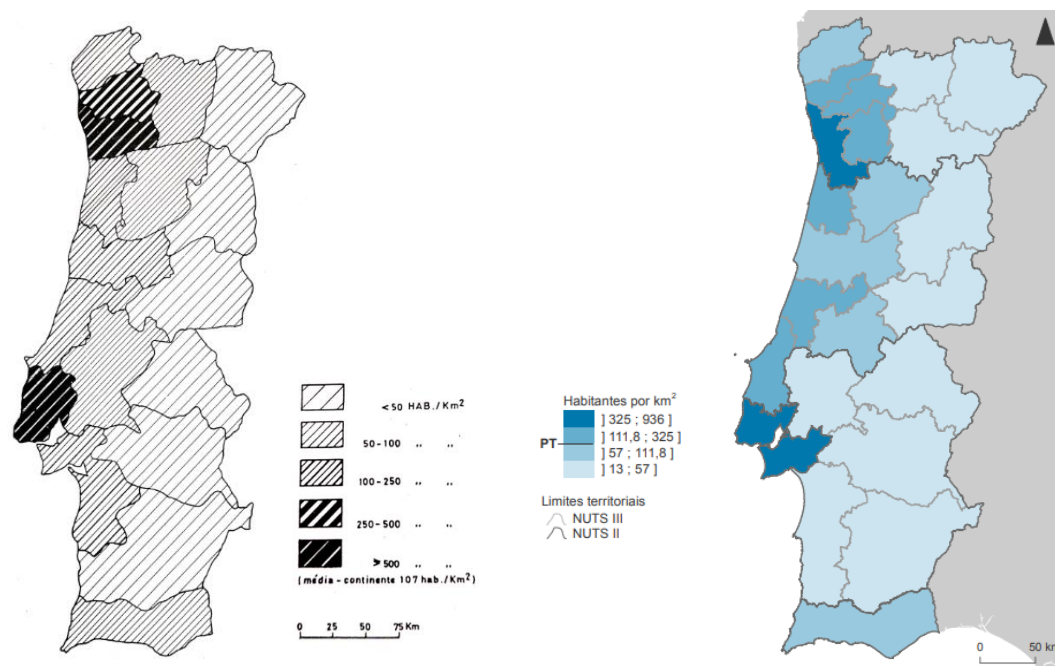


Figura 4 – Densidade populacional, no continente, na década de 80 e em 2016

Fonte: Arroteia, 1984, p. 35 e INE, 2018a, p. 84

Apesar de não conseguir mitigar ou reverter totalmente a situação acima descrita, para alguns autores (Ferrão, 2018; Silva, 2006), o setor do turismo tem a competência de revitalizar e desenvolver os espaços rurais (Hall, Mitchell & Roberts, 2016; Lane, 1994; Moreira & Reis, 2017; Reis & Baltazar, 2019; Ribeiro, 2003), mesmo que possa constituir uma ameaça por transformar a sua essência ao acolherem turistas oriundos do mundo urbano, detentores de modos de vida diferentes (Moreira & Reis, 2017).

2.2. Caracterização do turismo em espaço rural

É a partir de meados da década de oitenta do século XX, que muitos projetos foram financiados, através de Fundos Europeus, na tentativa de encontrar no turismo soluções para a criação de novas dinâmicas exógenas e endógenas de revitalização de alguns dos territórios rurais portugueses. Assim, em Portugal, o TER surgiu nos anos 80 do século XX por forma a impulsionar a recuperação e reabilitação de casas típicas dos espaços rurais, à semelhança do exemplo francês (Cavaco, 2004; Lane & Kastenholtz, 2015; Pereiro, 2018). É através da utilização dos fundos comunitários disponibilizados pela Comunidade Económica Europeia (CEE), atual União Europeia (UE), aquando da adesão de Portugal em 1986 (Godinho, 2004; Ribeiro, 2003), que se dá o primeiro impulso significativo neste setor. Desta forma, como destacam Cunha e Abrantes (2013) e Silva (2006), houve uma preocupação em preservar e valorizar o património cultural e arquitetónico, possibilitando ao turista o contacto direto com a natureza, com as atividades praticadas pelas populações rurais e com o seu modo de vida. Os autores afirmam também que se

pretendeu proporcionar uma melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais, viabilizando-lhes o plurirrendimento, conseguido pelo desenvolvimento da atividade turística, complementar à agrícola, bem como, em alguns casos, o recuperar do seu património, então em decadência por ausência de capital que pudesse garantir a sua manutenção. Numa primeira fase foram mesmo capitais a fundo perdido e numa segunda fase foram capitais que implicaram comprovativos de retorno do investimento. Em qualquer dos casos foram uma solução aproveitada em várias regiões do país, numa tendência que teve no Minho e no Alentejo os casos pioneiros desta prática.

É importante salientar que o conceito de TER evoluiu ao longo dos anos, recaindo, inicialmente, sobre o turismo de habitação³, uma vez que se pretendia impulsionar o aproveitamento de solares e casas apalaçadas das regiões do Minho e do Alentejo para alojamento turístico (Moreira & Reis, 2017; Ribeiro, 2003). Esta iniciativa experimental partiu da extinta Direção-Geral do Turismo, cujas competências se encontram presentemente integradas no Turismo de Portugal. Numa fase posterior, o Decreto-lei n.º 256/1986, de 27 de agosto, definiu o TER como uma “atividade de interesse para o turismo, com natureza familiar, que consiste na prestação de hospedagem em casas que sirvam simultaneamente de residência aos seus donos”, passando a incorporar, para além do turismo de habitação, o turismo rural⁴ e o agroturismo⁵. Ribeiro (2003) acrescenta que a tónica dada ao TER continuava a estar somente assente na hospedagem.

Em 1987, foram agregados os hotéis rurais⁶, como uma nova modalidade de alojamento, aos quais se juntaram, em 1989, as casas de campo⁷, o turismo de aldeia⁸ e os parques de campismo rurais⁹ (Moreira & Reis, 2017). Mais tarde, um novo Decreto-lei n.º 169/1997, de 4 de julho, alterou o conceito de TER que passou a abranger “diversas modalidades de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação e diversão turística, tendo em vista a oferta de um produto turístico completo e diversificado no espaço rural.” Estas atividades passaram a ocupar o tempo de lazer dos turistas, dando-lhes a conhecer, simultaneamente, os recursos endógenos, o património cultural, natural e paisagístico, através da realização de caminhadas, passeios de bicicleta e a cavalo, *tours* culturais, entre tantas outras (Lane, 1994). Por fim, em 2008, o turismo

³ Alojamento turístico em solares ou casas apalaçadas com elevado valor histórico e arquitetónico. Nesta modalidade privilegia-se a proximidade do proprietário com os hóspedes durante toda a estada (Moreira & Reis, 2017).

⁴ Pressupõe a oferta de alojamento turístico em casas rústicas, típicas da região onde se inserem por apresentarem uma arquitetura própria (Decreto-lei n.º 169/1997, de 4 de julho).

⁵ Oferta de alojamento turístico em casas de agricultores, situadas nas explorações agrícolas, possibilitando aos hóspedes conhecer e experienciar os trabalhos agrícolas realizados pelo proprietário (Moral, Alles & Franco, 2019).

⁶ Estabelecimentos hoteleiros que, enquadrando as categorias compreendidas entre três a cinco estrelas, mantêm a traça arquitetónica e os materiais de construção originais das regiões onde se encontram implantados (Cunha & Abrantes, 2013).

⁷ Classificação que veio substituir a de turismo rural, preservando as mesmas características (idem).

⁸ Oferta de alojamento turístico em empreendimentos compostos por cinco ou mais casas de campo localizadas numa aldeia e exploradas apenas por uma entidade (Decreto-lei n.º 169/1997, de 4 de julho).

⁹ Zonas específicas rurais para acampar (Moreira & Reis, 2017).

de habitação deixou de estar integrado no TER por se encontrar englobado no meio urbano (Moreira & Reis, 2017).

Atualmente assiste-se ao aumento da procura turística face ao TER, por permitir o contacto direto com o ambiente pautado pela tranquilidade e pela paz. Desta forma, já no início do século XXI os turistas revelavam um maior interesse em despende o seu tempo na natureza e em conhecer novas culturas e tradições (Condesso, 2011; Godinho, 2004). Kastenholtz (2014), Silva (2007) e Zandonadi e Freire (2016) reforçam esta ideia, afirmando que as comunidades urbanas “pós-modernas” prezam e procuram, cada vez mais, os espaços rurais para usufruírem das suas férias e para vivenciarem novas experiências, evitando os destinos turísticos massificados e fugindo do *stress* despoletado pelas rotinas urbanas caóticas. Para além destas motivações turísticas, acrescenta-se o estreitar de relações familiares e de amizade, aquando da preferência dos alojamentos de TER, em detrimento de outras formas de alojamento habituais consideradas mais impessoais e estandardizadas (Silva, 2007). De salientar igualmente que os turistas detêm uma atitude proativa durante as suas férias, demonstrando interesse em aprender, explorar e conhecer mais acerca da natureza, de novas culturas e tradições rurais (Kastenholtz, Eusébio & Carneiro, 2018), através da participação em atividades variadas, bem como do acompanhamento das comunidades rurais durante a prática agrícola e outras lides associadas ao mundo rural.

Ao analisar a Figura 5, onde consta o número de dormidas relativas às várias modalidades de alojamentos de TER e de turismo de habitação, verifica-se que houve um crescimento desse número. Em 1984 registou-se um valor inferior a 200 mil dormidas, tendo vindo a aumentar lentamente até 1998. A partir deste ano, observou-se um acréscimo até 2007, passando de, aproximadamente, 200 mil para mais de 600 mil dormidas. Todavia, o número de dormidas diminuiu em 2008, 2012 e 2013, devido às crises financeiras sucedidas no país. Superados esses tempos conturbados, a partir de 2014, o TER e o turismo de habitação evoluíram aceleradamente, atingindo o seu auge em 2019 com aproximadamente 2 milhões de dormidas. No entanto, em 2020, fruto da atual crise pandémica, originada pelo vírus COVID-19, o TER e o turismo de habitação assinalaram uma quebra vertiginosa no número de dormidas. Contudo, no ano seguinte este cenário reverteu-se, na medida em que se registaram mais de 1,8 milhões de dormidas, valor aproximado daquele registado em 2019, denotando-se uma procura massiva pelo TER e pelo turismo de habitação.

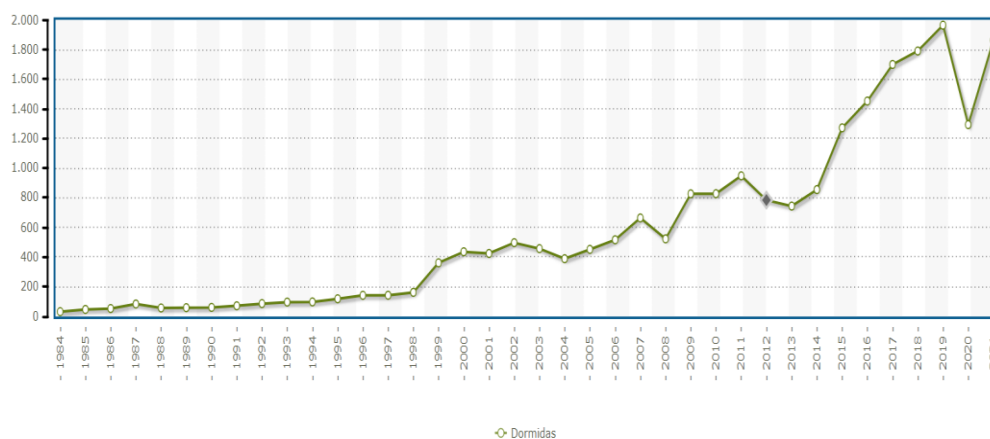


Figura 5 – Evolução do TER e do TH por número de dormidas, em Portugal (em milhares)

Fonte: PORDATA, 2022b

Face a esta evolução, apesar dos turistas terem vindo a revelar maior interesse e adesão ao TER, os territórios rurais são pautados por uma baixa densidade populacional, caracterizados pelo envelhecimento da população, que apresenta baixos níveis de instrução e qualificação, e por uma carência de serviços, equipamentos e infraestruturas (Hall, Mitchell & Roberts, 2016; Valente & Figueiredo, 2003), assim como de outros recursos tão necessários para o seu correto incremento. Perante as adversidades e com o intuito de conquistar elevado sucesso económico, conforme a opinião de Kastenholtz (2014), seria importante haver um maior investimento neste setor turístico, contribuindo não só para o aumento concorrencial a nível internacional, como também para a satisfação das exigências crescentes dos turistas.

Neste contexto, uma maior aposta no TER poderia assumir um papel relevante na tentativa de inverter a situação vigente nos territórios rurais, despoletando um conjunto de vantagens para as comunidades locais e para os próprios espaços rurais, nomeadamente a criação de emprego (Godinho, 2004; Valente & Figueiredo, 2003); a valorização e o aproveitamento dos recursos endógenos; a atração e fixação da população (Moral, Alles & Franco, 2019); a preservação de atividades que se encontravam em risco de desaparecer (Moreira & Reis, 2017; Ribeiro, 2003); a manutenção do saber-fazer tradicional; a apreciação do rico património edificado, natural, paisagístico e histórico; o estimular da economia local (Moral, Alles & Franco, 2019; Silva, 2006); a melhoria da qualidade de vida das populações rurais; o aumento do número de serviços, infraestruturas e equipamentos (Hall, Mitchell & Roberts, 2016), entre outros benefícios. De forma a facilitar a leitura no que concerne aos impactes positivos do TER, optou-se por esquematizar as vantagens acima abordadas (Figura 6):

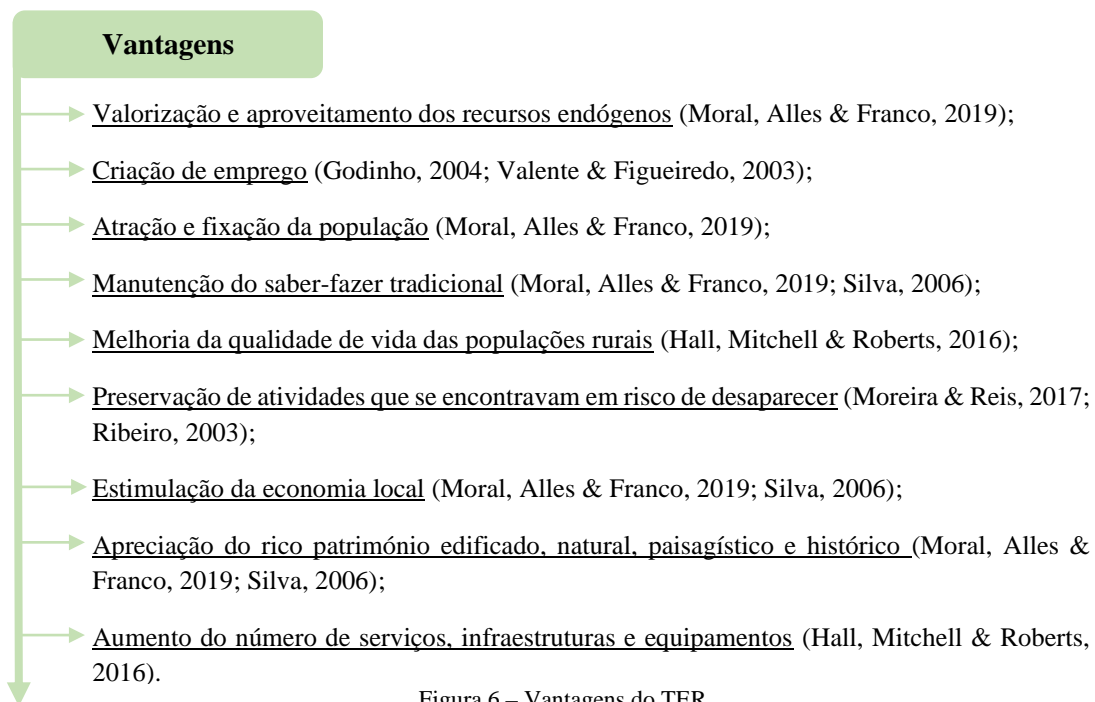


Figura 6 – Vantagens do TER

Fonte: Elaboração própria

Contudo, existem autores que enumeram igualmente alguns impactes negativos resultantes do TER, principalmente a oferta de emprego sazonal (Moral, Alles & Franco, 2019); a parca oferta de trabalho para as comunidades locais; a falta de inter-relação entre os diferentes *stakeholders*, como empresas de turismo, unidades de TER e instituições regionais (Moreira & Reis, 2017); a ausência de qualificação e formação específica por parte dos empreendedores e gestores; a dispersão de microempresas de TER, o que poderá dificultar a prestação de apoios; a incerteza de retorno económico face aos elevados investimentos realizados para a recuperação dos alojamentos de TER e para a criação de novas empresas (Hall, Mitchell & Roberts, 2016).

Outros autores acrescentam também como aspetos negativos do TER, a resistência ao desenvolvimento dos espaços rurais por parte de ex-habitantes citadinos que aí se fixaram; a perda de genuinidade (Bramwell, 1994), com a aquisição de casas de férias por parte de indivíduos do mundo urbano e com a encenação de determinados espaços rurais e práticas tradicionais para satisfazer os desejos da procura (Hall, Mitchell & Roberts, 2016). Com o objetivo de simplificar a leitura no que concerne às consequências negativas do TER, optou-se igualmente por esquematizar as desvantagens acima abordadas (Figura 7):

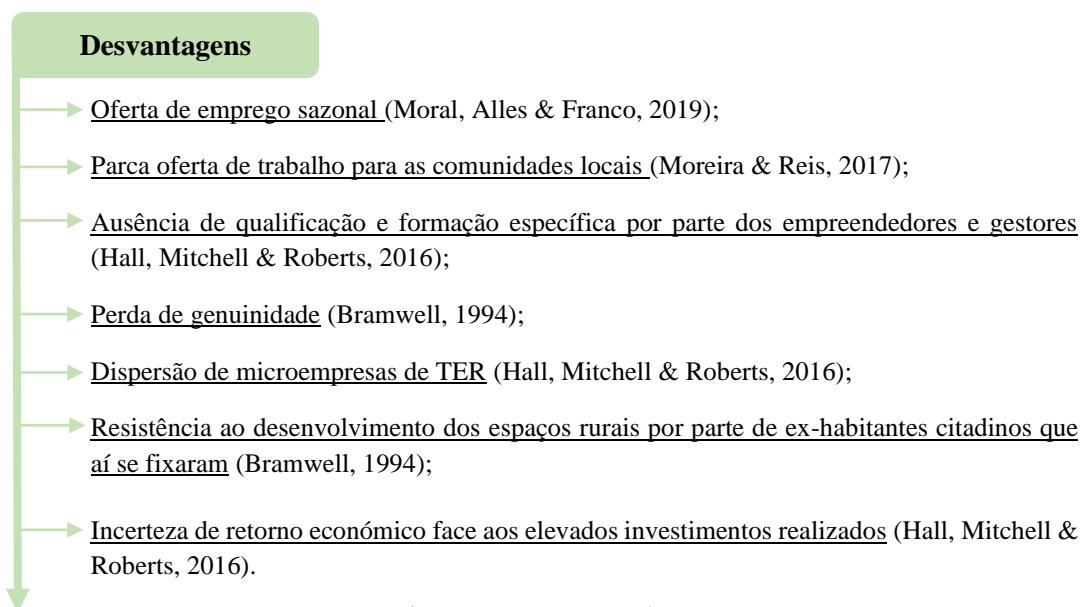


Figura 7 – Desvantagens do TER

Fonte: Elaboração própria

Deste modo, tendo como objetivo mitigar os impactes negativos supracitados, é imprescindível a elaboração de um bom planeamento e ordenamento do território, tendo sempre em mente a melhoria da qualidade de vida das populações locais, a sustentabilidade e a preservação dos espaços rurais, procurando respeitar a sua capacidade de carga e evitar a sua massificação. Godinho (2004) revela que, aquando do aparecimento do TER em Portugal, diversos aspetos não foram devidamente estruturados, pois não houve cuidado com esse planeamento. No entanto, ao longo de vários anos, o desenvolvimento do mundo rural tem sido alvo de apoios e estímulos por parte da UE com a criação de programas assentes em diversas medidas estratégicas, destacando-se o LEADER – Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural (Cavaco, 2004; Silva, 2006), iniciativa comunitária aplicada desde 1991.

Em suma, é possível afirmar que não existem opiniões consensuais relativamente à capacidade do turismo, em especial do TER, para desenvolver e revitalizar os espaços rurais, geralmente deprimidos, despovoados e/ou com uma população envelhecida. Porém, o TER tem sido cada vez mais procurado por turistas que elegem o mundo rural como o local perfeito não só para desfrutar dos seus tempos-livres de forma serena e em comunhão com a natureza, como também para terem a oportunidade de conviver com as comunidades rurais e os seus modos de vida, respeitando-os e preservando-os. Neste sentido, denota-se que estes turistas são mais responsáveis e conscientes em relação às questões ambientais, sendo esta preocupação de extrema importância para a sustentabilidade dos espaços rurais, pois, na ótica de Cavaco (2004, p. 99), “O desenvolvimento [do TER] pretende-se sustentável, nas suas dimensões ecológica, económica, social e cultural (...)

[sendo] um processo dinâmico, de adaptação e mudança ligado à satisfação de ‘necessidades’ do presente”, sem comprometer as necessidades das gerações vindouras.

Outros autores apontam igualmente que a adoção de práticas mais sustentáveis e de um correto planeamento do TER poderá promover a economia no mundo rural, a conservação da própria ruralidade (Bramwell, 1994) e dos ecossistemas, o equilíbrio entre os espaços rurais, as populações e o setor turístico (Condesso, 2011; Lane, 1994; Valente & Figueiredo, 2003). A par destes aspetos, todos os *stakeholders* devem cooperar e trabalhar de forma unida, com vista a atingir o desenvolvimento sustentável do TER (Kastenholz, 2014).

Por último, o TER permite promover os espaços rurais possuidores de um enorme potencial e valor cultural e paisagístico, ao mesmo tempo que proporciona a vivência de atividades inesquecíveis e de momentos únicos em harmonia com o ambiente, contrariando-se, ainda que paulatinamente, a desertificação, o isolamento das populações rurais e o fraco desenvolvimento económico. Corroborando com a afirmação de Moreira e Reis (2017, p. 437), o TER é “um turismo em que fruição não é sinónimo de destruição, pelo contrário, é significado de partilha e de desenvolvimento ética e socialmente responsável.”

2.3. Caracterização do agroturismo

O agroturismo surgiu na Europa nos anos 60 do século XX e começou a desenvolver-se a partir dos anos 90 do mesmo século devido ao crescente interesse dos turistas em usufruir de férias na natureza (Ciolac et al., 2019). Inicialmente, esta tipologia de turismo era considerada uma atividade passiva e secundária, referindo-se somente à estada de turistas em quintas agrícolas (Barbieri, Mahoney & Butler, 2008) e à oferta de recursos turísticos naturais previamente existentes nas mesmas (Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009). Porém, com o decorrer dos anos, os proprietários agrícolas passaram a revelar uma maior preocupação em oferecer os melhores serviços de alojamento aos seus hóspedes. Assim, dada à sua elevada procura, o agroturismo tornou-se uma modalidade de grande interesse e importância a nível mundial (Sadowski & Wojcieszak, 2019), sendo que, no caso português, passou a estar integrada no TER, tal como revela o Decreto-lei n.º 256/1986, de 27 de agosto. Neste contexto, constatou-se um maior investimento nesta modalidade de turismo por parte dos proprietários das quintas, que ampliaram e inovaram a oferta de produtos, gerando, conseqüentemente, maior lucro (Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009). Para além da estada de turistas em casas inseridas em explorações agrícolas, o agroturismo começou a oferecer um conjunto de atividades agrícolas que possibilitam o acompanhamento e envolvimento dos turistas nas mesmas (Condesso, 2011; Pezzi, Faggian & Reid, 2020; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Tew & Barbieri, 2012), como por exemplo a apanha da fruta, as vindimas, as visitas a quintas pedagógicas, a lagares e a vinhas,

as provas de azeite e de vinho, a participação em *workshops*, com o intuito dos turistas aprenderem a fazer produtos regionais, entre outras.

Neste sentido, Sznajder, Przezbórska e Scrimgeour (2009) opinam que o incremento do agroturismo proporcionou o aparecimento de uma variedade de produtos e serviços, dividindo-se por nove categorias: 1) agro-alojamento (estada em quintas, em parque de campismo agroturísticos, entre outros); 2) agro-alimentar (refeições caseiras e em restaurantes confeccionadas com produtos endógenos e cultivados nas explorações agrícolas); 3) agroturismo primário (observação e participação em *workshops* de produção alimentar, entre outros); 4) vendas diretas (venda de produtos obtidos nas propriedades agrícolas); 5) agro-lazer (estadas aos fins-de-semana e durante as férias); 6) agro-desporto (caminhadas, passeios a cavalo, caça, pesca, entre outros); 7) agro-entretenimento (visita a jardins, a parques e a outras quintas); 8) agro-terapia (terapia assistida com animais, entre outros); e 9) turismo cultural (museus sobre tradições locais e a agricultura, visita a quintas antigas, entre outros). Assim sendo, segundo o Decreto-lei n.º 256/1986, de 27 de agosto:

Designa-se por agro-turismo o exercício da atividade (...) em casas de habitação ou seus complementos integrados numa exploração agrícola, caracterizando-se por algum modo de participação dos turistas nos trabalhos da própria exploração ou em formas de animação complementares, e desde que a unidade obedeça às condições legalmente exigíveis.

É de salientar que, apesar da definição genérica de agroturismo acima referida ser a mais veiculada, existe uma variedade de conceitos relativos a esta modalidade de turismo. Deste modo, abaixo encontram-se expostas algumas definições de agroturismo defendidas por diferentes autores (Tabela 3).

Tabela 3 – Definições de agroturismo

Definição	Referências
“Designa-se por agro-turismo o serviço de hospedagem prestado em casas particulares utilizadas simultaneamente como habitação do proprietário, possuidor ou legítimo detentor e integradas em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da actividade agrícola ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo responsável das casas e empreendimentos”	Decreto-lei n.º 169/1997, de 4 de julho
“ <i>The term agro-tourism (...) embraces tourism activities which are undertaken in non-urban regions by individuals whose main employment is in the primary or secondary sector of the economy.</i> ”	Iakovidou (1997, p. 44)
“ <i>Agritourism is a specific type of rural tourism in which the hosting house must be integrated into an agricultural estate, inhabited by the proprietor, allowing visitors to take part in agricultural or complementary activities on the property.</i> ”	Marques (2006, p. 151)
Definem o agroturismo como sendo um tipo de turismo que ocorre em quintas. Apresentam dois conceitos de agroturismo, o tradicional (1), mais passivo, e o moderno (2), mais ativo: (1) Abrange somente a estada de turistas em quintas e a oferta de produtos e serviços que respeitem os recursos turísticos naturais, sendo esta uma fraca fonte de rendimento extra para o agricultor; (2) Compreende um investimento inicial, por parte do agricultor, para o aumento da oferta de produtos agroturísticos, sendo o agroturismo um complemento económico da sua atividade agrícola.	Sznajder, Przezbórska e Scrimgeour (2009)
“O agroturismo aproveita as casas particulares, mas integradas em explorações agrícolas, propiciando um papel cognitivo ou mesmo activo no labor agrícola, ao permitir ao hóspede o acompanhamento e conhecimento da actividade agrícola ou até a participação nos trabalhos aí desenvolvidos.”	Condesso (2011, p. 205)
“ <i>Diversifying a farm to include recreation and leisure activities for visitors, commonly labeled agritourism, is suggested to bring a myriad of economic as well as non-economic benefits to farmers, visitors and communities.</i> ”	Tew e Barbieri (2012, p. 215)
“Conceito de turismo que consiste na fruição da natureza, mediante a prestação de pequenos serviços numa exploração agrícola ou agropecuária de carácter familiar, na qual se recebe, em troca, alojamento e alimentação.”	Domingues (2013, p. 21)
“ <i>El agroturismo es una actividad que permite complementar las actividades propias de la ganadería y la agricultura, como una alternativa para la diversificación del ingreso de los agricultores y ganaderos, y no como una actividad económica sustitutiva a la producción agropecuaria.</i> ”	Jiménez (2014, p. 41)
Definem o agroturismo como uma modalidade de TER que possibilita o convívio entre o turista, o agricultor e a sua família. Ademais, viabiliza o contacto do turista com as diversas atividades agrícolas tradicionais praticadas na propriedade do agricultor. Este é um modo do proprietário obter um rendimento extra.	Zandonadi e Freire (2016)
O agroturismo abrange “imóveis situados em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.”	Decreto-lei n.º 80/2017, de 30 de junho

Fonte: Elaboração própria

Perante os conceitos de agroturismo apresentados na tabela, averigua-se que a ideia comum entre todos se refere à oportunidade que é dada aos turistas de acompanharem e participarem nas atividades agrícolas desenvolvidas nas propriedades onde a agricultura tradicional continua a ser praticada, sendo o agroturismo e as suas atividades um complemento ao rendimento do agricultor. Desta forma, devido à vastidão de definições existentes, Phillip, Hunter e Blackstock (2010)

elaboraram um quadro síntese (Figura 8) com o intuito de clarificarem, compilarem e analisarem as diversas definições de agroturismo e as suas características, tendo como referência três critérios: (1) se a atividade turística desenvolvida ocorre numa propriedade agrícola; (2) se o contacto do turista com a atividade agrícola sucede de modo direto, indireto ou passivo; (3) e se a experiência turística é autêntica ou encenada. A partir destes critérios, os autores mencionados criaram uma tipologia, sem nenhuma hierarquia, possuidora de cinco classificações distintas de agroturismo, que seguidamente se enunciam. Contudo, apesar de haver diferenciação entre as várias classificações, os autores defendem a coexistência de duas ou mais tipologias de agroturismo numa mesma exploração agrícola.

a) Relativamente ao primeiro critério, se a resposta for negativa, surge a primeira classificação, denominada *Non working farm agritourism*, que se refere somente à estada do turista numa antiga quinta agrícola requalificada.

b) Caso a resposta ao primeiro critério seja positiva, ocorrem novas classificações consoante o tipo de contacto entre o turista e a atividade agrícola. Se, por um lado, esse contacto suceder de modo passivo surge a segunda classificação designada *Working farm, passive contact agritourism*, segundo a qual o turista não participa nas atividades agrárias, embora se encontre alojado na propriedade onde estas ocorrem. Assim, a atividade turística é gerida de forma independente da agrícola e vice-versa.

c) Se, por outro lado, o contacto do turista com a atividade agrícola for indireto, está-se perante a terceira classificação, intitulada *Working farm, indirect contact agritourism*. De acordo com esta tipologia de agroturismo, a atividade agrícola começa a estar integrada na experiência turística, a partir do momento em que, por exemplo, o turista consome refeições preparadas com produtos cultivados na exploração agrícola onde se encontra alojado, compra produtos agrícolas na loja da propriedade, visita uma adega e passeia pelos campos de cultivo. Por último, se o turista contacta diretamente com a atividade agrícola, é necessário averiguar se a sua experiência é autêntica ou encenada.

d) No que diz respeito ao terceiro critério, caso a experiência turística não seja autêntica, verifica-se a quarta classificação, denominada *Working farm, direct contact, staged agritourism*. Nesta tipologia de agroturismo, a atividade a ser vivenciada pelo turista foi criada propositadamente para seu usufruto. Como exemplos destacam-se as demonstrações encenadas de ordenha das vacas.

e) Se a experiência turística for autêntica, surge a quinta classificação, chamada *Working farm, direct contact, authentic agritourism*, aplicada nos casos em que o turista experiencia atividades agropecuárias, como por exemplo participar na colheita de um produto agrícola ou na ordenha

das vacas. Na opinião dos autores supracitados, este tipo de agroturismo representa um nicho de mercado importante.

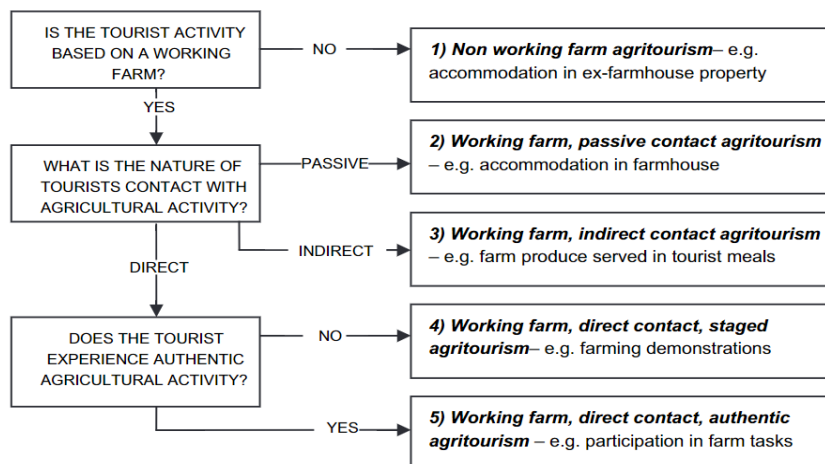


Figura 8 – As tipologias de agroturismo

Fonte: Phillip, Hunter e Blackstock, 2010, p. 756

Atualmente, cada vez mais, o agroturismo atrai um maior número de turistas, sendo que, no caso português, pode-se comprovar esta afirmação a partir da análise da Figura 9, onde consta a evolução desta tipologia de turismo a partir do número de dormidas em estabelecimentos de agroturismo. Verifica-se um aumento regular deste indicador que triplicou entre os anos de 2012, com, sensivelmente, 100 mil dormidas, e 2019, com mais de 300 mil dormidas. Porém, registou-se um ligeiro decréscimo em 2013 devido à crise financeira portuguesa. Nos anos seguintes denotaram-se dois picos de crescimento, o primeiro entre 2014 e 2015, passando de, aproximadamente, 110 mil para 190 mil dormidas, e o segundo entre 2016 e 2017, passando de, sensivelmente, 200 mil para 250 mil dormidas. Contudo, em 2020, registou-se uma quebra acentuada no número de dormidas, mais de 300 mil, em 2019, para, aproximadamente, 210 mil, em virtude do vírus COVID-19 que provocou a atual crise pandémica.

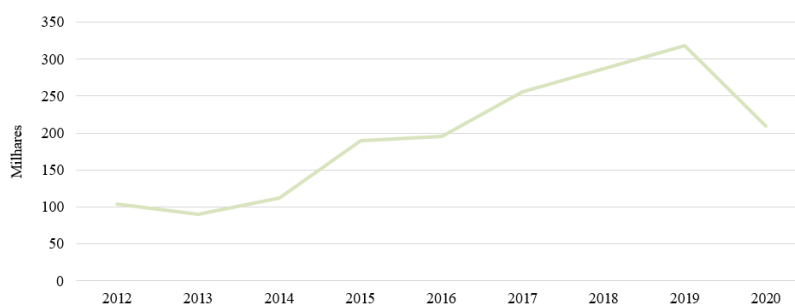


Figura 9 – Evolução do agroturismo por número de dormidas, em Portugal

Fonte: Elaboração própria a partir de INE, 2021a

É de salientar que, apesar da procura face ao agroturismo ser cada vez maior, o incremento desta tipologia de turismo depende bastante da especialização das herdades e quintas, através das quais se criam e oferecem novos produtos e serviços turísticos inovadores e atrativos que surpreendem e satisfazem as expectativas dos turistas (Roman, Roman & Prus, 2020). Para além do mencionado, a inovação viabiliza a melhoria e diferenciação de produtos e serviços que já são oferecidos, embora, geralmente, a criação desses produtos e serviços inovadores assente em ideias previamente existentes, recorrendo, por exemplo, à cerâmica, aos trabalhos em vime, entre outras tradições locais (Chiodo et al., 2019). Destaca-se ainda que a inovação é essencial para incrementar a competitividade entre as explorações agrícolas, na medida em que os seus proprietários devem apostar na mudança e na melhoria contínuas, fascinando e atraindo mais turistas (Roman, Roman & Prus, 2020). Embora estes autores considerem que a inovação de atividades agroturísticas é fundamental para a especialização e diferenciação das herdades e quintas, acredita-se que o termo inovação não deva ser utilizado quando os seus proprietários pretendem implementar uma atividade já existente e dinamizada por outros negócios. Reforçando esta ideia, no âmbito dessa herdade ou quinta a atividade pode ser efetivamente uma novidade, contudo, não pode ser designada como inovadora, visto que já é promovida por negócios existentes. De acrescentar igualmente que o envolvimento das comunidades e entidades locais é imprescindível para o desenvolvimento de experiências únicas que viabilizam aos turistas uma vivência rural inesquecível.

À semelhança do TER, apesar do agroturismo não ser uma solução exclusiva para combater a desertificação e o êxodo rural, esta modalidade de turismo é um importante veículo dinamizador socioeconómico dos espaços rurais deprimidos, na medida em que se apresenta como uma nova fonte de rendimento para os proprietários agrícolas (Brito, 2008; Broccardo, Culasso & Truant, 2017; Ciolac et al., 2019; Ollenburg & Buckley, 2007; Sadowski & Wojcieszak, 2019; Suhartanto et al., 2020; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Tew & Barbieri, 2012; Tiraieyari & Hamzah, 2012; Zandonadi & Freire, 2016), permitindo-lhes alcançar o plurirrendimento (Condesso, 2011), tão necessário para a melhoria das condições de vida dos mesmos. Esta opinião é corroborada por Anthopoulou e Melissourgos (2013), pois também afirmam que os agricultores sentem a necessidade de obter rendimentos suplementares, para além do proveniente da agricultura, visto que esta atividade deixou de deter a capacidade de sustentar economicamente as famílias rurais. Para além deste aspeto, Roman, Roman e Prus (2020) constataam que o incremento dos serviços de agroturismo possibilita o aumento das receitas dos municípios e, conseqüentemente, viabiliza a construção de mais infraestruturas, como estradas, serviços de telecomunicações, entre outros, contribuindo para o melhoramento socioeconómico das regiões rurais (Ciolac et al., 2019).

O agroturismo proporciona ainda um conjunto de benefícios, dos quais se destacam a preservação (Godinho, 2004), a promoção e o incremento da agricultura (Carvalho, 2003; Condesso, 2011) que assume um papel central nas atividades agroturísticas e possibilita atenuar eventuais danos no ambiente, como a erosão dos solos e os incêndios florestais (Anthopoulou & Melissourgos, 2013); a proteção da cultura (Ollenburg & Buckley, 2007), incluindo a manutenção das tradições rurais, do artesanato, da gastronomia, entre outros, contribuindo, em simultâneo, para a potencialização dos produtos endógenos elaborados pelas comunidades locais; o dar a conhecer a biodiversidade e as paisagens naturais, alertando para a importância de serem valorizadas e conservadas (Condesso, 2011; Godinho, 2004); e a preservação dos recursos patrimoniais (Brito, 2008; Rachão & Joukes, 2017), nomeadamente na renovação e reutilização de edifícios inseridos em quintas e herdades rurais.

Outras potencialidades referem-se ao estimular a fixação da população, com o intuito de repovoar as áreas rurais remotas (Ciolac et al., 2019; Zandonadi & Freire, 2016); à criação de sinergias territoriais; ao incentivar a participação das comunidades locais nas atividades agroturísticas (Anthopoulou & Melissourgos, 2013); à criação de emprego (Brito, 2008; Ciolac et al., 2019; Tiraeyari & Hamzah, 2012); ao fomento da indústria agrícola; à dinamização do setor turístico (Anthopoulou & Melissourgos, 2013; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Zawadka, 2019); e à tomada de consciência por parte dos turistas acerca do mundo que os rodeia (Tew & Barbieri, 2012), revelando uma atitude mais proativa face à causa da sustentabilidade.

De forma a sintetizar a informação supracitada, relativa às vantagens do agroturismo, delineou-se o seguinte esquema (Figura 10).

**Vantagens
do
agroturismo**

- Nova fonte de rendimento para os proprietários agrícolas (Anthopoulou & Melissourgou, 2013; Brito, 2008; Broccardo, Culasso & Truant, 2017; Ciolac et al., 2019; Ollenburg & Buckley, 2007; Sadowski & Wojcieszak, 2019; Suhartanto et al., 2020; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Tew & Barbieri, 2012; Tiraieyari & Hamzah, 2012; Zandonadi & Freire, 2016);
- Criação de emprego (Brito, 2008; Ciolac et al., 2019; Tiraieyari & Hamzah, 2012);
- Fixação das populações em áreas deprimidas (Ciolac et al., 2019; Zandonadi & Freire, 2016);
- Incentivo à participação das comunidades locais nas atividades agroturísticas (Anthopoulou & Melissourgou, 2013);
- Aumento das receitas para os municípios (Roman, Roman & Prus, 2020);
- Construção de mais infraestruturas (Roman, Roman & Prus, 2020);
- Conhecimento da biodiversidade e das paisagens naturais (Condesso, 2011; Godinho, 2004);
- Consciencialização do turista acerca da sustentabilidade ambiental (Tew & Barbieri, 2012);
- Atenuação de eventuais danos no ambiente (Anthopoulou & Melissourgou, 2013);
- Proteção da cultura (Ollenburg & Buckley, 2007);
- Preservação (Godinho, 2004), promoção e incremento da agricultura (Carvalho, 2003; Condesso, 2011);
- Fomento da indústria agrícola (Anthopoulou & Melissourgou, 2013; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Zawadka, 2019);
- Preservação dos recursos patrimoniais (Brito, 2008; Rachão & Joukes, 2017);
- Potencialização dos recursos endógenos (Condesso, 2011; Godinho, 2004);
- Criação de sinergias territoriais (Anthopoulou & Melissourgou, 2013);
- Dinamização do setor turístico (Anthopoulou & Melissourgou, 2013; Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Zawadka, 2019);
- Melhoria e diferenciação de produtos agroturísticos e de serviços com recurso à sua inovação (Chiodo et al., 2019), permitindo a competitividade entre as propriedades agrícolas (Roman, Roman & Prus, 2020);
- Oportunidade do turista comer refeições confeccionadas com produtos cultivados nas explorações agrícolas (Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009).

Figura 10 – Potencialidades do agroturismo

Fonte: Elaboração própria

Por fim, o agroturismo encontra-se associado à sustentabilidade por preservar edifícios antigos, que se encontram introduzidos em propriedades agrícolas, e a prática da agricultura tradicional (Rachão & Joukes, 2017), assim como por promover a harmonia e a interação sustentável entre os turistas e a natureza envolvente. Porém, caso se verifique o crescimento acelerado e a massificação do agroturismo, será gerada uma panóplia de consequências prejudiciais para o mundo rural, tanto a nível do ambiente como a nível socioeconómico (Roman, Roman & Prus, 2020), salientando-se a poluição ambiental e a polarização espacial desta tipologia de turismo para regiões já desenvolvidas, como áreas costeiras (Anthopoulou & Melissourgou, 2013).

Neste contexto, é imprescindível a existência de planificação e medidas baseadas na sustentabilidade, que evitem a proliferação incorreta do agroturismo e visem a proteção da natureza e das culturas locais (Sadowski & Wojcieszak, 2019). Deste modo, o governo e os municípios detêm um papel fundamental na gestão de fundos públicos, através, por exemplo, do programa LEADER (Anthopoulou & Melissourgou, 2013; Sadowski & Wojcieszak, 2019). Este e outros programas apoiam financeiramente o setor turístico (Cavaco, 1995, 2004), especificamente com a construção, recuperação ou remodelação de empreendimentos de agroturismo (Marques, 2006).

Em suma, o agroturismo tem vindo a ganhar uma enorme importância, e Portugal não é exceção, podendo inclusive tornar-se, na ótica de Sznajder, Przezbórska e Scrimgeour (2009), um dos setores turísticos mais relevantes em determinadas regiões rurais do mundo. Esta tipologia de turismo desenvolve-se em territórios que, embora sejam deprimidos, detêm um potencial imensurável de recursos, possuindo, por isso, a capacidade de os valorizar, preservar e dar a conhecer às comunidades urbanas que tanto os apreciam (Correia & Carvalho, 2010). Ademais, é possível afirmar que:

O objetivo central [do agroturismo] é conciliar a prática agrícola com as preocupações ambientais, paisagísticas e com a preservação e valorização do património cultural e natural, onde os conceitos de sustentabilidade, subsidiariedade e de parceria comandam as principais orientações para o desenvolvimento das áreas rurais e a melhoria da qualidade de vida das suas populações (Correia & Carvalho, 2010, p. 127).

Por último, cada vez mais, os turistas urbanos procuram o agroturismo visto ser uma modalidade que prima pelo contacto direto com a agricultura, o ambiente envolvente e as populações locais, ao mesmo tempo que oferece uma diversidade de atividades distintas e proporciona experiências excecionais.

2.4. A importância das experiências no agroturismo

Na segunda metade do século XX, assistiu-se ao crescimento acelerado do turismo a nível global, sendo que, com o decorrer dos anos, este setor tornou-se mais acessível, verificando-se grandes fluxos de turistas de todas as faixas etárias e classes socioeconómicas. Perante esta evolução, à

medida que os turistas se tornaram mais experientes e exigentes, querendo aproveitar ao máximo o seu tempo de lazer, surgiu a necessidade de inovar e diversificar a oferta turística, especializando-a em função de novos nichos de mercado.

Neste contexto, procura-se, cada vez mais, oferecer produtos e serviços diferenciadores, com o objetivo de satisfazer os interesses e desejos destes novos turistas que procuram novas sensações e emoções, assim como experiências inolvidáveis, originais e inigualáveis (Figueiredo & Eusébio, 2014), jamais oferecidas no designado turismo de massas, segundo o qual se concebem produtos e serviços para uma vastidão de turistas, sem qualquer customização. Assim sendo, tal como Umbelino (2017, p. 14) afirma, “Na atualidade, prevalece a convicção de que os turistas, mais do que compradores de serviços, são consumidores de emoções”, confirmando-se a urgência pela preocupação em adaptar a oferta existente aos diversos tipos de público, proporcionando-lhes momentos únicos.

Importa, também, abordar, de modo geral, a questão das experiências. De acordo com Pine e Gilmore (1998), as experiências devem atender a uma necessidade do cliente, procurando satisfazer os seus interesses e desejos. Estes autores defendem que as experiências possuem duas dimensões: a primeira refere-se à participação passiva, em que o consumidor experiencia o evento somente como observador ou ouvinte, ou participação ativa, em que o consumidor vivencia o evento, que lhe proporciona experiências, assumindo um papel fulcral para a criação do mesmo; a segunda diz respeito à envolvimento do consumidor com o evento, podendo ser uma envolvimento por absorção, em que o consumidor se encontra atento ao evento, sem se envolver diretamente no mesmo como ocorre na envolvimento por imersão.

Perante as duas dimensões mencionadas, Pine e Gilmore (1998) apresentam os quatro domínios das experiências (Figura 11), a saber: o do entretenimento (experiência de absorção com participação passiva); o da estética (experiência de imersão com participação passiva); o da educação (experiência de absorção com participação ativa); e o da evasão (experiência de imersão com participação ativa).

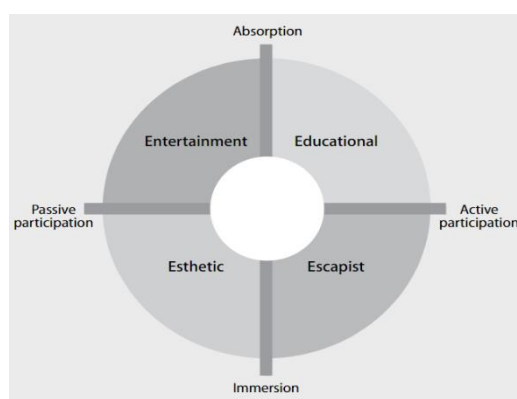


Figura 11 – Os quatro domínios das experiências

Fonte: Pine e Gilmore, 1998, p. 102

Face a esta nota introdutória, o agroturismo surge como uma tipologia de turismo diferente de todas as outras, destinada a um nicho de mercado que pretende usufruir de atividades ímpares e memoráveis, em comunhão com o mundo rural. Kastenholz, Marques e Carneiro (2020) ratificam a afirmação anterior, mencionando que os espaços rurais são detentores de uma gama de recursos de elevado valor, tendo a capacidade de oferecer várias experiências fascinantes e complexas, com uma carga sensorial e emotiva bastante vincada.

Carneiro, Kastenholz e Marques (2014) salientam duas dimensões que acreditam fazerem parte das experiências rurais, nomeadamente a dos estímulos sensoriais e a regeneradora, relacionadas com os domínios estético e de evasão propostos por Pine e Gilmore (1998), respetivamente. Os autores Carneiro, Kastenholz e Marques (2014) defendem que os estímulos sensoriais se encontram patentes nas experiências rurais, uma vez que inúmeras atividades são desenvolvidas ao ar livre, como por exemplo a contemplação das paisagens, exigindo ao turista a utilização dos seus sentidos. Estes autores acrescentam ainda que os turistas possuem a oportunidade de se regenerarem mentalmente ao visitarem áreas rurais inseridas em espaços sossegados, longe do *stress* e de todas as preocupações advindas da vida urbana.

Carneiro, Kastenholz e Marques (2014) destacam também a importância da aprendizagem, uma outra dimensão das experiências rurais, associada ao domínio da educação apresentado por Pine e Gilmore (1998), tão importante para educar os turistas urbanos acerca do mundo rural. Incluída nas experiências rurais, existe igualmente a experiência social, através da qual se verifica a interação entre os turistas e as populações rurais, sendo complementada com atividades turísticas desenvolvidas nas explorações agrícolas (Carneiro, Kastenholz & Marques, 2014), como por exemplo aquando da realização de *workshops*, de eventos culturais e de outras atividades, onde ambos podem participar ativamente, promovendo a imersão dos turistas na cultura local (Kastenholz et al., 2013).

Relativamente às experiências oferecidas no âmbito do agroturismo, Anthopoulou e Melissourgos (2013) averiguam que estas são uma mais-valia para os territórios rurais e as suas comunidades, assim como para os turistas que visam experienciar o modo de vida rural de forma mais intensa (Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009). Embora as investigações relacionadas com as experiências agroturísticas sejam escassas (Suhartanto et al., 2020), alguns autores apresentam nos seus estudos um conjunto de vantagens, despoletado pela oferta das mesmas, quer para os seus prestadores como para os seus consumidores.

No que concerne à ótica dos prestadores, as experiências de agroturismo viabilizam a dinamização económica das áreas rurais, através da criação de mais lucro para as comunidades locais; incentivam a valorização, a proteção e a manutenção da prática agrícola, dos seus utensílios e das técnicas tradicionais, sendo este um setor de atividade outrora importante, mas que, com o

decorrer dos anos, foi declinado; permitem a preservação do saber-fazer tradicional (Zandonadi & Freire, 2016), relacionado, por exemplo, com a confeção de produtos alimentares ou de objetos decorativos em cerâmica, vime, cortiça, entre outros; possibilitam o aproveitamento de recursos já existentes nas propriedades, sem haver a necessidade de se recorrer a investimentos adicionais para infraestruturas agrícolas e outros equipamentos (Tew & Barbieri, 2012); e contribuem para o incremento de produtos locais, na medida em que os turistas exigem consumir somente produtos endógenos (Condesso, 2011).

No que diz respeito à perspectiva dos consumidores, as experiências agroturísticas facilitam a interação entre turistas e populações rurais (Sznajder, Przezbórska & Scrimgeour, 2009; Zandonadi & Freire, 2016), detentoras de modos de vida, tradições, costumes e hábitos marcadamente distintos dos urbanos (Kastenholz et al., 2013), colocando um término a eventuais estereótipos erróneos acerca do mundo rural (Zawadka, 2019); e permitem alertar, consciencializar e educar as comunidades urbanas acerca das questões da sustentabilidade, da biodiversidade (Kline, Barbieri & LaPan, 2016) e da importância da agricultura (Barbieri, Stevenson & Knollenberg, 2018; Scaglione & Mendola, 2017), sendo, por vezes, a única oportunidade que têm de contactar *in loco* com o trabalho no campo e a criação de gado (Flanigan, Blackstock & Hunter, 2014; Zawadka, 2019).

Concluindo, as experiências turísticas que envolvem as tradições locais, os patrimónios natural e edificado contribuem para uma maior procura pelo mundo rural (Fernandes, 2008). Segundo Kastenholz et al. (2012), essas experiências são complexas e subjetivas, pois durante o decorrer das mesmas os turistas vivenciam novas experiências interligadas, evocando as suas emoções, visando a satisfação dos seus desejos e o cumprimento das expectativas criadas.

Salienta-se que as experiências de agroturismo compreendem várias dimensões, das quais se destaca a educacional, visto que, através das diferentes atividades rurais, a curiosidade dos turistas é despertada, permitindo uma maior receptividade nas suas aprendizagens. Assim sendo, o carácter educacional das experiências agroturísticas permite sensibilizar e instruir adultos, jovens e crianças, promovendo-se e incentivando-se, desta forma, a transmissão de conhecimentos entre gerações (Barbieri, Stevenson & Knollenberg, 2018) e da adoção de atitudes mais sustentáveis (Kline, Barbieri & LaPan, 2016), em prol da preservação da agricultura, dos recursos endógenos, do ambiente e da ruralidade. Por outro lado, esta aprendizagem é fundamental quando se percebe que a base alimentar humana continua a ser proveniente deste mundo rural. Ademais, a questão alimentar e o elemento pedagógico do labor de produção agrícola viabilizam a potencialização dos espaços produtivos e do gosto pela fruição destes espaços, revelando-se armas fundamentais no quotidiano não só para a sua valorização local, mas também global.

Por último, deve-se tentar evitar um fluxo massificado de turistas para os espaços rurais, uma vez que as várias experiências de agroturismo terão melhor qualidade quando usufruídas por pequenos grupos de turistas (Kastenholz et al., 2014). Ademais, Suhartanto et al. (2020) acreditam que as experiências turísticas de qualidade com impacto positivo na satisfação dos turistas são determinantes para que estes as recomendem e retornem às propriedades de agroturismo onde as experienciaram. Acrescenta-se o facto de ser imprescindível a adaptação e a customização das atividades ao tipo de público como forma de se conseguirem oferecer experiências originais que superem as expectativas dos turistas.

Após o discriminado neste capítulo, pode-se concluir que o setor do turismo se apresenta como um possível meio para revitalizar e fomentar o desenvolvimento dos espaços rurais, sendo, por esta razão, que o TER e, especificamente, o agroturismo assumem um papel preponderante no reverter da situação vigente nas regiões deprimidas, despovoadas e com uma população envelhecida. Atualmente, estas modalidades de turismo, cada vez mais procuradas, permitem à população citadina desfrutar da natureza, vivenciar experiências únicas, tomar contacto com as comunidades rurais e o seu modo de vida, aproveitando ao máximo o seu tempo de lazer. Contudo, a premissa da sustentabilidade não deixa de ser indispensável, sendo necessário evitar-se a massificação destas formas de turismo, com o intuito de se preservar o ambiente.

Acredita-se que o agroturismo incentive o usufruto de tempo de lazer em herdades e quintas alentejanas, estimulando e revitalizando a região a nível socioeconómico. Porém, pressupõem-se que seja pouco provável que esta tipologia de turismo consiga, por si só, reverter a situação lamentável que vigora no Alentejo, onde a desertificação humana, o envelhecimento extremo da população, a diminuta oferta de equipamentos e serviços e a economia deficitária se encontram patentes, tornando-o numa região repulsiva ao ser humano. É pouco provável que o agroturismo detenha a capacidade de melhorar a economia regional, assim como contribua, por exemplo, para a atração e fixação da população mais jovem, pois depreende-se que a maioria das propriedades tenham sido heranças deixadas ao cuidado das gerações vindouras de famílias com raízes alentejanas. Ademais, poder-se-ão criar mais postos de emprego para a comunidade local, todavia crê-se que estes continuarão a ser sazonais, dado que os meses de verão são os mais procurados pelos turistas, por isso, há uma maior necessidade de contratação de funcionários, verificando-se o oposto nos restantes meses.

Para modificar este cenário, e de forma a potencializar o território e todos os seus recursos, urge a necessidade de as entidades regionais se debruçarem sobre este assunto, estabelecendo e implementando outras medidas de combate ao despovoamento, de apoio a novos projetos, de melhoria das infraestruturas e da economia no Alentejo que possam constar no programa LEADER, segundo o qual se pretende o desenvolvimento dos territórios rurais de Portugal.

Apesar dos aspetos negativos supracitados, corroborando com os autores abordados, acredita-se também que o agroturismo apresenta um conjunto de vantagens que se podem verificar no Alentejo, nomeadamente a capacidade de recuperar e reabilitar o património edificado, na medida em que, possivelmente, a maioria das herdades e quintas foram renovadas, denotando-se um reaproveitamento dos edifícios já existentes nestas propriedades. Acrescenta-se o facto de o agroturismo poder ser um excelente veículo na divulgação da identidade, das tradições e da cultura alentejanas pelo país e pelo mundo; de poder contrariar o abandono da agricultura e das técnicas e métodos de trabalho e cultivo tradicionais, ainda que, na atualidade, a região alentejana seja pautada pela agricultura moderna e industrializada; e de possibilitar a diversificação da oferta turística com a existência de uma panóplia de atividades relacionadas com a agricultura e com a cultura regional.

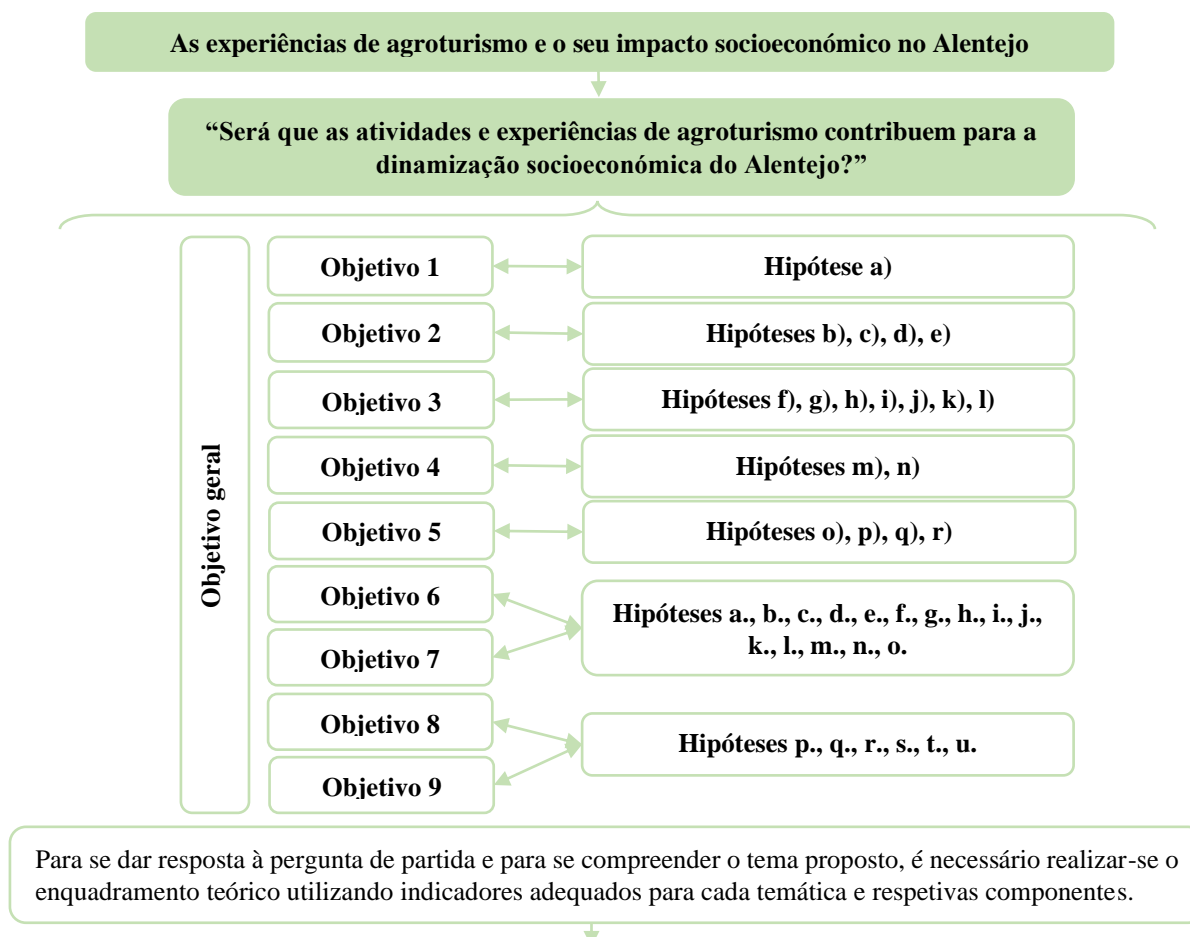
Perante estas conclusões e suposições, os capítulos seguintes pretendem dar a conhecer a investigação realizada, através do estudo de caso proposto, com o qual se procurou confrontar e conferir a veracidade das demais opiniões de diferentes autores abordados na revisão bibliográfica e da visão crítica da discente, bem como entender a temática proposta e dar resposta à pergunta de partida.

3. Metodologia de investigação

3.1. Modelo de Análise

Neste capítulo é fundamental apresentar-se o modelo de análise, visto que este é fulcral por resumir, esquematicamente, os objetivos, as respetivas hipóteses e as suas interligações, assim como os indicadores que permitem o desenvolvimento desta investigação. Ademais, este modelo permite que a discente não se disperse no conteúdo exato que deve estudar e abordar neste trabalho (Quivy & Campenhoudt, 1998; Sousa & Baptista, 2014).

Neste contexto, encontra-se, de seguida, o modelo de análise elaborado (Figura 12). Para dar resposta à temática escolhida (as experiências de agroturismo e o seu impacto socioeconómico no Alentejo), a discente levantou a seguinte questão de partida: “Será que as atividades e experiências de agroturismo contribuem para a dinamização socioeconómica do Alentejo?”. Perante a mesma, houve a necessidade de se estabelecer, primeiramente, um objetivo geral (compreender as consequências socioeconómicas das atividades oferecidas pelas herdades e quintas de agroturismo no Alentejo) e, de seguida, nove objetivos específicos com as respetivas hipóteses. Em conjunto, estes nove objetivos auxiliam o desenvolvimento da investigação que culmina na resposta à pergunta de partida e no melhor entendimento do tema eleito.



	Temática	Componente	Indicador
Enquadramento teórico	Evolução dos espaços rurais	Social	Informação bibliográfica e dados estatísticos – migrações; densidade populacional.
		Económica	Dados estatísticos – PIB; população ativa por setores de atividade.
	Caracterização do TER	Evolução	Informação bibliográfica e dados estatísticos – número de dormidas em TER e em turismo de habitação.
	Caracterização do agroturismo	Evolução	Informação bibliográfica e dados estatísticos – número de dormidas em agroturismo.
	Importância das experiências agroturísticas	Dimensões e domínios	Informação bibliográfica.
Estudo de caso	Caracterização geográfica do Alentejo	Física	Informação bibliográfica e análise de mapas – temperatura média mensal; amplitude térmica anual; precipitação anual.
		Económica	Informação bibliográfica e dados estatísticos – economia rural alentejana (cortiça, azeite e vinho).
		Social	Dados estatísticos e análise de mapa – população residente; densidade populacional; pirâmides etárias; índice de envelhecimento; índice de dependência de idosos.
	Agroturismo no Alentejo	Evolução	Dados estatísticos – número de dormidas em estabelecimentos de agroturismo.
	Herdades e quintas de agroturismo	Apresentação e atividades	Informação bibliográfica (<i>websites</i> dos empreendimentos); Número de empreendimentos de agroturismo (amostra); Número de entrevistas individuais aos proprietários das herdades e quintas selecionadas e as suas atividades (amostra).

Figura 12 – Modelo de Análise

Fonte: Elaboração própria

3.2. Métodos e técnicas de recolha de dados

De forma a apurar a veracidade das hipóteses anteriormente apresentadas, é imprescindível escolher os métodos e delinear as técnicas de recolha de dados que mais se adequam a esta investigação. Neste sentido, optou-se por seguir uma estratégia metodológica mista, designada desta forma por combinar os métodos de investigação quantitativa e qualitativa (Bryman, 2012; Creswell & Creswell, 2018), permitindo, segundo Sousa e Baptista (2014), proceder a uma investigação mais aprofundada e, conseqüentemente, com resultados mais completos. Embora o método misto seja mais complexo e moroso por exigir recurso a técnicas e métodos distintos, a razão desta escolha recai sobre o facto de se pretender compreender com maior profundidade a temática a estudar (Sousa & Baptista, 2014).

De acordo com o esquema elaborado por Quivy e Campenhoudt (1998), neste momento surge a etapa da observação, uma técnica de recolha de dados a partir da qual é essencial dar resposta a três perguntas, “observar o quê?”, “em quem?” e “como?”, com o propósito de se obter dados necessários para o desenvolvimento de um estudo de caso. Deste modo, a primeira questão refere-se ao que o investigador pretende tratar durante a sua investigação, tendo, por essa razão, de definir previamente as hipóteses e os indicadores que o vão auxiliar durante a mesma. No caso específico da presente dissertação, para o tema que se procura explorar e analisar (as experiências

de agroturismo e o seu impacto socioeconómico no Alentejo), foi preciso criar um modelo de análise com as componentes necessárias para o correto desenvolvimento desta investigação.

A segunda pergunta prende-se com o campo de análise do investigador, isto é, o quê ou quem este pretende estudar. Assim sendo, no presente trabalho, o universo a estudar é o conjunto de todas as herdades e quintas de agroturismo do Alentejo. Contudo, devido à sua imensidão, considerou-se somente uma amostra, já que, por falta de tempo e de recursos, seria impossível recolher e analisar todos os dados referentes a cada caso do universo. Por um lado, tentou-se que a amostra fosse diversificada para que possibilitasse comparações entre as propriedades de agroturismo selecionadas, por outro, que os seus elementos apresentassem algumas características comuns que se encontrariam ao analisar todos os casos do universo (Hill & Hill, 2016; Quivy & Campenhoudt, 1998; Vilelas, 2020).

Para a investigação em causa, de acordo com o universo de 133 herdades e quintas de agroturismo alentejanas¹⁰, elegeram-se 15 propriedades, tendo em conta dois critérios: (1) diversidade e tipo de experiências que oferecem aos hóspedes, de acordo com o apresentado nos *websites* das herdades e quintas; e (2) centralidade, ou seja, distância física face às duas principais cidades alentejanas, Évora e Beja. Inicialmente, pensou-se em selecionar 16 propriedades de acordo com as experiências agroturísticas oferecidas, dividindo-as em quatro categorias baseadas no enquadramento teórico explanado anteriormente, a saber “Agroturismo com exploração animal”, “Agroturismo sem exploração animal”, “Agroturismo dedicado ao enoturismo” e “Agroturismo dedicado ao olivoturismo”. No entanto, rapidamente se percebeu que esta divisão não seria tão linear, uma vez que a grande maioria das herdades e quintas do Alentejo não se dedica, por exemplo, exclusivamente ao olivoturismo, sendo difícil de as incluir na categoria correspondente. Como tal, delineararam-se quatro novas tipologias, possibilitando um enquadramento mais adequado das diferentes quintas e herdades estudadas.

Desta forma, como demonstrado na Figura 13, selecionaram-se 15 propriedades, tendo-as distribuído pelas seguintes categorias “Agroturismo com exploração animal e atividades”, “Agroturismo com exploração animal e sem atividades”, “Agroturismo sem exploração animal e com atividades” e “Agroturismo sem exploração animal nem atividades”. Na primeira tipologia efetuaram-se sete entrevistas, na segunda uma, na terceira seis e na última uma. Observa-se uma discrepância no número de entrevistas de cada categoria, uma vez que não foi viável conseguir entrevistar proprietários e/ou responsáveis de herdade e quintas de modo a igualar este número.

¹⁰ Número retirado a partir da pesquisa efetuada no *website* do Turismo de Portugal, referente ao Registo Nacional de Turismo (https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/Pesquisa_ET.aspx?FiltroVisivel=True). A partir deste *website* selecionaram-se dois critérios de pesquisa, a saber “Alentejo”, no campo da NUT II, e “Agro-turismo”, nos outros critérios, campo da tipologia, obtendo-se um total de 133 registos.

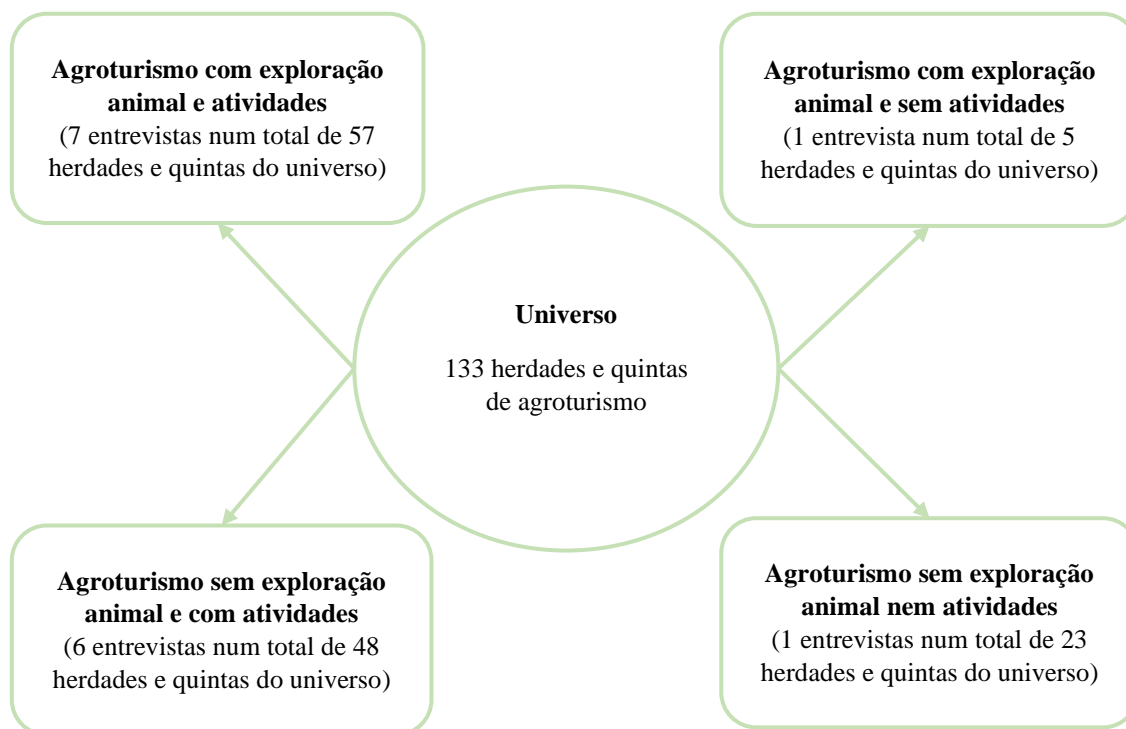


Figura 13 – Universo e amostra estudada das herdades e quintas de agroturismo

Fonte: Elaboração própria

Por último, a terceira questão relaciona-se com os instrumentos de observação direta e indireta que o investigador seleciona a fim de recolher as informações que serão imprescindíveis para o seu estudo. Na presente investigação, a discente recorreu aos dois tipos de observação mencionados, sendo que, no âmbito da direta, dirigiu-se a cada uma das herdades e quintas pertencentes à amostra para conhecê-las, captar fotografias e entrevistar os seus proprietários e/ou responsáveis, recorrendo para este propósito a um guião previamente estruturado que será apresentado no subcapítulo 4.3. Acredita-se que estas entrevistas estruturadas são as mais adequadas, visto serem mais curtas e objetivas (Sousa & Baptista, 2014), podendo ser feitas a vários indivíduos.

No contexto da estratégia metodológica mista utilizada neste estudo de caso, no campo do método de investigação quantitativa, observação indireta, recolheram-se dados estatísticos acerca da população portuguesa, da economia rural e do agroturismo, utilizando para esse efeito o INE e a PORDATA por serem bases de dados nacionais com informação precisa e completa. No campo do método de investigação qualitativa, recorreu-se aos *websites* das herdades e quintas pertencentes à amostra. De salientar que as observações direta e indireta se encontram abrangidas por este campo de investigação qualitativa.

No respeitante à revisão bibliográfica, inserida na observação indireta, salienta-se que, para a investigação quantitativa, adquiriram-se, através do INE e da PORDATA, dados estatísticos relativos às migrações, à população, à economia e ao turismo. Foi igualmente necessária a pesquisa e leitura de informação presente em variadas fontes bibliográficas, particularmente de livros e artigos científicos.

Em suma, com os métodos e técnicas utilizados obteve-se uma panóplia de dados, sendo eles primários, conseguidos a partir das visitas às propriedades e das entrevistas, e secundários, adquiridos através da pesquisa e leitura de informações existentes em livros, artigos científicos e *websites*, tendo sido recolhidos e trabalhados previamente por outros investigadores.

3.3. Métodos e técnicas de análise de dados

No que diz respeito aos métodos e às técnicas de análise de dados empíricos, Quivy e Campenhoudt (1998) e Sousa e Baptista (2014) revelam que existe um procedimento a seguir, tendo início na preparação dos dados para análise e término na comparação entre os resultados esperados e os obtidos, interpretando as diferenças constatadas, a partir das hipóteses formuladas. Os métodos e as técnicas de recolha e de análise de dados devem ser complementares e estar em conformidade com os objetivos e as hipóteses do estudo. Esta etapa, denominada análise das informações por Quivy e Campenhoudt (1998), permite ainda ao investigador rever e reformular as suas hipóteses caso haja necessidade.

Deste modo, os dados quantitativos foram organizados em tabelas e transformados em gráficos que facilitaram a sua interpretação e análise estatística. Para os dados qualitativos realizou-se uma análise de conteúdo dos *websites* das herdades e quintas agroturísticas pertencentes à amostra selecionada, sistematizando, descrevendo e interpretando em tabelas de análise de conteúdo as informações mais relevantes. Para as entrevistas procedeu-se igualmente à análise de conteúdo, organizando e descrevendo as informações pelas quatro categorias previamente estabelecidas.

Os métodos e técnicas de análise de dados permitiram obter diversas conclusões acerca da temática em estudo e verificar a veracidade das hipóteses anteriormente levantadas.

4. Estudo de caso – agroturismo na região alentejana

4.1. A Região do Alentejo

4.1.1. Caracterização geográfica

O Alentejo corresponde a uma das sete regiões da NUT II (Nomenclatura das Unidades Territoriais) que divide territorialmente Portugal para fins estatísticos. Quanto à NUT III, o território alentejano subdivide-se em cinco sub-regiões, a saber: Alto Alentejo, Alentejo Central, Alentejo Litoral, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo (Figura 14). O Alentejo é a região mais extensa do país (Mattoso, Daveau & Belo, 2017; Ribeiro, 1929), ocupando um terço de Portugal Continental (Barbosa, 2008; Borralho, 1994; Pena & Cabral, 1992), correspondente a 31 605 km² (CCDR Alentejo, 2014; INE, 2020a). Os concelhos que integram o território estão distribuídos, maioritariamente, pelos distritos de Évora e Beja, existindo alguns localizados nos distritos de Portalegre e de Setúbal. Em termos limítrofes, a região está delimitada a norte pelo rio Tejo; a sul pelas serras de Monchique e do Caldeirão; a oeste pelo oceano Atlântico; e a este por Espanha (Barbosa, 2008).

Na ótica de Pena e Cabral (1992), a região alentejana pode ser ainda dividida em três sub-regiões naturais, sendo elas o litoral, bem conservado; o interior, de área mais extensa e de relevo menos acidentado; e o nordeste, mais frio e, contrariamente, de relevo mais acidentado.

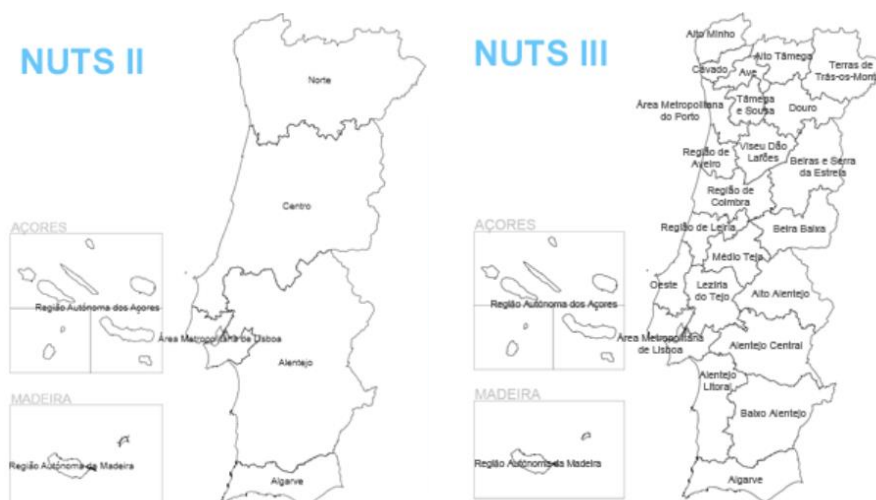


Figura 14 – Divisão territorial por NUT II e III

Fonte: PORDATA, s.d.

A região alentejana pertence, maioritariamente, à unidade geomorfológica do Maciço Antigo ou Hespérico (Figura 15), sendo composta por rochas duras, como xistos, granitos e mármore, estes últimos localizados na faixa Estremoz-Borba-Vila Viçosa. Ao longo dos anos, este Maciço sofreu

erosões que originaram uma vasta peneplanície¹¹, característica morfológica do Alentejo (Biot, 2004; Nogueira & Ferro, 1993; Pena & Cabral, 1992), particularmente do Baixo Alentejo (Mattoso, Daveau & Belo, 2017). Porém, o Alto Alentejo é a região com uma orografia mais acidentada, destacando-se três áreas de relevo mais significativo, a Serra de São Mamede, com 1027 metros de altitude, aproximadamente; a Serra de Marvão, com cerca 865 metros; e a Serra de Ossa, com, sensivelmente, 650 metros de altitude (Feio & Martins, 1993; Pena & Cabral, 1992).

De salientar que a região litoral do território em estudo pertence à unidade geomorfológica da Bacia Sedimentar do Tejo e do Sado, havendo, por isso, uma predominância de areias e arenitos nesta área. Esta região apresenta uma baixa altitude, sendo caracterizada por planícies.

O Alentejo apresenta um clima temperado mediterrânico de influência mediterrânica, denotando-se diferenças entre o litoral, com menores amplitudes térmicas anuais, entre 10°C e 12°C, e o interior alentejano, com maiores amplitudes térmicas anuais, entre 14°C a 18°C. Estas assimetrias térmicas devem-se à proximidade ou ao afastamento do oceano, uma vez que este tem um efeito amenizador, como se comprova na Figura 16.

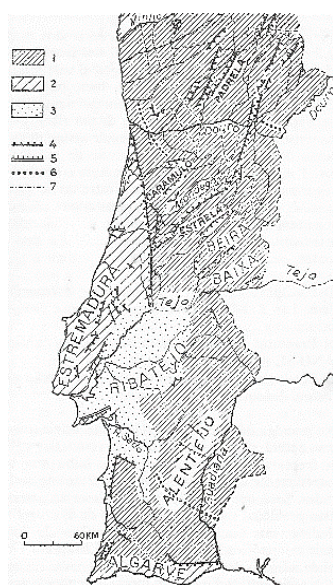


Figura 15 – Unidades geomorfológicas de Portugal Continental

Fonte: Biot, 2004, p. 15

Legenda:
 1 – Maciço Antigo ou Hespérico
 2 – Orla sedimentar ocidental e meridional
 3 – Bacia sedimentar do Tejo e do Sado

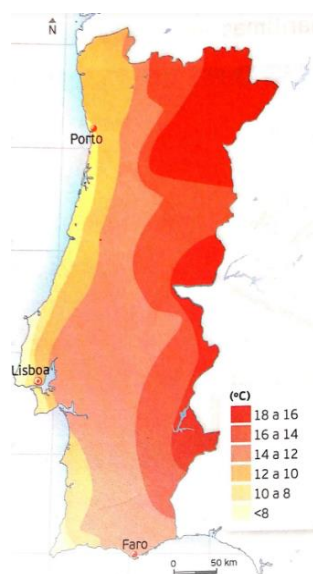


Figura 16 – Amplitude térmica anual de Portugal Continental

Fonte: Lobato & Oliveira, 2017, p. 201

¹¹ Superfície de erosão ondulada caracterizada pela baixa altitude e pelos designados montes alentejanos que outrora tinham como função acolher população que aí se fixava durante as épocas de maior labor agrícola (Mattoso, Daveau & Belo, 2017). As áreas de peneplanície encontram-se abaixo dos 400 metros de altitude (Pena & Cabral, 1992).

Relativamente às temperaturas médias mensais (Figura 17), em 2021, verificou-se que no inverno, representado pelo mês de janeiro, o litoral alentejano apresentou uma temperatura média de 14°C, enquanto no interior registou-se uma temperatura média de 12°C. No verão, representado pelo mês de agosto, o litoral alentejano apresentou uma temperatura média entre 24°C e 28°C, contrastando com a do interior que registou 34°C.

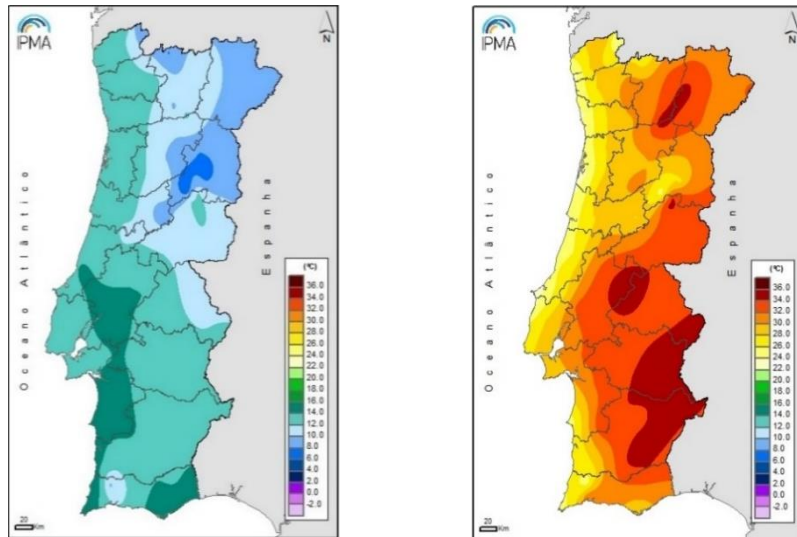


Figura 17 – Temperatura média mensal de Portugal Continental (janeiro de 2021) (à esq.) e Temperatura média mensal de Portugal Continental (agosto de 2021) (à direita)

Fonte: IPMA, 2022

De notar igualmente que, em relação à queda de precipitação, o Alentejo apresenta valores superiores no litoral comparativamente ao interior, registando-se os valores inferiores no Baixo Alentejo interior, com precipitação menor do que 600 mm, como revela a Figura 18. Contudo, verifica-se que nas áreas de orografia mais acidentada, a precipitação é maior devido à elevada altitude.

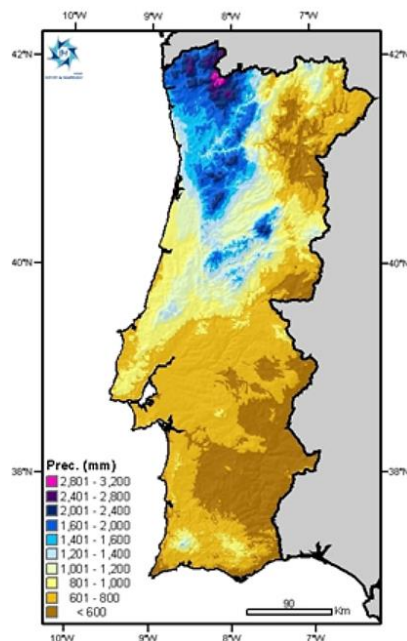


Figura 18 – Precipitação acumulada anual

Fonte: IPMA, s.d.

No que concerne à hidrografia, destacam-se somente dois cursos de água principais, os rios Sado e Guadiana. Quanto ao primeiro, este é um rio português que nasce na Serra da Vigia, em Ourique, e desagua no oceano Atlântico, próximo de Setúbal, tendo uma extensão de, aproximadamente, 176 quilómetros (INE, 2020a). Apresenta uma particularidade por ser o único rio português cujo percurso apresenta uma orientação sul-norte. Em relação ao segundo, este é um rio luso-espanhol que nasce nas *Lagunas de Ruidera*, em Espanha, e desagua no oceano Atlântico, próximo de Vila Real de Santo António, tendo uma extensão de, sensivelmente, 720 quilómetros (idem). Em Portugal, este apresenta uma orientação de norte-sul. Ambos os rios apresentam regime e caudal irregulares dada à escassez de precipitação registada ao longo do ano no Alentejo.

Deste modo, esta região é a que apresenta maior secura em Portugal Continental, dando origem a um tipo de vegetação bastante característico do clima temperado mediterrânico de influência mediterrânica, sendo formado essencialmente por sobreiros, no litoral, e azinheiras, no interior (Figura 19) (Mattoso, Daveau & Belo, 2017). Estas árvores, juntamente com os pinheiros-mansos, originam a paisagem do montado alentejano¹² (Biro, 2004; Pena & Cabral, 1992; Ribeiro, 1929). Em conjunto com estas espécies vegetais e seguindo técnicas modernas de agricultura, plantam-se também oliveiras e vinhas.

¹² Terrenos com predominância de azinheiras ou de sobreiros, onde coexistem igualmente áreas de cultivo e de pasto para suínos negros do Alentejo (Biro, 2004; Pena & Cabral, 1992).

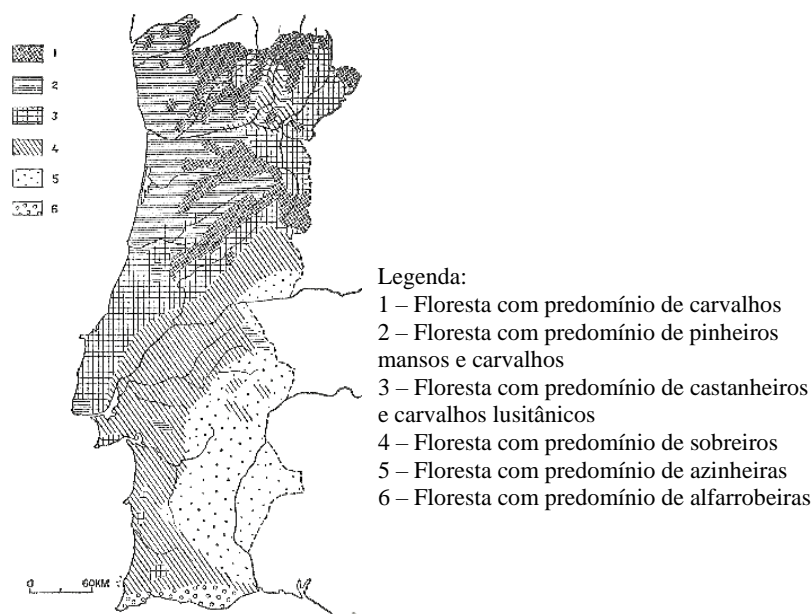


Figura 19 – Vegetação de Portugal Continental

Fonte: Adaptado de Birot, 2004, p. 33

Segundo Pena e Cabral (1992), a economia rural alentejana assentava na exploração da cortiça extraída do sobreiro; das culturas de sequeiro, com a exportação de trigo; da produção da azeitona e do azeite; e da criação de gado ovino e caprino. Atualmente, a cortiça continua a deter um enorme impacto na economia da região, pois o Alentejo concentra 84% da área do montado de sobreiro em território nacional (APCOR, 2020), fornecendo esta matéria-prima que, posteriormente, é transformada em diferentes produtos. De notar que o sobreiro tem uma forte presença na floresta nacional, pois é constituída por mais de 20% desta espécie florestal, atribuindo a Portugal o título de um dos principais produtores de cortiça a nível mundial (APCOR, 2020; Pereira & Santos, 2019). Este setor fomenta a economia nacional, e em particular a da região alentejana, uma vez que a cortiça e os produtos à base desta matéria-prima são exportados anualmente, tendo-se adquirido, entre 2017 e 2020, um total de 3 868 940,0 euros, tal como retrata a Tabela 4. A partir da análise desta tabela, constata-se igualmente que o valor total adquirido com as exportações da cortiça natural e dos produtos derivados aumentou entre 2017 e 2019. Contudo, em 2020, verificou-se uma diminuição deste valor, devido, eventualmente, à pandemia gerada pelo vírus da COVID-19.

Tabela 4 – Exportações de cortiça e de produtos à base de cortiça, em milhares de euros

Anos \ Produtos	Cortiça natural	Produtos à base de cortiça	Total
2017	15 212,7 €	926 477,6 €	941 690,3 €
2018	19 699,2 €	967 319,8 €	987 019,0 €
2019	18 302,3 €	969 335,0 €	987 637,3 €
2020	12 753,4 €	939 840,0 €	952 593,4 €
			3 868 940,0 €

Fonte: Elaboração própria a partir de PORDATA, 2021

Para além da cortiça, a produção de azeite continua também a possuir elevada importância para a economia alentejana, sendo que, a nível mundial, Portugal ocupa o sétimo lugar como produtor de azeite e o quarto lugar como país exportador. O Alentejo é a região portuguesa onde se produz mais de 70% do azeite nacional, tendo sido alvo de investimentos com a plantação de 50 mil novos hectares de olival (Azeite do Alentejo, s.d.). Acrescenta-se que os Azeites do Norte Alentejano, o Azeite de Moura e o Azeite do Alentejo Interior detêm a classificação DOP, isto é, Denominação de Origem Protegida (Barbosa, 2008).

A partir da Tabela 5 confirma-se que a região alentejana é aquela onde se produz anualmente uma grande quantidade de azeite, ultrapassando, em larga escala, as outras regiões portuguesas. Denota-se um acréscimo nos valores apresentados, de 1 089 978 hl para 1 878 895 hl, entre 2017 e 2021, embora se tenham registado duas quebras, em 2018 e em 2020. Porém, em 2021, registou-se a maior produção comparativamente aos restantes anos em análise.

Tabela 5 – Produção de azeite, em hectolitros (hl), por NUT II

Anos \ NUT II	Azeite (hl)				
	2017	2018	2019	2020	2021
Norte	176 145	167 111	118 970	179 216	206 597
Centro	189 166	105 293	150 633	75 352	191 533
Área Metropolitana de Lisboa	334	291	219	202	548
Alentejo	1 089 978	819 695	1 264 926	814 393	1 878 895
Algarve	14 729	2 043	5 882	1 457	11 977
Região Autónoma dos Açores	-	-	-	-	-
Região Autónoma da Madeira	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de PORDATA, 2022c

A par dos setores da cortiça e do azeite, o vitivinícola assume um papel relevante para o fomento da economia alentejana, visto que, tal como se apresenta na Tabela 6, a produção de vinhos nesta região registou, entre 2017 e 2021, um aumento significativo, tendo passando de 1 613 426 hl para 2 013 020 hl. Contudo, verificou-se uma ligeira diminuição da produção de 2018 para 2019.

A nível nacional, apesar de na região norte se produzir a maior quantidade de vinho, entre 2018 e 2021, o Alentejo ocupou a segunda posição como produtor vitivinícola.

De notar que os vinhos produzidos nas sub-regiões Portalegre, Borba, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vidigueira, Évora, Granja-Amareleja e Moura possuem a designação DOP (IVV, 2018).

Tabela 6 – Produção de vinho, em hectolitros (hl), por NUT II

NUT II	Anos	Vinho (hl)				
		2017	2018	2019	2020	2021 ¹³
Norte		2 533 458	2 083 498	2 665 638	2 226 719	2 652 266
Centro		1 882 215	1 573 130	1 584 854	1 716 954	1 964 297
Área Metropolitana de Lisboa		644 088	601 615	588 008	600 947	668.947
Alentejo		1 613 426	1 737 793	1 622 332	1 814 755	2 013 020
Algarve		15 777	17 042	13 926	13 043	15 939
Região Autónoma dos Açores		5 034	13 285	13 246	8 348	6 458
Região Autónoma da Madeira		42 773	34 880	38 559	37 264	37 612

Fonte: Elaboração própria a partir de PORDATA, 2022d

Relativamente à demografia, a partir da Tabela 7, constata-se que a região alentejana tem sofrido um decréscimo populacional ao longo dos anos, sendo que se registou, entre 2001 e 2021, uma diminuição de 73 810 residentes. No âmbito nacional, com exceção das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, verificou-se que, em 2021, o Alentejo era o segundo território do continente com um menor número de residentes.

Tabela 7 – População residente em Portugal, em 2001 e em 2021, por NUT II

NUT II	Anos	Indivíduos	
		2001	2021 ¹⁴
Portugal		10 362 723	10 325 149
Norte		3 688 037	3 577 128
Centro		2 348 162	2 232 542
Área Metropolitana de Lisboa		2 665 212	2 869 330
Alentejo		776 225	702 415
Algarve		397 040	451 836
Região Autónoma dos Açores		241 966	239 345
Região Autónoma da Madeira		246 081	252 553

Fonte: Elaboração própria a partir de PORDATA, 2022e

¹³ Os valores de 2021, referentes à produção de vinho em hectolitros, são provisórios.

¹⁴ Os valores de 2021, referentes à população residente em Portugal, são preliminares.

Para além do decréscimo acentuado de população residente no território em estudo, a partir da Figura 20, constata-se que, em 2016, ano representado pelas barras delineadas a cinzento, a base da pirâmide etária do Alentejo era mais estreita do que o seu topo, significando que a população jovem alentejana era reduzida, devido à baixa taxa de natalidade. Contrariamente, a população idosa apresentava-se em maior número, dado ao aumento da esperança média de vida (INE, 2017a). Esta situação de duplo envelhecimento, representada pelo estreitamento da base e o alargamento do topo da pirâmide etária, acentuar-se-á no decorrer dos anos (CCDR Alentejo, 2014), sendo observável a partir da projeção de 2080, ano apresentado pelas barras delimitadas a cor-de-rosa. Esta previsão demonstra que o número de idosos ultrapassará significativamente o número de jovens e de adultos.

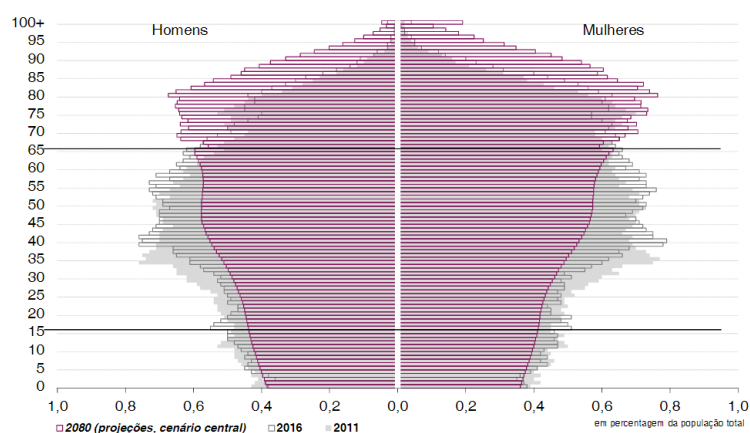


Figura 20 – Pirâmides etárias do Alentejo, referentes aos anos de 2011, 2016 e 2080

Fonte: INE, 2017a, p. 33

De forma a reforçar o fenómeno acima descrito, a Figura 21 retrata o índice de envelhecimento¹⁵, em Portugal, no ano de 2020. A partir da sua análise, conclui-se que o índice de envelhecimento nacional era de 167,0 idosos por cada 100 jovens e, em termos regionais, o Alentejo destacava-se por apresentar o índice de envelhecimento mais elevado, contando com 208,9 idosos por cada 100 jovens.

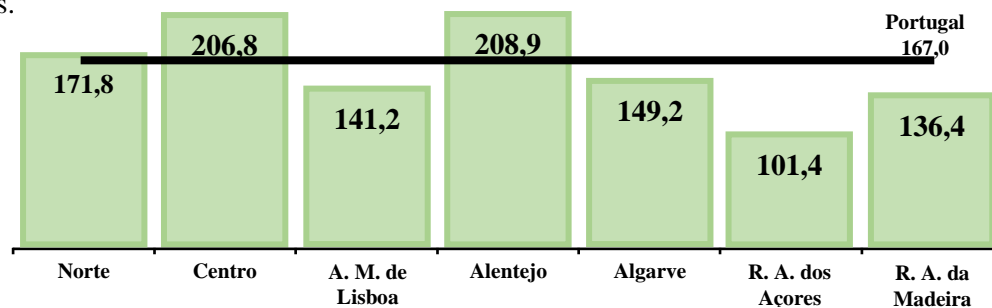


Figura 21 – Índice de envelhecimento (Nº), em 2020, por NUT II

Fonte: Elaboração própria a partir de INE, 2021b, p. 27

¹⁵ Índice de envelhecimento corresponde à “relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (...) pessoas dos 0 aos 14 anos)” (INE, 2021b, p. 155).

No que concerne ao índice de dependência de idosos¹⁶, averigua-se, a partir da Figura 22, que, em 2020, a nível nacional, o valor deste indicador encontrava-se nos 35,0. O Alentejo registou o valor de 41,4, sendo a região com o índice de dependência de idosos mais elevado, significando que existiam 41,4 idosos a depender de cada 100 pessoas em idade ativa.

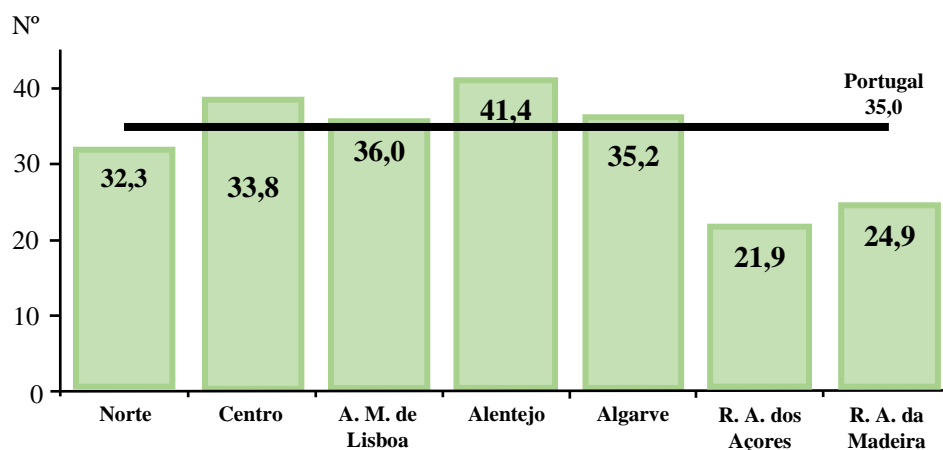


Figura 22 – Índice de dependência de idosos (Nº), em 2020, por NUT II

Fonte: Elaboração própria a partir de INE, 2021b, p. 26

A par de todos os problemas demográficos retratados, comprova-se, perante a Figura 23, que, regra geral, o litoral e o interior alentejanos apresentam uma fraca densidade populacional, traduzindo-se na desertificação humana. Esta desertificação, este decréscimo e envelhecimento populacional supracitados são fenómenos justificados por fatores físicos e humanos repulsivos que tornam o Alentejo menos propício à fixação de população jovem e adulta e que, consequentemente, conduzem ao êxodo rural e à emigração. Os fatores físicos prendem-se, por exemplo, com o clima mais rigoroso, a secura extrema e os solos pouco férteis que dificultam a prática agrícola (Ferrão, 2018). Os fatores humanos relacionam-se, por exemplo, com a diminuta oferta de emprego nos setores de atividade secundário e terciário (Carvalho & Ribeiro, 2009), a rede de transporte ferroviário deficitária, particularmente nas ligações entre as principais cidades da região, e a falta de dinamização económica.

¹⁶ Índice de dependência de idosos refere-se à “relação entre a população idosa e a população em idade ativa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos (expressa habitualmente por 100 (...) pessoas com 15-64 anos)” (INE, 2021b, p. 155).

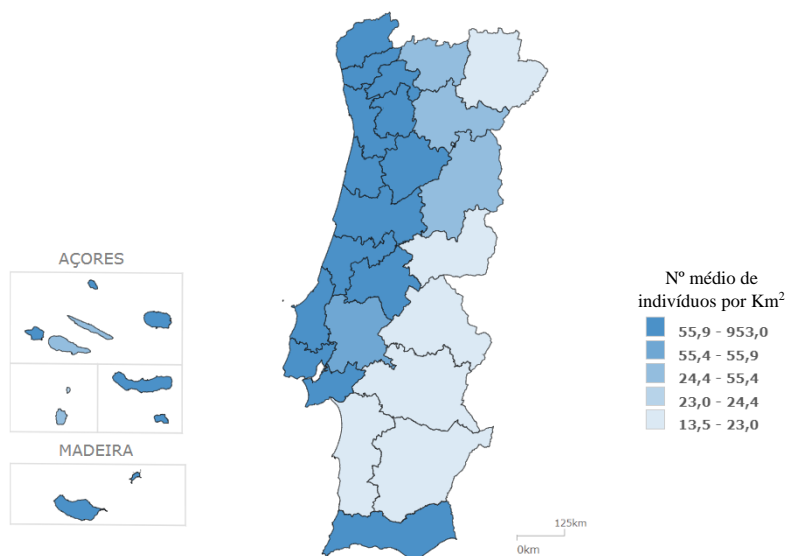


Figura 23 – Densidade populacional de Portugal, por NUT III, em 2021

Fonte: PORDATA, 2022f

Em suma, a região alentejana, com ocupação espacial pouco densa e povoamento maioritariamente concentrado nas cidades e vilas, apresenta uma rede urbana policêntrica, isto é, possuidora de vários polos de média e pequena dimensão com relações de interdependência e complementaridade reduzidas, no respeitante ao fornecimento de bens e serviços (Carvalho & Ribeiro, 2009). Apesar das fracas inter-relações entre esses polos, alguns territórios alentejanos detêm uma boa rede viária, sendo servidos por autoestradas e itinerários principais. No entanto, salienta-se que os territórios rurais mais recônditos são somente acessíveis a partir de estradas secundárias e municipais com circulação bastante limitada, devido ao mau estado em que se encontram (Barbosa, 2008; Carvalho & Ribeiro, 2009).

Em termos económicos, apesar de se considerar o Alentejo uma região deprimida, existem três setores de maior destaque, o da cortiça, o do azeite e o vitivinícola, que fomentam a economia deste território, tornando-o num dos mais prestigiados produtores a nível nacional e internacional. Porém, estes mesmos setores não são suficientes para ajudar a fixar a população jovem e adulta, uma vez que se observa uma enorme falha noutros serviços cruciais, como o da educação e o da saúde. Neste sentido, o Alentejo confronta-se com problemas de desertificação humana e envelhecimento populacional, visto que as migrações e as baixas taxas de natalidade conduziram à permanência maioritária de idosos nesta região. Por esta razão, tal como se averiguou anteriormente, o Alentejo é a NUT II com os maiores índices de envelhecimento e de dependência de idosos do país, denotando-se uma grave pressão nos serviços de saúde e ação social (CCDR Alentejo, 2014) e escassez de população ativa.

Apesar de não constituir a solução para colmatar todos os problemas socioeconómicos presentes no território em estudo, acredita-se que o setor do turismo e, mais especificamente, o TER e o agroturismo poderão ser uma alavanca para a mitigação dos mesmos.

4.1.2. A Evolução do Agroturismo

Em Portugal, a procura pelo agroturismo, enquanto modalidade turística inserida no TER, tem vindo a aumentar consideravelmente ao longo dos anos, tal como demonstrado pelo aumento do número de dormidas (Figura 9), assim como pelo número de estabelecimentos de agroturismo em atividade. A partir da Figura 24, constata-se que existiam 183 empreendimentos, em 2016, e, em 2021, 293 estabelecimentos, denotando-se um aumento de 110 novos empreendimentos ao longo destes cinco anos. No entanto, entre 2019 e 2020, observou-se uma ligeira diminuição no número de estabelecimentos existentes, tendo passado de 277 para 237, respetivamente. Deste modo, 40 empreendimentos de agroturismo cessaram atividade, em Portugal, possivelmente devido à situação pandémica que despoletou no país, em 2020. Salienta-se que, entre 2016 e 2021, o agroturismo foi a segunda modalidade do TER com maior oferta a nível nacional, sendo somente ultrapassada pela tipologia de casas de campo (INE, 2017b, 2018b, 2019, 2020b, 2021c, 2022a).

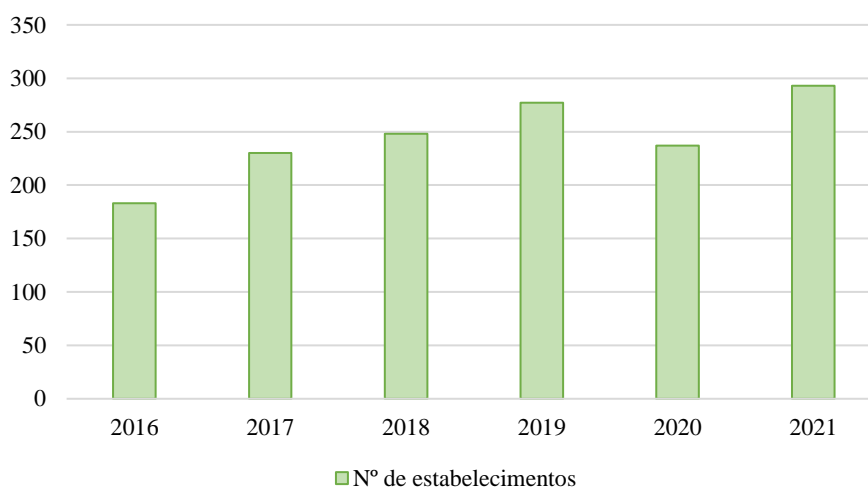


Figura 24 – Número de estabelecimentos de agroturismo em atividade

Fonte: Elaboração própria a partir de INE, 2017b, 2018b, 2019, 2020b, 2021c, 2022a

No que diz respeito ao Alentejo, também se verificou um crescimento significativo do número de dormidas nesta modalidade de TER, tendo passado de 55 mil dormidas, em 2016, para 98 mil dormidas, em 2021, registando-se um aumento de 43 mil dormidas em agroturismo ao longo destes cinco anos. Porém, à semelhança da situação observada a nível nacional, entre 2019 e 2020, constatou-se uma diminuição no número de dormidas que passou de 89 mil para 66 mil, respetivamente (Figura 25). Desta forma, houve uma diminuição de 23 mil dormidas entre os referidos anos, eventualmente devido à pandemia gerada pelo vírus COVID-19 que despoletou no país, em 2020.

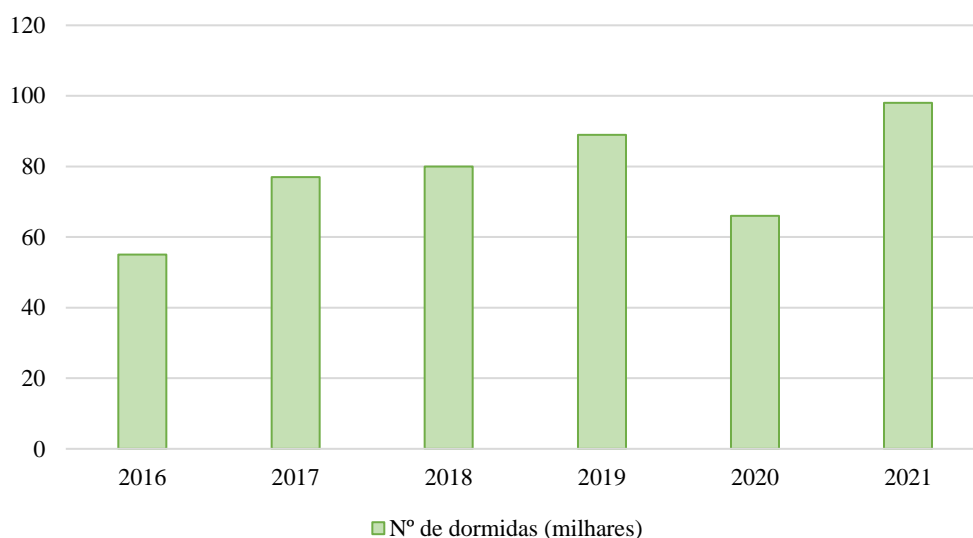


Figura 25 – Número de dormidas em empreendimentos de agroturismo, em milhares

Fonte: Elaboração própria a partir de INE, 2022b

4.2. Agroturismo no Alentejo

4.2.1. Apresentação de herdades e quintas e das suas atividades

Para a presente investigação visitaram-se 15 propriedades de agroturismo¹⁷, com o intuito de conhecê-las e de entrevistar os respetivos proprietários e/ou responsáveis. De acordo com as categorias de agroturismo previamente estabelecidas (Figura 13), encontram-se expostas, na Tabela 8 e na Tabela 9, breves apresentações referentes a cada herdade e quinta visitada, bem como uma listagem das principais atividades agroturísticas oferecidas aos seus hóspedes. Para esse efeito, recorreu-se às informações adquiridas nas entrevistas realizadas e presentes nos *websites* das propriedades.

¹⁷ Ver Apêndice I referente às fotografias das herdades e quintas de agroturismo estudadas.

Tabela 8 – Herdades e quintas de agroturismo alentejanas estudadas

Agroturismo com exploração animal e atividades	Propriedade	Apresentação	Atividades
	Quinta da Sagrada Família	Quinta do século XVII que outrora pertenceu à Ordem Dominicana. Localiza-se, aproximadamente, a 2 quilómetros (km) de Évora e detém, sensivelmente, 5 hectares (ha). Oferece cinco casas independentes, sendo quatro de tipologia T2 e uma de tipologia T3.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres guiados pela quinta; - Observação de animais (gado ovino, espécies ornamentais e exóticas).
	Páteo Lima	Propriedade com, aproximadamente, 3600 m ² , situada a menos de 15 km de Évora, na aldeia de Valverde, incluída na freguesia da Nossa Senhora da Tourega. Pertence à família Lima desde 1874. Possui três casas independentes, de tipologias T1, T2 e T3.	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e alimentação de animais (aves); - Colheita de frutos e vegetais da horta; - <i>Workshop</i> de cozinha alentejana; - Passeios de bicicleta.
	Herdade da Maridona	Localizada a 55 km de Évora, esta herdade com cerca de 54 ha pertence a Glória, freguesia de Estremoz. Dispõe de dois edifícios, onde estão distribuídos os sete apartamentos T1, T2 e T3.	<ul style="list-style-type: none"> - Observação de animais da quinta pedagógica; - Passeios a cavalo; - Passeios pedestres autónomos pela herdade; - Passeios de bicicleta; - Apanha da azeitona, da uva e da amêndoa.
	Quinta dos Ribeiros	Quinta do final do século XIX, localizada em Alpalhão, Nisa, a 124 km de Évora. Possui 60 ha e três edifícios, a Casa Mãe, com seis quartos; o Antigo Celeiro e o Anexo Principal, cada um com três quartos.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres autónomos pela quinta; - Observação de animais da quinta pedagógica; - Apanha da azeitona.
	Casa do Guizo	Propriedade com 800 ha, inserida no Parque Natural do Vale do Guadiana, em Mértola, a cerca de 65 km de Beja. Disponibiliza um edifício único dotado de seis quartos, no piso superior, e de um apartamento, no rés-do-chão, adequado para hospedar pessoas com mobilidade reduzida.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres autónomos pela propriedade; - Observação de trabalhos agrícolas; - Observação de animais (gado ovino e bovino).
	Refúgio das Origens	Propriedade localizada em Ermidas do Sado, em Santiago do Cacém. Dista 55 km de Beja. Possui 20 ha e um edifício único, composto por seis quartos e dois estúdios.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Workshop</i> de agricultura; - Apanha da azeitona; - Piqueniques.
	Agroturismo Xistos	Inserido na Herdade Monte da Ponte, este agroturismo localiza-se em Trindade, a, aproximadamente, 20 km de Beja. Oferece estada num edifício único, composto por cinco quartos e um estúdio. Distingue-se pela sua natureza imensurável, pautada por um bosque mediterrânico e por árvores com 700 anos.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres autónomos e/ou guiados pela propriedade; - Apicultura; - Caça ao tesouro; - Observação e tratamento de animais (gado ovino e bovino); - Jogos infantis.

(continua)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 9 – Herdades e quintas de agroturismo alentejanas estudadas

(continuação)

	Propriedade	Apresentação	Atividades
Agroturismo sem exploração animal e com atividades	Quinta da Espada	Propriedade de 1822, situada a, sensivelmente, 4 km de Évora. Possui 12 ha. Dispõe de três quartos e três apartamentos, um T1 e dois T2, distribuídos pelos dois edifícios.	<ul style="list-style-type: none"> - Observação da tiragem de cortiça; - Apanha da azeitona; - Passeios pedestres autónomos e/ou pela quinta; - Passeios a cavalo; - Prova de vinhos.
	Monte da Serralheira	A 6 km de Évora encontra-se esta propriedade com uma dimensão de 130 ha. É composta por um edifício com cinco apartamentos de tipologia T1 e T2.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres autónomos pela propriedade; - Piqueniques; - Passeios de bicicleta; - <i>Workshop</i> de agricultura; - Passeios a cavalo.
	Herdade do Vau	Herdade localizada em Quintos, a cerca de 20 km de Beja. Detém 252 ha e disponibiliza três edifícios para alojamento, o edifício principal com seis quartos; outro com um quarto; e a casa do lagar com dois quartos e três apartamentos.	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas à vinha; - Prova de vinhos; - Percursos pedestres autónomos pela propriedade.
	Horta de Torrejais	Propriedade com 11 ha, situada em Moura, a menos de 55 km de Beja. Possui um edifício com cinco quartos. Distingue-se devido ao olival centenário composto por árvores com 600/700 anos.	<ul style="list-style-type: none"> - Passeios pedestres guiados e/ou autónomos pela propriedade; - Observação de fauna.
	Monte do Pantaleão	Monte com, sensivelmente, 10 ha, localizado em Baleizão, a 13 km de Beja. Dispõe de um único edifício com três apartamentos, um deles T1 e os restantes T2.	<ul style="list-style-type: none"> - Assistir aos ensaios de Cante Alentejano do Grupo Coral de Baleizão; - Demonstração de trabalho em buinho.
	Casas do Rio Sado	Herdade com 270 ha, situada em Azinheira de Barros, Grândola, a 47 km de Beja. Possui uma forte componente agrícola, destacando-se a rizicultura. Detém vários edifícios para alojar os hóspedes que podem optar por uma das quinze suítes disponíveis.	<ul style="list-style-type: none"> - Percursos pedestres autónomos pela propriedade; - Passeios de bicicleta; - Observação dos campos de arroz; - Observação da tiragem de cortiça.
Agroturismo com exploração animal e sem atividades	Vale de Gatos	Pequena propriedade de 2 ha, localizada em Viana do Alentejo, a 30 km de Évora. Para hospedar turistas oferece quatro quartos distribuídos por um único edifício.	-
Agroturismo sem exploração animal nem atividades	Passo do Lobo	Propriedade com, sensivelmente, 5 ha que se situa em Moura, a 55 km de Beja. Detém um único edifício com oito quartos duplos.	-

Fonte: Elaboração própria

4.3. Guião das entrevistas estruturadas

As entrevistas, enquanto método de recolha de dados empíricos, são relevantes para o desenvolvimento de um trabalho de investigação, visto permitirem ao investigador contactar diretamente com os *stakeholders* e inteirar-se das suas opiniões e visões acerca de um determinado assunto que, de outra forma, não se conseguiriam obter (Vilelas, 2020).

A realização de entrevistas foi essencial para o desenvolvimento da presente dissertação, na medida em que, para além da recolha de informação pertinente e significativa, viabilizou testar a veracidade das hipóteses anteriormente apresentadas e, assim, comparar os resultados esperados com os obtidos. Neste contexto, optou-se por efetuar entrevistas *in loco* com os proprietários e/ou responsáveis das herdades e quintas selecionadas. Todavia, uma das entrevistas, foi realizada via *zoom*, pois não foi possível agendar um dia em que a proprietária estivesse disponível na sua propriedade para receber a discente.

Deste modo, as entrevistas realizadas denominam-se entrevistas estruturadas, uma vez que assentam num guião previamente construído, composto por um conjunto de perguntas organizadas segundo uma ordem específica que foi respeitada (Sousa & Baptista, 2014). Porém, durante as entrevistas surgiram momentos em que os entrevistados expressaram as suas perspetivas, sem serem interrompidos para se retomar o seguimento previsto das questões. De salientar que, antes de entrevistar um proprietário e/ou responsável de um empreendimento de agroturismo, a discente questionou sobre a possibilidade de gravar a conversa para estar focada naquele momento e, posteriormente, poder ouvir novamente a entrevista, procedendo à respetiva transcrição. Na sua grande maioria, as entrevistas ocorreram nos meses de julho e agosto, excetuando-se a última que se efetuou em setembro. Contudo, o primeiro contacto com os proprietários e/ou responsáveis das herdades e quintas sucedeu entre os meses de abril e junho para dar a conhecer a temática desta dissertação e, posteriormente, agendar as entrevistas.

O guião da entrevista¹⁸ encontra-se dividido em três partes distintas, sendo composto por tópicos relacionados com a entrevista e por questões referentes ao entrevistado, ao seu empreendimento de agroturismo e às atividades dinamizadas. Acredita-se que todas as questões elaboradas são pertinentes por permitirem atingir os objetivos estipulados e testar as hipóteses formuladas¹⁹, conduzindo a uma melhor compreensão da temática em estudo. No que diz respeito à primeira parte do guião, denominada “Informações acerca da entrevista”, esta é composta por cinco tópicos que viabilizam identificar o empreendimento de agroturismo em estudo e a sua classificação, de

¹⁸ Ver Apêndice II.

¹⁹ Para observar a correlação entre as questões do guião, os objetivos e as hipóteses ver Apêndice III.

acordo com o estipulado por Phillip, Hunter e Blackstock (2010), bem como o local onde decorreu a entrevista, a data e a sua duração.

Relativamente à segunda parte, intitulada “Perfil do entrevistado”, esta é constituída por nove questões, a partir das quais se pretendeu dar a conhecer o entrevistado (idade, formação e local de residência, desde que ano se encontra no empreendimento, qual o cargo que ocupa e desde quando e se, alguma vez, desempenhou as mesmas funções num negócio equivalente). Por último, a terceira parte, designada “Desenvolvimento da entrevista”, possui trinta e quatro questões alusivas à atividade agrícola praticada no empreendimento, ao negócio turístico e às experiências de agroturismo proporcionadas aos hóspedes. De mencionar que existem igualmente duas questões em que se apela à opinião do entrevistado, com o intuito de conhecer a sua perceção no respeitante aos contributos socioeconómicos do agroturismo e à possibilidade desta modalidade de TER desenvolver e revitalizar a região alentejana.

A discente também realizou um guião para entrevistar os dinamizadores das atividades agroturísticas desenvolvidas nas herdades e quintas de agroturismo, caso pertencessem à comunidade local. Desta forma, pretendia-se perceber se, ao dinamizar uma determinada atividade de um agroturismo, esse trabalhador conseguia dar a conhecer o seu negócio local e fomentar as suas vendas. No entanto, não surgiu a oportunidade de concretizar estas entrevistas, pois as atividades agroturísticas estudadas ocorrem com o proprietário e/ou responsável da herdade ou quinta, de forma autónoma ou em parceria com entidades exteriores.

4.4. Análise dos resultados obtidos

Neste subcapítulo relativo à análise das informações conseguidas ao longo das entrevistas realizadas²⁰, optou-se por dividi-lo de acordo com as categorias previamente estabelecidas, permitindo a interpretação e a comparação dos resultados obtidos²¹. Para este efeito, criou-se uma tabela (Tabela 10), com o propósito de identificar os entrevistados e as respetivas herdades e quintas. É ainda de referir que, independentemente das categorias mencionadas, retiraram-se conclusões comuns a qualquer entrevista que são tecidas na parte final deste subcapítulo.

²⁰ Ver Apêndice IV onde constam as transcrições das entrevistas.

²¹ Ver Apêndice V onde estão resumidos os resultados obtidos nas entrevistas.

Tabela 10 – Identificação dos entrevistados e das respetivas herdades/quintas

Categorias	Nome dos entrevistados (E)	Herdades/quintas
Agroturismo com exploração animal e atividades	Sr. Eduardo Lucas (E ₁)	Quinta da Sagrada Família
	Sra. Benedita Lima (E ₂)	Páteo Lima
	Sra. Elisabete Simões (E ₃)	Herdade da Maridona
	Sr. Pedro Moraes (E ₄)	Quinta dos Ribeiros
	Sra. Ana Rita Barbosa (E ₅)	Casa do Guizo
	Sra. Rosa Azevedo (E ₆)	Refúgio das Origens
	Sra. Paula Mira (E ₇) – entrevista por <i>zoom</i>	Agroturismo Xistos
Agroturismo sem exploração animal e com atividades	Sra. Isabel Cabral (E ₈)	Quinta da Espada
	Sra. Lucia Feltz (E ₉)	Monte da Serralheira
	Sr. Luís Fialho (E ₁₀)	Herdade do Vau
	Sr. Luís Ferreira (E ₁₁)	Horta de Torrejais
	Sr. José Carvalho (E ₁₂)	Monte do Pantaleão
	Sra. Efigénia Cachadinha (E ₁₃)	Casas do Rio Sado
Agroturismo com exploração animal e sem atividades	Sra. Isabel Cartaxo (E ₁₄)	Vale de Gatos
Agroturismo sem exploração animal nem atividades	Sr. João Lobo (E ₁₅)	Passo do Lobo

Fonte: Elaboração própria

a) Agroturismo com exploração animal e atividades

Neste primeiro grupo de entrevistas, correspondente à categoria “Agroturismo com exploração animal e atividades”, constatou-se que das sete herdades/quintas seis inserem-se em mais do que uma **tipologia de agroturismo**, sendo que apenas uma (E₆ – Refúgio das Origens) detém uma única tipologia, denominada *Working farm, direct contact, authentic agritourism*. A maioria das herdades/quintas, seis em sete, enquadra-se na tipologia mencionada por promoverem a oportunidade ao turista de contactar diretamente com a prática agrícola desenvolvida nos empreendimentos, através da sua participação em diferentes atividades. A única propriedade excluída desta tipologia é a Casa do Guizo (E₅). No entanto, a tipologia *Working farm, indirect contact agritourism* apresenta igualmente um número elevado de herdades/quintas, cinco em sete, excluindo-se somente o Refúgio das Origens (E₆) e o Agroturismo Xistos (E₇). Por último, fazem parte da categoria *Working farm, passive contact agritourism* quatro de sete herdades/quintas (E₃ – Herdade da Maridona, E₄ – Quinta dos Ribeiros, E₅ e E₇), pois oferecem atividades que não exigem um contacto direto e necessário com a agricultura praticada no local.

Relativamente aos **entrevistados**, averiguou-se que seis em sete são os proprietários da herdade/quinta que fazem a sua exploração, desempenhando funções inerentes ao cargo de gerência, e apenas um em sete não é o proprietário (E₄ – Senhor Pedro Moraes). Para além desse aspeto, a maioria dos entrevistados são do género feminino, cinco em sete, havendo dois do género masculino (E₁ – Senhor Eduardo Lucas e E₄). Verificou-se também que deste grupo de

entrevistados só dois em sete (E₃ – Senhora Elisabete Simões e E₄) têm idade inferior ou igual a quarenta anos, demonstrando que, neste grupo, o agroturismo encontra-se maioritariamente a cargo de pessoas mais velhas. De salientar que dois em sete entrevistados (E₄ e E₅ – Senhora Ana Rita Barbosa) têm formação na área do turismo, sendo a maioria proveniente de variadas áreas como a de Engenharia Zootécnica (E₁), a de Psicologia (E₂ – Senhora Benedita Lima), a de Saúde (E₆ – Senhora Rosa Azevedo) e a de Arquitetura (E₇ – Senhora Paula Mira). Ainda assim, alguns dos entrevistados (E₃, E₆ e E₇) tiraram pós-graduações, formações e cursos relacionados com o turismo.

Todos os entrevistados encontram-se **há algum tempo na herdade/quinta**, sendo que em certos casos o empreendimento foi herança familiar e, por isso, os entrevistados têm contacto com aquele local desde que nasceram (E₂ e E₅) ou já há muitos anos (E₆ e E₇). Noutro caso, um entrevistado (E₁) adquiriu a propriedade inicialmente para habitação, em 1986. Por último, um entrevistado referiu que aceitou gerir o negócio desde 2014 (E₄) e outra entrevistada (E₃) adquiriu a propriedade, mais recentemente, em 2018/2019, especificamente para o turismo.

No que diz respeito à **duração das funções desempenhadas**, apenas três de sete entrevistados (E₁, E₂ e E₃) assumem-nas há pouco tempo, a partir de 2020, desde o ano de abertura da herdade/quinta ao público. Todos os entrevistados alegaram nunca terem exercido as atuais funções noutro negócio equivalente, o que traduz uma reduzida experiência na gestão de um empreendimento de agroturismo. Possivelmente a falta de experiência foi sendo colmatada nos casos em que os entrevistados estão há muitos anos a trabalhar como gestores da sua propriedade.

Por fim, na última questão do conjunto de perguntas acerca dos entrevistados, apurou-se que todos **vivem na região** e, inclusive, alguns vivem na sua propriedade (E₁, E₂, E₃, E₅ e E₆), embora sejam oriundos da região Centro do país (Cantanhede – E₁) e da Área Metropolitana de Lisboa (Odivelas – E₂ e Lisboa – E₃). Ainda que o número de pessoas seja reduzido, pode-se comprovar a fixação de indivíduos na região do Alentejo por variadas razões.

Quanto às herdades/quintas deste grupo, alvos do presente estudo, constatou-se que duas em sete (E₁ e E₂) são consideradas de pequena **dimensão** por não possuírem mais do que cinco hectares; uma em sete (E₆) é de média dimensão visto ter vinte hectares; as restantes, quatro em sete (E₃, E₄, E₅ e E₇), são consideradas de grande dimensão por ultrapassarem os vinte hectares, sendo que duas destas são as maiores, detendo quatrocentos e quarenta hectares (E₇) e oitocentos hectares (E₅). Estas duas propriedades de grandes dimensões são propícias à prática de uma agricultura em maior escala, mais mecanizada, moderna e, possivelmente, mais rentável. Contudo, verificou-se que, independentemente da sua dimensão, seis em sete propriedades exploram mais do que uma valência dentro do **negócio agrícola**. Neste sentido, três em sete herdades/quintas (E₂, E₃ e E₆) possuem um negócio alimentar por terem horta e/ou pomares para consumo próprio ou para os

hóspedes; sete em sete propriedades têm exploração animal, podendo ser na vertente de criadores de gado, maioritariamente, ovino e bovino (E₄, E₅ e E₇); na de animais exóticos e ornamentais (E₁); e na de quinta pedagógica (E₂, E₃, E₄ E₆ e E₇). Quatro em sete detêm outro género de negócio, nomeadamente de apicultura (E₃, E₅ e E₇) e de produção de azeite (E₄ e E₆).

Aquando da fundação dos empreendimentos, a **agricultura** era uma prática usual em seis das sete herdades/quintas. A única exceção a esta situação verificou-se na propriedade Quinta da Sagrada Família (E₁) devido ao seu total abandono até ser adquirida pelo atual proprietário. Evidencia-se também que em cinco de sete propriedades a agricultura era a única atividade praticada, sendo que numa quinta (E₁) a especificidade do negócio era a criação de gado ovino e noutra (E₂) a prática agrícola realizava-se em conjunto com o negócio comercial. Uma possível justificação para a agricultura ter sido a única atividade praticada em cinco destas propriedades prende-se com o facto de, antigamente, esta prática deter uma enorme relevância na economia alentejana e a população dedicar-se, maioritariamente, ao setor primário.

No que concerne ao **negócio turístico**, existem mais herdades/quintas que alojam os hóspedes num edifício único (E₁, E₅, E₆ e E₇) do que em mais do que um edifício (E₂, E₃ e E₄). Ainda assim, quer a estada seja num único ou em mais edifícios, o número de quartos e as tipologias dos apartamentos, T1, T2, T3, são variáveis. De referir que quartos/suítes familiares, estúdios e apartamentos possibilitam alojar mais pessoas, incluindo famílias.

Em relação à **abertura das propriedades de agroturismo aos turistas**, quatro em sete entrevistados (E₄, E₅, E₆ e E₇) referiram que começaram a dedicar-se a esta modalidade já há alguns anos. Dois empreendimentos de agroturismo contam com mais de vinte anos de atividade, pois abriram em 1999/2000 (E₄) e em 1996 (E₅), e outros dois com menos de dez anos, visto terem aberto em 2013 (E₆) e 2015 (E₇). As restantes herdades/quintas são bastante recentes, tendo decidido abrir as portas ao público em 2020 (E₃), 2021 (E₁) e 2022 (E₂). Como **principais razões** para se dedicarem ao agroturismo, três dos sete entrevistados (E₁, E₃ e E₅) mencionaram que pretenderam rentabilizar o espaço e o seu negócio já existente. Outras razões assinaladas referem-se à recuperação e revitalização da propriedade e dos seus edifícios (E₂), à partilha da natureza (E₇) e à concretização de um sonho (E₆).

Para reunir as condições necessárias à abertura das herdades/quintas ao público, seis dos sete entrevistados tiveram a necessidade de **recuperar e reabilitar** as mesmas, excetuando-se o Agroturismo Xistos (E₇) que construiu o edifício de raiz. Relativamente aos **apoios por parte da UE**, seis de sete entrevistados receberam algum financiamento para o incremento do seu projeto turístico. Contrariamente, o senhor Eduardo Lucas (E₁) alegou não ter tido qualquer tipo de apoio financeiro por parte da UE. Em relação aos apoios financiados pela UE para a agricultura, a maioria não obteve qualquer ajuda monetária e apenas três declararam que a receberam (E₄, E₅ e

E₇). No que diz respeito a outros tipos de apoios para as atividades agrícola e turística, a grande maioria dos entrevistados afirmou não os ter recebido. Não obstante, o entrevistado Pedro Moraes (E₄) obtém ajudas monetárias para ambas as atividades e o entrevistado Eduardo Lucas (E₁) conseguiu também apoio para implementar o seu projeto de agroturismo.

Aquando da abertura destes empreendimentos de agroturismo, seis em sete entrevistados afirmaram que complementavam a estada com **atividades agroturísticas**, excluindo-se deste grupo a Herdade da Maridona (E₃) que inicialmente só oferecia alojamento. Contudo, atualmente já completam este serviço com as atividades de agroturismo. Em todas as herdades/quintas os proprietários e/ou responsáveis sentem a necessidade de **empregar trabalhadores** tanto para a parte agrícola como para a parte turística. Porém, para a agricultura averiguou-se que em grande parte das propriedades analisadas apenas se dedicam a esta atividade entre uma a duas pessoas, sendo o proprietário uma delas. A exceção sucede novamente na Herdade da Maridona (E₃) onde praticam a agricultura quatro pessoas. Quanto ao número de trabalhadores para o setor do turismo, constatou-se que a maioria já conta com três a cinco trabalhadores e somente em duas situações (E₂ e E₆) contam com duas pessoas, incluindo as proprietárias.

Relativamente à **oferta de atividades agroturísticas**, concluiu-se que a grande maioria das herdades/quintas oferece uma panóplia de experiências em agroturismo. Salienta-se que cinco de sete propriedades possui uma quinta pedagógica, onde os hóspedes podem observar os animais e alimentá-los, em alguns casos (E₄ e E₇). Para além desta atividade, os passeios pedestres autónomos são igualmente proporcionados em quatro de sete herdades/quintas (E₃, E₄, E₅ e E₇). Atividades como *workshops* de culinária (E₂) e de agricultura (E₆), passeio a cavalo (E₃) e de bicicleta (E₃ e E₄) e apicultura (E₇) acontecem em poucas propriedades. O *workshop* de culinária consta na oferta de atividades do Pátio Lima (E₂), porém ainda não foi dinamizado. Denotou-se que nas sete herdades/quintas procurou-se oferecer outros tipos de atividades, como visita guiada aos animais (E₁); atividades esporádicas e sazonais, nomeadamente fazer pão, assistir e participar na matança do porco, na tosquia das ovelhas (E₁), entre outras; observar a horta (E₅), tratar da mesma e colher os seus produtos (E₂); sessões de relaxamento e sessões de acompanhamento psicológico em meio natural (E₂); apanha da azeitona (E₃ e E₄); piqueniques (E₆); e jogos infantis desenvolvidos na natureza (E₇).

Todas estas atividades proporcionadas aos hóspedes incentivam-nos a ter **diferentes formas de participação e envolvimento**. Em quatro de sete herdades/quintas (E₁, E₃, E₄ e E₇) os turistas tanto participam de forma ativa como passiva e a sua envolvimento ocorre tanto por absorção como por imersão, uma vez que atividades distintas exigem diferentes participações e envolvências. Em duas herdades/quintas (E₂ e E₆) os hóspedes participam apenas ativamente e envolvem-se por

imersão nas atividades e numa propriedade (E₅) a participação ocorre passivamente e por absorção.

Algumas destas atividades geram maior **lucro a curto prazo** para o negócio do agroturismo por exigirem o pagamento de um valor extra, tal como acontece com as atividades de três das sete herdades/quintas, a saber as sessões de relaxamento e acompanhamento psicológico na natureza (E₂); a apanha da azeitona (E₄) e os piqueniques (E₆). O *workshop* de culinária (E₂), o de agricultura (E₆) e os passeios a cavalo (E₃) geram igualmente algum lucro para estas propriedades. Ainda assim é de salientar que duas entrevistadas (E₃ e E₆) alegaram que, embora possa ser uma ajuda, o lucro obtido é pouco significativo. Em contrapartida, existem outras atividades gratuitas e que, portanto, não geram lucro nenhum para três das sete herdades/quintas (E₁, E₅ e E₇).

No que diz respeito à **fidelização dos turistas** devido às atividades, quatro de sete entrevistados (E₁, E₃, E₄ e E₇) declararam que conseguem fidelizar hóspedes, não só pelas atividades agroturísticas, mas também com um conjunto de outras infraestruturas que proporcionam outro tipo de experiências (E₃), nomeadamente pista de *karts*, baloiços, trampolins, piscina, entre outras.

Quando questionados acerca da preocupação em **oferecer atividades inovadoras e diferentes** de todas as que já existem na região, seis dos sete entrevistados responderam afirmativamente e somente uma entrevistada (E₅) retorquiu negativamente, referindo que o seu foco não são as atividades, mas sim a estada e os eventos que se realizam na sua propriedade. Quanto ao **tipo de público** que conseguem atrair, todos responderam que recebem famílias com crianças. Apenas três de sete herdades/quintas (E₁, E₂ e E₅) hospedam seniores, sendo que numa delas (E₁) recebem este público sobretudo durante a época baixa. Por último, duas das setes herdades/quintas (E₃ e E₇) recebem também casais jovens sem filhos. Ao nível do **número de turistas** que acomodam anualmente, destacam-se a Quinta da Sagrada Família (E₁), a Herdade da Maridona (E₃) e a Quinta dos Ribeiros (E₄) por alojarem entre mil a dois mil turistas por ano. De seguida, a Casa do Guizo (E₅) e o Refúgio das Origens (E₆) hospedam menos de mil turistas anualmente. As principais razões dadas pelas entrevistadas prendem-se com a reduzida capacidade para alojar muitas pessoas (E₅) e com a pandemia que veio desacelerar a procura pelo empreendimento em questão (E₆). De evidenciar que o Páteo Lima (E₂) não entrou para esta contagem, visto estar aberto ao público há menos de um ano, nem o Agroturismo Xistos (E₇), porque a entrevistada não possuía os dados no momento da entrevista.

No que concerne aos meses em que têm **maior procura**, destaca-se que os meses de junho a agosto foram mencionados por quatro de sete entrevistados (E₃, E₅, E₆ e E₇) e os restantes referiram os meses de junho e julho (E₂), julho e agosto (E₄) e julho, agosto e setembro (E₁). Esta procura é mais acentuada no verão, traduzindo-se numa forte sazonalidade que é combatida com o turismo cinegético (E₅).

Em relação à **dinamização das variadas atividades agroturísticas**, questionaram-se os entrevistados acerca da possibilidade de contratarem **trabalhadores pertencentes à comunidade local**. A maioria das respostas, seis em sete, foi negativa, uma vez que são dinamizadas pelos próprios proprietários e/ou responsáveis (E₁, E₃, E₆ e E₇) ou são realizadas autonomamente (E₃, E₄ e E₅). A entrevistada do Páteo Lima (E₂) respondeu afirmativamente, pois a sua funcionária fará o *workshop* de culinária, apesar de até ao momento da entrevista não ter sido dinamizado. O entrevistado da Quinta dos Ribeiros (E₄) mencionou que para a atividade da apanha da azeitona pede a colaboração pontual de pessoas pertencentes à comunidade local. No entanto, para o desempenho de outras funções inerentes ao negócio de agroturismo todos os entrevistados revelaram que contrataram indivíduos da população local e apenas um (E₁) indicou que contratou uma colaboradora oriunda de outro país e que, atualmente, está em permanência na região.

No que se refere à **venda de artigos produzidos nas herdades/quintas**, como uma possível fonte de rendimento extra, dos sete entrevistados somente dois (E₂ e E₇) alegaram não vender quaisquer produtos, pois são para consumo próprio e dos turistas. Em oposição, todos os outros entrevistados asseguraram que vendiam os seus produtos, especificamente marmelada e cortiça (E₃); lã (E₁ e E₃); azeite (E₃ e E₄); mel (E₃ e E₅) e compotas (E₃ e E₆). Deste modo, constatou-se que a maioria dos proprietários e/ou responsáveis tenta aproveitar e rentabilizar ao máximo os diversos negócios existentes nas propriedades. Todavia, observou-se que, da venda de produtos obtidos nos *workshops*, a maioria das respostas não se aplicava, pois não é dinamizado qualquer tipo de *workshop*. A única resposta afirmativa foi a da entrevistada do Refúgio das Origens (E₆), visto que no *workshop* de agricultura os participantes podem apanhar e comprar produtos provenientes da horta. Ademais, nenhum destes produtos é vendido para/por mercearias locais.

Pretendeu-se indagar os entrevistados acerca da **importância da venda dos artigos** produzidos nas propriedades e, quando aplicável, nos *workshops*, ao nível de rendimentos extra que essa venda possa gerar. Desta forma, excluindo as herdades/quintas onde este caso não se aplica (dois de sete – E₂ e E₇), três em sete entrevistados (E₁, E₅ e E₆) referiram que o lucro obtido com a venda dos seus produtos é pouco importante, traduzindo-se numa pequena ajuda sem grande significado. Um em sete entrevistados (E₄) admitiu que o rendimento da venda é insignificante, na medida em que esta acaba por cobrir os gastos de todo o processo de produção. Outra entrevistada (E₃) alegou que a venda dos produtos se traduz numa importante fonte de rendimento extra.

Quanto à existência de **parcerias**, seis de sete entrevistados possuem uma ou mais parcerias com outros negócios locais ou regionais, nomeadamente com a área da restauração, empresas de animação turística, associações, museus, escolas, entre outras. A Casa do Guizo (E₅) é a única propriedade que não trabalha em parceria com nenhum outro negócio.

Para além desta questão, os proprietários e/ou responsáveis foram indagados acerca de **melhorias do meio envolvente** geradas com a exploração das herdades/quintas em estudo. De um modo geral, averiguou-se que estas propriedades não conseguem contribuir significativamente para a melhoria das suas áreas envolventes, dado que quatro em sete entrevistados (E₁, E₂, E₆ e E₇) disseram que não viram nenhuma melhoria. Ademais, foi apontado um número bastante reduzido de melhorias. Em três dos casos (E₁, E₂ e E₆) os entrevistados mostraram-se indignados com o parco apoio por parte das Câmaras de Évora e de Grândola, ao nível de manutenção e preservação dos espaços e do ambiente. Referiram ainda que não existem investimentos significativos para o setor turístico. Outra entrevistada (E₇) não acredita que tenha havido melhorias físicas visíveis, todavia, revelou que, ao invés, contribui para o bem-estar do turista. Ainda assim, quatro dos sete entrevistados salientaram algumas melhorias, a saber: colocar luzes até ao portão de entrada da propriedade (E₃); existir sinalética indicativa da herdade/quinta colocada pelo município (E₄) ou pela gerência (E₅); e alcatroar a estrada de acesso até à propriedade (E₅).

Embora não tenha existido um elevado número de melhorias ao nível da envolvência, denotou-se que quanto à **preservação do ambiente** todos os entrevistados mencionaram entre duas a quatro contribuições. Neste sentido, sobressaem a utilização de, pelo menos, uma fonte de energia renovável, com seis de sete respostas (E₂, E₃, E₄, E₅, E₆ e E₇), e a realização da triagem do lixo, com quatro de sete respostas (E₁, E₄, E₅ e E₆). De seguida, ressalta-se a preocupação em incutir boas práticas ambientais aos turistas, com três de sete respostas (E₄, E₅ e E₆), e o conjunto de outras contribuições, das quais se destacam o combate ao desperdício alimentar, aproveitando-se os produtos excedentes (E₂) e a utilização de lâmpadas economizadoras (E₄ e E₆). Por último, com um menor número de respostas, distinguem-se o aproveitamento de alimentos cultivados para a confeção de refeições (E₁ e E₂); a preocupação em poupar água (E₃), através da rega gota-a-gota; o reaproveitamento da água a partir de uma antiga pedreira que pertence à propriedade (E₃); o uso de adubos naturais na horta (E₃); e a existência de trilhos pré-definidos para passeios na propriedade (E₇). Pretende-se indicar que a entrevistada do Agroturismo Xistos (E₇) referenciou que possui igualmente duas certificações ao nível ambiental, a da *Green Key* e a da *Biosphere Portugal*. Já o entrevistado da Quinta dos Ribeiros (E₄) aludiu que, na altura da entrevista, se encontrava num processo para a obtenção da certificação da *Biosphere Portugal*.

Nas duas últimas questões da entrevista, procurou-se apelar à opinião dos proprietários e/ou responsáveis. Na primeira pergunta, relativa aos **contributos socioeconómicos do agroturismo** para a região, todos os entrevistados reconheceram que existe, pelo menos, um contributo, ainda que um destes (E₆) seja mais céptico em relação às vantagens sociais e económicas que o agroturismo possa gerar. Os contributos que se destacam com maior reconhecimento, seis de sete entrevistados, são a criação de postos de trabalho para a população local (E₁, E₂, E₃, E₄, E₅ e E₇) e a existência de parcerias entre as herdades/quintas e outros negócios locais e/ou regionais (E₁,

E₂, E₃, E₄, E₆ e E₇). Em terceiro lugar, salienta-se a valorização e preservação das tradições e culturas locais, três de sete respostas (E₁, E₂ e E₄), através de atividades como, por exemplo, ensinar a fazer pão em forno de lenha (E₁); cozinhar receitas típicas da gastronomia alentejana (E₂); e promover eventos que contam com a participação de cantores regionais (E₄). Com duas de sete respostas (E₂ e E₄), evidencia-se a promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas. Como últimos contributos, uma entrevistada assinalou a importância de conseguir trabalhar com inúmeros indivíduos de áreas distintas (E₇) e outra indicou a melhoria e construção de infraestruturas, bem como do meio envolvente (E₅).

Na última questão, procurou-se compreender a opinião dos entrevistados relativamente à **capacidade do agroturismo, por si só, poder desenvolver e revitalizar a região**. Quatro em sete (E₃, E₄, E₅ e E₆) acreditam que não, pois as unidades de agroturismo são, geralmente, mais pequenas e têm menos capacidade de alojamento quando comparadas com outros tipos de empreendimentos turísticos, sendo, por isso, muito complicado um empreendimento de agroturismo conseguir sozinho beneficiar positivamente a região. Todavia, a proprietária Elisabete Simões (E₃) admite que o agroturismo em conjunto com outras valências do turismo, como o Enoturismo, viabiliza o desenvolvimento da cidade e da região onde se insere. Para o senhor Pedro Moraes (E₄) a tónica da sua resposta foi colocada nas atividades agroturísticas, visto que para si, apesar de um empreendimento de agroturismo pressupor na sua base a oferta das mesmas, é bastante difícil dinamizá-las e ter alguém que acompanhe os participantes por haver igualmente uma dificuldade acrescida em conseguir recursos humanos que, para além de serem extremamente dispendiosos, não têm disponibilidade para trabalhar aos fins-de-semana. Concluiu a sua resposta mencionando que “tem que haver uma ginástica muito grande, o turismo rural não é um negócio, não é um emprego, é um modo de vida. Tem que ser uma coisa muito integrada na realidade de quem está, de quem tem.”

Outra entrevistada, a senhora Ana Rita Barbosa (E₅), apontou que a concorrência proliferada na região entre o alojamento local e o agroturismo tem efeitos negativos para os empreendimentos de agroturismo, havendo, por esta razão, a necessidade de fomentar o trabalho entre a comunidade para se travar esta questão e para que seja possível incrementar a região. A senhora Rosa Azevedo (E₆) realçou que não é o agroturismo a desenvolver a região, mas sim a introdução de uma agricultura moderna intensiva, nomeadamente os amendoais e os olivais explorados por espanhóis.

Contrariamente a estes entrevistados, três em sete (E₁, E₂ e E₇) mencionaram que o agroturismo, por si só, revela capacidade de desenvolver e revitalizar a região. Para o senhor Eduardo Lucas (E₁) o agroturismo surge como um contributo valioso no desenvolvimento da região alentejana, podendo assumir-se no futuro como uma modalidade que incrementará o turismo de Évora. Para

alcançar este objetivo, o entrevistado é da opinião que os proprietários do agroturismo devem dar a conhecer aos turistas outros locais de interesse turístico de modo a incrementar os mesmos. A entrevistada Benedita Lima (E₂) alegou que, embora seja limitado, denota-se algum progresso na região. Dando como exemplo o seu empreendimento, referiu que conseguiu melhorar o aspeto paisagístico da aldeia ao recuperar os edifícios da propriedade. Ademais, é uma mais-valia para a aldeia por atrair turistas que interagem com a população local e consomem produtos vendidos nos negócios locais.

A entrevistada Paula Mira (E₇) opinou que o agroturismo detém essa capacidade desde que o TER surja em complemento da atividade agrícola e haja cooperação entre indivíduos. Esta proprietária corrobora com a opinião da anterior, na medida em que o seu empreendimento consegue deixar uma marca no território ao atrair pessoas oriundas de diversos continentes. Para além disso, considera que o agroturismo e, especificamente, a sua propriedade assumem um papel preponderante, pois são as regiões que necessitam destes empreendimentos para conseguirem prosperar e não o inverso.

b) Agroturismo sem exploração animal e com atividades

No segundo grupo de entrevistas, representado pela categoria “Agroturismo sem exploração animal e com atividades”, confirmou-se novamente que existem herdades/quintas com mais do que uma **tipologia de agroturismo**. Existem duas exceções (E₁₁ – Horta de Torrejais e E₁₂ – Monte do Pantaleão) que possuem uma única tipologia denominada *Working farm, passive contact agritourism*. Todas as propriedades deste grupo enquadram-se na tipologia mencionada, pois, em determinadas atividades, o turista não contacta com a agricultura, ainda que esteja hospedado na herdade/quinta onde existe prática agrícola. Relativamente às outras categorias, quatro de seis propriedades (E₈ – Quinta da Espada, E₉ – Monte da Serralheira, E₁₀ – Herdade do Vau e E₁₃ – Casas do Rio Sado) inserem-se na tipologia *Working farm, direct contact, authentic agritourism*, visto que oferecem ao turista atividades onde pode contactar diretamente com a atividade agrícola desenvolvida nestes empreendimentos. Por último, com duas de seis herdades/quintas (E₉ e E₁₀), surge a tipologia *Working farm, indirect contact agritourism*, segundo a qual se pressupõe a participação do turista em algumas atividades que não exijam o contacto direto com a prática agrícola.

No que concerne ao cargo assumido pelos **entrevistados**, apurou-se que a maioria é proprietário das herdades/quintas, encarregando-se de funções intrínsecas à área de gerência. Somente um dos entrevistados não é o proprietário (E₁₀ – Senhor Luís Fialho), ainda que seja este a assumir o cargo de gerente por ausência do proprietário na herdade. Além desta informação, verificou-se que três de seis entrevistados são do género feminino (E₈ – Senhora Isabel Cabral, E₉ – Senhora Lucia

Feltz e E₁₃ – Senhora Efigénia Cachadinha) e os restantes são do género masculino (E₁₀, E₁₁ – Senhor Luís Ferreira e E₁₂ – Senhor José Carvalho). Averiguou-se igualmente que só um destes entrevistados (E₁₀) apresenta uma idade inferior ou igual a quarenta anos, revelando que, à semelhança do grupo anterior, também neste a exploração de propriedades de agroturismo encontra-se, predominantemente, a cargo de indivíduos mais velhos. Em relação à formação, somente dois de seis entrevistados (E₉ e E₁₀) são formados na área do turismo e os restantes provêm de outras áreas como a de Gestão (E₁₁), a de Gestão de Recursos Hídricos (E₁₂) e a de Engenharia Civil (E₁₃).

Praticamente todos os entrevistados, cinco de seis, encontram-se há **algum tempo na herdade/quinta**, sendo que num caso foi uma herança familiar (E₁₂) e noutros três (E₈, E₉ e E₁₁) o empreendimento foi inicialmente adquirido para residência, em 1987, 1982 e 1989, respetivamente. Outro entrevistado (E₁₀) mencionou que se encontra na herdade desde 2016, ano em que realizou o seu estágio neste local. A exceção refere-se a uma entrevistada (E₁₃) que se encontra permanentemente na propriedade desde 2020. No que diz respeito à **duração das funções desempenhadas**, quatro de seis entrevistados (E₈, E₉, E₁₀ e E₁₁) assumem-nas já há algum tempo, desde a abertura da herdade/quinta ao público. A maioria dos entrevistados, cinco de seis (E₈, E₉, E₁₀, E₁₁ e E₁₂), declarou nunca ter exercido as atuais funções noutro negócio equivalente, o que novamente se traduz numa parca experiência na gestão de um empreendimento de agroturismo. Esta falta de experiência foi, provavelmente, sendo atenuada nos casos em que as propriedades recebem turistas há muitos anos.

Por último, verificou-se que todos **vivem na região** e, inclusive, alguns vivem na propriedade (E₈, E₉, E₁₁ e E₁₃), embora uma entrevistada seja oriunda de Lisboa (E₈) e outra da Holanda (E₉). Em conformidade com a afirmação feita no primeiro grupo de entrevistados, constata-se que, apesar do reduzido número de pessoas, existe fixação de indivíduos na região do Alentejo por diferentes razões.

Prosseguindo para o terceiro conjunto de questões das entrevistas, concluiu-se que três de seis herdades/quintas (E₈, E₁₁ e E₁₂) são de média **dimensão**, detendo doze, onze e dez hectares, respetivamente; e as restantes (E₉, E₁₀ e E₁₃) são de grande dimensão por possuírem cento e trinta, duzentos e cinquenta e dois e duzentos e setenta hectares, respetivamente. Não obstante as suas dimensões, das seis propriedades cinco exploram mais do que uma valência dentro do **negócio agrícola**. Assim sendo, cinco em seis herdades/quintas (E₈, E₉, E₁₁, E₁₂ e E₁₃) detêm um negócio alimentar por terem arrozais (E₁₃) e, sobretudo, pomares para autoconsumo, para os hóspedes ou para venda; três em seis (E₉, E₁₀ e E₁₂) dedicam-se igualmente à produção de vinho, nomeadamente de vinho de talha (E₁₂); e quatro em seis detêm outro género de negócio, especificamente de cortiça (E₈ e E₁₃) e de produção de azeite (E₈, E₁₀ e E₁₁).

No momento da fundação dos empreendimentos, a **agricultura** era uma prática usual em todas as herdades/quintas e era a única atividade praticada. Em comparação com o grupo de entrevistas anterior, refere-se novamente que a agricultura era a única atividade praticada nestas propriedades, possivelmente, devido ao facto de, outrora, esta possuir uma grande importância na economia da região e a população dedicar-se, sobretudo, ao setor primário.

Quanto ao **negócio turístico**, o número de herdades/quintas que alojam os hóspedes num único edifício (E₉, E₁₁ e E₁₂) é igual ao número das que hospedam turistas em vários edifícios (E₈, E₁₀ e E₁₃). O número de quartos e as tipologias dos apartamentos variam de empreendimento para empreendimento. No respeitante à **abertura das herdades/quintas aos turistas**, a maioria referiu que se dedica ao agroturismo há algum tempo, sendo que dois empreendimentos abriram entre 1992 (E₈) e 1993 (E₉); um em 2000 (E₁₁); e outros dois em 2013 (E₁₀) e 2015 (E₁₃). A propriedade Monte do Pantaleão (E₁₂) abriu no corrente ano. Como **principal razão** para terem começado a dedicar-se ao agroturismo, cinco de seis entrevistados alegaram que quiseram rentabilizar o espaço e o seu negócio já existente. Um único entrevistado (E₁₁) apontou que a sua razão se debruçou na vontade de revitalizar a propriedade ao recuperar uma casa degradada com uma arquitetura tradicional alentejana.

De modo a apresentarem as melhores condições para a abertura das herdades/quintas ao público, todos os entrevistados passaram por um processo para **recuperar e reabilitar** as mesmas. Em relação a **apoios financeiros provenientes da UE**, cinco em seis entrevistados receberam apoios para a prática agrícola, excluindo-se o senhor José Carvalho (E₁₂) que alegou não ter tido qualquer ajuda monetária. Para os projetos turísticos, dos seis entrevistados cinco mencionaram ter recebido financiamento, excetuando-se a senhora Lucia Feltz (E₉). No que diz respeito a outros apoios tanto para a agricultura como para o turismo, a maioria dos entrevistados afirmou não os ter recebido. Ainda assim, o senhor Luís Ferreira (E₁₁) é o único que é apoiado, neste caso, pela Câmara Municipal de Moura.

A respeito da **oferta de atividades agroturísticas**, três de seis entrevistados (E₉, E₁₁ e E₁₂) ofereciam somente alojamento aquando da introdução do agroturismo nas suas propriedades. Os restantes complementavam este serviço com atividades agroturísticas, desde o início. Tal como se averiguou no grupo de entrevistados anterior, também neste todos sentem a necessidade de **empregar trabalhadores** tanto para o setor agrícola como para o turístico. Porém, uma vez mais constatou-se que, em quatro casos (E₉, E₁₀, E₁₁ e E₁₂), apenas são empregues uma a duas pessoas para a agricultura, sendo uma delas o proprietário. As exceções acontecem na Quinta da Espada (E₈) e nas Casas do Rio Sado (E₁₃), pois nestas propriedades três a cinco indivíduos dedicam-se à prática agrícola. Para o setor do turismo, denotou-se que a maioria dos empreendimentos emprega

três a cinco trabalhadores, excluindo-se dois casos (E₉ e E₁₀). No primeiro trabalham duas pessoas, incluindo a proprietária, e no segundo trabalham sete pessoas.

No que tange à **oferta de atividades agroturísticas**, apurou-se que a maioria das herdades/quintas oferece mais do que uma experiência em agroturismo, à exceção da Horta de Torrejais (E₁₁) que oferece apenas uma. Cinco em seis propriedades proporcionam a realização de passeios pedestres autónomos (E₈, E₉, E₁₀, E₁₁ e E₁₃), havendo igualmente a possibilidade de serem acompanhados pelo proprietário (E₁₁) ou por um guia especializado em fauna e flora da região (E₈). Para além desta atividade, o conjunto de outros tipos de atividades contou também com cinco respostas, salientando-se a observação do processo de tiragem da cortiça (E₈ e E₁₃); a realização de piqueniques (E₉); a apanha da azeitona (E₈); o balonismo (E₉ e E₁₀); a visita às vinhas (E₁₀); a participação nas vindimas (E₉ e E₁₀); o assistir aos ensaios de um grupo coral de Cante Alentejano (E₁₂); os passeios a cavalo ou de bicicleta fora da propriedade (E₉); a visita a uma oficina e observação do trabalho em buinho de um artesão (E₁₂); e a possibilidade de participar na ceifa do arroz (E₁₃). Outras atividades têm menor expressão por ocorrerem em poucas herdades/quintas, nomeadamente as provas de vinhos (E₈ e E₁₀); o *workshop* de culinária, em parceria com uma chefe (E₁₀); o *workshop* de agricultura que permite aos hóspedes cultivarem produtos na horta e plantarem árvores (E₉); e os passeios de bicicleta dentro da propriedade (E₁₃).

À semelhança do sucedido no grupo de entrevistas anterior, estas atividades estimulam os turistas a terem **formas distintas de participação e envolvência**. Assim sendo, em quatro de sete herdades/quintas (E₈, E₉, E₁₀ e E₁₃) os turistas participam de forma ativa e passiva e a sua envolvência ocorre tanto por absorção como por imersão, visto que atividades diversas pressupõem diferentes participações e envolvências. Em duas herdades/quintas (E₁₁ e E₁₂) os turistas participam apenas passivamente e envolvem-se por absorção nas atividades.

A maioria das atividades proporcionadas são gratuitas, acabando por não gerar nenhum lucro adicional para os proprietários (E₈, E₁₁, E₁₂ e E₁₃). Contudo, algumas das atividades geram **lucro a curto prazo** para os proprietários por estarem associadas ao pagamento de um valor extra, a saber os piqueniques (E₉); as visitas às vinhas e as provas de vinhos (E₁₀); e o aluguer de bicicletas (E₉). Para os dois entrevistados que oferecem atividades com um pagamento associado, a importância do lucro obtido varia, pois para uma entrevistada (E₉) o lucro traduz-se numa ajuda sem grande relevância e para outro entrevistado (E₁₀) as atividades pagas assumem-se como uma fonte de rendimento com algum significado.

Quando questionados se as atividades agroturísticas oferecidas fidelizam os turistas, três dos seis entrevistados (E₉, E₁₀ e E₁₃) confirmaram que existe **fidelização** e os restantes não acreditam na mesma, mencionando que as repetições de hóspedes se deveram, principalmente, à localização da propriedade (E₈), aos turistas apreciarem o empreendimento e sentirem-se bem-acolhidos (E₁₁).

No que diz respeito à **implementação de atividades agroturísticas inovadoras e diferentes** de todas aquelas que já existem na região, metade dos entrevistados (E₉, E₁₀ e E₁₂) declarou acreditar que oferece atividades diferentes e a outra metade (E₈, E₁₁ e E₁₃) confessou que não tem essa preocupação, especialmente porque os turistas preferem desfrutar do espaço autonomamente. Relativamente ao **tipo de público** atraído para estas propriedades de agroturismo, tal como verificado no grupo anterior, todos os entrevistados afirmaram que recebem famílias com crianças. Três em seis herdades/quintas (E₉, E₁₀ e E₁₁) alojam igualmente casais sem filhos e apenas duas em seis (E₈ e E₁₀) hospedam seniores.

Quanto ao **número de turistas** que as propriedades acomodam anualmente, salienta-se que dois de seis entrevistados (E₁₁ e E₁₃) alegaram receber menos de mil hóspedes e um deles (E₁₀) mencionou ter recebido entre mil e dois mil turistas. Dois dos entrevistados (E₈ e E₉) não souberam responder e para um (E₁₂) esta questão não se aplicou por ter a sua propriedade aberta ao público há menos de um ano. Estes **turistas procuram** as herdades/quintas maioritariamente nos meses de verão, evidenciando-se junho a agosto (E₁₁ e E₁₃); julho, agosto e setembro (E₈ e E₁₀); junho e julho (E₁₂); e julho e agosto (E₉). A sazonalidade continua a ser uma realidade bastante marcante para este setor.

De seguida, indagaram-se os entrevistados sobre a contratação de **indivíduos pertencentes à população local** para a **dinamização das atividades**, obtendo-se seis respostas negativas, visto que são realizadas pelos próprios proprietários e/ou responsáveis (E₉, E₁₀ e E₁₁) ou autonomamente (E₈, E₉, E₁₀, E₁₁ e E₁₃). Existem casos em que os proprietários recorrem a parceiros para a dinamização de algumas atividades (E₈, E₁₀ e E₁₂). Para o desempenho de outras funções, a maioria dos entrevistados contratou trabalhadores pertencentes à comunidade local, excetuando-se uma entrevistada (E₈) por ter somente dois colaboradores oriundos da Roménia, mas que se encontram a viver em permanência na região. A esta entrevistada junta-se outro (E₁₀) que emprega igualmente quatro pessoas: duas do Porto, uma de Viseu, que vive na herdade, e outra de Inglaterra, que vive na região.

Em relação aos **artigos produzidos nas herdades/quintas**, todos os entrevistados declararam que os vendem, principalmente cortiça (E₈ e E₁₃); mel (E₉ e E₁₀); limões (E₉); romãs (E₁₁); vinho (E₉, E₁₀ e E₁₂); azeite (E₁₁); e arroz (E₁₃). À semelhança do grupo anterior, também neste se denota que os entrevistados procuram aproveitar e rentabilizar todos os produtos provenientes das propriedades. Quanto aos *workshops*, apurou-se que para quatro dos seis entrevistados (E₈, E₁₁, E₁₂ e E₁₃) esta questão não se aplica, visto não estar contemplado nenhum *workshop* na oferta de atividades. Os restantes responderam negativamente. Para além destas informações, constatou-se que apenas dois dos entrevistados (E₁₀ e E₁₁) responderam positivamente à questão da venda dos seus produtos para/por mercearias locais.

No que concerne à **importância da venda dos seus artigos** ser uma fonte de rendimento extra, a maioria dos entrevistados, quatro de seis (E₈, E₉, E₁₁ e E₁₂), afirmou que o lucro é pouco importante, resultando numa pequena ajuda. O único caso em que a venda dos produtos, principalmente do vinho, se traduz numa fonte de lucro muito importante é o da Herdade do Vau (E₁₀). Outra entrevistada (E₁₃) revelou que com a venda da cortiça conseguem obter importantes rendimentos, não obstante os lucros obtidos com a venda do arroz serem pouco importantes.

As **parcerias** entre as herdades/quintas e outros negócios locais são igualmente uma constante neste grupo de entrevistados, sendo por isso que todos eles detêm uma ou mais parcerias com diversas empresas e pessoas da população local, a saber: empresas de animação turística (E₈, E₉, E₁₀, E); cooperativas vinícolas e de azeite (E₉ e E₁₁); grupos corais (E₁₂); restaurantes (E₁₃); entre outras.

Prosseguindo a análise, sobre a questão das **melhorias no meio envolvente** despoletadas pela existência destas propriedades, o número de melhorias apontadas foi reduzido, ainda que a maioria tenha destacado, pelo menos, uma, excetuando-se o Monte do Pantaleão (E₁₂). Somente dois entrevistados (E₈ e E₁₁) mencionaram mais do que uma melhoria. Três de seis entrevistados (E₈, E₉ e E₁₃) referiram que a Câmara possibilitou a instalação de sinalética indicativa da localização da propriedade e outro entrevistado (E₁₀) comentou que foi a própria gerência a colocá-la. No caso da Horta de Torrejais (E₁₁) esta também foi uma melhoria visada pelo entrevistado, tendo sido a Câmara que ofereceu uma das setas e as restantes foram da sua responsabilidade. Este entrevistado aludiu ainda a questão da melhoria da estrada de acesso para a sua propriedade. Outra melhoria frisada pela entrevistada da Quinta da Espada (E₈) relaciona-se com a reconstrução e recuperação da sua quinta que, antigamente, se encontrava abandonada. Embora tenham apresentado alguma melhoria, dois entrevistados (E₉ e E₁₀) expuseram o seu descontentamento face aos poucos apoios por parte das Câmaras Municipais de Évora e de Beja. Ambos sentem que estas entidades deveriam prestar mais auxílio às herdades/quinta.

Relativamente às medidas implementadas por cada empreendimento de agroturismo para a **preservação do ambiente**, todos os entrevistados referenciaram entre duas a cinco medidas. Distingue-se, em primeiro lugar, a realização da triagem do lixo por ser cumprida por todos os entrevistados. Em seguida, sobressai a utilização de uma ou mais fontes de energia renovável que contou com cinco de seis respostas (E₈, E₉, E₁₀, E₁₂ e E₁₃). Com um número de respostas inferior, sublinha-se a preocupação em preservar a paisagem (E₁₀) e a traça do edifício, considerado Património de Interesse Municipal (E₁₁); a preservação do montado e do olival, sem destruí-los para plantar novo olival para exploração (E₁₀); a utilização do menor número possível de máquinas agrícolas (E₁₀); o controlo da utilização excessiva de plásticos (E₁₃); a preocupação em poupar água (E₉ e E₁₃); a existência de trilhos pré-definidos para passeios pedestres e de bicicleta

pela propriedade (E₁₃); e o cuidado de inculcar boas práticas ambientais aos turistas (E₉ e E₁₂). De salientar que a propriedade Casas do Rio Sado (E₁₃) possui ainda um projeto, em parceria com a marca de café Nespresso, a partir do qual alguns hectares da exploração de arroz são adubados com o produto resultante da compostagem das borras do café. Por último, esta herdade (E₁₃) detém uma certificação da *Biosphere* Portugal e a Herdade do Vau (E₁₀), na altura da entrevista, encontrava-se num processo para a obtenção desta mesma certificação.

Na penúltima pergunta da entrevista, referente aos **contributos socioeconómicos do agroturismo** para a região, todos os entrevistados identificaram, pelo menos, um contributo. Contudo, a criação de postos de emprego para a população local (E₁₀, E₁₂ e E₁₃) e a existência de parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais (E₈, E₁₀ e E₁₃) foram as vantagens que mais se destacaram por contarem com três de seis respostas. Com duas respostas cada, destacam-se a valorização e preservação das tradições e culturas locais (E₉ e E₁₂) e a promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas (E₁₂ e E₁₃). Outras vantagens com menos menções foram a criação de uma fonte de rendimento extra para os agricultores (E₉); a fixação de indivíduos em regiões menos povoadas (E₁₀); o dar a conhecer o Alentejo (E₈), monumentos, museus e outros locais da região (E₉); e o apoiar as comunidades mais próximas, através, por exemplo, do patrocínio de eventos e da compra de produtos endógenos (E₁₀ e E₁₁). Embora um dos entrevistados (E₁₁) tenha apontado uma vantagem, este acredita que os contributos que o agroturismo possa trazer para a região são relativos, na medida em que tudo depende dos interesses e da maneira de agir de cada proprietário.

Na última questão, pretendeu-se conhecer a opinião dos entrevistados sobre se o **agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região**. Como sucedido no grupo antecedente, embora existam opiniões distintas, neste grupo a maioria das respostas foi negativa. Ainda assim, em algumas situações os entrevistados procuram endividar todos os esforços com o objetivo de contribuírem positivamente para a melhoria da região. Os entrevistados (E₉, E₁₀ e E₁₃) creem que o agroturismo é efetivamente importante e um impulso socioeconómico para a região, todavia referem que sozinho não consegue deter essa capacidade de fomentar e revigorar a mesma. A entrevistada Lucia Feltz (E₉) acredita que um empreendimento de agroturismo deve estar localizado próximo de uma aldeia ou cidade que lhe irá servir de apoio ao permitir que o turista se desloque sempre que necessário a essa localidade, onde encontrará restaurantes, empresas, entre outros serviços. O entrevistado Luís Fialho (E₁₀) corrobora com a opinião anterior e alega a necessidade de existirem parcerias entre as propriedades de agroturismo e outros serviços, sendo a falta de parcerias um dos graves problemas do Alentejo. Afirma igualmente que a cooperação deve ser uma constante entre empreendedores do setor turístico para que se consiga concorrer em conjunto com outras regiões do país e com outros países.

No ponto de vista do entrevistado José Carvalho (E₁₂), o seu e outros empreendimentos de agroturismo são de pequena dimensão, não possuindo potencial para sozinhos interferir nas mudanças socioeconómicas do Alentejo. Tal como o mesmo refere “seria uma pequena gota de água”. Todavia, por mais diminuto que seja o seu contributo, este proprietário procura manter os turistas em contacto com a comunidade local, apresentando-lhes o Cante Alentejano e o artesanato, com o trabalho em buinho. A entrevistada Efigénia Cachadinha (E₁₃) corrobora com a opinião do entrevistado anterior quando afirma que “sozinhos, estou convencida que o nosso papel é reduzido, somos muito pequeninos”. Porém, em conformidade com a opinião de outros dois entrevistados (E₉ e E₁₀), reconhece que se houver inter-relação entre esta modalidade de TER e outras iniciativas, que possam não estar relacionadas com o turismo, o agroturismo poderá gerar valor e potenciar a região.

Para além destes pareceres, a entrevistada Lucia Feltz (E₉) e o entrevistado Luís Fialho (E₁₀) são da opinião que o agroturismo, enquanto modalidade de TER, é do conhecimento do turista estrangeiro, mas esta palavra é desconhecida no caso do turista português, na medida em que para este o TER é um único tipo de turismo, sem modalidades. Por isso mesmo, os entrevistados acreditam que se deve divulgar a modalidade de agroturismo, passando a utilizar-se esta palavra, ao contrário da designação TER, para nomear efetivamente empreendimentos de agroturismo.

O entrevistado Luís Ferreira (E₁₁) não acredita na potencialidade do agroturismo como motor de desenvolvimento socioeconómico da região, visto que, na sua ótica, apesar de lhe trazer enorme descontentamento, somente a exploração intensiva de oliveiras e amendoeiras em grandes propriedades é que geram lucros. Contudo, estes não são investidos para a melhoria da região.

Relativamente à entrevistada Lucia Feltz (E₉), esta salienta ainda que os proprietários e/ou responsáveis das herdades/quintas devem investir na sua formação e preparação para que estejam totalmente aptos para bem-receber os turistas e, desta forma, colaborarem para o desenvolvimento do agroturismo.

Em oposição a todas estas opiniões, a entrevistada Isabel Cabral (E₈) afirmou que o agroturismo detém a capacidade de, por si só, desenvolver e revitalizar a região e que, aliás, já revolucionou completamente o Alentejo em termos turísticos, pois é divulgado nas revistas inglesas e americanas. A entrevistada não deixa de admitir que, na sua visão, o agroturismo só possui esta potencialidade desde que o empreendimento se encontre localizado perto de uma cidade, especificamente de Évora, como se verifica com a Quinta da Espada (E₈), porque caso contrário torna-se insustentável.

c) Agroturismo com exploração animal e sem atividades

Na terceira e quarta categorias, denominadas “Agroturismo com exploração animal e sem atividades” e “Agroturismo sem exploração animal nem atividades”, respetivamente, analisou-se somente uma entrevista para cada uma das mesmas, pois não se conseguiu obter o consentimento de outros proprietários e/ou responsáveis para a elaboração de mais entrevistas.

Para a primeira categoria acima referida, contrariamente ao sucedido com as entrevistas dos dois grupos anteriores, a propriedade Vale de Gatos (E₁₄) insere-se numa única **tipologia de agroturismo**, designada *Working farm, passive contact agritourism*, na medida em que os turistas hospedados neste empreendimento não têm qualquer contacto com a agricultura praticada nem com o gado existente. No que diz respeito à **entrevistada**, a senhora Isabel Cartaxo (E₁₄), com sessenta anos de idade, é a proprietária de Vale de Gatos, juntamente com o seu marido, e a sua formação não está relacionada com a área do turismo, tendo revelado que é tecelã. A entrevistada encontra-se há algum tempo na propriedade, mais precisamente há vinte e cinco anos, e adquiriu-a para sua residência.

Quanto à **duração das funções desempenhadas**, a entrevistada assume-as desde 2017, ano em que Vale de Gatos (E₁₄) foi considerado um empreendimento de agroturismo. Mencionou ainda que nunca exerceu as funções de gestora noutro negócio equivalente, o que, mais uma vez, revela uma limitada experiência na gestão de uma propriedade de agroturismo. Por último, a entrevistada confessou que é lisboeta, contudo **vive na região**, desde que adquiriu esta propriedade.

Vale de Gatos (E₁₄) possui apenas dois hectares, sendo considerada de pequena **dimensão**, e o único **negócio agrícola** aí praticado é o animal, pois a entrevistada possui um rebanho de ovelhas Campaniças, raça autóctone do Alentejo. Esta declarou ainda que detém algumas galinhas e uma horta para autoconsumo. Aquando da fundação deste empreendimento, a **atividade agrícola** ainda não se encontrava patente. Algum tempo depois da entrevistada e do seu marido estarem na propriedade é que começaram a criar a horta e a ter o rebanho. Perante estas informações, averiguou-se que não havia qualquer atividade praticada, nem mesmo a agrícola.

Em relação ao **negócio turístico**, as casas de Vale de Gatos (E₁₄) sofreram obras de reabilitação, pois uma delas estava inclusive em ruína, sendo posteriormente transformadas num único edifício com quatro quartos para alojar turistas e/ou artistas e aprendizes da arte da tecelagem que procurem ficar hospedados em Vale de Gatos. A entrevistada revelou que, em 2012, realizou uma experiência ao abrir as portas de sua casa ao público, através da colocação de um anúncio, no *website* Airbnb, com quartos para alugar. Segundo a mesma, este experimento foi um sucesso, todavia no momento em que decidiu licenciar o edifício teve bastantes encargos e dificuldades, acabando por perder o ritmo de aluguer que outrora tinha alcançado. A senhora Isabel Cartaxo (E₁₄) mostrou-se descontente acerca deste assunto e, embora não concordasse, a Câmara de Viana

do Alentejo impôs-lhe a classificação de agroturismo. Após cinco anos de espera para se conseguir licenciar, Vale de Gatos (E₁₄) abriu como um empreendimento de agroturismo em 2017, contra a sua vontade. A **principal razão** para se ter dedicado ao turismo foi por uma questão de rentabilização do espaço e obtenção de um rendimento extra. No que concerne aos **apoios financeiros**, a entrevistada afirmou que nunca teve quaisquer ajudas, nem mesmo da UE.

Relativamente às **atividades agroturísticas**, em Vale de Gatos (E₁₄) somente se oferece alojamento a turistas e a artistas ou aprendizes que realizem trabalhos de tecelagem. No que diz respeito ao número de **trabalhadores empregues**, tanto para a agricultura como para o turismo, a proprietária (E₁₄) assegurou que não contrata ninguém, sendo apenas a própria e o seu marido que se dedicam à prática agrícola e às funções inerentes à atividade turística. Ainda assim, uma vez por ano, necessitam dos serviços de um colaborador para tosquiar o rebanho de ovelhas. Este tosquiador é neozelandês, por isso, vem de fora da região, mas reside em Castelo de Vide.

No que tange ao **número de turistas** que recebem anualmente, Vale de Gatos (E₁₄) aloja menos de mil turistas. Quanto aos meses de **maior procura** a entrevistada Isabel Cartaxo (E₁₄) revelou que não existem meses a destacar, porém, possivelmente no verão é quando a procura pelo empreendimento se torna mais elevada.

Quando questionada acerca da **comercialização dos artigos** produzidos em Vale de Gatos, a entrevistada (E₁₄) assegurou que consegue vender uma parte da lã das suas ovelhas para cobrir as despesas com a sua lavagem e cardagem, ficando com o restante para os seus trabalhos de tecelagem. Quanto a esses trabalhos, mencionou ter alguma dificuldade em vendê-los, sobretudo por não ter hóspedes com tanta regularidade nem por dominar o uso das tecnologias. Deste modo, a entrevistada (E₁₄) referiu que **não obtém lucros significativos** com a venda destes produtos, traduzindo-se numa fonte de rendimento pouco importante, na questão da lã, e insignificante, no caso da venda dos seus trabalhos.

Contrariamente à maioria das respostas dos entrevistados, a senhora Isabel Cartaxo (E₁₄) declarou que não detém **parcerias** locais nem acredita que Vale de Gatos tenha contribuído para a melhoria do meio envolvente, porque, na sua ótica, ninguém conhece o seu empreendimento. Por outro lado, em relação às medidas para a **preservação do ambiente**, a entrevistada (E₁₄) indicou somente a preocupação em poupar água, especificando o caso da lavagem da lã que obriga a um gasto excessivo deste recurso. Nas últimas duas questões da entrevista, a senhora Isabel Cartaxo (E₁₄) não soube responder, reforçando novamente que, na sua opinião, Vale de Gatos nunca deveria ter sido considerado um empreendimento de agroturismo, mas sim casa de campo ou outra tipologia que se adequasse melhor.

d) Agroturismo sem exploração animal nem atividades

Para a última categoria, intitulada “Agroturismo sem exploração animal nem atividades”, entrevistou-se o senhor João Lobo (E₁₅), proprietário do empreendimento Passo do Lobo. Tal como sucedido com a entrevista relativa a Vale de Gatos (E₁₄), também o Passo do Lobo (E₁₅) se insere na **tipologia** *Working farm, passive contact agritourism* pelas mesmas razões anteriormente apresentadas.

No que concerne ao grupo de questões referentes ao **entrevistado** (E₁₅), apurou-se que, a par da sua mulher, o senhor João Lobo, com cinquenta e oito anos de idade, é o proprietário do Passo do Lobo e dedica-se inteiramente à sua gestão. Este proprietário é construtor civil e decidiu, há vinte e três anos, adquirir a propriedade com o intuito de ser uma casa de família. Muito recentemente, desde agosto do corrente ano, que o Passo do Lobo foi classificado como empreendimento de agroturismo. Por este motivo, desde esse mês que o senhor João Lobo (E₁₅) desempenha as funções de gestor. Afirmou igualmente que é natural de Moura e que **reside** no Passo do Lobo. Por último, este entrevistado (E₁₅) assumiu que nunca possuiu o cargo atual nem deteve as mesmas funções noutra negócio equivalente.

Dando continuidade à análise, averiguou-se que esta é uma propriedade de pequena **dimensão**, por possuir aproximadamente cinco hectares, e o principal **negócio agrícola** debruça-se sobre a vertente alimentar, visto existirem árvores de fruto, oliveiras e uma horta. O entrevistado (E₁₅) mencionou que a **prática agrícola**, a única atividade patente na propriedade, já se encontrava presente, tendo surgindo após a aquisição do terreno e da construção da sua casa. Posteriormente, em junho de 2022, a família decidiu apostar no **negócio agroturístico**, tendo a possibilidade de hospedar turistas em oito quartos distribuídos por um único edifício, sem ter havido necessidade de recuperar e reabilitar o mesmo. Foi preciso, pelo contrário, melhorar e ampliar a casa já existente. O entrevistado (E₁₅) revelou que não obteve quaisquer tipos de **apoios financeiros**, nem para a agricultura nem para o turismo. Este transformou o Passo do Lobo num empreendimento de agroturismo devido à sua **vontade própria** e ao **impulso dado por amigos**.

Quanto às **atividades agroturísticas**, o senhor João Lobo (E₁₅) admitiu que, por enquanto, estão apenas focados na oferta de alojamento, não obstante esteja a estudar a possibilidade de criar atividades que possam combater a sazonalidade, como por exemplo a apanha da fruta e da azeitona. No momento da entrevista, quando questionado acerca do número de pessoas que se dedicam à agricultura e ao turismo, este entrevistado garantiu que contam bastante com **mão-de-obra** familiar, mas para a vertente turística contrataram também duas senhoras pertencentes à comunidade local. Mesmo estando abertos há pouco tempo, o senhor João Lobo (E₁₅) referiu que, desde a abertura do Passo do Lobo ao público, os meses com **maior procura** foram o julho e, possivelmente, o agosto.

Relativamente à questão da **venda de artigos produzidos na propriedade**, o entrevistado (E₁₅) alegou que fazem compotas e possuem azeitonas e fruta, mas, por enquanto, são para autoconsumo e para os hóspedes. À semelhança de Vale de Gatos (E₁₄), averiguou-se que o Passo do Lobo (E₁₅) não tem qualquer **parceria** local. O seu proprietário (E₁₅) argumentou ainda que não nota nenhuma **melhoria** ao nível **do meio envolvente**, pois, na sua visão, abriram muito recentemente para conseguirem ter algum impacto. O mesmo se comprovou nos **contributos socioeconómicos do agroturismo** para a região, apesar de ter reconhecido que a criação de postos de emprego para a população local é uma vantagem desta modalidade de TER. Porém, no que tange à **preservação do ambiente**, enumerou algumas contribuições, nomeadamente a triagem do lixo, a existência de painéis solares e o aproveitamento de produtos hortícolas e frutícolas para consumo.

Por último, o senhor João Lobo (E₁₅) é da opinião que o **agroturismo, por si só, não revela a capacidade de desenvolver e revitalizar a região**, pois, tendo como base o exemplo da sua propriedade, o Passo do Lobo tem uma capacidade muito limitada para receber turistas, visto só ter oito quartos disponíveis. Por isso, embora tenha valor, este empreendimento não é suficiente, na medida em que, nas palavras do entrevistado, “apenas com a existência dos outros turismos na região conseguimos levar a cabo essa missão” de revitalizar o Alentejo.

Após a análise individual de cada entrevista elaborou-se um esquema²² com o intuito de se verificarem as semelhanças e as diferenças existentes entre as quatro categorias criadas. Deste modo, salienta-se que, em termos de atividades agroturísticas oferecidas, as categorias “Agroturismo com exploração animal e atividades” (1) e “Agroturismo sem exploração animal e com atividades” (2) são as mais dinâmicas por serem as únicas que oferecerem atividades. Contudo, por um lado, ambas incluem herdades/quintas com sete atividades comuns, mas, por outro, cada categoria abrange oito atividades distintas. Embora a maioria dos entrevistados da primeira categoria acredite que oferece atividades mais inovadoras e diferentes, a discente é da opinião que é na segunda categoria onde estão incluídas as propriedades que proporcionam um maior número de atividades diferenciadas, podendo, por isso, ser considerada a mais dinâmica.

No respeitante às medidas tomadas para a preservação do ambiente, evidencia-se, das quatro categorias existentes, a primeira (1), visto ser a que registou oito medidas mencionadas pelos entrevistados. Esta é imediatamente seguida pela segunda categoria (2), com sete medidas. As outras duas categorias, “Agroturismo com exploração animal e sem atividades” (3) e “Agroturismo sem exploração animal nem atividades” (4), registaram somente uma medida cada.

²² Ver Apêndice VI.

A disparidade observada pode-se dever ao facto dos entrevistados das duas primeiras categorias estarem mais alerta para a importância do ambiente e da sustentabilidade.

Outra reflexão a retirar pela análise do esquema, prende-se com os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região. A segunda categoria (2) contou com oito medidas mencionadas pelos entrevistados e a primeira categoria (1) com sete medidas. A quarta (4) categoria foi, novamente, a que contou com menos contributos mencionados, somente uma, possivelmente porque a propriedade Passo do Lobo (E₁₅ – categoria 4) abriu ao público apenas no corrente ano, logo ainda não conseguiu contribuir grandemente para esta questão. A terceira (3) categoria não registou nenhum contributo, dado que a entrevistada de Vale de Gatos (E₁₄ – categoria 3) não cre que a sua propriedade esteja bem classificada.

Por último, a dicotomia semelhanças *versus* diferenças ocorre comumente entre as duas categorias com o maior número de entrevistas. Todavia, como se verifica pelo esquema, encontram-se, esporadicamente, pontos comuns entre as quatro categorias.

e) Conclusões gerais da análise dos resultados obtidos

Após a realização de quinze entrevistas a vários proprietários e/ou responsáveis de herdades/quintas de agroturismo alentejanas obtiveram-se diferentes conclusões, independentemente da categoria em que as mesmas se inserem. Perante esta afirmação, são tecidas de seguida essas conclusões, procurando-se simultaneamente verificar a veracidade das hipóteses levantadas no subcapítulo 1.2. Deste modo, concluiu-se que:

1. **Treze unidades de agroturismo localizam-se no interior do Alentejo e apenas duas (E₆ e E₁₃) no litoral alentejano.** Embora não se verifique, **seria expectável que, por se situarem na faixa litoral, os proprietários destas duas herdades/quintas investissem mais nas atividades agroturísticas oferecidas,** com o intuito de atraírem um maior número de turistas. Ademais, sendo o litoral um local que tem encontrado outras respostas e novas potencialidades turísticas, fruto do turismo balnear, dos festivais, do caravanismo e, inclusive, do surf, ambas as propriedades poderiam “beber” desta fonte de dinamismo e revolucionarem o conjunto de ofertas turísticas. Assim sendo, **não se averigua uma diferenciação entre as unidades de agroturismo do interior e as duas do litoral,** visto que os seus proprietários não aproveitam na totalidade as potencialidades que a faixa litoral lhes proporcionaria para o desenvolvimento do agroturismo. Reforçando esta ideia, existem propriedades, situadas no interior, que apresentam um maior número e uma maior diversidade de atividades agroturísticas, como é o caso da Herdade da Maridona (E₃) e do Agroturismo Xistos (E₇), quando comparadas com o Refúgio das Origens (E₆) e as Casas do Rio Sado (E₁₃), localizadas no litoral;

2. Na amostra estudada, constatou-se, por isso, que **a localização dos empreendimentos não é o único fator para a sua diferenciação**, sobretudo, a nível da oferta de atividades e de mão-de-obra empregada, pois existem outros como a dimensão da propriedade, o tipo de negócio agrícola desenvolvido e a formação do entrevistado. Por exemplo, relativamente ao número de trabalhadores, verificou-se que o Refúgio das Origens (E₆) detém um a dois colaboradores para os negócios agrícola e turístico, ao passo que as Casas do Rio Sado (E₁₃) possuem entre três a cinco trabalhadores para ambos os negócios. Contrariamente, o Pátio Lima (E₂) e a Herdade da Maridona (E₃), propriedades situadas no interior, apresentam, respetivamente, o mesmo número de colaboradores que as unidades de agroturismo anteriores. Nestes exemplos, as herdades/quintas onde existe um maior número de colaboradores deve-se, possivelmente, às grandes dimensões das mesmas e ao tipo de negócio agrícola aí praticado que exige mais mão-de-obra. Não obstante estas conclusões, tem-se presente que, no interior, existem menos ofertas de emprego; há uma maior proximidade com Espanha, país que exerce atratividade sobre alguns jovens; e existe uma menor dinâmica económica, apesar de possuir uma universidade e de o turismo cultural ser dominante;

3. Todas as herdades/quintas estudadas se inserem, pelo menos, numa das tipologias de agroturismo apresentadas, sendo, por isso, que se **confirma a hipótese b) “As herdades e quintas de agroturismo alentejanas inserem-se em alguma das tipologias apresentadas por Phillip, Hunter e Blackstock (2010)”**. Apesar de, para a maioria dos casos, se **verificar também a hipótese c) “Numa mesma herdade ou quinta coexiste mais do que uma tipologia de agroturismo”**, salienta-se que existem seis de quinze propriedades (E₆, E₈, E₁₁, E₁₂, E₁₄ e E₁₅) para as quais esta afirmação se encontra incorreta, visto só se enquadrarem numa tipologia. Por último, constatou-se que a maioria das herdades/quintas, doze em quinze (E₃, E₄, E₅, E₇, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃, E₁₄ e E₁₅), se insere na tipologia *Working farm, passive contact agritourism*, imediatamente seguida pela tipologia *Working farm, direct contact, authentic agritourism* com um total de dez em quinze propriedades (E₁, E₂, E₃, E₄, E₆, E₇, E₈, E₉, E₁₀ e E₁₃). Esta conclusão revela que, por um lado, nas herdades/quintas o turista usufrui do alojamento e pode optar por fruir de atividades turísticas, sem contactar com a prática agrícola existente nas mesmas. Por outro, pode ter a oportunidade de participar ativamente, contactar diretamente e de forma autêntica com as lides agrícolas que são levadas a cabo nestes empreendimentos agroturísticos. Desta forma, **a hipótese d) “A maioria das herdades e quintas insere-se na tipologia *Working farm, direct contact, staged agritourism*” não se verifica** por não ter obtido nenhuma resposta por parte dos entrevistados da amostra estudada, averiguando-se que em nenhum caso se encena alguma atividade para usufruto dos turistas. Estes apenas podem fruir de atividades que estão enquadradas no dia-a-dia de quem trata da herdade/quinta, respeitando-se a natureza e os animais;

4. A maioria dos entrevistados é proprietário da herdade/quinta, excetuando-se dois casos (E₄ e E₁₀) que são somente gestores e responsáveis pela manutenção das propriedades. Esta discrepância poderá significar que os proprietários sentem relutância em delegar a gestão do seu próprio empreendimento a outrem ou têm dificuldades em empregar gestores externos à propriedade. Ademais, a maioria dos proprietários e/ou responsáveis é do género feminino e tem idade superior a quarenta anos, indicando que existem poucos jovens a gerir empreendimentos de agroturismo, possivelmente, porque não têm capacidade financeira para comprar uma propriedade ou, novamente, porque os proprietários não pretendem confiar a gestão de uma quinta/herdade a um jovem que possa não ter tanta experiência na área. O facto da maioria dos proprietários já ter alguma idade revela uma população envelhecida o que se poderá traduzir numa falta de proatividade para acompanhar o ritmo de desenvolvimento do agroturismo, para fazer uso das tecnologias e pô-las em prática em benefício próprio e do empreendimento;

5. A par destas questões, evidencia-se que somente quatro dos entrevistados (E₄, E₅, E₉ e E₁₀) têm formação na área do turismo, podendo constituir um entrave ao desenvolvimento desta modalidade de TER, pois, não obstante terem ganho prática ao longo dos anos, inicialmente os proprietários e/ou responsáveis não tinham qualquer tipo de experiência no ramo do agroturismo e nunca tinham desempenhado funções semelhantes noutro negócio equivalente, excluindo-se uma entrevistada (E₁₃). Na ótica da discente, esta é uma área que requer muito investimento pessoal e profissional, sendo, por isso, imprescindível o proprietário e/ou responsável realizar formações relacionadas com a área e procurar manter-se atualizado, tal como sucedeu com duas entrevistadas (E₃ e E₆) que revelaram ter efetuado formações ou pós-graduações relacionadas com o turismo. Mesmo não estando diretamente ligadas ao agroturismo, as formações realizadas no âmbito do turismo ou de outras áreas complementam sempre o conhecimento do proprietário e podem incentivá-lo a implementar determinadas práticas na gestão do seu empreendimento de agroturismo;

6. Todos os entrevistados residem no Alentejo, apesar de alguns (E₁, E₂, E₃ e E₈) serem oriundos de outras regiões de Portugal e da Holanda (E₉). Alguns dos proprietários e/ou responsáveis empregam igualmente colaboradores provenientes de outras regiões portuguesas (E₁₀) e de outros países, como África (E₁), Roménia (E₈) e Inglaterra (E₁₀). Neste sentido, **a hipótese h. “O agroturismo incentiva a fixação da população em regiões de menos densidade populacional?” não se verifica**, uma vez que tanto os entrevistados como os funcionários que contrataram fixaram-se na região por outros motivos alheios ao agroturismo, concluindo-se que esta modalidade de TER apenas contribui para que estes indivíduos permaneçam na região;

7. A maioria das propriedades, sete em quinze (E₃, E₄, E₅, E₇, E₉, E₁₀ e E₁₃), é de grandes dimensões por possuir mais de vinte hectares, sendo, possivelmente, mais propícias à aplicação

de um maior número de atividades agroturísticas do que as de pequena dimensão. Para além desta suposição, nestas herdades/quintas de maiores dimensões, há uma maior probabilidade da agricultura se tornar mecanizada e moderna, não havendo a necessidade de contratar tanta mão-de-obra para esta atividade;

8. Antigamente, aquando da sua fundação, das quinze herdades/quintas treze (E₂, E₃, E₄, E₅, E₆, E₇, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₅) já apresentavam atividade agrícola, sendo esta a razão da sua posterior classificação como agroturismo, a partir do momento em que os proprietários decidiram começar também a dedicar-se ao turismo. Atualmente, em alguns casos, a prática agrícola de outrora tornou-se insustentável, acabando por se verificar um abandono da horticultura (E₄ e E₈) ou uma substituição de uma cultura por outra mais rentável, como, por exemplo, o trigo e a cevada pelas videiras (E₉) e os produtos hortícolas pelo nogueiral e pelas videiras (E₁₂);

9. Inicialmente, a agricultura era a única atividade praticada na maioria das propriedades, doze em quinze. Todavia, a maioria dos entrevistados, nove em quinze (E₁, E₃, E₅, E₈, E₉, E₁₀, E₁₂, E₁₃ e E₁₄), pretendeu igualmente introduzir a atividade turística nas herdades/quintas, de forma a colmatar o decréscimo da importância da agricultura e a possuir uma fonte de rendimento extra, eventualmente mais rentável. A afirmação da **hipótese a) “Na região alentejana o agroturismo baseia-se em herdades e quintas onde a principal atividade é o turismo, complementada e suportada pela prática agrícola” é verídica** para a maioria dos entrevistados, visto que, comparativamente, o turismo consegue, eventualmente, gerar uma maior fonte de riqueza do que a venda de produtos agrícolas. Somente em dois casos (E₇ e E₁₀) os entrevistados alegam o inverso, mencionando, respetivamente, que “O Agroturismo Xistos é um complemento à exploração agropecuária e agroflorestal. São seis quartos que complementam a atividade principal que é a agricultura” e “O nosso negócio aqui é sobretudo o vitivinícola. A nossa ideia é criar uma espécie de guarda-chuva, um apoio, com o turismo e dentro disso ter a parte agrícola.”;

10. Treze das quinze herdades/quintas (E₁, E₂, E₃, E₄, E₅, E₆, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₄) tiveram de passar por um processo de recuperação e reabilitação, pois possuíam edifícios degradados sem condições para receberem hóspedes. Deste modo **verifica-se a hipótese e) “A implementação do agroturismo em herdades e quintas permitiu a renovação e reutilização do seu património material e cultural”**, pois esta modalidade de TER permitiu travar o abandono destas propriedades, a recuperação e reutilização de edifícios quer para alojamento quer para outras funcionalidades. Ademais, com a implementação de determinadas atividades agroturísticas, é possível valorizar culturalmente a região, como por exemplo através do assistir aos ensaios de um grupo coral de Cante Alentejano e da visita a uma oficina para observação do trabalho em buinho de um artesão (E₁₂);

11. Relativamente aos apoios financeiros provenientes da UE, onze entrevistados (E₂, E₃, E₄, E₅, E₆, E₇, E₈, E₁₀, E₁₁, E₁₂ e E₁₃) afirmaram que os receberam, denotando-se uma certa preocupação e desejo de incrementar o TER, mais especificamente o agroturismo, por parte do Governo português por este ser uma das atividades que também contribui para o PIB nacional;

12. Inicialmente quatro propriedades (E₃, E₉, E₁₁ e E₁₂) ofereciam apenas alojamento, mas, posteriormente, decidiram complementar o serviço de estada com, pelo menos, uma atividade agroturística, possivelmente, para aproveitamento do espaço e da horta, se existente. De evidenciar que um entrevistado (E₁₅) pretende, no futuro, implementar atividades relacionadas com a prática agrícola, numa ótica de combate à sazonalidade;

13. No geral os entrevistados referiram como um problema premente a falta de mão-de-obra, na medida em que não existem pessoas dispostas a trabalhar tanto na agricultura como no turismo. Para além deste facto, a população alentejana é envelhecida, tendo maior dificuldade em desempenhar trabalhos mais árduos. A população jovem que poderia colmatar esta carência de mão-de-obra prefere ser empregada em territórios do litoral;

14. A maioria das herdades/quintas oferece mais do que uma atividade agroturística, porém, averiguou-se que os turistas nem sempre se encontram recetivos às mesmas, preferindo desfrutar do alojamento e executar o plano que delinearão previamente. Contudo, as atividades existentes não variam muito de propriedade para propriedade, uma vez que grande parte das mesmas oferece passeios pedestres e de bicicletas, a oportunidade de observar os animais, quando existentes, e as culturas da horta, sendo **possível comprovar a hipótese i) “As atividades oferecidas são semelhantes na maioria das herdades e quintas existentes”**. Ainda assim, existem herdades/quintas que proporcionam atividades distintas de todas as outras, como piqueniques (E₆ e E₉), *workshops* de culinária (E₂ e E₁₀), participação nas vindimas (E₉ e E₁₀), apicultura (E₇), entre outras. Acrescenta-se ainda que, caso seja oportuno, um dos entrevistados (E₁) dá ainda a oportunidade aos hóspedes de, por exemplo, assistirem e participarem na matança do porco e na tosquia das ovelhas. Como este caso existem outros, segundo os quais as atividades não são promovidas nos *websites* das herdades/quintas, mas podem ser proporcionadas pontualmente se os seus proprietários/responsáveis assim o entenderem. Desta forma, constata-se que **a hipótese f) “Uma herdade ou quinta oferece, durante todo o ano, sempre a mesma tipologia de atividade” é verídica**, porque, dentro da mesma tipologia, as atividades oferecidas são as mesmas independentemente de, por vezes, diferirem conforme a estação do ano. O exemplo mais adequado relaciona-se com a prática agrícola, onde há a possibilidade dos turistas participarem nesta atividade durante todo o ano, pois a altura de plantio e de colheita dos produtos varia conforme as estações do ano;

15. **Não é viável afirmar que “As atividades agroturísticas oferecidas contam com a participação direta dos turistas” – hipótese g)**, pois, em algumas delas, como os passeios pedestres, os turistas apenas circulam pela propriedade de forma autónoma ou acompanhados pelo proprietário que lhes transmite os seus conhecimentos acerca da fauna e, eventualmente, da flora existente nas herdades/quintas. Por esta razão, não é possível generalizar a afirmação para todas as atividades agroturísticas contempladas nas respostas às entrevistas. Não obstante, outras atividades, como o *workshop* de culinária ou a participação em algumas atividades agrícolas, já contam com a participação direta dos turistas;

16. **A hipótese h) “Os proprietários das herdades e quintas privilegiam a oferta de atividades autênticas” é válida**, dado que, de acordo com as respostas dos entrevistados, a discente acredita que estes procuram sempre contemplar atividades agroturísticas enquadradas no quotidiano de quem trabalha nas propriedades. Assim sendo, não existe a necessidade de criar/encenar propositadamente uma atividade para os turistas. Para além deste aspeto, os proprietários não dispõem de muito tempo nem de mão-de-obra para encenar uma atividade;

17. Algumas das atividades agroturísticas oferecidas promovem a cultura e a identidade local e/ou regional, bem como os produtos autóctones, especificamente aquelas que, como exemplo, correspondem aos *workshops* de culinária (E₂ e E₁₀), onde são elaboradas refeições com produtos endógenos; ao *workshop* de agricultura – “Ser agricultor por um dia” (E₆), segundo o qual os turistas participam na colheita de produtos; e à oportunidade de assistir aos ensaios de um grupo coral de Cante Alentejano e de visitar uma oficina de um artesão que desenvolve trabalho em buinho (E₁₂). Neste sentido, **a hipótese j) “As atividades turísticas oferecidas têm relação direta com a identidade local e os produtos específicos da região” é verídica**, uma vez que todas as atividades têm essa relação direta com a cultura e/ou a identidade do território;

18. **A hipótese k. “O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para as herdades?” é falsa**, porque não é o número de atividades existentes que dita a dinâmica social para a herdade/quinta. Ademais, acredita-se que essa dinâmica também se encontra dependente do número de participantes na atividade. Por exemplo, a Horta de Torrejais (E₁₁) oferece somente passeios pedestres que se forem realizados em grupo poderão fomentar dinâmica entre os turistas e entre estes e o proprietário, caso sejam guiados. Em contrapartida, as Casas do Rio Sado (E₁₃) oferecem mais atividades que, *a priori*, não pressupõem gerar dinâmica social, uma vez que, para além de autónomas, podem ser realizadas individualmente. Acrescenta-se, por exemplo, o caso da tiragem da cortiça, segundo a qual os turistas que observam esta prática podem ter uma atitude passiva e não dialogar com o colaborador que a executa;

19. Relativamente à hipótese l. **“O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para a região em que se localizam?”**, esta também **não se verifica** por não existir correlação entre o volume de atividades oferecidas e a dinâmica social gerada para a região, visto que, na maioria, as atividades ocorrem dentro das propriedades sem intervenção de pessoas da comunidade, pois são autônomas ou dinamizadas pelo proprietário/responsável. Verifica-se dinâmica social quando os turistas hospedados no Pátio Lima (E₂) são encaminhados para tomar o pequeno-almoço no café da aldeia ou quando os turistas alojados no Monte do Pantaleão (E₁₂) são convidados a assistir aos ensaios do grupo coral de Cante do Baleizão ou ao trabalho de um artesão, ambos fora do empreendimento agroturístico. A partir destas conclusões, constata-se que **as hipóteses p. “As comunidades locais encontram-se envolvidas nas atividades desenvolvidas nas herdades e quintas de agroturismo?” e r. “As atividades turísticas oferecidas apenas ocorrem nas herdades e quintas?” não se verificam.** Na hipótese p. apenas no Pátio Lima (E₂) a dinamizadora do *workshop* de culinária pertence à comunidade da aldeia. Na hipótese r., como se tem vindo a comprovar, existem herdades/quintas que oferecem atividades turísticas no exterior das mesmas;

20. A maioria dos entrevistados, cujas propriedades oferecem atividades, nove em treze²³ (E₁, E₂, E₃, E₄, E₆, E₇, E₉, E₁₀ e E₁₂) afirmaram que tentam implementar atividades agroturísticas inovadoras e diferentes das já existentes na região. Porém, na perceção da discente, no geral, não se podem considerar atividades inovadoras e diferentes, uma vez que, ao analisar as entrevistas, averiguou uma ausência de criatividade e originalidade das mesmas, com exceção, por exemplo, dos piqueniques (E₆ e E₉), dos *workshops* de culinária (E₂ e E₁₀) e da apicultura (E₇). Por este motivo, a discente **não corrobora com a hipótese k) “Verifica-se alguma inovação nas atividades turísticas oferecidas.”**;

21. No âmbito da promoção de experiências, a discente é da opinião que, no conjunto de todos os serviços oferecidos pelas herdades/quintas em estudo, os proprietários e/ou responsáveis conseguem proporcionar experiências únicas e memoráveis. Em relação a atividades específicas que promovam a vivência de experiências ímpares salientam-se o balonismo (E₉ e E₁₀) e as oferecidas pelo Monte do Pantaleão (E₁₂). Por esta razão, **confirma-se a hipótese l) “As herdades e quintas promovem experiências únicas e memoráveis.”**;

22. No que tange ao tipo de público mais atraído para estas propriedades devido à oferta de atividades em agroturismo, evidenciam-se as famílias com crianças num total de treze respostas dadas pelos entrevistados. Quanto ao grupo de jovens, este é o tipo de público menos atraído para as herdades/quintas em estudo, com um total de zero respostas, provavelmente, em virtude do

²³ O total de entrevistas corresponde a quinze herdades/quintas, porém, duas delas (E₁₄ e E₁₅) não oferecem atividades, tendo sido, por essa razão, excluídas dos pontos conclusivos referentes às atividades.

elevado valor a pagar pela estada e por serem indivíduos, geralmente, com menor poder económico que optam por empreendimentos como as pousadas da juventude e os alojamentos locais;

23. No que diz respeito ao lucro direto obtido com a realização de atividades agroturísticas, apurou-se que, independentemente do número de atividades, todas são gratuitas em sete de treze herdades/quintas (E₁, E₅, E₇, E₈, E₁₁, E₁₂ e E₁₃). Nos casos em que têm um custo associado (E₂, E₃, E₄, E₆, E₉ e E₁₀) verificou-se que o lucro obtido não possui relevância, excetuando-se o da Herdade do Vau (E₁₀). Desta forma, **não é possível confirmar que “Uma herdade ou quinta consegue gerar maior lucro direto se oferecer aos seus hóspedes mais do que uma atividade agroturística” – hipótese m)**, já que, exemplificando com a Quinta da Espada (E₈) e com as Casas do Rio Sado (E₁₃), uma propriedade pode disponibilizar várias atividades, mas não obter lucro direto, uma vez que estas são gratuitas ou exigem pagamento prévio para os parceiros responsáveis pelas mesmas. Ademais, mesmo nas herdades/quintas em que as atividades exijam um pagamento, o lucro direto só existirá se os turistas decidirem participar nas mesmas. Ainda assim, é natural que, se houver participantes, uma atividade com um preço associado trará menor lucro a uma propriedade do que se outra oferecer duas ou mais atividades com um custo;

24. Na sequência do ponto anterior, também **não é possível afirmar que as hipóteses c. “O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para as herdades?” e d. “O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para a região em que se localizam?” são verdadeiras**, pelas razões acima referidas. Uma mesma herdade/quinta pode proporcionar duas ou mais atividades gratuitas que, por esse motivo, não são capazes de incrementar a sua economia e a da região;

25. Não é viável perceber se existe correlação entre o tipo de público e as atividades agroturísticas, dado que os proprietários e/ou responsáveis não fazem esta segmentação de mercado, ou seja, não distinguem o tipo de público que é atraído para cada uma das atividades que oferecem. Neste sentido, **a verificação das hipóteses o) “As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a famílias com crianças” e p) “As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a seniores” não é plausível**;

26. Não obstante o número de atividades agroturísticas proporcionadas numa propriedade, a maioria dos entrevistados, sete em treze (E₁, E₃, E₄, E₇, E₉, E₁₀ e E₁₃), alegou que consegue fidelizar turistas. Perante esta informação, **a hipótese n) “Com uma variada oferta de atividades, os turistas acabam por ficar fidelizados à herdade ou quinta” não é válida**, na medida em que não é por um empreendimento de agroturismo deter uma panóplia de atividades que se consegue essa fidelização. Por exemplo, a Casa do Guizo (E₅) e a Quinta da Espada (E₈)

são propriedades que proporcionam, pelo menos, três atividades, no entanto as proprietárias referiram que a fidelização ocorre graças a outros fatores e não à quantidade de atividades. Acredita-se que um dos fatores preponderantes para a fidelização possa ser a capacidade do anfitrião bem-receber os turistas;

27. **Não se confirma que “As atividades de agroturismo com mais benefícios de fidelização para as herdades e quintas são aquelas que envolvem o contacto direto com animais” – hipótese q)**, pois, uma vez mais, não é plausível associar a fidelização às atividades agroturísticas existentes numa propriedade. Para além desta afirmação, duas entrevistadas (E₂ e E₅), que permitem aos turistas contactar com os animais, responderam negativamente à questão da fidelização de hóspedes a partir das atividades agroturísticas;

28. Em relação à contratação de pessoas pertencentes à população local para a dinamização de atividades, provou-se que, excetuando o Páteo Lima (E₂), os proprietários e/ou responsáveis optam por ser os próprios a acompanhar os turistas durante uma atividade, caso esta não possa ser feita autonomamente. Deste modo, **a hipótese f. “As atividades agroturísticas são dinamizadas por indivíduos pertencentes às comunidades locais?” é falsa;**

29. Doze das quinze herdades/quintas (E₁, E₃, E₄, E₅, E₆, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₄) vende os seus produtos aos turistas, a mercados ou a empresas. Porém, observou-se que, de um modo geral, as herdades/quintas não vendem outros artigos de produtores locais, **não se verificando a hipótese q. “As comunidades locais encontram-se envolvidas nos produtos vendidos nas herdades e quintas?”**. As exceções são duas, a da Herdade da Maridona (E₃) e a da Herdade do Vau (E₁₀);

30. Para nove das quinze propriedades (E₁, E₅, E₆, E₈, E₉, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₄), a venda dos seus produtos traduz-se numa fonte de rendimento pouco importante, constatando-se que **a hipótese a. “As vendas de produtos existentes nas lojas das herdades e quintas são significativas para os negócios de agroturismo?” não é verídica**, dado que as vendas são pouco importantes. Apenas na Herdade do Vau (E₁₀) a venda do vinho é uma fonte de rendimento muito importante;

31. Ao testar-se **a hipótese r) “As atividades agroturísticas que revelam mais vantagens para as herdades e quintas são aquelas que pressupõem a venda de produtos similares aos obtidos nos *workshops*”** averiguou-se que esta **não é aceitável**, devido ao facto da maioria das herdades/quintas, nove em treze (E₁, E₃, E₄, E₅, E₇, E₈, E₁₁, E₁₂ e E₁₃), não realizar *workshops*, excluindo-se quatro propriedades (E₂, E₆, E₉ e E₁₀);

32. **A hipótese b. “Os produtos obtidos em algumas das atividades de agroturismo são vendidos para/por mercearias locais?” não se verifica**, uma vez que nove em treze

entrevistados (E₁, E₃, E₄, E₅, E₆, E₈, E₉, E₁₂ e E₁₃) responderam negativamente quando questionados acerca da comercialização dos seus produtos para/por mercearias locais. Apesar de dois entrevistados (E₁₀ e E₁₁) terem respondido afirmativamente à questão, os artigos vendidos por estes não resultam da realização de nenhuma atividade agroturística;

33. Relativamente à existência de parcerias locais, **a hipótese s. “Existem parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais?” é verdadeira**, visto doze entrevistados em quinze (E₁, E₂, E₃, E₄, E₆, E₇, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂ e E₁₃) terem, pelo menos, uma parceria com empresas locais/regionais e com indivíduos da comunidade, como por exemplo entre o Monte da Serralheira (E₉) e a Herdade do Vau (E₁₀) com uma empresa de balonismo e a Herdade da Maridona (E₃) e um senhor, dono de cavalos, residente na região. Deste modo, **verifica-se a hipótese i. “Existe inter-relação entre os proprietários das herdades e das quintas, as comunidades e as entidades locais?”**;

34. Quanto à hipótese t. **“As parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais implicam a promoção de atividades turísticas fora destes empreendimentos?”**, esta é verdadeira, como se observa com o caso da prova de vinhos promovida pela Quinta da Espada (E₈) em parceria com a Adega da Cartuxa. Contudo, algumas das parcerias existentes não estão diretamente relacionadas com o agroturismo, exemplificadas pela parceria entre o Páteo Lima (E₂) e o café local e as Casas do Rio Sado (E₁₃) e o restaurante local;

35. A partir da análise das respostas dos entrevistados referentes às melhorias do meio envolvente devido à existência das herdades/quintas em estudo, **a hipótese m. “O agroturismo viabiliza a construção e a melhoria de infraestruturas na região?” não se verificou**, pois nenhum dos entrevistados assinalou esta melhoria;

36. No que concerne à questão ambiental, apurou-se que todos os proprietários e/ou responsáveis revelam preocupação em preservar o ambiente, pois assinalaram uma ou mais medidas, destacando-se a triagem do lixo, com onze em quinze respostas (E₁, E₄, E₅, E₆, E₈, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₅), e a utilização de alguma fonte de energia renovável, com doze em quinze respostas (E₂, E₃, E₄, E₅, E₆, E₇, E₈, E₉, E₁₀, E₁₂, E₁₃ e E₁₅). Perante este facto, **a hipótese o. “As herdades e quintas de agroturismo denotam uma preocupação com as condições ambientais?” foi confirmada**;

37. Com a preocupação demonstrada e o investimento feito por parte de todos os entrevistados para preservar o ambiente, constatou-se que **a hipótese n. “Denota-se uma melhoria do meio envolvente com a fundação de herdades e quintas de agroturismo?” é verdadeira**. Apesar de ser uma amostra reduzida, crê-se que todas as propriedades têm algum

impacto positivo a nível ambiental ao adotarem medidas que também contribuam para a preservação do meio que as envolve;

38. Na opinião de dez dos quinze entrevistados (E₁, E₂, E₃, E₄, E₅, E₇, E₁₀, E₁₂, E₁₃ e E₁₅), o agroturismo e, especificamente, as herdades/quintas estudadas assumem um papel preponderante na criação de postos de emprego para a população local, dando **resposta afirmativa à hipótese g. “O agroturismo detém a capacidade de criar emprego local?”**. Ademais, a hipótese e. **“O agroturismo revela-se como uma fonte extra de rendimento para os agricultores alentejanos?” não pode ser considerada verídica**, uma vez que a grande parte dos entrevistados provém de outras áreas que não a agrícola. O único caso em que se verifica esta questão é no Monte da Serralheira (E₉), pois o marido da entrevistada dedica-se exclusivamente à agricultura;

39. Não é possível afirmar que todas as atividades agroturísticas desenvolvidas nas propriedades deem a conhecer as culturas locais, visto não estarem direcionadas para este objetivo. As únicas exceções passam pelos *workshops* de culinária (E₂ e E₁₀), pelas atividades dinamizadas pelo Monte do Pantaleão (E₁₂) e por algumas das atividades informais que se podem proporcionar sazonalmente na Quinta da Sagrada Família (E₁). Assim sendo, a hipótese u. **“As culturas locais encontram-se em destaque nas atividades turísticas que se desenvolvem nas herdades e quintas?” não é válida**;

40. A hipótese j. **“O agroturismo viabiliza uma melhoria do autoconceito e da valorização das culturas locais?”** também **não pode ser validada**, dado que, corroborando com a opinião de dois entrevistados (E₉ e E₁₀), o agroturismo enquanto modalidade de TER necessita de continuar a desenvolver-se, a ganhar maior reconhecimento por parte dos turistas e relevância no Alentejo, distinguindo-se da designação de turismo em espaço rural. Além dos turistas, alguns proprietários de herdades/quintas de agroturismo deveriam também de investir na sua formação e valorizar esta modalidade, de forma a compreender e a aceitar a designação que lhes é atribuída pelas entidades municipais. Na amostra em estudo, esta situação sucedeu-se com a entrevista ao empreendimento de Vale de Gatos (E₁₄), a partir da qual a discente se apercebeu que a proprietária não concorda com a classificação atribuída à sua propriedade, não obstante faça criação de ovelhas e possua uma horta para autoconsumo.

41. Por último, a **maioria dos entrevistados**, dez em quinze (E₃, E₄, E₅, E₆, E₉, E₁₀, E₁₁, E₁₂, E₁₃ e E₁₅), **respondeu negativamente** à questão “Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?”. Os proprietários que responderam afirmativamente a esta pergunta são aqueles cujos empreendimentos se encontram nas proximidades das duas principais cidades alentejanas, Évora e Beja. As respostas desses entrevistados foram positivas, uma vez que, possivelmente, as suas herdades/quintas

desenvolvem mais relações de interdependência e complementaridade com as duas cidades mencionadas.

5. Considerações finais

5.1. Conclusão

Portugal é um país de contrastes socioeconómicos entre o interior e o litoral do continente, desde outrora até à atualidade. Inicialmente era um país de cariz rural, onde a agricultura era a atividade predominante por ter um elevado número de população ativa. Porém, a Revolução Industrial despoletou uma modernização no litoral do território, revolucionando, essencialmente, os setores de atividade secundário e terciário. No entanto, o setor primário também foi alvo dessa modernização com a introdução de maquinaria que, conseqüentemente, dispensou mão-de-obra agrícola. Com o crescimento da importância dos outros setores, o primário perdeu a relevância que outrora possuía. Estas mudanças obrigaram a população rural a procurar melhores condições de vida no litoral, levando à fuga populacional em massa dos espaços rurais para os urbanos.

Deste modo, no interior de Portugal os problemas sociais e económicos tornaram-se bastante marcantes e de difícil resolução, nomeadamente a desertificação humana, o envelhecimento populacional e a falta de população em idade ativa. Nestes territórios permaneceram, maioritariamente, idosos, porque os jovens e adultos decidiram migrar para o litoral, verificando-se, cada vez mais, o abandono do interior pautado pela ausência de renovação de gerações, pelo parco investimento nas infraestruturas e equipamentos existentes e nos transportes, pelo encerramento de inúmeros serviços, pelo abandono da agricultura e de propriedades agrícolas, entre outras evidências.

Neste contexto, o desenvolvimento do turismo e a maior vontade do turista estar em contacto com a natureza e com a serenidade do mundo rural, o TER e as suas modalidades surgem como possível revitalização e fomento dos espaços rurais. Perante esta afirmação, ao longo desta dissertação pretendeu-se comprovar se, de facto, o agroturismo e as atividades proporcionadas no âmbito desta modalidade possuem a capacidade de reverter ou, pelo menos, atenuar a situação vigente nos territórios rurais. Com o decorrer da investigação e de acordo com a opinião de alguns autores, concluiu-se que, embora em menor número, existem vantagens despoletadas pelo agroturismo para o Alentejo, nomeadamente o contrariar do abandono dos montes alentejanos; a recuperação e reabilitação dos seus edifícios, denotando-se uma preocupação em valorizar a arquitetura dos mesmos; o potencializar o património cultural com a dinamização de determinadas atividades agroturísticas; a valorização e manutenção da agricultura tradicional; o dar a conhecer e a preservação do saber-fazer tradicional com a realização de algumas atividades agroturísticas; entre outras.

Todavia, a partir da amostra estudada constatou-se que muito dificilmente o agroturismo consegue, por si só e em larga escala, potenciar a economia e minimizar os problemas relativos

ao envelhecimento e à desertificação da população no Alentejo, visto que esta é uma modalidade de TER ainda em crescimento e com a necessidade de ser reestruturada, por exemplo, ao nível da formação em turismo dos gestores de empreendimentos; da existência de um maior número de parcerias locais; e de um melhor investimento em atividades agroturísticas. A discente contraria certas vantagens apresentadas por autores face ao agroturismo e corrobora com algumas das desvantagens, na medida em que, após a análise das entrevistas, concluiu que existe, de facto, oferta de emprego para indivíduos pertencentes à população local, porém, em alguns casos, é sazonal; existem incertezas de retorno económico perante investimentos que os proprietários possam fazer para a melhoria dos empreendimentos; não se verifica a fixação da população nos territórios rurais devido, exclusivamente, ao agroturismo nem o plurirrendimento para os agricultores, visto que a maioria dos proprietários e/ou responsáveis entrevistados não é agricultor; e não se constata uma melhoria no meio envolvente das herdades e quintas, especificamente na construção de novas infraestruturas.

No que concerne às atividades agroturísticas, a discente ratifica as dimensões abordadas por alguns autores em relação às experiências proporcionadas aos turistas, uma vez que, a partir da amostra estudada, constatou existir componentes de entretenimento, estética, educação e evasão nas mesmas, a partir do momento em que, por exemplo, os turistas são convidados a participar em passeios pedestres guiados com a observação da fauna e flora, em cultivar produtos hortícolas e frutícolas e a assistir ao trabalho de um artesão.

Em suma, dando resposta à pergunta de partida “Será que as atividades e experiências de agroturismo contribuem para a dinamização socioeconómica do Alentejo?”, a investigação revelou que esta é complexa por envolver vários indicadores demográficos e económicos e por não possuir uma resposta linear. No conjunto das quinze entrevistas aos proprietários e/ou responsáveis das herdades e quintas, a discente considera que essa dinamização é pouco visível e insuficiente para a melhoria socioeconómica da região. Não obstante sejam “uma gota no oceano”, existem empreendimentos em que o trabalho executado pelo gestor é de louvar, especialmente no que tange à tentativa de fomentar o contacto social entre os turistas e a comunidade, dando-lhes a conhecer a identidade e a cultura local.

De evidenciar ainda que, na ótica da discente, algumas propriedades com enorme potencial estão subaproveitadas quanto às atividades agroturísticas que aí se poderiam promover. Este subaproveitamento deve-se, provavelmente, à idade dos proprietários, ao seu cansaço, à falta de criatividade e à parca mão-de-obra, acabando por se constatar uma concentração de todas as funções no próprio gestor e nos poucos colaboradores existentes. A discente apercebeu-se que há ainda um longo caminho a percorrer em termos do agroturismo.

5.2. Limitações do estudo e contributos para futuras investigações

O balanço da elaboração da presente dissertação é bastante positivo, uma vez que possibilitou à discente adquirir novos conhecimentos acerca da temática estudada. O trabalho de campo realizado foi igualmente enriquecedor por lhe ter proporcionado o contacto direto com pessoas de diferentes faixas etárias, detentoras de perspetivas e opiniões distintas sobre o agroturismo. Ademais, além de ter sido uma melhoria para o percurso académico da discente, o trabalho de campo revelou-se uma peça-chave para o seu desenvolvimento pessoal, na medida em que, durante algum tempo, esta viu-se sozinha, a viver no Alentejo, tendo de, por si só, solucionar adversidades que foram surgindo durante a sua estada. Deste modo, tornou-se mais desenvolta na resolução dos obstáculos.

Todavia, ao longo da execução desta dissertação, a discente sentiu algumas dificuldades, nomeadamente aquando da procura de material bibliográfico referente ao agroturismo em Portugal e no Alentejo. Acredita-se que este problema se deve ao facto desta modalidade de TER ser pouco estudada no âmbito nacional e regional, sendo, por esta razão, extremamente complicado conseguirem-se dados qualitativos e quantitativos acerca da mesma. Acrescenta-se ainda que os dados estatísticos referentes ao agroturismo em Portugal são reduzidos por se encontrarem, maioritariamente, englobados no TER, não havendo distinção entre as várias modalidades.

Para além desta questão, a discente deparou-se com dificuldades no contacto com os proprietários e/ou responsáveis das propriedades, pois, embora alguns se tenham mostrado extremamente recetivos à participação no estudo, outros demonstraram-se apreensivos e relutantes. Determinadas situações foram complicadas, dado que, por vezes, algumas pessoas aceitavam colaborar com a discente, mas, aquando da tentativa de marcação de visita à herdade/quinta, não obtinha qualquer resposta. Os meses em que foram feitas as entrevistas geraram igualmente alguns contratempus para conseguir colaboradores para o estudo por serem os meses de época alta em que há uma maior procura turística. Apesar de tudo, a discente acredita que, ao ser persistente e não desistir por ouvir respostas negativas, conseguiu encarar e resolver as situações adversas da melhor maneira.

No que diz respeito à amostra, a discente reconhece que esta também constitui uma limitação, visto ser pequena face ao número de casos do universo. Assim sendo, ressalva que, em futuras investigações, ao estudar-se um maior número de herdades e quintas é bastante provável que as conclusões obtidas com a análise das entrevistas e a veracidade das hipóteses sofram alterações. Outras limitações prendem-se com algumas questões das entrevistas serem de opinião e, portanto, as respostas são subjetivas e variam consoante a experiência e a vivência de cada pessoa. Evidencia-se o facto de algumas herdades e quintas não possuírem *websites* ou estes estarem

desatualizados, revelando ser um problema na perceção das atividades agroturísticas oferecidas. A discente procurou colmatar esta falha a partir do trabalho de campo.

Por último, relativamente a contributos para futuras investigações, considera-se que este estudo, com todas as suas limitações, é importante na desmistificação e compreensão das potencialidades do agroturismo para o Alentejo. O trabalho realizado poderá inclusive servir de exemplo e, possivelmente, de ponto de partida para outras investigações que se pretendam efetuar.

Bibliografia

- Almeida, M. (2007). O mundo rural e os novos desafios. In: T. Dentinho & O. Rodrigues (Eds.), *Periferias e espaços rurais: comunicações apresentadas ao II Congresso de Estudos Rurais*. Estoril: Príncípia, pp. 295–317.
- Anthopoulou, T. & Melissourgou, Y. (2013). Agri-tourism: In between rural change, tourism restructuring and environmental imperatives. In: A. Holden & D. Fennel (Eds.), *The Routledge Handbook of Tourism and the Environment*. Oxford: Routledge, pp. 359–370.
- APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça (2020). *A fileira da cortiça: Da floresta ao consumidor*. Disponível em: <https://www.apcor.pt/portfolio-posts/a-fileira-da-cortica-da-floresta-ao-consumidor/> [obtido a 27/06/2022].
- Arroteia, J. (1984). *A Evolução Demográfica Portuguesa: reflexos e perspectivas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Arroteia, J. (1991). Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período 1864-1981: evolução global do continente português. *Estudos Demográficos - Revista Do Gabinete de Estudos Demográficos do INE*, 30, pp. 31–39.
- Avillez, F. (2015). *A Agricultura Portuguesa: As últimas décadas e perspectivas para o futuro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Azeite do Alentejo. (s.d.). *O azeite do Alentejo - Genuíno. Verdadeiro. Apaixonante*. Disponível em: <https://azeitedoalentejo.pt/o-azeite-do-alentejo/> [obtido a 30/06/2022].
- Barbieri, C.; Mahoney, E. & Butler, L. (2008). Understanding the nature and extent of farm and ranch diversification in North America. *Rural Sociology*, 73(2), pp 205–229.
- Barbieri, C.; Stevenson, K. & Knollenberg, W. (2018). Broadening the utilitarian epistemology of agritourism research through children and families. *Current Issues in Tourism*, 22(19), pp 2333–2336.
- Barbosa, A. (2008). *O Melhor do Alentejo – Guia de Sugestões*. Disponível em: <https://www.rederural.gov.pt/component/jdownloads/?task=download.send&id=153&catid=2&m=0&Itemid=101> [obtido a 28/06/2022].
- Barreto, A. (1995). Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995. *Análise Social*, 30(134), pp. 841–855.
- Birot, P. (2004). *Portugal – Estudo de Geografia Regional* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte.

- Borrvalho, M. (1994). *Alentejo - Tesoro Escondido de Portugal* (2ª edição). Évora: Região de Turismo de Évora.
- Bramwell, B. (1994). Rural tourism and sustainable rural tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 2(1-2), pp. 1-6.
- Brito, A. (2008). El agroturismo en los municipios de la Zona Metropolitana de Mérida. Realidad y posibilidades. *Visión Gerencial*, 1, pp. 59-82.
- Broccardo, L.; Culasso, F. & Truant, E. (2017). Unlocking value creation using an agritourism business model. *Sustainability (Switzerland)*, 9(9), pp. 1-26.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4ª edição). Oxford: Oxford University Press.
- Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (2017). *O mundo rural e o desenvolvimento económico e social de Portugal: uma agenda para o futuro*. Disponível em: https://issuu.com/municipiodeidanhaanova/docs/estudo_mundo_rural [obtido a 03/03/2022].
- Carneiro, M.; Kastenholz, E. & Marques, C. (2014). Experiência turística rural vivida e cocriada pelos visitantes. In: E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. J. Carneiro, & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal – cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: UA Editora, pp. 71-88.
- Carvalho, P. (2003). Património e (re)descoberta dos territórios rurais. *Boletim Goiano de Geografia*, 23(2), pp. 173-196.
- Carvalho, P. & Ribeiro, J. (2009). *Territórios em Transformação: O Caso do Alentejo*. Disponível em: https://www.ccdr-a.gov.pt/docs/desenv_regional/estudos/Alentejo2030.pdf [obtido a 04/03/2022].
- Cavaco, C. (1995). Tourism in Portugal: diversity, diffusion, and regional and local development. *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*, 86(1), pp. 64-71.
- Cavaco, C. (2004). Desafios de desenvolvimento rural. *Finisterra*, 39(78), pp. 99-112.
- CCDR Alentejo – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (2014). *Uma Estratégia de Especialização Inteligente para o Alentejo*. Disponível em: <https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-E-SERVICOS/Incentivos-Financiamento/Documentos-Incentivos/EREI-Alentejo.aspx> [obtido a 02/06/2022].
- Cella, D.; Queda, O. & Ferrante, V. (2019). A definição do espaço rural como local para o desenvolvimento territorial. *Revista Retratos de Assentamentos*, 22(1), pp. 69-91.

- Chiodo, E.; Fantini, A.; Dickes, L.; Arogundade, T.; Lamie, R.; Assing, L.; Stewart, C. & Salvatore, R. (2019). Agritourism in mountainous regions-insights from an international perspective. *Sustainability*, 11(13), pp. 1–20.
- Ciolac, R.; Adamov, T.; Iancu, T.; Popescu, G.; Lile, R.; Rujescu, C. & Marin, D. (2019). Agritourism - A sustainable development factor for improving the “health” of rural settlements. Case study Apuseni Mountains Area. *Sustainability (Switzerland)*, 11(5), pp. 1–24.
- Condesso, F. (2011). Desenvolvimento rural, património e turismo. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 8(66), pp. 197–222.
- Correia, J. & Carvalho, P. (2010). Turismo e desenvolvimento rural. O caso do Piódão (Aldeias Históricas de Portugal). *Cadernos de Geografia*, 28~29, pp. 117–130.
- Creswell, J. & Creswell, J. (2018). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (5ª edição). Los Angeles: SAGE.
- Cunha, L. & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo* (5ª edição). Lisboa: Lidel.
- Decreto-lei n.º 80/2017, de 30 de junho. *Diário Da República*.
- Decreto-lei n.º 169/1997, de 4 de julho. *Diário Da República*.
- Decreto-lei n.º 256/1986, de 27 de agosto. *Diário Da República*.
- Domingues, C. (2013). *Prontuário Turístico* (3ª edição). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Feio, M. & Martins, A. (1993). O relevo do Alto Alentejo. *Finisterra*, 28(55/56), pp. 149–199.
- Fernandes, L. (2008). Turismo e desenvolvimento local: o contributo do turismo rural-cultural. *Máthesis*, 17, pp. 333–337.
- Ferrão, J. (2000). Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *EURE (Santiago)*, 26(78), pp. 123–130.
- Ferrão, J. (2018). Despovoamento em áreas rurais: Entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. *CULTIVAR — Cadernos de Análise e Prospetiva*, 11, pp. 12–19.
- Figueiredo, E. & Eusébio, C. (2014). Experiência turística rural vivida e cocriada pela população local. In: E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. J. Carneiro, & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal – cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: UA Editora, pp. 89–106.

- Flanigan, S.; Blackstock, K. & Hunter, C. (2014). Agritourism from the perspective of providers and visitors: A typology-based study. *Tourism Management*, 40, pp. 394–405.
- Godinho, C. (2004). O turismo em espaço rural (TER) em Portugal – Problemas e desafios para o futuro. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 1(1), pp. 91–93.
- Hall, D.; Mitchell, M. & Roberts, L. (2016). Tourism and the Countryside: Dynamic Relationships. In: D. Hall, L. Roberts, & M. Mitchell (Eds.), *New Directions in Rural Tourism*. Nova Iorque: Routledge, pp. 3–15.
- Hill, M. & Hill, A. (2016). *Investigação por questionário* (2ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Iakovidou, O. (1997). Agro-tourism in Greece: the case of women agro-tourism co-operatives of Ambelakia. *MEDIT*, 1, pp. 44–47.
- INE – Instituto Nacional de Estatísticas (2017a). *Estatísticas Demográficas - 2016*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277094583&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 02/06/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2017b). *Estatísticas do Turismo - 2016*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277048338&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2018a). *Retrato Territorial de Portugal - 2017*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277100821&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 04/10/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2018b). *Estatísticas do Turismo - 2017*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=320462327&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2019). *Estatísticas do Turismo - 2018*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=358629548&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2020a). *Região Alentejo em números*. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=280777308&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 06/07/2022].

- INE – Instituto Nacional de Estatística (2020b). *Estatísticas do Turismo - 2019*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=133574&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2021a). *Evolução do agroturismo por número de dormidas, em Portugal*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007462&contexto=bd&selTab=tab2 [obtido a 26/03/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatísticas (2021b). *Estatísticas Demográficas - 2020*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=442993507&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 02/06/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2021c). *Estatísticas do Turismo - 2020*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=512250061&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2022a). *Estatísticas do Turismo - 2021*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=22122921&PUBLICACOESmodo=2 [obtido a 21/07/2022].
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2022b). *Nº de dormidas nos empreendimentos de agroturismo*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007462&contexto=bd&selTab=tab2 [obtido a 05/09/2022].
- IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera (s.d.). *Clima de Portugal Continental*. Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/> [obtido a 27/05/2022].
- IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera (2022). *O clima*. Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/monitorizacao/index.jsp?selTipo=m&selVar=tx&selAna=me&selAno=2019> [obtido a 02/06/2022].
- IVV – Instituto da Vinha e do Vinho (2018). *Alentejo*. Disponível em: <https://www.ivv.gov.pt/np4/56/> [obtido a 06/07/2022].
- Jiménez, J. (2014). El agroturismo, una alternativa de diversificación para el sector agropecuario. *Siembra*, 1(1), pp. 40–41.
- Kastenholz, E. (2014). Turismo rural – reinventar para sustentar? In: E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. Carneiro, & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal – cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: UA Editora, pp. 1–6.

- Kastenholz, E.; Carneiro, M.; Eusébio, C. & Figueiredo, E. (2013). Host-guest relationships in rural tourism: Evidence from two Portuguese villages. *Anatolia*, 24(3), pp. 367–380.
- Kastenholz, E.; Carneiro, M.; Marques, C. & Lima, J. (2012). Understanding and managing the rural tourism experience - The case of a historical village in Portugal. *Tourism Management Perspectives*, 4, pp. 207–214.
- Kastenholz, E.; Carneiro, M.; Marques, C.; Loureiro, S.; Figueiredo, E. & Pereira, X. (2014). A experiência turística no espaço rural. In: E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. Carneiro, & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal – cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: UA Editora, pp. 43–50.
- Kastenholz, E.; Eusébio, C. & Carneiro, M. (2018). Segmenting the rural tourist market by sustainable travel behaviour: Insights from village visitors in Portugal. *Journal of Destination Marketing and Management*, 10, pp. 132–142.
- Kastenholz, E.; Marques, C. & Carneiro, M. (2020). Place attachment through sensory-rich, emotion-generating place experiences in rural tourism. *Journal of Destination Marketing and Management*, 17, pp. 1–11.
- Kline, C.; Barbieri, C. & LaPan, C. (2016). The Influence of Agritourism on Niche Meats Loyalty and Purchasing. *Journal of Travel Research*, 55(5), pp. 643–658.
- Lane, B. (1994). What is rural tourism? *Journal of Sustainable Tourism*, 2(1–2), pp. 7–21.
- Lane, B. & Kastenholz, E. (2015). Rural tourism: the evolution of practice and research approaches – towards a new generation concept? *Journal of Sustainable Tourism*, 23(8–9), pp. 1133–1156.
- Lobato, C. & Oliveira, S. (2017). *R@io-X 10*. Porto: Areal Editores.
- Maia, R. (2000). Descontinuidades e permanências nas estruturas da economia e da sociedade portuguesas nos últimos sessenta anos. In: *IV Congresso Português de Sociologia. Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462df4bca6053_1.pdf [obtido a 10/05/2022].
- Marques, C. (2015). A brief overview of the Portuguese Agriculture - Its evolution, performance and current situation. *Informe Gepec*, 19(1), pp. 174–184.
- Marques, H. (2006). Searching for complementarities between agriculture and tourism - the demarcated wine-producing regions of northern Portugal. *Tourism Economics*, 12(1), pp. 147–155.

- Marques, T. (2003). Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista Da Faculdade de Letras - Geografia*, 19(1), pp. 507–521.
- Mattoso, J.; Daveau, S. & Belo, D. (2017). *Portugal - O Sabor da Terra* (5ª edição). Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores.
- Medeiros, C. (1992). Um relance da ocupação humana do território português. *Inforgeo*, 4, pp. 51–62.
- Moral, M.; Alles, M. & Franco, M. (2019). Análisis del turismo rural y de la sostenibilidad de los alojamientos rurales. *Revista Espacios*, 40(1), pp. 3–16.
- Moreira, F. & Reis, J. (2017). Os Espaços Rurais e o Turismo. In: F. Silva & J. Umbelino (Eds.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico*. Lisboa: Lidel, pp. 435–450.
- Nogueira, J. & Ferro, P. (1993). *Descubra Portugal - Alentejo*. Amadora: Ediclube.
- Ollenburg, C. & Buckley, R. (2007). Stated economic and social motivations of farm tourism operators. *Journal of Travel Research*, 45(4), pp. 444–452.
- Passo do Lobo (s.d.). Disponível em: <https://passodolobo.com/> [obtido a 11/10/2022].
- Páteo Lima (s.d.). Disponível em: <https://pateolima.pt/> [obtido a 11/10/2022].
- Pena, A. & Cabral, J. (1992). *Região Alentejo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereira, F. & Santos, S. (2019). Sector da Cortiça em Portugal. *Boletim Mensal de Economia Portuguesa*, 1, pp. 47–55.
- Pereiro, X. (2018). Abordagem exploratória do turismo rural de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). *Análise Social*, 53(226), pp. 58–87.
- Pezzi, M.; Faggian, A. & Reid, N. (2020). *Agritourism, wine tourism, and craft beer tourism: local responses to peripherality through tourism niches*. Londres: Routledge.
- Phillip, S.; Hunter, C. & Blackstock, K. (2010). A typology for defining agritourism. *Tourism Management*, 31(6), pp. 754–758.
- Pine, J. & Gilmore, J. (1998). Welcome to the Experience Economy. *Harvard Business Review*, pp. 97–105.
- PORDATA (s.d.). *O que são NUTS?*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS> [obtido a 04/03/2022].
- PORDATA (2021). *Exportações de cortiça e de produtos à base de cortiça, em milhares de euros*. Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Exporta%20a7%20es+dos+principais+produtos+de+origem+florestal-3691> [obtido a 29/06/2022].

PORDATA. (2022a). *População empregada por setores de atividade e por NUT II, em 1991 e 2021, respetivamente.* Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios/populacao+empregada+total+e+por+grandes+sectores+de+atividade+economica-816> [obtido a 12/05/2022].

PORDATA (2022b). *Evolução do TER e do turismo de habitação por número de dormidas, em Portugal (em milhares).* Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Dormidas+nos+estabelecimentos+de+turismo+de+habita%20a7%20o+e+de+turismo+no+espa%20o+rural-2615> [obtido a 04/03/2022].

PORDATA. (2022c). *Produção de azeite, em hectolitros (hl), por NUT II.* Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Produ%20a7%20o+de+azeite-978> [obtido a 30/06/2022].

PORDATA. (2022d). *Produção de vinho, em hectolitros (hl), por NUT II.* Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Produ%20a7%20o+de+vinho+por+cor-975> [obtido a 04/07/2022].

PORDATA. (2022e). *População residente: total e por grandes grupos etários.* Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%20a7%20o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%20arios-390> [obtido a 04/03/2022].

PORDATA (2022f). *Densidade populacional.* Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452> [obtido a 04/03/2022].

Quinta da Espada (s.d.). Disponível em: <https://www.quintadaespada.pt/> [obtido a 11/10/2022].

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª edição). Lisboa: Gradiva.

Rachão, S. & Joukes, V. (2017). Co-creating the branding of rural destinations: an analysis of agritourism Facebook pages in the Northern demarcated wine regions of Portugal. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 27/28, pp. 1933–1946.

Reis, P. & Baltazar, M. (2019). Os territórios rurais de baixa densidade como espaço de lazer e de turismo. O destino turístico Aldeias Históricas de Portugal. *SOCIOLOGIA ON LINE*, 21, pp. 141–166.

Ribeiro, M. (1929). *O Alentejo*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- Ribeiro, M. (2003). Espaços rurais como espaços turísticos – reflexões em torno da construção da oferta de turismo em espaço rural, em Portugal. In: J. Portela & J. Caldas (Eds.), *Portugal Chão*. Oeiras: Celta Editora, pp. 199–216.
- Rodrigues, T. & Oliveira, P. (2008). O Século XX. In: T. Rodrigues (Coord.), *História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade*. Porto: CEPESE e Edições Afrontamento, pp. 417–514.
- Roman, M.; Roman, M. & Prus, P. (2020). Innovations in agritourism: Evidence from a region in Poland. *Sustainability*, 12(12), pp. 1–21.
- Sadowski, A. & Wojcieszak, M. (2019). Geographic differentiation of agritourism activities in Poland vs. Cultural and natural attractiveness of destinations at district level. *PLoS ONE*, 14(9), pp. 1–22.
- Scaglione, A. & Mendola, D. (2017). Measuring the perceived value of rural tourism: a field survey in the western Sicilian agritourism sector. *Quality and Quantity*, 51(2), pp. 745–763.
- Silva, L. (2006). Os impactos do turismo em espaço rural. *Antropologia Portuguesa*, 22/23, pp. 295–317.
- Silva, L. (2007). A procura do turismo em espaço rural. *Etnográfica*, 11(1), pp. 141–163.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2014). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios* (5ª edição). Lisboa: PACTOR.
- Suhartanto, D.; Dean, D.; Chen, B. & Kusdibyo, L. (2020). Tourist experience with agritourism attractions: what leads to loyalty? *Tourism Recreation Research*, 45(3), pp. 364–375.
- Sznajder, M., Przebórska, L., & Scrimgeour, F. (2009). *AGRITOURISM*. Wallingford: CABI.
- Tew, C. & Barbieri, C. (2012). The perceived benefits of agritourism: The provider’s perspective. *Tourism Management*, 33(1), pp. 215–224.
- Tiraieyari, N. & Hamzah, A. (2012). Agri-tourism: Potential opportunities for farmers and local communities in Malaysia. *African Journal of Agricultural Research*, 6(31), pp. 4357–4361.
- Umbelino, J. (2017). O Turismo: Caracterização e Prospetiva. In: F. Silva & J. Umbelino (Eds.), *Planeamento e desenvolvimento turístico*. Lisboa: LIDEL, pp. 3–18.
- UMVI – Unidade de Missão para a Valorização do Interior (2017). *Programa Nacional para a Coesão Territorial - O Interior em números: Os territórios do Interior*. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao->

<territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-os-territorios-do-interior-pdf.aspx> [obtido a 04/10/2022].

Vale de Gatos (s.d.). Disponível em: <https://valedegatos.com/> [obtido a 11/10/2022].

Valente, S. & Figueiredo, E. (2003). “O turismo que existe não é aquele que se quer...”. In: O. Simões & A. Cristóvão (Eds.), *TERN: Turismo em espaços rurais e naturais*. Coimbra: Edições IPC, pp. 95–106.

Veiga, T. (2004). *A População Portuguesa no século XIX*. Porto: CEPSE e Edições Afrontamento.

Vilelas, J. (2020). *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento* (3ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.

Xistos (s.d.). Disponível em: <https://www.xistos.pt/> [obtido a 11/10/2022].

Zandonadi, B. & Freire, A. (2016). Agroturismo: cultura e identidade agregando renda no espaço rural. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 4(1), pp. 23–44.

Zawadka, J. (2019). Agritourism as a way of spending free time of urban families with children. *Annals of the Polish Association of Agricultural and Agribusiness Economists*, 21(3), pp. 532–541.

Apêndices

Apêndice I – Apresentação das unidades de agroturismo alentejanas estudadas

Amostra de Herdades e Quintas:

a) Quinta da Sagrada Família



Figura 26 – Portão de entrada para a Quinta da Sagrada Família

Fonte: Produção própria



Figura 27 – Espaço de lazer, onde é possível observar diversos animais

Fonte: Produção própria

b) Páteo Lima



Figura 28 – Fachada de um dos edifícios do Páteo Lima

Fonte: Páteo Lima, s.d.



Figura 29 – Espaço exterior do empreendimento Páteo Lima

Fonte: Produção própria

c) Herdade da Maridona



Figura 30 – Entrada da Herdade da Maridona

Fonte: Produção própria



Figura 31 – Fachada de um dos edifícios da Herdade da Maridona e espaço de lazer

Fonte: Produção própria



Figura 32 – Loja da Herdade da Maridona

Fonte: Produção própria

d) Quinta dos Ribeiros



Figura 33 – Espaço de entrada da Quinta dos Ribeiros

Fonte: Produção própria



Figura 34 – Caminho para passeios e de acesso à quinta pedagógica (à dir.)

Fonte: Produção própria

e) Casa do Guizo



Figura 35 – Entrada da recepção da Casa do Guizo

Fonte: Produção própria



Figura 36 – Pátio do antigo espaço de armazenagem de trigo (à esq.) e zona de lazer (à dir.)

Fonte: Produção própria

f) Refúgio das Origens



Figura 37 – Entrada para a zona da recepção e dos quartos do Refúgio das Origens

Fonte: Produção própria



Figura 38 – Fachada do empreendimento (à esq.) e pátio da sala de refeições (à dir.)

Fonte: Produção própria

g) Agroturismo Xistos



Figura 39 – Vista aérea do Agroturismo Xistos

Fonte: Xistos, s.d.



Figura 40 – Espaços exteriores do Agroturismo Xistos

Fonte: Xistos, s.d.

h) Quinta da Espada



Figura 41 – Zona exterior (à esq.) e fachada de um edifício da Quinta da Espada (à dir.)

Fonte: Produção própria



Figura 42 – Espaço exterior da propriedade, por onde passa o aqueduto de Évora

Fonte: Quinta da Espada, s.d.

i) Monte da Serralheira



Figura 43 – Entrada para o Monte da Serralheira

Fonte: Produção própria



Figura 44 – Espaços exteriores do empreendimento

Fonte: Produção própria

j) Herdade do Vau



Figura 45 – Fachada de um dos edifícios da Herdade do Vau e espaço de lazer

Fonte: Produção própria

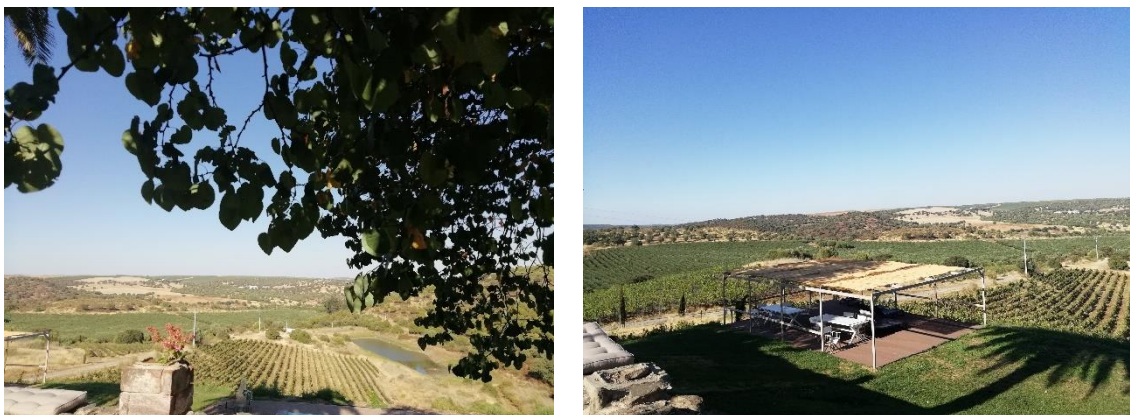


Figura 46 – Vista panorâmica para os campos de cultivo

Fonte: Produção própria

k) Horta de Torrejais



Figura 47 – Zona de entrada para a Horta de Torrejais

Fonte: Produção própria



Figura 48 – Espaço de lazer, onde são servidos os pequenos-almoços

Fonte: Produção própria

l) Monte do Pantaleão



Figura 49 – Edifício do Monte Pantaleão, entradas da receção, apartamentos (à esq.) e área de cultivo (à dir.)

Fonte: Produção própria

m) Casas do Rio Sado



Figura 50 – Portão da entrada principal para as Casas do Rio Sado

Fonte: Produção própria



Figura 51 – Apartamentos das Casas do Rio Sado (à esq.) e vista panorâmica dos arrozais (à dir.)

Fonte: Produção própria

n) Vale de Gatos



Figura 52 – Empreendimento de Vale de Gatos

Fonte: Vale de Gatos, s.d.



Figura 53 – Espaço de trabalho com teares (à esq.) e ovelhas Campaniças de Vale de Gatos (à dir.)

Fonte: Vale de Gatos, s.d.

o) Passo do Lobo



Figura 54 – Portão de entrada do Passo do Lobo (à esq.) e pátio de entrada para o edifício

Fonte: Produção própria



Figura 55 – Espaço exterior de lazer do Passo do Lobo

Fonte: Passo do Lobo, s.d.

Apêndice II - Guião para entrevistas estruturadas dirigidas aos diretores/responsáveis das herdades e quintas de agroturismo

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
- 2. Local**
- 3. Data**
- 4. Duração**
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
 - Non working farm agritourism*__
 - Working farm, passive contact agritourism*__
 - Working farm, indirect contact agritourism*__
 - Working farm, direct contact, staged agritourism*__
 - Working farm, direct contact, authentic agritourism*_____

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
- 7. Cargo/função desempenhada**
- 8. Género**
- 9. Idade**
- 10. Formação**
- 11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
- 12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
- 13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
 - S__
 - N__
- 14. Reside na região?**
 - S__
 - N, em que município reside?__

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

- 15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?**
- 16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?**
 - Alimentar, de que tipo?__
 - Animal, de que tipo?__
 - Vínico__
 - Outro, qual:__
- 17. Qual o tipo de negócio turístico?**
 - Estada em casas individuais, sem conexão entre si__
 - Estada num edifício único, quantos quartos?__
 - Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__
 - Estada num parque de campismo agroturístico__
 - Oferta de atividades agroturísticas__
- 18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?**
 - S__
 - N__
- 19. A agricultura era a única atividade praticada?**

- S__
N__
20. **A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?**
21. **Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?**
22. **Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?**
S__
N__
23. **Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?**
Para a atividade agrícola: Para a atividade turística?
S__ N__ S__ N__
24. **Receberam fundos de outro tipo?**
Para a atividade agrícola: Para a atividade turística?
S__ N__ S__ N__
Qual/quais? Qual/quais?
25. **Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?**
26. **Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?**
27. **Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?**
28. **Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:**
Workshops de culinária__
Workshops de panificação__
Workshops de agricultura__
Workshops de artesanato__
Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
Passeios a cavalo pela propriedade__
Passeios de burro pela propriedade__
Passeios pedestres pela propriedade__
Passeios de bicicleta pela propriedade__
Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __
29. **As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:**
Ativa__ Passiva__
30. **O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:**
Absorção__ Imersão__
31. **Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?**
S__
N__
32. **Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?**
Grupos de jovens__
Casais jovens sem filhos__
Famílias com crianças__
Seniores__
33. **Em média, quantos turistas recebem por ano?**
< 999 turistas__

- 1000-2000 turistas__
 2001-3000 turistas__
 3001-4000 turistas__
 Mais de 4001 turistas__
- 34. Quais os meses de maior procura?**
- 35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?**
Workshops de culinária__
Workshops de panificação__
Workshops de agricultura__
Workshops de artesanato__
Workshops com animais (tosquiias, tratamento de cavalos, entre outros)__
 Passeios a cavalo pela propriedade__
 Passeios de burro pela propriedade__
 Passeios pedestres pela propriedade__
 Passeios de bicicleta pela propriedade__
 Quinta pedagógica__
 Apanha de fruta da época__
 Apicultura__
 Vindimas__
 Prova de vinhos__
 Outras, quais:__
- 36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?**
 S, em que medida?__
 N__
- 37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?**
 S, quantos?__
 N__
- 38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?**
 S, quantos?__
 N__
- 39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?**
 S, quantos?__
 N__
- 40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?**
 S, quais?__
 N__
- 41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?**
 S, quais?__
 N__
- 42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?**
 Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ Muito importante__
- 43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?**
 S__
 N__
- 44. Que parcerias locais possuem?**
- 45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?**
 Melhoria dos acessos à região__
 Existência de sinalética indicativa da propriedade__
 - Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__
 Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__
 Melhoria da rede de transportes públicos__
 Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

- Outras, quais: __
- 46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?**
- Preocupação em poupar água__
- Reaproveitamento da água__
- Uso de adubos naturais na horta__
- Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__
- Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__
- Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas__
- Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
- Utilização de alguma fonte de energia renovável__
- Realização da triagem do lixo__
- Outras, quais: __
- 47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?**
- Fonte extra de rendimento para os agricultores__
- Criação de postos de emprego para a população local__
- Fixação da população em regiões menos povoadas__
- Melhoria e construção de infraestruturas__
- Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
- Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
- Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__
- Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
- Outros, quais: __
- 48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?**
- S, como? __
- N__

Apêndice III – Correlação entre as perguntas do guião, os objetivos e as hipóteses

Tabela 11 – Correlação relativa à Parte I do guião

Parte I – Informações acerca da entrevista		
Questão (nº)	Objetivo	Hipótese
5. Tipologia de empreendimento de agroturismo	2. 3.	<p>b) As herdades e quintas de agroturismo alentejanas inserem-se em alguma das tipologias apresentadas por Phillip, Hunter e Blackstock (2010).</p> <p>c) Numa mesma herdade ou quinta coexiste mais do que uma tipologia de agroturismo.</p> <p>d) A maioria das herdades e quintas insere-se na tipologia <i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i>.</p> <p>h) Os proprietários das herdades e quintas privilegiam a oferta de atividades autênticas.</p>

Fonte: Elaboração própria

Tabela 12 – Correlação referente à Parte II do guião

Parte II – Perfil do entrevistado		
Questão (nº)	Objetivo	Hipótese
10. Formação	7.	e. O agroturismo revela-se como uma fonte extra de rendimento para os agricultores alentejanos?
14. Reside na região?	7.	h. O agroturismo incentiva a fixação da população em regiões de menos densidade populacional?

Fonte: Elaboração própria

Tabela 13 – Correlação relativa à Parte III do guião

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Questão (nº)	Objetivo	Hipótese
19. A agricultura era a única atividade praticada?	7.	e. O agroturismo revela-se como uma fonte extra de rendimento para os agricultores alentejanos?
21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?	1.	a) Na região alentejana o agroturismo baseia-se em herdades e quintas onde a principal atividade é o turismo, complementada e suportada pela prática agrícola.
22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?	2.	e) A implementação do agroturismo em herdades e quintas permitiu a renovação e reutilização do seu património material e cultural.
25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?	1.	a) Na região alentejana o agroturismo baseia-se em herdades e quintas onde a principal atividade é o turismo, complementada e suportada pela prática agrícola.
27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?	6./7.	g. O agroturismo detém a capacidade de criar emprego local?

(continua)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 14 – Correlação relativa à Parte III do guião

(continuação)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Questão (nº)	Objetivo	Hipótese
28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas...	3. 6./7. 8./9.	f) Uma herdade ou quinta oferece, durante todo o ano, sempre a mesma tipologia de atividade. j) As atividades turísticas oferecidas têm relação direta com a identidade local e os produtos específicos da região. c. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para as herdades? k. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para as herdades? l. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica social gerada para a região em que se localizam? p. As comunidades locais encontram-se envolvidas nas atividades desenvolvidas nas herdades e quintas de agroturismo? r. As atividades turísticas oferecidas apenas ocorrem nas herdades e quintas? u. As culturas locais encontram-se em destaque nas atividades turísticas que se desenvolvem nas herdades e quintas?
30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por...	3.	g) As atividades agroturísticas oferecidas contam com a participação direta dos turistas.
31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?	3.	i) As atividades oferecidas são semelhantes na maioria das herdades e quintas existentes. k) Verifica-se alguma inovação nas atividades turísticas oferecidas. l) As herdades e quintas promovem experiências únicas e memoráveis.
32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?	5.	o) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a famílias com crianças. p) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a seniores.
35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?	4. 5. 6./7.	m) Uma herdade ou quinta consegue gerar maior lucro direto se oferecer aos seus hóspedes mais do que uma atividade agroturística. o) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a famílias com crianças. p) As atividades agroturísticas com maior proveito económico são aquelas que se dirigem especificamente a seniores. c. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para as herdades? d. O volume de atividades oferecidas possui relação direta com a dinâmica económica gerada para a região em que se localizam?

(continua)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 15 – Correlação relativa à Parte III do guião

(continuação)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Questão (nº)	Objetivo	Hipótese
36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?	4. 5.	n) Com uma variada oferta de atividades, os turistas acabam por ficar fidelizados à herdade ou quinta. q) As atividades de agroturismo com mais benefícios de fidelização para as herdades e quintas são aquelas que envolvem o contacto direto com animais.
37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?	6./7.	f. As atividades agroturísticas são dinamizadas por indivíduos pertencentes às comunidades locais? g. O agroturismo detém a capacidade de criar emprego local?
38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?	7.	g. O agroturismo detém a capacidade de criar emprego local?
39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?	7.	h. O agroturismo incentiva a fixação da população em regiões de menor densidade populacional?
40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?	8./9.	q. As comunidades locais encontram-se envolvidas nos produtos vendidos nas herdades e quintas?
41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam?	5.	r) As atividades agroturísticas que revelam mais vantagens para as herdades e quintas são aquelas que pressupõem a venda de produtos similares aos obtidos nos <i>workshops</i> .
42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?	6./7.	a. As vendas de produtos existentes nas lojas das herdades e quintas são significativas para os negócios de agroturismo?
43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?	6./7.	b. Os produtos obtidos em algumas das atividades de agroturismo são vendidos para/por mercearias locais?
44. Que parcerias locais possuem?	7. 8./9.	i. Existe inter-relação entre os proprietários das herdades e das quintas, as comunidades e as entidades locais? s. Existem parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais? t. As parcerias entre as herdades e quintas com outros negócios locais/regionais implicam a promoção de atividades turísticas fora destes empreendimentos?
45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?	7.	m. O agroturismo viabiliza a construção e a melhoria de infraestruturas na região? n. Denota-se uma melhoria do meio envolvente com a fundação de herdades e quintas de agroturismo?
46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?	7.	o. As herdades e quintas de agroturismo denotam uma preocupação com as condições ambientais?
47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?	6./7.	j. O agroturismo viabiliza uma melhoria do autoconceito e da valorização das culturas locais?

Fonte: Elaboração própria

Tabela 16 – Legenda com os objetivos específicos

Objetivos	
1.	<u>Caracterizar</u> o agroturismo no Alentejo;
2.	<u>Identificar</u> herdades e quintas de agroturismo alentejanas;
3.	<u>Descrever</u> todas as atividades agroturísticas oferecidas pelas herdades e quintas selecionadas;
4.	<u>Perceber</u> , comparativamente, se é mais vantajosa a oferta de uma ou de mais atividades agroturísticas nas herdades e quintas selecionadas;
5.	<u>Identificar</u> quais são essas atividades turísticas mais vantajosas para as herdades e quintas selecionadas;
6.	<u>Perceber</u> se essas atividades agroturísticas fomentam, por um lado, as dinâmicas dos negócios agroturísticos e, por outro, as dinâmicas de desenvolvimento local;
7.	<u>Averiguar</u> , comparativamente, que herdades e quintas agroturísticas revelam maior capacidade no contributo socioeconómico local, quer para a sua própria atividade quer para as sociedades e economias locais;
8.	<u>Compreender</u> se as atividades agroturísticas são uma mais-valia para as comunidades, no caso de estarem envolvidas;
9.	<u>Compreender</u> se as atividades agroturísticas contribuem para fomentar outros negócios locais, quando associados a estas atividades.

Fonte: Elaboração própria

Apêndice IV – Transcrições das entrevistas

- a) Agroturismo com exploração animal e atividades

Quinta da Sagrada Família (E₁)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. **Nome do empreendimento**
Quinta da Sagrada Família.
2. **Local**
Évora.
3. **Data**
13 de julho de 2022.
4. **Duração**
45 minutos e 10 segundos.
5. **Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__
*Working farm, indirect contact agritourism*__ X
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. **Nome**
E₁: O meu nome é Eduardo Lucas.
7. **Cargo/função desempenhada**
E₁: Sou o proprietário aqui da Quinta e sou eu que desempenho as funções inerentes a esse cargo.
8. **Género** M.
9. **Idade**
E₁: Tenho 63 anos.
10. **Formação**
E₁: Sou Engenheiro Zootécnico.
11. **Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₁: Há 36 anos comprei a quinta para viver e para desenvolver uma pequena atividade agrícola. A quinta esteve relacionada com os Dominicanos, depois o Estado vendeu, em hasta pública, a uma família de Évora e eu comprei-a em 1986.
12. **Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₁: Portanto, abrimos em 2021 e é desde esse ano que assumo as funções que devo desempenhar enquanto proprietário.
13. **Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
E₁: Não, nunca tive a mesma função.
14. **Reside na região?**
S__ X
N, em que município reside?__

E₁: Sim, resido aqui mesmo na quinta. Eu sou de Cantanhede, sou do Centro do país, perto Coimbra, uma cidade ali no triângulo entre Aveiro, Figueira da Foz e Coimbra, mas vim estudar para a Universidade de Évora. Depois fui docente da Universidade durante dezassete anos. Entretanto, deixei esse cargo para abraçar um projeto turístico que montei e que desenvolvi que foi a Amieira Marina, dos Barcos Casa do Alqueva. Depois vendi há três anos e, pronto, agora estou com este projeto aqui.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁: Tem praticamente 5 ha, 4,870 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual: __

E₁: A quinta sempre foi uma quinta virada para a produção de animais, principalmente de ovinos Ile de France. Essa sempre foi a produção principal, depois começámos a adquirir animais e hoje em dia temos mais de oitenta espécies diferentes de animais, principalmente as aves (*galinhas, faisões, patos e gansos*) que são muitas. Mais tarde, surgiram os gamos, os veados, as avestruzes e os lamas. Tudo isto é mesmo para desfruto próprio.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₁: São cinco casas sem conexão entre si e ainda outras oito que são de aluguer ao mês. Se este turismo avançar como estava inicialmente planeado antes da pandemia, mais tarde ou mais cedo, aquelas oito passarão a integrar as outras cinco e, portanto, já é uma unidade turística de agroturismo que vai ao máximo, que são as tais quinze unidades a contar com dois quartos em minha casa. Mas, neste momento, estamos a funcionar somente com as cinco casas.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__

N__ X

E₁: Não, a quinta estava completamente abandonada. Não tinha atividade nenhuma.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__

N__ X

E₁: Quando comprei a quinta montei-a toda virada para os ovinos, inicialmente. Depois com o tempo é que vieram, primeiro, os gansos, depois, as aves, os veados, os muflões, agora as avestruzes e os lamas. Atualmente temos uma horta, para consumo próprio, que eu não gosto de chamar biológica, porque não faço intenção nenhuma de a certificar. É o mais biológico que eu consigo. Agora se eu ponho fertilizante das pastagens, ponho. Portanto, as pastagens não serão

biológicas porque eu adubo, além da matéria orgânica que introduzo, utilizo adubos. No meu próprio interesse, é o máximo de biológico que é possível.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁: Abrimos no verão do ano passado, em 2021.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁: Começámos a adquirir todas estas espécies de animais para desfruto próprio. Entretanto pensei, porque não associar tudo isto à parte turística? Ter estes animais todos traz custos e a maior parte deles não são rentáveis, não é a mesma coisa que ter patos mudos que se reproduzem facilmente. Agora, quando se entra nos ornamentais tudo é mais difícil. Ter isto tudo para desfruto da família, dos meus filhos, da minha mulher é demais. Portanto, porque não abrir isto ao público? Também não quero abrir a quinta completamente, porque gosto de ter a minha privacidade, sempre tive aqui. Houve, portanto, a necessidade de rentabilizar o espaço. Temos aqui uma perspetiva diferente de agroturismo que eu acho que se integra perfeitamente no conceito de agroturismo.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁: Aproveitei as construções que já existiam para fazer os ovis, mas como essas construções não eram as ideais, aproveitei o espaço para a construção das casas para o turismo. Aquelas cinco casas que estão ali atrás. Posteriormente, investi na construção de uma piscina para adultos e outra para crianças para ser mais uma valência que se oferece.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Para a atividade turística?

S__ N__ X

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Qual/quais?

Para a atividade turística?

S__ X N__

Qual/quais?

E₁: Há um projeto que foi aprovado, que dá um apoio, em que metade do dinheiro que se foi buscar tem juros bonificados em parceria com o banco BPI e para a outra metade do empréstimo não cobram juros, portanto foi essa bonificação que tivemos. Se atingirmos os objetivos recebemos um pequeno prémio a fundo perdido. E depois, claro, há uma componente de autofinanciamento com capital próprio.

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁: Não, sempre tivemos como complemento do alojamento a visita guiada aos animais.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁: Então, como a horta é para meu consumo e da minha família acabamos por ser nós a tratar dela. Depois, tenho é um senhor, o caseiro, mesmo trabalhador da QSF (*Quinta da Sagrada Família*), que ajuda na horta, mas está sobretudo encarregue de tratar dos animais, de limpar a piscina. Tem funções específicas, mas relacionadas com a QSF.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁: Portanto, sou eu, o senhor António, o caseiro, e uma funcionária, a Paula. Depois os meus filhos, quando estão cá, também auxiliam.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__
- Passeios de bicicleta pela propriedade__
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __ X

E₁: A atividade que proporcionamos aos hóspedes é uma visita guiada à quinta, sempre com marcação prévia. Depois temos a questão de haver a possibilidade de proporcionar outras atividades que são perfeitamente sazonais e que pontualmente podem surgir. Se as pessoas manifestarem interesse em participar teremos todo o gosto. Por exemplo, quando há tosquia, tendo aqui hóspedes, fazendo a visita à quinta, eu posso perguntar se querem ver a tosquia e assistem à tosquia. Fazemos a matança do porco tradicional no inverno, havendo aqui hóspedes que queiram participar, pois poderão participar nela. Temos um forno de lenha, não fazemos pão com regularidade, mas de vez em quando fazemo-lo, então Páscoa, Natal e determinadas alturas, se as pessoas quiserem ver como se acende um forno, quando é que ele está bom para introduzir o pão e todo o resto do processo teremos todo o gosto.

Eu simplesmente não quero estar com o encargo de patrocinar estas atividades e depois surgir-me um hóspede a exigir fazer essa mesma atividade, até porque pode não ser possível realizá-la no momento. Assim, não há um compromisso de as realizar, só serão feitas se houver hipótese.

Algo que ainda não colocámos em prática, mas pensamos fazer no futuro é criar uns cabazes e ter disponíveis para os nossos hóspedes. Na verdade, a ideia até é mais complexa que é, por exemplo, estamos na altura das favas, então é dar uma receita de favas com chouriço, ensinar a apanhar, descascar e cozinhar o produto agrícola. Ensinar como é que isso se faz. É tentar adaptar aquilo que a horta nos dá ao turismo, mas, por enquanto, ainda é difícil, a única coisa que fazemos é oferecer uma cestinha com laranjas e limões e com outras coisas aqui da quinta.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

- Ativa__ X
- Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₁: Eu acredito que sim, porque, apesar da grande maioria das atividades ter um carácter esporádico e pontual, tentamos primar pela diferença. Mesmo com a visita à quinta, os hóspedes têm contacto com animais ditos comuns, mas também com animais que, se calhar, só num *zoo* é que têm possibilidade de observar.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__ X

Outros:__

E₁: Maioritariamente famílias com crianças. Depois vêm os seniores, mas sobretudo em época baixa, porque aplicamos algumas promoções nos preços da estadia.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__ X

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4000 turistas__

34. Quais os meses de maior procura?

E₁: São claramente os meses de verão. Agosto é o mês com maior procura, sempre, depois, a seguir, vêm o julho e o setembro. Há uma grande sazonalidade e dependemos bastante do estado de tempo, ou seja, do clima, porque as pessoas reservam muito em cima da hora, conseguem ir ver a meteorologia e, se estiver mau tempo, já não vêm. Ao passo que se reservassem com muita antecedência e tivessem que dar logo um X acabavam por vir na mesma.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__

E₁: As visitas à quinta não são pagas, mas esperamos que as pessoas façam compras, aqui na loja, na base dos 10€ por cada pessoa que fez a visita, até mesmo para renovação do *stock*.

Temos ali produtos a preços acessíveis que são precisos, como sumos, leites, águas, cerveja e outros. Temos produtos da quinta como as compotas e outros produtos regionais que não são produzidos na quinta, como o mel e o azeite. Por vezes, temos alfaces, ovos e outros produtos que são produzidos aqui e acabam por ser ofertados aos turistas para fazerem uma refeição rápida.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__ X

N__

E₁: Acredito que sim, neste momento ainda não vi, mas as pessoas gostam imenso. O *feedback* é muito bom, é francamente bom. Quer dizer, já tivemos algumas repetições, poucas, mas já tivemos.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₁: Sou eu que faço as visitas guiadas, tenho que ser eu, daí pedirmos para ser com marcação. A minha filha M., dos meus três filhos, é aquela em que posso confiar para fazer a volta da quinta e conseguir explicar as coisas, ela também pode fazer isso, mas raramente cá está.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₁: Temos o caseiro que trata da relva, da piscina e dos animais.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__ X

N__

E₁: Temos a Paula que é de África e está encarregue de preparar as casas para serem entregues.

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₁: O que é mais rentável é a venda de reprodutores, mas também vendemos lã só que é pouco significativa. Depois, atualmente é uma cortesia, mas, futuramente, quando fizermos os cabazes, vamos passar a vender ovos, alfaces e outros produtos do género.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₁: A venda dos produtos aqui da quinta acaba por ser um rendimento adicional, mas quase não dá para cobrir o que se gasta com a tosquia.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₁: Não, a ideia é que os nossos produtos sejam simplesmente para nós, em casa, e para os hóspedes.

44. Que parcerias locais possuem?

E₁: São nossos parceiros, com quem temos uma relação especial, por várias razões ou porque nos fornecem ou porque vendemos os produtos deles. Enfim, várias possibilidades, por exemplo, temos um parceiro que é o Compotas e Chutneys e a Nutrima, com produtos agrícolas e com rações para os animais.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₁: Infelizmente, o apoio que a Câmara de Évora dá ao turismo é muito reduzido. Os espaços verdes, a limpeza desta cidade é uma miséria, estão a deixar degradar a cidade, os espaços verdes. Aqui mesmo em frente à quinta havia loendros com vinte ou vinte e dois anos, bonitos, arrancaram aquilo tudo a pretexto de vir ali a passar um cano. Não fazem nada, o pouco que está feito estragam. Não vejo apoio nenhum significativo ao turismo.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__ X

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__ X

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais:__

E₁: Nós tentamos fazer a nossa parte, sempre tivemos cuidados com o ambiente e procuramos deixar uma pegada ecológica mínima. Ainda assim, os apoios por parte das entidades locais para estas causas são muito insignificantes e não têm feito investimentos para o turismo. Só sabem cobrar impostos e há muita burocracia. Por exemplo, desde que abri isto que pedi ecopontos à Câmara de Évora, aqui na proximidade, para eu poder dividir o lixo, mas, até hoje, não conseguimos. O que eu tenho ali são dois contentores do lixo, que os pagou a QSF, que paga à Câmara todos os meses para poder pôr um daqueles dois contentores do lado de fora e passar um camião a recolher este lixo. É que nem resposta deram ao facto de eu ter pedido um ecoponto para eu poder fazer a triagem aqui e não ter que andar com transportes especiais a ir levar o lixo.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__ X
Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais:__

E₁: Acredito que o agroturismo tenha um impacto significativo, permite captar um turista que goste da natureza, de estar na sua casa, sem estar num hotel com duzentos quartos, com tudo muito padronizado. Nós aqui tentamos ao máximo ajudar a comunidade onde nos inserimos quer seja a empregar pessoas daqui, quer seja a criar parcerias ou mesmo a valorizar a cultura alentejana.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__ X
N__

E₁: Eu acho que sim, que o agroturismo tem a capacidade de revitalizar aqui a região e que é um contributo para o desenvolvimento do turismo no Alentejo, é uma oferta juntamente com outras tipologias em TER. Eu acredito que no futuro esta atividade irá incrementar o turismo aqui na região. O Alentejo tem tudo para continuar a crescer. É fundamental dispersar o turista, fazer com que ele venha para Évora, claro, mas que saia e que conheça à volta de Évora. Nós próprios fomentamos isso nas explicações que damos aqui no *dossier* que damos ao nosso cliente, no *site* a informação que damos sobre Estremoz, Arraiolos, Alqueva, enfim tudo o que está aqui à volta de Évora e que é interessante. E, portanto, acho que sim, que o Alentejo tem muito ainda para crescer em termos turísticos.

Páteo Lima (E₂)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. Nome do empreendimento

Páteo Lima.

2. Local

Valverde, Nossa Senhora da Tourega, Évora.

3. Data

14 de julho de 2022.

4. Duração

1 hora, 17 minutos e 33 segundos.

5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:

*Non working farm agritourism*__

*Working farm, passive contact agritourism*__

*Working farm, indirect contact agritourism*__ X

*Working farm, direct contact, staged agritourism*__

*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. Nome

E₂: O meu nome é Benedita Lima.

7. Cargo/função desempenhada

E₂: Sou a proprietária e a responsável do Páteo Lima. Fui eu que tratei de tudo o que diz respeito à implementação do projeto propriamente dito, tratei de questões burocráticas e legais e agora faço a gestão das reservas, recebo os turistas. Nunca o faço sozinha, é muito raro, porque costumo ter a ajuda do meu filho ou da minha filha.

8. Género F.

9. Idade

E₂: Tenho 59 anos.

10. Formação

E₂: Sou psicóloga e estava encarregue de coordenar projetos de intervenção social. Sou formadora e trabalho para o INE.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₂: Estou aqui desde sempre. Desde 1874 que este espaço funcionava como um ponto comercial na aldeia de Valverde, onde se vendiam coisas muito variadas desde mercearia, vinhos, padaria, queijaria e sapataria. Aqui a quinta foi uma herança que passou de geração-em-geração, tendo começado com o meu tetravô. Depois o meu pai, que herdou o espaço, tomava conta da mercearia, da padaria e da zona dos vinhos. Entretanto o meu pai começou a ficar velhote e as casas muito degradadas. Eu sou filha única, comecei a pensar no que deveria fazer ao espaço e tive a ideia de transformar este espaço de comércio num empreendimento.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₂: Desde 2022.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

E₂: Não, nunca tive, até porque, como mencionei, a minha formação nada tem a ver com esta área do turismo.

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₂: Sou da zona de Odivelas, mas nasci em Évora mesmo e vivi aqui na quinta até aos meus dezoito anos. Entretanto vim para Valverde na altura da pandemia, comecei a fazer teletrabalho e cheguei a uma fase em que tínhamos que tratar da instalação do projeto e eu optei por estar cá, porque isto ainda dá algum trabalho. É preciso mobilar tudo, equipar as casas e eu queria estar cá.

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₂: A propriedade originalmente era maior, era o dobro, devia ter 7000 m², mas foi dividida. Atualmente, em hectares não sei, mas são cerca de 3600 m² e de construção cerca de 1400 m².

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual:__

E₂: Temos a nossa horta, mas não é nada sério, isto sou eu que vou aprendendo as coisas por autorrecriação. Portanto, a horta é mesmo para consumo próprio e para os turistas que queiram colher algum fruto ou vegetal. Em termos de animais, temos galinhas e, por vezes, borregos.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__ X

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₂: Atualmente existem quatro casinhas, sendo que esta onde nos encontramos é a casa da padaria, porque era onde existia a antiga padaria aqui do espaço comercial. É aqui onde eu vivo e onde temos a receção e ainda um quarto que pode ser disponibilizado em casos de haver mais gente ou de eventos. Simultaneamente é onde tratamos das roupas. Depois existem outras três casas, a casa dos vidros, que é um T1, a casa da venda, que é o nosso T2, e a casa da cocheira, que é um T3. Eu fiz questão que todo o projeto tivesse por base a mobilidade condicionada, ou seja, que o espaço fosse todo ele acessível a pessoas que tenham mobilidade condicionada, porque trabalhei muitos anos com pessoas com deficiência e sou muito alerta para as questões da inclusão. Isto era um espaço que tinha muitos degraus, paredes muito largas e estava muito degradado. Por isso mesmo quis que todos os apartamentos fossem acessíveis, tanto a parte das casas de banho como da *kitchenette*. Todo o espaço exterior, exceto a parte da piscina que ainda sofrerá renovações, é acessível também a pessoas com mobilidade condicionada, pessoas cegas ou com outro tipo de deficiência.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₂: Antigamente tinham uma zona onde criavam porcos, tinham animais da quinta também, como galinhas e perus. Quando os meus avós não tinham animais criados aqui, compravam-nos também. Isto era o continente da época. Era o núcleo da aldeia. No fundo, para além dos animais, havia a parte da horta, porque semeavam batatas e outras coisas para consumo da família e para venda à população.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__

N__ X

E₂: Não, a agricultura acontecia juntamente com a pecuária e o negócio comercial.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₂: Abrimos em janeiro de 2022, mas a primeira ideia deste projeto surgiu em 2015/2016, começámos depois a estudar as oportunidades e a fazer um estudo de mercado. Só em 2017 é que submeti a candidatura que demorou um ano em análise. Por isso, a execução do projeto, a parte das obras propriamente ditas só começaram em janeiro de 2019.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₂: Eu vi o potencial que este espaço tinha e começámos a perceber que é um ponto de passagem. Há imensos turistas que passam aqui diariamente e podíamos aproveitar isso de alguma forma. Depois aqui à volta há imensa coisa desde as Ruínas do Castelo de Giraldo, a Anta Grande do Zambujeiro, o Cromeleque dos Almendres, as Ruínas Romanas da Tourega, o Paço de Valverde. Portanto, pareceu-nos que seria um ponto interessante e como não havia aqui nada nas redondezas de turismo rural decidimos apostar.

No entanto, a minha primeira prioridade nem era o negócio, mas sim não deixar as casas cair, porque elas estavam um bocado degradadas e eu queria dar-lhes uma nova utilidade. O espaço antigamente tinha uma dinâmica muito grande que se foi perdendo, porque os elementos da família adjudicados a isto foram sendo cada vez menos e a escolaridade acabou por afastar a mão-de-obra para o negócio. Os meus tios que estudaram acabaram por abdicar do negócio. Depois começaram a surgir as grandes superfícies e as pessoas começaram a ter carro e iam a Évora. Isto começou a perder a centralidade e a importância que tinha, começou a morrer. Ainda pensei arranjar as casas e alugá-las normalmente, mas depois começámos a pensar num outro projeto que seria uma mais-valia para nós e para a terra, porque é completamente diferente tratarmos isto como unidade turística ou tratar, nem que fosse, como alojamento local.

Sinto que este projeto dá dinâmica à aldeia e sinto-me valorizada também por causa disto. É engraçado o retorno da comunidade. Abri aqui o empreendimento para as pessoas verem e sou tão acarinhada. As pessoas apropriaram-se do projeto e acho isso delicioso, porque é um bocadinho de todos. As pessoas veem isto com bons olhos e como uma valorização para a terra e estão contentes. Dinamiza nem que seja os cafés e os restaurantes.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₂: Sim, houve realmente essa necessidade, porque as casas estavam mesmo muito degradadas e tivemos que adaptar também o espaço à nova utilidade que lhe queríamos dar.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Para a atividade turística?

S__ X N__

E₂: Quando nos candidatamos a um projeto, há logo a salvaguarda de que não pode haver duplo financiamento. Para este projeto decidi pedir ajuda ao programa Alentejo 2020. O valor

total do projeto foi de duzentos e trinta e tal mil euros mais IVA, sendo que o IVA é à parte, porque depois é recuperado, o Estado devolve esse valor. O apoio do Alentejo 2020 seria 60% do total do valor do projeto, mas na prática não acontece nada disso. Não sei se chegará a 50%, porque há despesas que rapidamente se tornam ilegíveis.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Qual/quais?

Para a atividade turística?

S__ N__ X

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₂: Inicialmente tinha pensado somente em alojamento, mas como a Câmara decidiu que isto era um agroturismo tive a necessidade de pensar em dinamizar algumas atividades.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₂: Sou mesmo só eu.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₂: Sou eu e depois tenho uma funcionária, a Sónia, que também está habilitada a prestar serviços de cuidado a pessoas idosas ou com mobilidade reduzida, por exemplo para alimentação ou banhos. Nesta época mais alta tive foi a necessidade pontual de recorrer a horas extra de uma terceira pessoa, porque as tarefas de tratamento de roupa e limpeza para uma só pessoa agora era impensável.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__ X

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__ X

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__ X

E₂: Nós oferecemos o alojamento, mas tentamos também interagir aqui com a aldeia, porque o pequeno-almoço não servimos aqui, servimos num dos cafés da aldeia e obrigamos as pessoas a interagir com os residentes. E isso é uma mais-valia para a aldeia, para nós, dá-nos menos trabalho, e para os turistas que interagem com terceiros.

Em termos de atividades, se alguém quiser fazer alguma coisa na quinta está à vontade. Aquilo que nós temos é, por exemplo, se há alfaces com fartura, então colham. É algo mais espontâneo. Apesar de não termos ainda dinamizado, também podemos facultar a formação em algumas receitas tradicionais alentejanas. Então, por exemplo, agora temos imensas favas e se aparecer

algum turista que queira aprender e comer as favas a nossa ideia é explicar como se faz, deixar levar as favas e, portanto, é mais esta interação, o viver a quinta e viver as relações com os residentes.

Depois, dada a minha formação em psicologia, aproveitei, mas ainda não estou a dinamizar, e isto não vai ser possível disponibilizar em língua estrangeira, porque tenho dificuldades, mas há aqui dois tipos de atividades que gostaria de vir a dinamizar. Uma delas é sessões de relaxamento em meio natural e a outra é sessões de acompanhamento psicológico também em meio natural, visto que as redondezas são propícias. Mas ainda são opções que estamos a estudar.

Na verdade, à medida que vamos recebendo as pessoas, vamos percebendo o que é que procuram e tudo mais. E o tipo de atividades que podem ser dinamizadas aqui dentro, as pessoas simplesmente não procuram. As pessoas vêm e ficam a fazer churrascos ou ficam dentro da piscina ou então já trazem programas para fora e vão passear.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₂: Eu acredito que sim, mais pelo *workshop* de culinária e pelas atividades de relaxamento e acompanhamento psicológico.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__ X

E₂: Temos recebido mais famílias com crianças e eu acredito que as atividades na horta até sejam mais interessantes para as crianças. Sim, também seniores.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

(*não se aplica, pois dedicam-se ao turismo há menos de um ano*).

34. Quais os meses de maior procura?

E₂: Até agora foram nos meses de junho e julho que tivemos mais procura.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__ X

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiadas, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__
Passeios de burro pela propriedade__
Passeios pedestres pela propriedade__
Passeios de bicicleta pela propriedade__
Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __ X

E2: As atividades referentes à horta e aos animais não têm qualquer custo, portanto estão incluídas. Agora, apesar de ainda não termos feito nenhuma das outras atividades e, portanto, ainda não obtivemos lucros, mas o *workshop* de culinária tem um preço estipulado que penso ser de dez ou quinze euros, não me recordo. E as atividades relacionadas com psicologia também terão que ser certamente cobradas.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__
N__ X

E2: Por enquanto ainda não consegui ter essa percepção, porque estamos abertos há pouco tempo e não conseguimos meter em prática as atividades.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__ X
N__

E2: Sim, a Sónia irá dinamizar o *workshop* de culinária, porque tem muito mais jeito do que eu para a cozinha (*a senhora não se encontrava presente no momento da entrevista*).

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X
N__

E2: A Sónia é da região de Évora e mora na aldeia há imensos anos e o colaborador que agora contratei pontualmente também é daqui.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__
N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__
N__ X

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__
N__ X
Não se aplica__

E2: Não, quando se realizar, o prato que resultar do *workshop* de culinária é para os hóspedes depois poderem comer. É única e exclusivamente para eles.

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ Muito importante__
(*Não se aplica*).

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__

Não se aplica__ X

44. Que parcerias locais possuem?

E₂: Temos parceria com o café onde servem os pequenos-almoços. Pretendemos ainda fazer um género de intercâmbio de informação, em que, por exemplo, uma empresa de caminhadas deixa uns folhetos aqui e nós deixamos uns cartões nossos nessa empresa. Já deixámos no centro interpretativo do Cromeleque dos Almendres. O aeródromo de Évora também entrou em contacto connosco para encaminharmos turistas que estejam aqui hospedados e que queiram saltar de paraquedas.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₂: Ainda estamos à espera que as estradas aqui à volta sejam melhoradas. Eu pedi à Câmara para colocar sinalética para indicar aqui o local, mas até hoje nada. Há coisas demoradas. Já tivemos, aqui em Valverde, percursos bem assinalados que eram os percursos megalíticos pedestres e de ciclismo. Entretanto, não foi havendo manutenção. Precisamos de um investimento nos arredores se queremos valorizar isto, porque o que se verifica é que não há preocupação por parte dos organismos competentes de preservar, cuidar e divulgar.

Eu penso que quando a Quinta do Paço de Valverde for arranjada, então já terão essa preocupação, porque isso também é da Universidade e tem uma zona que era um alojamento da própria Universidade. Então, vão criar uma unidade de quatro ou mais estrelas e, devido à dimensão, são capazes de ter mais preocupação. Como nós aqui somos muito pequenos não temos capacidade para pressionar. Não quer dizer que não se pressione e não se faça a nossa parte, mas há muito pouca preocupação nesse sentido.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__ X

Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__

Outras, quais:__ X

E₂: A única coisa que temos é utilizar a luz solar para aquecimento de águas. Pretendo também transformar isso em eletricidade, com a colocação de um telheiro com painéis solares na

parte do parque de estacionamento. O facto das pessoas também poderem ir para a horta e retirarem produtos que não têm qualquer tipo de químico nem nada também é um bocado horta biológica. Para além disso, conseguimos de certa forma combater o desperdício, porque se eu tenho ali produtos que não consigo dar vazão também não os vou deitar fora, por isso é bom que outros hóspedes usufruam desses produtos.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__ X

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__ X

Outros, quais:__

E₂: Na verdade, em pequena dimensão naturalmente, o primeiro contributo é ao nível do emprego, porque não temos muitos trabalhadores, mas temos pelo menos um durante todo o ano e, agora nesta época, passamos a ter outro. De certa forma, o agroturismo é gerador de emprego para, pelo menos, duas pessoas. Depois as atividades permitem valorizar e preservar as tradições aqui da aldeia. E estou a pensar fazer alguns eventos que promovam um bocadinho aqui a nossa cultura e as nossas tradições. Não sempre, mas esporadicamente podemos fazer coisas pontuais, por exemplo uma noite de fados com serviço de *catering* e artistas da terra. Podemos organizar uma coisa desse tipo onde temos turistas e pessoas da aldeia. As nossas atividades permitem dar ao turista uma experiência nova e gratificante. O agroturismo dinamiza ainda a aldeia do ponto de vista dos forasteiros andarem por aí, se andam por aí compram, compram o quê? Compram refeições, vão à mercearia. Enquanto as pessoas estão por aqui, vão fazendo despesas. Quem serve os pequenos-almoços também usufrui disto, porque eu estou-lhes a pagar. Portanto, não é nada significativo, mas aqui o Páteo Lima vem gerar dinâmica à terra.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__ X

N__

E₂: É limitado, mas de alguma forma sim, já se nota. Primeiro, em termos da própria infraestrutura, porque entrávamos na aldeia e havia umas casas velhinhas com um bocadinho mau aspeto. Agora entramos na aldeia, por este lado, e está vivaça. Ao nível do edificado, valoriza a aldeia, porque tem uma entrada mais bonita. E depois valoriza o trazer forasteiros e as pessoas andarem por aí. É rico do ponto de vista económico e social, porque as pessoas são capazes de parar e conversar, embora, se calhar, às vezes tenham a limitação de falar por causa da língua. E, do ponto de vista económico, é aquilo que mencionei, as pessoas vêm para cá, passeiam por aí, vão ao café e à mercearia e acabam por fazer compras.

Herdade da Maridona (E₃)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Herdade da Maridona.
- 2. Local**
Glória, Estremoz, distrito de Évora.
- 3. Data**
19 de julho de 2022.
- 4. Duração**
40 minutos e 28 segundos.
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__ X
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
E₃: Sou a Elisabete Simões.
- 7. Cargo/função desempenhada**
E₃: Sou a proprietária, responsável e gerente e também divido estes papéis com a minha mãe.
- 8. Género** F.
- 9. Idade**
E₃: Tenho 34 anos.
- 10. Formação**
E₃: Nem eu nem a minha mãe somos desta área, mas eu fiz uma pós-graduação em turismo de saúde.
- 11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₃: Tivemos que comprar a propriedade e recuperá-la primeiro, mas desde 2018/2019 que estou aqui.
- 12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₃: Abrimos recentemente, em 2020, portanto há, sensivelmente, dois anos que desempenho as minhas funções.
- 13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
E₃: Não, nunca tive, não tinha qualquer ligação à área do turismo até decidirmos avançar com esta ideia de abrirmos um agroturismo.
- 14. Reside na região?**
S__ X
N, em que município reside?__
E₃: Então a minha mãe é de cá. Foi para Lisboa muito nova e eu acabei por nascer lá. Depois vim para cá em 2018, mas, de qualquer forma, a família toda é de cá.

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₃: Aqui a propriedade tem, mais ou menos, 54 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo? X

Animal, de que tipo? X

Vínico

Outro, qual: X

E₃: Temos árvores de fruto e temos também abelhas, borregos e cabritas que vendemos.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si

Estada num edifício único, quantos quartos?

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos? X

Estada num parque de campismo agroturístico

Oferta de atividades agroturísticas X

E₃: Então, temos três edifícios, mas apenas dois é que são para alojamento e, no total, existem sete apartamentos. Uns são T1 e T2 e temos um T3.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S X

N

E₃: Há muitos anos quando a herdade estava em funcionamento, funcionava maioritariamente com a parte agrícola e tinham vinha também. Mas nós quando comprámos a herdade seria sempre para a parte do turismo, só que como é muito grande, uma outra valência seria a parte agrícola. Por isso, decidimos apostar logo nas duas vertentes, mas a turística sempre foi a principal.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S X

N

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₃: Começámos em 2020.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₃: Nós já tínhamos pensado neste projeto e depois foi um bocadinho em debate com a família. O meu avô disse-nos que havia aqui esta propriedade bastante antiga que estava toda destruída e a partir daí pensámos que seria uma boa aposta. Como Portugal está a ficar na moda vimos aqui uma oportunidade de negócio. Nunca pensámos nisto desta forma, mas foi mesmo no seguimento da conversa que decidimos apostar. Juntando-se a isto havia o sonho do meu pai em abrir um empreendimento de turismo rural.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S X

N

E₃: Sim, precisámos de recuperar o espaço e os edifícios, porque estava tudo muito degradado. Ainda temos um edifício que não foi reabilitado, mas com o tempo iremos recuperá-lo e remodelá-lo.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Para a atividade turística?

S__ X N__

E₃: Candidatámo-nos para o Jovem Agricultor, mas não obtivemos nada. Do turismo sim, tivemos apoios.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Para a atividade turística?

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₃: Sempre foi pensado como alojamento e é o que temos sempre tido desde o início.

Depois, mais recentemente, temos sim a questão da parte agrícola, em que já dinamizámos uma ou outra atividade, mas tudo muito informal. Nós somos pouquinhos e temos que nos dividir para tudo, mas gostaríamos de implementar coisas que já se veem noutras partes do país, a pouco e pouco, que é, por exemplo, o convite aos hóspedes para participarem na apanha de frutas, coisas desse género. Acaba por ser uma vertente mais dinâmica e diferente. Ainda assim, a estadia sempre em primeiro lugar.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₃: Então todos nós fazemos um bocadinho de tudo, mas, no geral, para a agricultura sou eu, a minha mãe, que vai estando cá ao fim-de-semana, e mais dois rapazes.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₃: Já para o turismo, continuo a ser eu, a minha mãe e uma senhora que também trabalha connosco. Nós não temos muitos trabalhadores, porque não existe mão-de-obra, temos muita dificuldade em encontrar gente para trabalhar connosco, tanto para trabalhos pesados como para trabalhos assim de casa.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__ X

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__ X

Passeios de bicicleta pela propriedade__ X

Quinta pedagógica__ X

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais: __ X

E₃: Atualmente o que oferecemos são os passeios a pé e de bicicleta de forma mais autónoma. Temos mapas da herdade que distribuímos e, no futuro, queremos colocar alguns pontos de referência para esses passeios. Outra atividade que disponibilizamos também são os

passeios a cavalo. Nós temos animais, temos cabras anãs, pavões, galinhas, patos e ovelhas. As instalações da quinta pedagógica são provisórias, mas os hóspedes podem ir ver os animais. Depois queremos dinamizar também a apanha da uva e da azeitona. Em relação à apanha da uva, apesar da vinha ser pequena queremos planear essa atividade. A apanha da azeitona é uma atividade mais certa, mais garantida, porque desde que estamos cá que temos oliveiras e levamos a azeitona para o lagar de Estremoz. Já fizemos a apanha com hóspedes, mas foi muito informal e não houve custo nenhum. Colocámos também árvores de fruto, só que são pequenas e ainda demoram até começarem a dar alguma coisa, nem estão em fase de produção máxima.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₃: Sim, eu acredito que tentamos oferecer atividades diferentes, por exemplo, temos uma minipista de *karts* a pedais que os mais pequenos gostam muito. Com a apanha da fruta que queremos vir a dinamizar também acho que nos vamos conseguir distinguir de outras herdades que tenham atividades.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__ X

Famílias com crianças__ X

Seniores__

E₃: Principalmente são pais que trazem os filhos. Por vezes, também recebemos casais jovens.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__ X

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

34. Quais os meses de maior procura?

E₃: A nossa época alta e, em que temos mais procura, é nos meses de verão, sobretudo junho, julho e agosto.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiadas, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__ X

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__
Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __

E₃: Os passeios a pé e de bicicleta são gratuitos. A única atividade que tem um custo associado é o passeio a cavalo. Não é uma fonte de rendimento importante, porque também é em parceria com um senhor e temos sempre que lhe dar algum dinheiro.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__ X

N__

E₃: Sim, temos tido muita gente a voltar novamente e o passa-a-palavra continua a ser a melhor ferramenta. Não diria que seja necessariamente pelas bicicletas ou pelo passeio a cavalo que toda a gente gosta, só que tem um custo e nem toda a gente consegue suportar ou não está disposta a dar, mas sim pelo conjunto de tudo. Eu acho que é pelas atividades, pelo trampolim, pelos baloiços, pela mini pista de *karts* a pedais, pela piscina. Eu acho que é tudo isto que leva a que as famílias queiram voltar. E, se calhar, a isso, junta-se o valor que cobramos que não é nada de extraordinário para nós, mas para as pessoas é agradável. Temos as coisas e os apartamentos modernos e em condições. Temos aqui um bocadinho de tudo e torna-se agradável para as pessoas.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₃: Não, para as atividades, para já, sou eu e a minha mãe, porque tentamos sempre estabelecer uma relação de disponibilidade, simpatia e empatia com os hóspedes. É um fator muito importante, portanto, para já, queremos ser sempre nós a fazer isso. Para controlarmos um bocado mais isso e, se calhar, os outros trabalhadores podem não estar tão vocacionados para isso.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₃: Sim, são os tais dois rapazes e a senhora. São todos de cá. E depois mesmo o senhor dos cavalos, que faz o passeio a cavalo, também é de cá.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S__ quantos?

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₃: Então temos o mel, as compotas que são feitas mesmo com os nossos produtos e a marmelada que fazemos com os nossos marmelos. Mesmo nos pequenos-almoços tentamos

incluir sempre produtos da nossa herdade. Ainda temos o azeite que vendemos, mas aqui para os hóspedes e para particulares. E a cortiça também vendemos.

Já me esquecia, mas temos também da parte dos animais a venda de borregos e cabritas. A lã das ovelhas vendeu-se também. De resto, se tivermos excedentes, como ovos das nossas galinhas, damos aos hóspedes e acho que acabamos por conseguir ter uma oferta mais personalizada. Mas tudo o que dá para fazer oportunidade de negócio nós fazemos.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ X Muito importante__

E₃: Acaba por ser uma fonte importante até mais do que os passeios a cavalo.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

44. Que parcerias locais possuem?

E₃: A primeira que me ocorre é mesmo com o senhor que tem os cavalos para os passeios.

E na nossa loja vendemos produtos nossos, mas também vendemos vinhos e azeites de produtores locais que, geralmente, não se encontram em supermercados.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__ X

E₃: Assim de melhorias mais visíveis foi mesmo a questão das luzes que nós pedimos para colocarem até ao portão de entrada. Queríamos era pedir para alcatroarem a estrada da parte detrás da herdade, o outro acesso, por onde vieste, e também queríamos ter a sinalética, mas a parte burocrática é o que é e ainda não conseguimos. E o que ainda não há é a questão da fibra.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__ X

Reaproveitamento da água__ X

Uso de adubos naturais na horta__ X

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__

Outras, quais:__

E₃: Nós tentamos aproveitar tudo o que a herdade nos dá. Não aplicamos nada de produtos na horta, apenas nas árvores de fruto é que colocamos fitoquímicos. Temos painéis solares

também para aquecimento das águas. E procuramos fazer sempre um melhor aproveitamento da água, a partir da rega gota-a-gota e a partir de uma antiga pedreira que temos. Essa pedreira tem fonte e com as chuvas vai armazenando água que acabamos por aproveitar também para a rega. Lá fora, no estacionamento, temos um posto de carregamento elétrico para os carros.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

- Fonte extra de rendimento para os agricultores__
- Criação de postos de emprego para a população local__ X
- Fixação da população em regiões menos povoadas__
- Melhoria e construção de infraestruturas__
- Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
- Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
- Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X
- Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
- Outros, quais:__

E₃: Eu acho que o agroturismo terá alguma importância, porque Estremoz começou a ganhar importância e embora não estejamos no centro, tentamos divulgar ao máximo tudo aquilo que temos pertinho, Borba, Estremoz e Vila Viçosa. E tentamos divulgar tudo o que é feito em termos culturais. Estarmos perto da capital também é uma mais-valia. Os acessos aqui são ótimos e o caminho até aqui é em alcatrão. Temos também as outras vantagens que passam muito por dar emprego a pessoas da comunidade e termos as nossas parcerias com negócios locais.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

- S, como?__
- N__ X

E₃: Se calhar, por si só não tem a capacidade de desenvolver a região, mas eu acho que a pouco e pouco talvez, sozinho é muito difícil, mas tem havido, cada vez mais, outros pontos turísticos de Enoturismo e, no conjunto, acho que consegue sim. Em Estremoz também tem acontecido muito isso, em que o conjunto de determinado tipo de ofertas tem promovido mais a cidade. Apesar de estarmos um bocadinho fora, acho que ajuda também a promover a região. Nós tentamos aqui promover oferta que inclua a família toda e outro tipo de atividades, a questão da parte agrícola ainda requer tempo para nós. Ainda assim, acho que fará alguma diferença aqui para a região haver agroturismos, se bem que seja lentamente, porque são espaços muito pequenos.

Quinta dos Ribeiros (E₄)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Quinta dos Ribeiros.
- 2. Local**
Alpalhão, Nisa, distrito de Portalegre.
- 3. Data**
11 de julho de 2022.

4. Duração

1 hora, 19 minutos e 24 segundos.

5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:

*Non working farm agritourism*__

*Working farm, passive contact agritourism*__ X

*Working farm, indirect contact agritourism*__ X

*Working farm, direct contact, staged agritourism*__

*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. Nome

E₄: O meu nome é Pedro Bello Moraes.

7. Cargo/função desempenhada

E₄: Eu sou diretor-geral do Agroturismo QDR que é a empresa que explora a Quinta dos Ribeiros que não tem como única atividade o turismo em espaço rural, mas é na verdade a principal em termos de abdicação de tempo dos colaboradores desta quinta. Portanto, sou o diretor-geral, dirijo a propriedade, sou o anfitrião e trato de todas as questões logísticas.

8. Género M.

9. Idade

E₄: Tenho 36 anos.

10. Formação

E₄: A minha formação de base é na área do turismo e foi por esse motivo que fui convidado para dirigir esta propriedade. Sou licenciado em turismo, no Politécnico de Portalegre, e tenho uma pós-graduação em Economia e Direção de Turismo e Direção Hoteleira que tirei no ISEG, em Lisboa. Sou professor de licenciaturas e dos cursos de técnico superior profissional, tudo na área de turismo, no Politécnico de Portalegre, desde 2019.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₄: Encontro-me há precisamente oito anos, desde que aceitei assumir o cargo que desempenho.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₄: Estou a dirigir a quinta desde 2014.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

E₄: Já trabalhei noutra tipo de negócios, na área do turismo, mas a presente função está a ser apenas desempenhada na Quinta dos Ribeiros.

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₄: Eu nasci e cresci em Portalegre e vivo lá. Como referi estudei em Lisboa e trabalhei lá também, mas, por motivos pessoais, decidi voltar para o Alentejo. Eu, na verdade, sou familiar da proprietária da quinta. Esta quinta pertencia aos meus bisavós, mas não ficou para a minha avó, ficou antes para um irmão dela que já morreu.

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₄: A propriedade tem 60 ha, mas está dividida pelos dois lados da estrada.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₄: Em termos da parte da agropecuária fazemos criação de ovinos e bovinos e temos um olival tradicional que nos permite fazer azeite. Nós temos uma atividade, em que os turistas colhem a azeitona e mandamos para um lagar onde produzem o azeite. Depois, mandamos para a Bélgica, rotulam e vendem-no lá. Já tivemos anos em que vendemos a azeitona para um lagar, porque ainda havia muito azeite na Bélgica.

Há uns dois anos, nós também tínhamos uma horta de permacultura que tivemos que abandonar. Esta horta era mais sustentável e biológica e baseava-se numa plantas para proteger outras plantas numa relação de complementaridade. Naturalmente não utilizam fertilizantes, químicos, nada disso, longe disso. Mas este foi um projeto inserido no objetivo de ter com alguma regularidade estágios de permacultura, ou seja, que pudessem vir algumas pessoas interessadas em aprender permacultura. Esta horta obrigou-nos a um investimento muito grande. Ainda assim, houve um primeiro estágio que foi um grande sucesso, em maio de 2017. Mas o que acontece é que os interessados em fazer esse estágio não eram portugueses. Não é um tipo de atividade que os portugueses procurem. E os estrangeiros, na sua mentalidade sustentável, e com muita razão, preocupam-se com a pegada ecológica do transporte, do transporte em avião de França, Bélgica e por aí fora. Portanto, nunca mais se conseguiu fazer novos estágios.

Infelizmente, a horta, para além desta mais-valia em termos de atividade, não tinha mais qualquer proveito e era bastante dispendiosa, porque era feita de uma forma muito peculiar que requeria uma série de cuidados. Ainda a aguentámos durante algum tempo e efetivamente tínhamos alguns hóspedes aqui durante o verão que iam buscar alguns produtos à horta, só que era raro, porque as culturas que foram feitas também não foram as mais adequadas aos nossos consumos e à nossa gastronomia. Tudo isto desmotivou um bocadinho quem cá estava. Portanto, passados alguns anos, chegou a um ponto em que a horta era um peso enorme.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__ X

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₄: Nós aqui temos a casa mãe, a casa principal, para cerca de dezasseis pessoas, com seis quartos. Nos outros dois edifícios existem cinco suítes familiares, portanto três aqui neste

onde estamos e outras duas no outro edifício. E ainda temos ali uma casa, a casa nova, com três quartos. Portanto, é uma capacidade de ocupação com um nível bastante grande.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₄: Sim, isso já. A quinta era a sede de uma casa agrícola com diversas propriedades na região. Os meus bisavós tinham uma série de propriedades à volta de Alpalhão que foram, posteriormente, repartidas pelos quatro filhos.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₄: Foi o meu tio-avô que abriu e creio que foi em 1999 ou 2000, mas ainda deve ter levado uns dez anos até ter decidido abrir a quinta ao turismo. Não sei é se foi logo como agroturismo, mas sei que era outra empresa.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₄: A razão não lhe sei responder ao certo.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₄: Foi tudo reaproveitado. Todos os edifícios que aqui estão foram reabilitados, desde o antigo celeiro, às garagens e à vacaria.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

E₄: Na implementação do projeto, sei que ele foi subsidiado. Agora para a parte agrícola temos sido apoiados também a partir do projeto Jovem Agricultor.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

Qual/quais?

Qual/quais?

E₄: Consigo dizer que a parte da pecuária é apoiada pelo IFAP, Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas. Por exemplo, foi através desse projeto que conseguimos comprar um pequeno trator. Ao nível do turismo, recebemos o apoio de um projeto para conseguirmos realizar melhorias aqui na quinta, como instalação de painéis solares, de ares condicionados e outras pequenas coisas.

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₄: Desde o início, da altura do meu tio, que sempre foi funcionando da mesma forma, sem sofrer grandes alterações para os dias de hoje, e, portanto, oferecia-se sim alojamento e alguma atividade desde que a quinta está aberta ao público.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₄: Temos um colaborador, um prestador de serviços que é externo à nossa organização, ou seja, não é um funcionário do Agroturismo QDR, mas é ele que trata dos animais diariamente.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₄: Somos três pessoas, eu e outras duas senhoras que se encarregam sobretudo da limpeza e manutenção da parte interior, de servir pequenos-almoços. Mas prepare-se o dono do TER e desengane-se se acha que isto não é uma vida muito presa. É evidente que depende muito de como se prepara o espaço e eu recomendo que se prepare o espaço da forma mais autónoma possível para que as pessoas possam chegar, têm a chave e estão completamente por sua conta. Ter um espaço que não tenha falhas e que seja fiável para que o anfitrião não seja constantemente chamado para resolver algumas situações. E é assim que, na minha ótica, faz mais sentido, porque, lá está, ter alguém para servir pequenos-almoços, ter alguém para fazer atividades, vai-se a ver e é um custo que não faz sentido.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__ X
- Passeios de bicicleta pela propriedade__ X
- Quinta pedagógica__ X
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais:__ X

E₄: Não temos dinamizado atividades em particular, mas as pessoas estão perfeitamente à vontade para explorar a quinta, andar pela quinta à vontade. Temos alguns animais da quinta, galinhas, cabras anãs. Temos também alguns equinos, uns burros, uns pôneis, um cavalo, e as pessoas podem andar perfeitamente à vontade por toda a propriedade e observar e alimentar os animais.

Depois o que temos é um evento mais específico relacionado com a apanha da azeitona. Portanto, quem participa nesta atividade são pessoas que já formam um grupo há muitos anos. Esta atividade ocorre durante uma semana, que coincide com uma semana de férias escolares da Bélgica, e porquê a Bélgica? Porque a proprietária da quinta é meia portuguesa meia belga, filha de pai português, de quem herdou esta propriedade, e de mãe belga. E, portanto, por altura desta semana de férias escolares da Bélgica, que coincide ali por altura de Todos os Santos, princípio de novembro, chegamos a ter aqui cem pessoas e ficam todas alojadas aqui na nossa propriedade. Estas pessoas colhem a azeitona e depois de resto nós temos uma série de atividades durante esta

semana que, normalmente, têm a ver com questões tradicionais da nossa região. Por exemplo, costumamos patrocinar uma garraizada na praça de touros de Alpalhão que é feita em conjunto com as pessoas de Alpalhão. Já temos feito bailaricos aqui com artistas da nossa zona, também concertos um bocadinho mais elaborados com artistas que vêm de Lisboa ou com um DJ com algum renome a nível regional. Já fizemos também um espetáculo com o grupo folclórico de Alpalhão de senhoras que se vestem com as vestes tradicionais de Alpalhão e que fazem aqui umas danças e dançam com as pessoas. Já houve uma noite em que foram jogar futebol com os veteranos de Alpalhão. Para este evento específico as atividades vão sempre rodando que é para não ser sempre a mesma coisa e procuramos sempre integrar as pessoas deste grupo com a população aqui de Alpalhão.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E4: É assim, apesar do evento da apanha da azeitona ser muito específico, eu tento sempre trazer atividades diferentes para aquela semana em que temos cá os turistas.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__

E4: São maioritariamente famílias, mesmo para o evento da apanha da azeitona. Hoje em dia já são também famílias com jovens e adolescentes.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__ X

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

34. Quais os meses de maior procura?

E4: São mesmo os meses de julho e agosto.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __ X

E4: A atividade que nos consegue trazer lucros é mesmo a da apanha da azeitona. Pagando as nossas despesas e retirando custos fixos, como água, eletricidade, por aí, conseguimos ganhar entre os cinco mil e os dez mil euros.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida? __ X
N__

E4: Sim conseguimos fidelizar clientes, particularmente aqueles que pertencem ao grupo da apanha da azeitona. São quase sempre as mesmas pessoas, mas isto também é um evento muito particular, porque é um grupo já com uma dinâmica.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__
N__ X

E4: Contratar diretamente não, mas, para o tal evento da apanha da azeitona, acabo por pedir a colaboração de pessoas que pertencem aqui à comunidade de Alpalhão.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos? __ X
N__

E4: Sim, temos as duas senhoras, a Narcisa e a Ana, que tratam das limpezas, da manutenção do espaço e ainda dos pequenos-almoços. O senhor que nos trata dos animais também é da região.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__
N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X
N__

E4: Mandamos a azeitona para o lagar, mas acaba por ser o nosso azeite, portanto, sim, vendemos azeite.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__
N__
Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ X Pouco importante__ Importante__ Muito importante__

E4: A venda do azeite traduz-se numa fonte de rendimento muito reduzida, porque não é um negócio de escala, exportamos apenas umas quinhentas garrafas para a Bélgica, então acaba por se pagar a ele próprio. Verdadeiramente aqui existem dois negócios, o alojamento e a pecuária e tudo o resto são subprodutos daquilo que nós aqui temos, mas não têm relevância.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₄: Não, porque acabam por levar tudo para a Bélgica. Lá o azeite é vendido a um preço que cá em Portugal ninguém compraria. Uma garrafa a quinze euros vende-se na Bélgica, mas em Portugal ninguém compraria.

44. Que parcerias locais possuem?

E₄: Temos com o lagar onde produzem o azeite e com as Heranças do Alentejo que basicamente é uma associação que promove a nossa quinta.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__ X

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₄: Julgo que a quinta não contribuiu para a melhoria das infraestruturas e sinaléticas locais visto não ter havido necessidade para tal. A única questão refere-se ao sinal que indica o local da QDR. A quinta encontra-se muito bem servida de acessos que já existiam, está junto a uma IP e uma estrada nacional.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas__ X

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais:__ X

E₄: Utilizamos lâmpadas economizadoras, temos painéis solares e aproveitamos a lenha para aquecimento. Fazemos também a triagem do lixo. Neste momento estamos num processo de certificação da *Biosphere* que é uma organização que faz certificação para a sustentabilidade turística e, por isso, vamos ter que implementar medidas mais concretas que fazem parte da certificação, como por exemplo colocar algumas informações até nas próprias casas-de-banho para a poupança de água.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__ X

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__ X

Outros, quais:__

E₄: Eu acho que, na generalidade, o turismo rural tem um impacto muito grande nestas pequenas localidades, sobretudo em Alpalhão. Alpalhão tem uma dinâmica empresarial muito frosca, reduzida, e qualquer pequeno negócio mexe muito com a comunidade local. Em que medida é que mexe? Em primeiro lugar, gera emprego. Em segundo lugar, tentamos comprar local o mais possível. Não é por aí, mas terá o seu contributo. E, em terceiro lugar, que na minha opinião é o maior contributo que tem é o facto de criar condições para que os visitantes tenham onde ficar. Ao disponibilizar um local em Alpalhão para os turistas ficarem acaba-se por colocar esta região no mapa, apesar de não ser uma vila turisticamente interessante. O que tem de muito bom, por isso é que tem uma dinâmica turística crescente, é ter uma localização em termos de acessibilidades muito positiva. É muito central, estamos a cerca de quinze minutos de tudo, de Castelo de Vide, de Portalegre, de Alter do Crato. E o IP2 é a estrada principal do Alto Alentejo que passa aqui mesmo ao lado.

Mas realmente o impacto que tem aqui na comunidade é muito este. Conseguir chamar pessoas para Alpalhão, porque se não houvesse este tipo de alojamentos não havia pessoas aqui, ninguém conhecia esta comunidade. Tentamos também de alguma forma apoiar iniciativas locais e valorizar as tradições, nem que seja com o evento da apanha da azeitona, através da própria apanha que caiu completamente em desuso e de outras iniciativas que ajudam a promover de alguma forma estas tradições. Até os bailaricos e os cantares, tudo isso ajuda a promover Alpalhão.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como? __

N__ X

E₄: Não, acho que não. Há aqui uma questão, e que é uma questão relativamente às atividades de animação turística e as atividades do agroturismo, e do TER em geral, que é preciso ter em consideração. É que os recursos humanos são extremamente caros e devido às dificuldades que existem em ter alguém disponível para acompanhar nas atividades, o que é que acontece? As pessoas tendem a organizar a sua vida para trabalhar de segunda a sexta-feira e se nós dissermos a um colaborador que tem de trabalhar ao sábado e ao domingo, ninguém quer. Por isso, o próprio conceito de agroturismo é uma coisa muito difícil de vingar, porque até pode haver muitos agroturismos como o nosso, mas depois se formos esmiuçar, na prática, não há muitos com atividades, porque é mesmo muito difícil, apesar de na base pressupor atividades. Com isto quero dizer que se a atividade se enquadra muito bem e é muito conveniente, porque já há alguém que está a fazer e então aquilo não faz muita diferença, tudo bem. Mas se não fluir desta forma, é muito muito difícil.

A conclusão disto é que tem que haver uma ginástica muito grande, o turismo rural não é um negócio, não é um emprego, é um modo de vida. Tem que ser uma coisa muito integrada na realidade de quem está, de quem tem. Ainda assim, o turismo, TER, tem uma lógica de simbiose entre os proprietários e os turistas. Uma simbiose em que os turistas permitem gerar o valor suficiente para dar vida ao espaço e trazer dinheiro para manter o espaço.

Casa do Guizo (E₅)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Casa do Guizo.
- 2. Local**
Mértola, distrito de Beja.
- 3. Data**
2 de agosto de 2022.
- 4. Duração**
24 minutos e 21 segundos.
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__ X
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
E₅: Eu chamo-me Ana Rita Barbosa.
- 7. Cargo/função desempenhada**
E₅: Isto é uma sociedade entre mim e os meus irmãos, mas normalmente sou eu que faço a gestão, tenho sempre que lhes pedir opinião, mas sou eu que faço as reservas, atendo os clientes, faço de tudo um pouco. Portanto, sou proprietária e gestora da Casa do Guizo.
- 8. Género** F.
- 9. Idade**
E₅: Tenho 49 anos.
- 10. Formação**
E₅: Licenciiei-me em turismo, em Beja.
- 11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₅: Eu desde sempre que estive aqui, porque isto foi um projeto pensado por mim e pela minha mãe, no início. E já há vinte e seis anos que temos a casa aberta. Depois de estudar em Beja, voltei para cá, mas estava sempre entre cá e lá.
- 12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₅: Há dezasseis anos, com carácter permanente.
- 13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X

E₅: Eu primeiro fiz um curso de técnico profissional de turismo e depois estive a trabalhar dois anos na Pousada de São Francisco, em Beja, quando abriu, portanto, já há muitos anos. Fiquei como rececionista lá, durante dois anos. Depois abri aqui também o meu espaço e queria estudar, tirar outro curso, como não era compatível saí de lá.

14. Reside na região?

S X

N, em que município reside? __

E₅: Nasci em Mértola, mas sou daqui do monte mesmo. Atualmente, casei e resido aqui mesmo. Faço a minha vida aqui.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₅: Pronto, antigamente isto era tudo do meu pai, mas ele entretanto entregou aos filhos, portanto cada um tem os seus hectares, mas na totalidade nós temos uns 800 ha na propriedade toda. Depois, cada um dos irmãos tem a sua parte de exploração.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo? __

Animal, de que tipo? __ X

Vínico __

Outro, qual: __ X

E₅: Antigamente semeávamos trigo em grandes quantidades e guardávamos aqui onde estamos. Atualmente, isso não acontece então aí há, sensivelmente, dezoito anos, decidimos fazer este espaço para eventos que é uma mais-valia, porque as pessoas como não tinham nada no concelho faziam aqui eventos. Ainda assim, o nosso negócio é mesmo animal, tenho gado bovino e ovino, e plantamos apenas forragens para o gado comer. Tenho também abelhas que nos permitem produzir mel.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si __

Estada num edifício único, quantos quartos? __ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos? __

Estada num parque de campismo agroturístico __

Oferta de atividades agroturísticas __ X

E₅: Temos seis quartos no piso superior do edifício. No rés-do-chão temos um apartamento adequado a pessoas com mobilidade reduzida. E aceitamos animais de estimação.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S X

N __

E₅: O meu pai sempre foi agricultor e nós depois fizemos os quartos porque também temos zona de caça turística. Quando estávamos a construir a casa do meu irmão, um senhor, que é nosso cliente de caça, atualmente, veio cá e disse “então, mas vocês agora na parte de cima não fazem nada, não fazem quartos? Porque nós para virmos caçar temos que ficar a dormir na Mina ou em Serpa ou em Mértola e assim era uma mais-valia ficarmos a dormir aqui”. Então a minha mãe disse para fazermos os quartos e na altura fomos os primeiros a fazer agroturismo, turismo

rural na margem esquerda e no concelho de Mértola. Hoje em dia é como cogumelos, há muitos. Fizemos também porque sabíamos que aqueles clientes da caça seriam habituais e iam precisar.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

E₅: Sim, a agricultura era a única atividade que praticávamos, mas depois de abrimos tivemos sempre as duas partes em conjunto, a agrícola e a turística.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₅: Então, abrimos em 1996 e sempre exercemos a agricultura em simultâneo com o turismo.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₅: A minha mãe tinha uma visão muito à frente. Tinha estado emigrada em França e nessa altura, lá em França, este tipo de turismo já existia. Quando regressou a Portugal achou que era uma mais-valia, porque nós íamos fechar o espaço que tínhamos em cima (*da casa do irmão*), mas assim aproveitámos o espaço superior para fazer os quartos. Juntámos o útil ao agradável. Para além disso, a questão da caça também impulsionou, de certa forma, abrimos o espaço.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₅: Nós quando fizemos a casa do meu irmão construímos de raiz. Os quartos que estão na parte de cima é que aproveitámos para reconstruir.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

E₅: Para a prática agrícola temos sempre os apoios que existem ultimamente. Por exemplo, há uns anos inscrevi-me como jovem agricultora já no limite dos quarenta anos. Para o turismo, há dezasseis anos, nós quisemos fazer melhorias nos quartos. Não tinham varandas, todos tinham casa de banho, mas era mais pequena, e nós optámos por fazer aí uma melhoria e aí é que recorremos a um projeto de financiamento para fazer as melhorias.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₅: É assim, atividades se as pessoas pedirem nós fazemos, mas a parte do alojamento temos sempre e as atividades realizamos se o turista solicitar, especialmente os miúdos mais pequenos querem ver como funcionam as coisas.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₅: Como eu e os meus irmãos agora estamos separados, pronto, cada um tem o seu trabalhador. No fundo somos três irmãos e cada um tem o seu empregado e gere à sua maneira.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₅: Na parte turística temos duas funcionárias, a tempo inteiro, que vivem na região e eu, como proprietária e gerente.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops de culinária__
- Workshops de panificação__
- Workshops de agricultura__
- Workshops de artesanato__
- Workshops com animais (tosquiás, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__ X
- Passeios de bicicleta pela propriedade__
- Quinta pedagógica__ X
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __ X

E₅: Os turistas podem passear pela propriedade e gostam bastante até porque nós estamos dentro do Parque Natural do Vale Guadiana e é sempre uma mais-valia por estarmos rodeados pela natureza. Há também percursos pedestres que saem daqui, à volta do montado. Podem ainda observar a horta, sem plantar, porque a época em que eles vêm não é propícia ao plantio. Temos o gado que, normalmente, há pessoas que querem ver as ovelhas e as vacas.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__

N__ X

E₅: O meu foco acaba por ser mais o alojamento e a parte dos eventos.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__ X

E₅: Recebemos mais famílias com crianças e seniores. Sobretudo são pessoas que vêm para repousar.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__ X

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

E₅: Eu acho que nem deve chegar a mil, porque não temos assim muita capacidade.

34. Quais os meses de maior procura?

E₅: Os meses de verão e os meses em que é permitida a caça.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__

E₅: É tudo gratuito, não cobramos nada.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__

N__ X

E₅: Acho que não, acho que isto funciona mais do género, as pessoas gostam do sítio e

voltam novamente para descansar e não propriamente por causa das atividades.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₅: As atividades são autónomas, então deixamos os turistas à vontade para explorar o

monte.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₅: Sim, as duas senhoras que tratam sobretudo das questões da limpeza dos quartos e do

apartamento e o senhor que está encarregue da prática agrícola.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₅: Nós aqui produzimos mel e vendemos apenas aos nossos clientes.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos workshops que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₅: É pouco importante, é mais porque os clientes comem aquele mel ao pequeno-almoço, gostam e levam, e os senhores da caça também, porque é biológico. É uma ajuda em termos financeiros, mas não é assim nada de significativo.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₅: Os produtos utilizados para o pequeno-almoço são regionais. Alguns são produzidos no monte. Temos o presunto após a matança do porco, o paio é sempre o que nós fazemos, os bolos somos nós que fazemos, os doces também são feitos por nós. Os restantes produtos compramos a pessoas particulares ou em mercearias da região. Agora os nossos produtos não, não são vendidos lá para fora.

44. Que parcerias locais possuem?

E₅: Não temos parcerias locais. Se o turista perguntar por restaurantes, eu aconselho alguns e depois ele escolhe. É preferível agir assim, não induzo as pessoas a nenhum restaurante, e os gostos são relativos, portanto não me comprometo.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__ X

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ X Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₅: Conseguimos que a estrada daqui fosse alcatroada por causa dos eventos e também colocámos placas a indicar o monte. As luzes que temos aqui fomos nós que as colocámos com um projeto agrícola. Na rua não há luz, porque apresentámos um projeto agrícola que, como não é da EDP, não coloca luzes na rua.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__ X

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais:__

E₅: Temos painéis solares para aquecimento das águas e a nossa Câmara vem-nos entregar panfletos com as boas práticas de não gastar água, poupar os recursos e essas coisas.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

- Melhoria e construção de infraestruturas__ X
- Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
- Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__ X
- Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__
- Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
- Outros, quais:__

E₅: Para os pequenos-almoços e eventos que organizamos procuro sempre comprar os produtos no comércio local e para o serviço de *catering* também solicito os serviços da região, dando trabalho à população do concelho. Terem alcatroado a estrada e as luzes que foram colocadas são também benefícios do agroturismo.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__

N__ X

E₅: É assim, no nosso concelho atualmente apareceu muito o alojamento local, em que não é preciso tanta burocracia para abrir o que também, às vezes, dificulta o negócio do agroturismo. Para a concorrência é uma coisa saudável se a gente souber lidar com ela, mas há pessoas que não sabem lidar com a concorrência e, às vezes, não são leais. O alojamento local devia-se travar um pouco, porque acaba por ser para nós injusto. É preciso haver um trabalho de comunidade, em termos de agroturismo, para conseguir desenvolver aqui a região e, de certa forma, dar a volta a esta questão dos alojamentos locais.

Refúgio das Origens (E₆)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. Nome do empreendimento

Refúgio das Origens.

2. Local

Ermidas do Sado, Santiago do Cacém, distrito de Setúbal.

3. Data

8 de agosto de 2022.

4. Duração

43 minutos e 17 segundos.

5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:

*Non working farm agritourism*__

*Working farm, passive contact agritourism*__

*Working farm, indirect contact agritourism*__

*Working farm, direct contact, staged agritourism*__

*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. Nome

E₆: Sou a Rosa Azevedo.

7. Cargo/função desempenhada

E₆: Sou a proprietária.

8. Género F.

9. Idade

E₆: Tenho 67 anos, portanto já me sinto cansada e pesada, porque eu trabalhei na área da saúde e fiz uma reforma antecipada para abraçar este projeto.

10. Formação

E₆: Fui profissional de saúde e dava formações nessa mesma área. Entretanto tirei algumas formações no âmbito do turismo. Tirei uma, na Associação de Desenvolvimento do Litoral (ADL), durante três meses, todos os fins-de-semana. Tirei outra de Marketing e Publicidade e ainda uma, no Turismo de Portugal, em Setúbal, na área de atendimento, relações-públicas e gestão de conflitos.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₆: Não sei precisar, mas já há mais de vinte anos.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₆: Desde que abrimos isto ao turismo, portanto desde 2013.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

E₆: Não, nunca tive. Este foi um sonho meu e foi a primeira vez que entrei nesta área.

14. Reside na região?

S__ X

N__ em que município reside?

E₆: Nasci em Azinheira de Barros, em Grândola, e isto foi uma herança que tive dos meus pais e foi um sonho que eu concretizei. Vivi e tenho residência em Setúbal, cidade que adoro e que me abraçou, mas, atualmente, é aqui que vivo.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₆: São 20 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₆: Está inserido no agroturismo, um espaço onde há a apanha da azeitona. Temos frutas e seguimos uma política que é o APP, apanhe, pese e pague, em que, quando há excedentes, as pessoas podem levar as frutas, mediante um pagamento. Neste momento já só temos galinhas.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₆: É um edifício único, licenciado. Tem oito quartos e todos os anos fazemos melhorias. Neste momento colocou-se um minibar em todos os quartos para que as pessoas possam lá colocar alimentos. Recentemente também fizemos uma alteração que foi criar dois estúdios que têm

kitchenette e sala com sofá-cama. Assim é bom, porque os pais podem estar mais próximos dos filhos.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₆: Sim, sempre foi praticada a agricultura e tínhamos gado bovino. O meu pai produzia leite.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

E₆: Sim, tínhamos agricultura e pecuária, mas era o meu pai que se encarregava disto tudo.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₆: Abrimos em outubro de 2013 e sou eu e o meu marido, com o apoio dos meus filhos, portanto nas outras partes de prestação de serviços, dos *sites*, das reservas. Trabalhamos todos em conjunto.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₆: A principal razão era por eu ter este sonho que queria concretizar. Tinha o espaço, tinha a minha vontade própria e, por isso, decidi abrir o Refúgio.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₆: Sim, isso houve, só para ter uma noção o salão da casa era a antiga vacaria.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ X N__

E₆: Para a atividade turística tivemos apoio do PRODER 2020, se não estou em erro, que é um programa de apoio ao desenvolvimento rural. Tivemos apoio de 60%, porque isto sem apoios é impensável.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₆: Fomos tentando complementar uma coisa com a outra. Também faço muitos retiros quando as pessoas me solicitam, já fiz retiros *vegan*, de ioga, meditação.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₆: Só o meu marido é que se dedica à parte agrícola.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₆: Na parte turística tenho uma senhora em regime de prestação de serviço, pontualmente, para limpeza dos espaços e lavandaria e, de resto, sou eu para tudo. O que eu sinto neste momento é muita falta de pessoal especializado e que queira trabalhar e nós aqui no Alentejo

temos essa dificuldade. Eu não pensava que me vinha deparar com estes problemas, a parte de conseguir pessoal para trabalhar é que tem sido complicada. Como sabe nós temos *timings* para fazer as saídas e entradas, temos o problema que as pessoas às vezes não aceitam bem as horas, estão sempre a tentar mais um bocadinho, mas isto assim não pode ser. Nós para termos um bom trabalho ainda leva algum tempo.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__ X
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__
- Passeios de bicicleta pela propriedade__
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __ X

E₆: Tentamos muito oferecer atividades com o que temos aqui e também na área envolvente. Temos aqui perto o rio Sado que eu sugiro quando as pessoas cá estão para fazer uma caminhada, percursos de bicicleta, correr. Agora, aqui na propriedade temos algumas atividades, uma delas é “ser agricultor por um dia”, em que a pessoa pode participar na prática agrícola e apanhar alguns produtos. Já têm participado na apanha da azeitona. Outra que temos é a possibilidade dos hóspedes fazerem um piquenique, em que nós preparamos tudo, fornecemos a cesta com produtos nossos conforme o número de pessoas e depois eu indico os locais onde podem fazer o piquenique. O meu marido tem formação na área cinegética e quando as pessoas solicitam ele pode acompanhá-las nas subidas do rio. Ainda assim, as pessoas não ligam muito, gostam de ser mais autónomas.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__

30. O tipo de envolvência do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₆: Sim, acho que os piqueniques são atividades diferentes, porque proporcionamos uma refeição com produtos daqui da região.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__

E₆: O público que é mais atraído para o Refúgio são famílias com crianças.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__ X

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

E₆: Atualmente são menos de mil pessoas, mas antes da pandemia poderia haver perto das mil. Antes da pandemia vinham alguns estrangeiros, espanhóis, franceses, dinamarqueses, holandeses, ingleses, mas atualmente são emigrantes e mais portugueses, principalmente pessoas do Norte.

34. Quais os meses de maior procura?

E₆: Junho, julho e agosto, o setembro já é pouco e depois não temos assim muita procura. Temos é pessoas que vêm trabalhar aqui para outras empresas, por exemplo, para a manutenção da maquinaria e outras coisas e acabam por cá ficar. Mas sentimos uma grande sazonalidade e para tentar combatê-la quero começar a publicitar os estúdios para nómadas digitais.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__ X

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__ X

E₆: Em relação à atividade “ser agricultor por um dia”, geralmente as pessoas não pagam nada, só no caso de levarem produtos é que os pagam. No caso dos piqueniques é que já tem um preço associado. Mas o lucro destas atividades é uma coisa simbólica que permite dar algumas ajudas. O verdadeiro motivo para as fazermos é para as pessoas colocarem a “mão na massa”, saberem como se desenvolve esta prática e saberem que as coisas são biológicas, pois não há produtos químicos. Levo as crianças a irem buscar os ovos e, às vezes, até dou os ovos para os pais fazerem uma omelete.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__

N__ X

E₆: Noto que não, porque a fidelização é difícil.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₆: Não, se for necessário algum acompanhamento estou cá eu ou o meu marido.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₆: Nós contratamos prestadores de serviços externos ao Refúgio, mas são todos de Ermidas do Sado. Não nos compensa ter uma pessoa a contrato, devido às obrigações que temos com descontos, segurança social, seguros e subsídios. Durante a época dos apoios, durante cinco anos, era obrigatório ter no mínimo uma pessoa e meia a trabalhar, sendo que a meia estava na parte agrícola, na manutenção da relva, da piscina e da área envolvente, mas agora não nos compensa.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₆: Sim, as compotas que são certificadas. São feitas por mim com produtos nossos.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__ X

N__

Não se aplica__

E₆: Sim, na atividade de “ser agricultor por um dia”, as pessoas podem colher frutas e vegetais e comprá-los.

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₆: A venda das compotas, dos produtos hortícolas e frutícolas não se traduz numa fonte de rendimento significativa. Acaba por ser só uma ajuda para despesas.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₆: Não, os nossos produtos são vendidos apenas aqui para os hóspedes.

44. Que parcerias locais possuem?

E₆: Temos com o *Badoca Safari Park*, com o Centro de Ciência Viva e estamos a fazer este ano com o *Black Gin* só que ainda não está no *site*. As parcerias funcionam como recomendação, eu recomendo estes locais e tenho aqui panfletos e eles recomendam o meu espaço.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__
Melhoria da rede de transportes públicos__
Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__
Outras, quais: __

E₆: Nada foi melhorado com a abertura do agroturismo, inclusive pedi Câmara para colocar uma luz exterior e o meu pedido foi recusado. Pedi à Ambilital, que é uma empresa ligada à proteção do ambiente, para pôr contentores para reciclar e também foi recusado. Tive de ser eu a comprar ecopontos e tenho que ser eu ou os turistas a levar para os caixotes do lixo exteriores. Pedi também para fazerem uns acessos à volta do rio ou espaços de lazer e a Câmara nunca fez.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__
Reaproveitamento da água__
Uso de adubos naturais na horta__
Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__
Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__
Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__ X
Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X
Realização da triagem do lixo__ X
Outras, quais: __ X

E₆: A triagem do lixo faço e os próprios turistas são incentivados a fazer e a cuidar do espaço. Todas as lâmpadas que utilizamos são led. Temos painéis solares e painéis fotovoltaicos para aquecimento de águas e para a energia. Quero adquirir também uns redutores de água. Como vê, o que está ao meu alcance nesta área tento apostar.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__
Criação de postos de emprego para a população local__
Fixação da população em regiões menos povoadas__
Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais: __

E₆: Não acredito que traga assim algum contributo significativo, pelo menos, o Refúgio das Origens. Tenho de facto as tais parcerias, mas de resto não acredito, não acho que seja por isso também que vá influenciar significativamente alguma coisa.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__
N__ X

E₆: Não, porque, às vezes, até tenho produtos excedentes e tento vendê-los no mercado local e as pessoas não querem, porque já têm os seus fornecedores ou já têm os seus próprios produtos. Acho que o Turismo do Alentejo tem estado a fazer muito pelo Alentejo. Estamos representados em algumas feiras do turismo em Madrid e na feira da Bolsa de Turismo de Lisboa, porque a Câmara dá essa possibilidade, e o retorno é positivo. Mas não acho que o agroturismo

consiga desenvolver aqui a região. Isto causa-me muita revolta, mas agora os espanhóis vêm para aqui explorar e o que está a dar são as amendoeiras e as oliveiras em regime intensivo.

Agroturismo Xistos (E₇)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Agroturismo Xistos.
- 2. Local**
Trindade, distrito de Beja.
- 3. Data**
20 de julho de 2022.
- 4. Duração**
1 hora, 12 minutos e 05 segundos.
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
E₇: Chamo-me Paula Conduto Mira.
- 7. Cargo/função desempenhada**
E₇: Sou sócia-gerente da Sociedade Agropecuária Broco e *(Polina)*? que é a nossa empresa que, portanto, promove o empreendimento Agroturismo Xistos da qual sou proprietária e gerente.
- 8. Género** F.
- 9. Idade**
E₇: Tenho 54 anos.
- 10. Formação**
E₇: Sou arquiteta, projetista de empreendimentos de turismo e empresária agrícola há catorze anos e turística há quase oito anos. Faço ainda parte da direção das Heranças do Alentejo há seis anos. Cheguei também a ser professora do Politécnico de Beja há alguns anos atrás, ao nível das artes plásticas e ao nível do curso de engenharia civil, sobretudo ao nível de ordenamento do território e de arquitetura urbana. Dei ainda aulas ao curso de turismo, como especialista.
- 11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₇: Estou cá já há algum tempo, porque a minha família está naquela propriedade há quase cem anos. Em relação ao meu projeto na propriedade, aí estou desde a criação do conceito/propósito, passando pelo projeto de arquitetura e respetiva construção e depois implementação da questão empresarial. Vamos para sete anos e tal que o Xistos está aberto.
- 12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₇: Portanto, já há sete anos.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__
N__ X

E₇: Quando comecei e meti-me nesta aventura não sabia nada sobre ser empresária de turismo.

14. Reside na região?

S__ X
N, em que município reside?__

E₇: Sim, vivo em Beja, sou alentejana.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₇: A propriedade tem cerca de 440 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₇: Temos gado ovino e bovino, temos também burros e ainda abelhas.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₇: É um único edifício composto por quartos individuais com entradas independentes e acesso à piscina independente. São mini unidades contíguas, com cinco quartos duplos. Existe também o apartamento/estúdio que é outra unidade independente, ligada à zona social, mas está separado por duas portas.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₇: Sim, desde sempre que a atividade agropecuária e agroflorestal é a nossa base, o nosso foco, o nosso negócio principal. O Agroturismo Xistos é um complemento à exploração agropecuária e agroflorestal. São seis quartos que complementam a atividade principal que é a agricultura.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

E₇: Primeiro veio a atividade agrícola. Comecei a trabalhar com o meu pai a ajudá-lo nesta área, sobretudo na pecuária, há catorze anos, e acabei por lhe propor fazermos um pequeno turismo para dinamizar outra vertente, porque nós temos uma natureza incrível. Partilhar a natureza foi o foco. Limito-me a mostrar que existe e a partilhar, se não, não fazia aquelas casinhas, não me metia nesta aventura.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₇: Abrimos ao público em 2015, mas comecei a projetar a ideia do propósito de partilhar aquela natureza há dez anos. Tem que haver um propósito. O turismo se não tem um propósito, não vale a pena fazer turismo. O propósito aqui é partilhar a natureza, fazer eficiência energética e trabalhar com a comunidade. E, portanto, havendo um propósito depois é que vem o projeto arquitetónico. O empresário turístico tem que ter um propósito. Tem que ter uma ideia predefinida e tem que sobretudo perceber que essa ideia é original e única, diferenciadora para poder captar o interesse do turista sempre, porque o turista, neste momento, o que quer é sobretudo emoções. Xistos é emoção, Xistos é mensagem, Xistos tem um propósito muito forte. Tem quartos pequeninos, duas salas e um espaço físico pequeno, mas o conceito que o abraça não tem dimensão. Por isso, é que temos sucesso enquanto projeto que transmite uma mensagem.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₇: A principal razão foi para poder partilhar a beleza natural que circunda o Xistos. Partilhar a natureza pura e dura, sem nunca ter havido intervenção humana. Árvores com 700 anos e rochas com mais de 300 mil anos e uma fauna e flora incríveis e, portanto, essa razão é a principal. A partir daí comecei a criar mais propósitos, porque o Xistos é um espaço físico de intenções onde muita coisa acontece. E, portanto, o Xistos não é alojamento, é uma forma de estar na vida que tem a ver com partilha, com mensagem, aprendizagem e sobretudo com transmissão de conhecimento a toda a hora.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__
N__ X

E₇: Não, porque isto foi uma construção nova perante as regras de áreas, porque aquela propriedade pertence à Rede Natura, está integrada na Zona Protegida de Castro Verde, na Reserva Ecológica Nacional e estamos ao lado do Parque Natural do Guadiana.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:	Para a atividade turística?
S__ X N__	S__ X N__

E₇: O que fazemos é, quando há abertura de avisos, tentamos para receber apoios. Agora inscrevi-me numa candidatura à seca. Em relação ao turismo, tivemos apoios por parte do projeto PRODER.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:	Para a atividade turística?
S__ N__ X	S__ N__ X
Qual/quais?	Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₇: Sim, tentamos complementar as dormidas com atividades. No Agroturismo Xistos pratica-se uma frase que é “a vida é de momentos”. Sem momentos a vida não tem graça. Nós proporcionamos momentos e recebemos momentos dos turistas. É fundamental estarmos com as pessoas, logo aí diferenciamos-nos. Tem que haver tempo para isso. Proporcionar também

momentos em que os turistas estão sozinhos, nos nossos vários passeios pela propriedade. Tudo o que seja riqueza que existe naquela propriedade, incluindo o céu, é trabalhado lá. Estamos constantemente com projetos. Eu sempre abri o espaço à comunidade, porque aquilo não é meu, é de todas as pessoas que querem aproveitar.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E7: No Xistos temos apenas um colaborador.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E7: Para a parte turística, temos duas pessoas e eu.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiás, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__ X

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__ X

Apanha de fruta da época__

Apicultura__ X

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais: __ X

E7: Fazem-se muitos passeios pedestres pelo Xistos que podem ser acompanhados por mim ou podem ser autónomos. Existe o trilho das abelhas em que as pessoas podem ir ver as colmeias, vestir os fatos e tratarem delas, o passeio da ribeira e o do bosque mediterrânico. As pessoas podem ir tratar do gado, dar de mamar aos bezeros e aos borregos. Disponibilizamos também caça ao tesouro e jogos infantis. Mas o propósito sempre é as pessoas descobrirem a natureza.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E7: Sim, tentamos e priorizamos, sobretudo, o contacto com a natureza, mostrar os bosques mediterrânicos, porque vacas e ovelhas para mostrar há mais turismos que têm, mas bosques não.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__ X

Famílias com crianças__ X

Seniores__

E₇: São casais jovens e famílias com crianças, mas sobretudo amantes da natureza, pessoas formadas, sensíveis à situação. São pessoas que percebem que não vão para um pequeno hotel, mas sim para uma casa com ambiente familiar, com autenticidade muito forte. As pessoas procuram simplicidade. A felicidade existe nas coisas mais simples. O problema das pessoas que vivem nas cidades é que complicam. Através destas casinhas tenho a desculpa de falar desta temática e até de pedir desculpa aos clientes e dizer que não trabalho para eles. Trabalho para uma árvore que está lá há 300 anos. O turismo no mundo rural é um ato criativo sem fim. É uma potencialidade enorme. O turismo no mundo rural é uma área transversal que pode congrega todas as atividades económicas.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

E₇: Sinceramente não lhe consigo dizer, porque não tenho os dados aqui, mas temos uma época alta muito boa.

34. Quais os meses de maior procura?

E₇: Os nossos meses de verão são muito bons. Temos um junho com uma taxa de ocupação a 70%, um julho nos 80% e um agosto próximo dos 100%. Na primavera a taxa de ocupação cai para 40%/45%. No inverno e outono talvez ronde os 10%, mas temos que arranjar estratégias de atenuação da sazonalidade, só que não é fácil.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiadas, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__

E₇: É tudo gratuito, acaba por estar tudo incluído no preço do alojamento. Temos é que andar sempre a criar novas atividades para o nosso produto ser cada vez melhor.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__ X

N__

E₇: Sim, sim, recebo casais que vêm sem filhos e depois voltam com os filhos, os pais ou com amigos ou com colegas.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₇: Sou eu que dinamizo as atividades, não contrato ninguém.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₇: Sim, todos os meus funcionários que são três no total.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__

N__ X

E₇: Nós temos pouca quantidade, então não se justifica. Por exemplo, o mel é para consumo próprio, damos a amigos, aos turistas e serve para os pequenos-almoços.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ Muito importante__

(*Não se aplica*).

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__

Não se aplica__ X

44. Que parcerias locais possuem?

E₇: São inúmeras, desde os departamentos de turismo das Câmaras Municipais de Beja e de Mértola; empresas; escolas; o Politécnico de Beja; o CEBAL, Centro de Investigação de Biotecnologia; a Incubadora de Inovação Social; a Biblioteca Municipal; a ARPTA, Agência Regional de Promoção Turística do Alentejo; o Turismo do Alentejo e Ribatejo; e muitas outras.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₇: Eu acho que o Xistos, com o seu impacto imenso, conseguiu melhorar o meio em que está envolvido, através da sua mensagem e do seu propósito. Não tanto melhorias visíveis e de infraestruturas, mas sim em termos de deixar uma marca positiva enquanto eu for viva. Fazer ver às pessoas que se pode ser feliz, que a felicidade existe. O *slogan* dos Xistos é sonhar, acreditar e ser (para fazer acontecer) e é esse o seu grande propósito.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__ X

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__

Outras, quais:__

E7: Isto é um turismo sustentável de autoconsumo a nível energético. Trabalhamos com o sol, com o vento e com a lenha. Temos ajuda de gás e de gasóleo, mas no início não tínhamos nada dessa ajuda. Eu estive por volta de seis meses a experimentar estas infraestruturas, em 2015. Os nossos caminhos pedestres estão assinalados. Temos também a certificação *Green Key*, desde 2016, e a certificação da *Biosphere Portugal*.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__

Outros, quais:__ X

E7: Eu trabalho com um bando de gente diferenciador de áreas totalmente diferentes, mas que pertencem àquele espaço. Acontece lá muita coisa, porque eu abri as portas e convidei pessoas diferentes e agora são as pessoas e as associações e as organizações que me convidam a desenvolver projetos com eles no Xistos. Eu utilizei aqueles quartos para chegar ao meu objetivo, enquanto pessoa, que é sentir profícua. Não é receber o turista e dar o pequeno-almoço e vai embora até ao meio-dia, isso nunca acontece nos Xistos.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__ X

N__

E7: Eu acho que sim, eu acredito que tem essa capacidade desde que o turismo no mundo rural seja visto como complemento da exploração agrícola e dê a conhecer ao mundo o seu propósito. Quer se queira, quer não, só de trazer gente de todo o lado, de todos os continentes, já é fazer uma marca no território. Beja é que precisa do Xistos, não é o Xistos que precisa de Beja e do Baixo Alentejo. Isto não se refere a sermos melhores que os outros, não. Eu estou proibida de dizer que o Agroturismo Xistos é o melhor. O grande problema deste país é as pessoas não abrirem a cabeça para fazerem a diferença, mas não é para se valorizarem, também não vamos

longe com essa postura. É preciso haver muito trabalho de equipa, muita cooperação, é preciso saber aprender com quem sabe e reconhecer quem sabe.

- b) Agroturismo sem exploração animal e com atividades

Quinta da Espada (E₈)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. **Nome do empreendimento**
Quinta da Espada.
2. **Local**
Évora.
3. **Data**
12 de julho de 2022.
4. **Duração**
55 minutos.
5. **Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. **Nome**
E₈: O meu nome é Isabel Cabral.
7. **Cargo/função desempenhada**
E₈: Sou proprietária e responsável por receber os hóspedes, servir os pequenos-almoços, gerir reservas, fazer contabilidade, entre outras coisas.
8. **Género** F.
9. **Idade**
E₈: Tenho 65 anos.
10. **Formação**
E₈: A minha formação não está ligada ao turismo.
11. **Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₈: Desde 1987 que foi quando eu e o meu marido comprámos a propriedade para residir.

A quinta pertencia a uma senhora que era daqui de Évora e foi num anúncio do Correio da Manhã que a vimos e decidimos comprar, mas para ser a nossa residência.

12. **Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₈: Desde o momento em que abrimos a quinta ao público. Abrimos já há muitos anos.
13. **Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
14. **Reside na região?**
S__ X
N, em que município reside?__

E₈: Sim, vivo ali em cima, mas nasci em Lisboa e vim para o Alentejo para casar. Ainda vivi em Viana do Alentejo, durante vinte anos, porque o meu marido é de lá. Depois é que viemos para aqui, porque eu não queria que os meus filhos estudassem em Viana, até à quarta classe tudo bem, a partir daí não. Portanto, sempre quis ter uma casa em Évora ou perto de Évora.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₈: A quinta tem 12 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₈: Atualmente só temos laranjeiras, limoeiros, sobreiros e oliveiras. Chegámos a ter uma horta, mas agora aqui já não temos, só noutra propriedade que comprámos há dez anos é que temos e gado também.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__ X

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₈: São dois edifícios, num temos três quartos e no outro temos três apartamentos, um T1 e dois T2.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₈: Sim, quando viemos para cá construímos a nossa horta, só que tornou-se insustentável devido aos preços elevados.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

E₈: Sim, era, nós não tínhamos mesmo ideia de fazer mais nada. Era o nosso local de residência, estávamos longe de imaginar que iríamos abrir um turismo rural.

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₈: Abrimos isto no dia 1 de setembro de 1993 e, nessa altura, não existiam hotéis aqui em Évora.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₈: Eu vivi na Suíça durante alguns anos e como sei falar francês e inglês um amigo nosso arquiteto deu-nos esta ideia de abrimos um agroturismo e apesar de estarmos longe de imaginar que iríamos abrir as portas da nossa quinta achámos uma boa ideia para dar rentabilidade a isto.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

E₈: Sim, sempre fomos tendo apoios e, logo ao início, chegámos a ter 50% a fundo perdido.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₈: Sempre oferecemos o alojamento e algumas atividades como complemento.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₈: É assim, a apanha da azeitona é um senhor que vem cá apanhar, porque as árvores são dele e acaba por nos pagar em azeite. Para a tiragem da cortiça também são trabalhadores externos que vêm tratar disso.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₈: Sou eu, o meu marido e os nossos dois funcionários.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__ X

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__ X

Outras, quais: __ X

E₈: Oferecemos passeios pedestres ao longo do aqueduto de Évora e é o que as pessoas fazem mais. Podem passear livremente pela quinta. Existem também passeios a pé pela propriedade, mas com um guia especializado na fauna e na flora. Esta atividade ninguém faz. Ainda temos a tiragem da cortiça que as pessoas podem ver e a apanha da azeitona, só que nunca ninguém quis participar e a gente agradece também, porque eles não sabem e depois estragam.

Outras coisas que temos é aluguer de bicicletas e passeios a cavalo fora da quinta, através de parceiros. Só que é raro as pessoas quererem participar nestas atividades e pedir estes serviços. O que os turistas fazem muito realmente é o passeio pela quinta. Ainda disponibilizamos também provas de vinho com a Cartuxa. Sou eu que marco e as pessoas vão, mas também metemos em prática muito poucas vezes. Isto é tudo muito giro nos ministérios que fazem essas leis todas, mas não praticam nada. Os turistas querem vir para aqui e estarem sossegados.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__

N__ X

E₈: Eu disponibilizo as atividades que lhe falei, mas as pessoas acabam por não revelar grande interesse. Querem vir para aqui, descansar e ser mais autónomos.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__ X

E₈: Recebo muitas famílias com crianças, a partir de julho até setembro, e seniores, na época baixa, em março, abril e maio. E são sobretudo estrangeiros, exceto na pandemia que tive muitos portugueses.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

(Não soube responder).

34. Quais os meses de maior procura?

E₈: Temos mais procura no verão, aí a partir de julho, agosto e setembro.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__

E₈: Isso do lucro a curto prazo não existe, porque os passeios ao longo do aqueduto não são cobrados. As atividades que têm um preço associado não me trazem lucro nenhum. Por exemplo, em termos das bicicletas, eu chamo o parceiro e os turistas pagam-lhe diretamente, o mesmo acontece com o guia que é contratado pontualmente se requisitarem o passeio com ele.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__

N__ X

E₈: Não, em termos de atividades não, mas já tive repetição de clientes. Acredito que possa ser pela localização privilegiada da quinta, porque estamos aqui pertíssimo de Évora, a quatro quilómetros.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₈: Eu não contrato ninguém, mas as pessoas que tenho em parceria são de cá.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__

N__ X

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__ X

N__

E₈: Tenho duas pessoas, é um casal de romenos que residem no Alentejo há, sensivelmente, dezoito anos e trabalham aqui há três anos. Mas é muito complicado contratar alguém. Para já, não há mão-de-obra e os portugueses não querem trabalhar aos fins-de-semana.

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₈: A cortiça vendemos às corticeiras, eles lá é que sabem. A gente não tem trabalho nenhum, só recebemos o dinheiro.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₈: Nós temos poucas árvores, a cortiça é tirada de nove em nove anos, acha que é rentável? Quer dizer, na altura em que recebemos é bom, guardamos esse dinheiro e fazemos um investimento qualquer.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

44. Que parcerias locais possuem?

E₈: As parcerias são com o senhor que aluga as bicicletas, com o kartódromo e com o senhor que tem os cavalos.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__ X

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__
Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__
Outras, quais: __ X
E₈: Acho que o maior contributo foi mesmo reconstruir e recuperar esta propriedade que

estava tudo ao abandono e agora não está. Portanto, estes doze hectares estavam ao abandono. Conseguimos também a sinalética que indica o caminho até aqui à quinta.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__
Reaproveitamento da água__
Uso de adubos naturais na horta__
Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__
Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__
Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__
Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X
Realização da triagem do lixo__ X
Outras, quais: __

E₈: Nós temos, na parte elétrica, dois painéis solares e temos a preocupação de fazer a reciclagem também.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__
Criação de postos de emprego para a população local__
Fixação da população em regiões menos povoadas__
Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais: __ X

E₈: Contributos claro que tem. É dar a conhecer, dar a conhecer o nosso país a pessoas que nunca na vida pensariam vir para Évora, mas isso também contribui muito o facto de Évora ser Património da Humanidade. Ajudou o facto também do Alentejo ser moda, porque é lindo, tem história. Portanto eu acho que o agroturismo é bom, estando muito perto de Évora, mas um agroturismo longe das cidades, de uma cidade tão importante como Évora, torna-se insustentável, não é rentável nunca. Mas sim, ajuda a dar visibilidade a outras pessoas com negócios e ajuda em termos económicos, ajuda a conhecerem também o interior de Portugal, porque o estrangeiro ia para Lisboa, Porto e Algarve. Portanto, hoje em dia, já vai ao Douro, já vai a outros sítios.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como? __ X
N__

E₈: Sim, já revolucionou completamente. Hoje em dia, o Alentejo aparece nas revistas inglesas, no *Times*, na América, como a sétima maravilha do Mundo. Descobriram, os estrangeiros descobriram, mas vão estragar tudo, vão estragar tudo a parte à beira-mar, não aqui.

Mas acredito que o agroturismo tem essa capacidade, agora temos é que nós, portugueses, não estragar.

Monte da Serralheira (E₉)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. **Nome do empreendimento**
Monte da Serralheira.
2. **Local**
Évora.
3. **Data**
13 de julho de 2022.
4. **Duração**
29 minutos e 50 segundos.
5. **Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__ X
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. **Nome**
E₉: Chamo-me Lucia Feltz.
7. **Cargo/função desempenhada**
E₉: Sou a proprietária e a responsável pelo Monte da Serralheira.
8. **Género** F.
9. **Idade**
E₉: Tenho 68 anos.
10. **Formação**
E₉: Sou guia-intérprete e tirei também o curso de Técnica de Cultura de Portugal.
11. **Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₉: Comprei a quinta há quarenta anos, mas, inicialmente, era apenas para a agricultura.
12. **Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₉: Eu dediquei-me ao turismo em 1992, quando abrimos, e o meu marido à agricultura.
13. **Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
14. **Reside na região?**
S__ X
N, em que município reside?__
E₉: Sim, nós vivemos aqui no monte, mas sou holandesa.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. **Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?**
E₉: A herdade tem 130 ha.
16. **Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?**
Alimentar, de que tipo?__ X
Animal, de que tipo?__

Vínico__ X

Outro, qual: __

E₉: Ao início cultivávamos o trigo e a cevada, mas com a baixa de preços destes produtos optámos por plantar videiras e é o que continuamos a ter. Plantamos também árvores de fruto, sobretudo pessegueiros.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si_

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₉: Temos cinco apartamentos e é um único edifício.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₉: Antigamente era só praticada a agricultura, mas esta herdade esteve abandonada durante vinte anos. Só depois quando a comprei é que comecei a praticar a agricultura.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₉: Foi em 1992/1993, mas o turismo não estava nos meus planos. Comecei por ter dois apartamentos e, aos poucos e poucos, com investimentos nossos, comecei a ter mais turistas alojados e tivemos que ter mais apartamentos.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₉: Apesar de ter receio, porque não tivemos nenhum apoio, ponderámos e vimos que havia esta hipótese de explorarmos a quinta para o turismo também e não só para a agricultura.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₉: Sim, tivemos que recuperar as duas casas que tínhamos inicialmente. Uma era a nossa habitação e a outra alugávamos aos turistas. Pouco a pouco fomos aumentando o número de apartamentos.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ N__ X

E₉: Para a agricultura recebemos os subsídios normais para o trigo e para a vinha, já para o turismo nunca tivemos subsídios, nada, foi sempre tudo esforço nosso.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₉: No início apenas oferecíamos alojamento e os *dossiers* com informação turística, mas atividades mesmo não, porque quando havia exploração do trigo era muito mecanizada e

especializada, então os turistas não podiam participar. Agora, tenho uma horta grande e complementa-se o alojamento com atividades.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₉: O meu marido apenas.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₉: Sou eu e mais uma senhora que me ajuda.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__ X

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__ X

Passeios de bicicleta pela propriedade__ X

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais: __ X

E₉: Os hóspedes podem aprender a apanhar as uvas e podem conhecer as diferentes castas e também podem ajudar no cultivo da horta, plantar árvores de fruto, azinheiras e sobreiros, mas isso depende das pessoas, porque têm que saber para não se estragarem as plantas. Os turistas fazem também caminhadas livremente e se precisarem de uma bicicleta para passearem aqui ou lá fora eu posso alugar, mas as bicicletas não são minhas, são de outra empresa. Tenho também a atividade dos piqueniques no monte que tem muita procura sempre que o tempo permita. Eu preparo a cesta com produtos regionais, tem pão, compotas e produtos nossos da horta, e as pessoas vão fazer o piquenique. Temos também a experiência de balonismo, em parceria com outra empresa, mas é muito esporádica e pouco procurada por ser cara.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₉: Eu acho que sim e as pessoas gostam de participar.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__ X

Famílias com crianças__ X

Seniores__

E₉: Recebo mais casais jovens estrangeiros e famílias portuguesas.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

- <999 turistas__
- 1000-2000 turistas__
- 2001-3000 turistas__
- 3001-4000 turistas__
- Mais de 4001 turistas__

E₉: Não sei quantos recebo, não faço essas contas, devia, mas não faço.

34. Quais os meses de maior procura?

E₉: Os meses são julho e agosto.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquiias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__
- Passeios de bicicleta pela propriedade__ X
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __ X

E₉: Os piqueniques e o aluguer de bicicletas, mas as atividades são mais como um extra, não geram assim grande lucro. Quase não valia a pena fazê-las só que acho que são uma mais-valia.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

- S, em que medida?__ X
- N__

E₉: Para mim, acho que sim, porque o interesse pelo interior do país e pela cidade de Évora está a aumentar e já há muitos turistas que repetem a sua estada.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

- S, quantos?__
- N__ X

E₉: Sou eu ou a minha funcionária que preparamos as cestas do piquenique, mas a apanha da uva e a explicação das castas sou só eu. A parte da agricultura, de plantar árvores, é o meu marido que ajuda e acompanha os turistas.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

- S, quantos?__ X
- N__

E₉: A funcionária que ajuda nas tarefas domésticas.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

- S, quantos?__
- N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

- S, quais?__ X

N__

E₉: Vendemos o nosso vinho, mas é a Cooperativa do Redondo que está encarregue disso. Vendemos também mel produzido pela minha amiga e vizinha do meu monte, porque eu tenho as abelhas dela aqui, então é ela que produz e eu vendo aos meus turistas, mas o lucro que tenho é para ela. Tenho os limões que consigo vender, porque tenho muitos.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__ X

Não se aplica__

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₉: Tentamos vender, mas, muitas vezes, o vinho é dado e as frutas também ou ficam para consumo próprio, então não se converte num grande rendimento.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₉: Não, não vendemos, porque não tenho produção suficiente para ter essa capacidade de escoar para mercearias.

44. Que parcerias locais possuem?

E₉: As nossas parcerias são com a Cooperativa de Redondo, com a empresa de balonismo e das bicicletas.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__ X

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₉: A única coisa foi ter a sinalética a indicar o monte. De resto, a Câmara não faz nada, é necessário haver mais apoios. Não há cooperação. A Câmara podia aproveitar o nosso contacto com os turistas e o nosso conhecimento de forma melhor. Eu trabalho com *tour leaders* de grupos de ciclistas americanos que os trazem para cá e a Câmara não reconhece o trabalho dos guias-intérpretes, podia fazer percursos melhores do género das Ecopistas, mas nada faz. Em termos de apoiar o turista noutras situações também não colabora. A ARPTA, em Grândola, faz a promoção externa de Évora e funciona muito bem, conhecem todas as agências de viagem de todo o Mundo, estão presentes em feiras. Estão a vender Évora na feira da Holanda e sinto que eles sim, fazem um bom trabalho.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__ X

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__ X
Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X
Realização da triagem do lixo__ X
Outras, quais:__

E₉: Nós temos muito em conta o ambiente e tentamos preservar ao máximo a natureza.

Temos painéis solares e 75% da nossa energia provém do sol, conseguimos ser um bocado independentes da rede estatal quer para eletricidade quer para as águas que são aquecidas com os painéis. Temos cuidado para poupar água e fazemos a reciclagem. Os turistas também se preocupam com estas questões.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__ X
Criação de postos de emprego para a população local__
Fixação da população em regiões menos povoadas__
Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__ X
Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais:__ X

E₉: Na minha opinião são bastantes. Primeiro, gera mais dinheiro, é outra fonte de rendimento para nós. Depois, aqui não temos restaurante e os turistas vão comer aos restaurantes existentes na região e no bairro de Almeirim, que é o nosso bairro. Existe uma pequena mercearia e cafés lá no bairro, onde acabam por comprar coisas e beber um café. Os turistas vão também visitar Évora, desenvolvem a economia da região, ao comer nos restaurantes e ao comprarem lembranças, artigos. Para além disso, os monumentos, os museus e outros locais de interesse ganham mais visibilidade, porque as pessoas conhecem e querem ir visitar. Eu também faculto um *dossier* aos hóspedes com estas informações e com passeios de meio-dia ou de um dia. Acho que é um sonho pensar na valorização e preservação das culturas e tradições locais, mas é uma ajuda, é uma “migalha”, através dos produtos, por exemplo, que damos a conhecer.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__
N__ X

E₉: Não acredito, o agroturismo é muito importante, no entanto deve ter também apoio de uma aldeia ou cidade como Évora que permite ao turista ficar alojado no agroturismo e sempre que necessitar ou quiser sair do agroturismo e ir até à aldeia ou cidade. É um bom impulso para revitalizar a região, mas precisa sempre de ter um apoio, restaurantes, uma empresa. Tem de ter mais alguma coisa. Mas é um impulso para o desenvolvimento da economia. É uma pequena ajuda para dar a conhecer a cultura e os produtos regionais. Ainda assim, a palavra agroturismo é conhecida pelos estrangeiros e tem contribuído para o desenvolvimento da região, mas cá em Portugal não é bem dinamizada e poucos conhecem. Devia ser mais utilizada essa palavra ao

invés de turismo rural, porque nenhum estrangeiro conhece assim, mas por agroturismo já conhece. Outra questão é que devia haver uma melhor preparação das pessoas que estão à frente de um agroturismo e que recebem turistas, porque é importantíssimo para o desenvolvimento desta modalidade de turismo.

Herdade do Vau (E₁₀)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Herdade do Vau.
- 2. Local**
Quintos, distrito de Beja.
- 3. Data**
5 de agosto de 2022.
- 4. Duração**
43 minutos e 30 segundos.
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__ X
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
E₁₀: Chamo-me Luís Fialho.
- 7. Cargo/função desempenhada**
E₁₀: Oficialmente sou assistente de direção, de facto gerente. O gerente é o Miguel Sousa

Otto que é o dono, mas ele não queria estar cá, tem outras empresas e outros trabalhos, então sou eu que faço a gestão do espaço.

- 8. Género** M.
- 9. Idade**
E₁₀: Tenho 39 anos.
- 10. Formação**
E₁₀: Sou formado em Arqueologia e História e, entretanto, formei-me também em

Turismo, estou a terminar o Mestrado em Gestão.

- 11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₁₀: Vim para cá fazer um estágio, em 2016, e acabei por ficar, portanto, há seis anos.
- 12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₁₀: Assim que fiquei cá, depois do estágio, fiquei logo a assumir as funções que

desempenho atualmente.

- 13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
- 14. Reside na região?**
S__ X

N, em que município reside?__
E₁₀: Sim, sou de Moura e resido na região.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁₀: A herdade tem 252 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__

Animal, de que tipo?__

Vínico__ X

Outro, qual:__ X

E₁₀: O nosso negócio aqui é sobretudo o vitivinícola. Há quatro anos plantámos cem hectares de olival, mas está arrendado a um grupo económico espanhol e já tentámos, mas eles não estão recetivos à ideia de aproveitar o olival também para fins turísticos. Embora tenhamos estes negócios digo-lhe que são mercados complicados, quer a parte do vinho quer do olival. A nossa ideia é criar uma espécie de guarda-chuva, um apoio, com o turismo e dentro disso ter a parte agrícola. O objetivo é fazer produtos de nicho de mercado, mais relacionados com a questão do vinho, que não está em grandes superfícies comerciais, mas sim em lojas especializadas, sobretudo é um produto que as pessoas vêm cá, gostam e levam.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__ X

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₁₀: Existem três edifícios, sendo que um deles só tem um quarto. Depois existe o edifício principal com seis quartos e o outro edifício, que nós chamamos casa do lagar, tem três apartamentos e dois quartos.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₁₀: Sim, sim, tudo começou mesmo como parte agrícola. Este sítio estava todo em ruína e depois o Miguel recupera isto após começar o projeto agrícola.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₀: Foi em finais de 2013. A propriedade foi comprada em 2007 e o Miguel começou a plantar a vinha em 2008.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁₀: Foi tudo uma questão de rentabilização. O Miguel percebe que os filhos não estão a utilizar aqui a herdade e foi mesmo por uma questão de rentabilização do espaço.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁₀: Sim, houve, porque isto estava mesmo ao abandono e tudo completamente em ruínas.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

E₁₀: Sim, temos apoios, mas não consigo precisar quais são.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₀: Sim, sim, complementou-se sempre desde o início, mas com atividades muito focadas

e direcionadas para o vinho, porque o vinho é que é a alma do espaço.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₀: Só temos uma pessoa que é um consultor agrícola/engenheiro agrónomo. Se

precisarmos de outros serviços contratamos prestadores pontuais.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₀: Para o turismo é que já somos sete pessoas.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__ X

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__ X

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__ X

Outras, quais:__ X

E₁₀: As atividades principais são mesmo a visita à vinha e a prova de vinhos. A pessoa pode escolher fazer uma, fazer a outra ou as duas. Já pensámos também fazer vindimas, mas é impossível por causa da imprevisibilidade. São cinco hectares de vinha, portanto não nos podemos dar ao luxo de perder uva e depois não temos capacidade para dizer aos hóspedes que a vindima é hoje ou até garantir que se o hóspede vier para a semana tem a atividade da vindima. O que pode acontecer é algo mais espontâneo, se vamos fazer a vindima e as pessoas que estão hospedadas demonstrarem interesse, então podem ir connosco fazer, mas vender o programa propriamente dito não dá.

Mas outra atividade que temos é um percurso pedestre livre, dentro da própria herdade, que se chama Azenhas e Fortins do Guadiana e foi implementado pela Câmara. Temos ainda aulas de culinária em parceria com uma chefe e podemos também disponibilizar experiências de

balonismo, em parceria, mas como a empresa já é muito conhecida raramente as pessoas marcam algo com eles através de nós, já são procurados diretamente.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₁₀: Isto tem vindo a crescer, mesmo em termos de atividades. Neste momento temos dois projetos em curso, um mais ligado a mim e outro mais ligado ao Miguel, que passam pela criação de percursos pedestres dentro da herdade que poderão ser feitos de forma mais autónoma ou com acompanhamento. Um deles vai estar ligado à história do património e o outro à fauna e flora que tem a ver com o conhecimento que o Miguel tem do mundo animal, da caça e de aves. Pensamos que serão duas componentes que permitirão aumentar e diferenciar a oferta.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__ X

Famílias com crianças__ X

Seniores__ X

E₁₀: Nós aqui recebemos um bocadinho de tudo, desde casais, a famílias e seniores.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__

1000-2000 turistas__ X

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

E₁₀: Recebemos pouco mais de mil turistas.

34. Quais os meses de maior procura?

E₁₀: Estamos abertos todo o ano, porque temos uma complementaridade com o turismo cinegético que é um turismo mais complicado de trabalhar por ser específico e fiel ao sítio para onde vai, mas tentamos combater a sazonalidade dessa maneira. Nós temos fins-de-semana sempre cheios com caçadores durante a época baixa. Mas os meses de maior procura são, sem sombra de dúvida, os meses de verão, principalmente, julho, agosto e setembro. Depois, lá está, no inverno temos os tais picos aos fins-de-semana.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiadas, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__ X
Outras, quais: __ X

E₁₀: Lucro direto para nós são as provas de vinhos e as visitas às vinhas. Mas atenção que estas atividades até são fontes de rendimento com alguma significância.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__ X
N__

E₁₀: Sim, eu acredito que é uma mais-valia ter algumas atividades e com o projeto dos percursos penso que também conseguiremos atrair mais pessoas.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__
N__ X

E₁₀: As visitas à vinha e as provas de vinho sou eu e o Miguel que fazemos.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X
N__

E₁₀: Para além de mim, temos três pessoas que são de cá.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__ X
N__

E₁₀: Sim, temos duas pessoas que são do Porto e acabam por dividir o tempo e o trabalho entre cá e lá, temos outra senhora que é de Viseu, mas está cá há dez anos e mora aqui mesmo na herdade, e depois o David que é inglês, mas, há três anos, decidiu mudar-se de Londres para Quintos.

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X
N__

E₁₀: Vendemos o mel que resulta de uma parceria com um senhor local que é apicultor, as abelhas dele estão cá na herdade mesmo, mas o principal produto é o vinho que se chama Riso. Vendemos o vinho a partir daqui, temos em vários restaurantes muito específicos de Lisboa e do Porto, em lojas especializadas e na Garrafeira Nacional.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__
N__ X
Não se aplica__

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ Muito importante__ X
E₁₀: Sim, principalmente o vinho acaba por ser uma fonte bastante rentável.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__ X
N__

E₁₀: Sim, há apenas uma única mercearia, que é a Loja da Bia, que vende o nosso vinho.

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₀: Os nossos parceiros ali das atividades são a chefe e a empresa de balonismo. Depois somos parceiros do senhor das abelhas, do Paço do Conde, trabalhamos com eles para analisar a nossa uva e para outras questões relacionadas com o vinho, e de uma equipa que contratamos para a apanha da uva.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ X Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais: __

E₁₀: Nós aqui temos três problemas nas nossas mãos. O primeiro é a questão da internet que estamos a tentar aumentar, porque nos quartos não há internet, mas é um investimento muito grande. O segundo é o acesso para aqui que é todo em terra batida, mas a única coisa que a Câmara faz é passar de três em três anos uma máquina niveladora que não tem efeitos práticos, porque passam por aqui máquinas e camiões que vão para outras quintas. Nós não queríamos alcatrão, mas outro tipo de caminho que pudesse atenuar esta questão. E o terceiro que se relaciona com a recolha do lixo que, basicamente, não existe. Nós temos que pegar num jipe nosso e temos que fazer sete quilómetros para despejar o lixo no ponto mais próximo. Fazemos aqui casamentos e, da outra vez, produzimos imenso lixo e entupimos todos os contentores da aldeia de Quintos. O resultado foi a população reclamar connosco, mas a autarquia recusa-se a vir recolher o lixo, mesmo nós pagando. Eles não querem, porque isto tem custos muito elevado para eles.

Em termos assim de melhorias da envolvência, é uma questão complicada. A única coisa que posso mencionar é de facto as setas a indicar o caminho até à herdade que fomos nós a colocar.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais: __ X

E₁₀: Antes de mais, estamos em fase de candidatura para a *Biosphere*, mas de preocupações que já temos posso-te dizer que tentamos não interferir muito no ambiente. Preservámos os hectares de montado e olival que tínhamos, não destruimos nada para plantar o olival que utilizamos agora para a produção. No cultivo procuramos utilizar o menor número de químicos possíveis e colocamos os herbicidas junto do pé da vinha. A apanha da uva é feita manualmente e utilizamos o menor número de máquinas possíveis, recorremos só ao trator para

depois levar a fruta. Apesar do problema com a recolha do lixo fazemos a reciclagem. Temos painéis solares para a água e, neste momento, estamos numa candidatura para a colocação de painéis solares para produção elétrica. Estamos ainda a estudar o local onde os iremos colocar, porque queremos que fiquem escondidos para não impactar a paisagem.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__ X

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__

Outros, quais:__ X

E₁₀: Para já acho que há uma revitalização do Alentejo graças ao turismo e aos agroturismos e não só graças ao turismo rural em si. A agricultura intensiva, que eu não gosto, também veio revitalizar o Alentejo. O mundo rural estava desertificado, não se via ninguém e o turismo rural veio revitalizar montes e trazer vida e investimento ao mundo agrícola. Neste momento tens o Alentejo e o mundo rural revitalizados, muito graças ao turismo rural que começou por ser uma fonte extra de rendimento e hoje é uma componente já por si para proprietários, para famílias, por isso teve essa benesse de revitalização do mundo rural.

Nós aqui tentamos sobretudo estar perto de duas comunidades das aldeias mais próximas e tentamos dar bastante apoio a ambas. Só para te dar um exemplo, *(Salvados)* faz um festival que é o do cogumelo e nós patrocinamos esse evento. Disponibilizamos os quartos para quem eles convidam e fazemos questão que o vinho servido aos almoços seja só o nosso. Para além disso, aqui servimos jantares com receitas típicas portuguesas e alentejanas numa ótica mais familiar, mas procuramos sempre comprar produtos aqui da região.

Depois, ocorre-me a questão do emprego, temos algumas pessoas a trabalhar aqui e que são de cá, mas outras que nem eram de cá, mas passaram a viver na região, como é o caso do David. A questão das parcerias também é uma vantagem, porque procuramos muito manter essas relações de proximidade com negócios de cá.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__

N__ X

E₁₀: Primeiro que tudo, tu estás a fazer um trabalho sobre o agroturismo, mas se fizeres um inquérito ao consumidor, as pessoas não vão saber o que é o agroturismo. Nós sabemos, enquanto técnicos de turismo, porque estudámos, mas a maioria das pessoas não sabe distinguir entre turismo de habitação, agroturismo e por aí, metem tudo no mesmo saco. É preciso, por isso

mesmo, haver um maior reconhecimento e uma maior distinção de cada componente do turismo rural.

E, depois, por si só, acho que o agroturismo não tem essa capacidade, tem que ter, como em tudo, parcerias e um dos problemas do Alentejo é não se trabalhar em parceria, há muita dificuldade em trabalhar em parceria. Tem que haver uma ligação, mesmo no mundo do turismo, tens que estar ligado a outro tipo de turismo, mesmo ligado a outras componentes citadinas, de empreendimentos turísticos e hoteleiros, em Beja e no Algarve, e consegues parcerias e rotas é a única forma. Em termos turísticos, que é a parte em que eu me sinto mais à vontade, nós às vezes olhamos muito para o nosso negócio, enfiámos a cabeça dentro do nosso negócio e achamos que estamos a concorrer com o vizinho do lado. Nós não estamos a concorrer com o vizinho do lado. O Alentejo está a concorrer com a região Centro e com a Madeira. E Portugal está a concorrer com Espanha. Nós temos aqui os vizinhos espanhóis ao lado que estão a concorrer connosco e a tirar-nos turistas. Eu acho que tem que haver ligações e são coisas complementares, elas não se excluem. Mesmo a questão da agricultura intensiva, que é um assunto delicado, ela não se exclui. Tu para dinamizares o mundo rural tens que trabalhar em parceria e só um aglomerado de várias coisas é que consegue fazer uma revitalização do espaço. Sozinho é impossível.

Horta de Torrejais (E₁₁)

Parte I – Informações acerca da entrevista

- 1. Nome do empreendimento**
Horta de Torrejais.
- 2. Local**
Moura, distrito de Beja.
- 3. Data**
3 de agosto de 2022.
- 4. Duração**
34 minutos e 16 segundos.
- 5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
Non working farm agritourism __
Working farm, passive contact agritourism __ X
Working farm, indirect contact agritourism __
Working farm, direct contact, staged agritourism __
Working farm, direct contact, authentic agritourism __

Parte II – Perfil do entrevistado

- 6. Nome**
E₁₁: Chamo-me Luís Ferreira.

7. Cargo/função desempenhada

E₁₁: Sou o dono, o proprietário do espaço, juntamente com a minha mulher. Fazemos a gestão do espaço, recebemos os hóspedes, fazemos os pequenos-almoços, por aí.

8. Género M.

9. Idade

E₁₁: Tenho 69 anos.

10. Formação

E₁₁: Sou formado em Gestão.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₁₁: Nós moramos aqui neste espaço que foi criado por nós, com a nossa experiência de vida, desde 1989, portanto há trinta e três anos.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₁₁: Sempre tive esta função, em conjunto com a minha esposa.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₁₁: Sim, para além de residirmos cá, somos os dois de Moura.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁₁: A propriedade tem 11 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₁₁: Nós aqui produzimos azeitona para fazer azeite biológico certificado pela ECOCERT que é uma empresa francesa, das mais antigas a operar em Portugal. E produzimos também romã para o mercado biológico.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₁₁: Portanto, os hóspedes ficam alojados numa casa que tem cinco quartos.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₁₁: Sim, já existia antes de comprarmos a propriedade, mas estava completamente abandonada. Nós construímos a nossa casa de raiz e ficámos com a casa da horta que estava em ruínas e a forma de não destruir a ruína e de aproveitá-la ao máximo e ser viável economicamente foi convertê-la num turismo rural.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₁: Abrimos há vinte e dois anos, no ano de 2000.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁₁: A principal razão foi conseguirmos aproveitar uma casa que, embora estivesse em ruínas, tinha características arquitetónicas boas, dentro da arquitetura tradicional alentejana.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁₁: Sim, tivemos que recuperar o edifício para turismo.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística:

S__ X N__

S__ X N__

E₁₁: Sim, tivemos apoios tanto para a agricultura, porque como somos agricultores biológicos temos apoios, como para o turismo. Na altura da reconstrução do edifício tivemos apoios de um programa de 1995, através do IEFP.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística:

S__ N__ X

S__ X N__

Qual/quais?

Qual/quais?

E₁₁: A Câmara dá-nos apoios, por exemplo, na reparação da estrada que serve de caminho para a propriedade. Leva é muito tempo a recuperar Não é a atividade turística que estraga a estrada, é a atividade agrícola. Quando chove passam tratores pesados e fica logo tudo cheio de buracos e os turistas não conseguem passar com os carros, mas a Câmara nesse aspeto tem ajudado ao longo dos anos.

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₁: Inicialmente era apenas alojamento, mas era obrigatório servir também o pequeno-almoço. Depois começámos a complementar com passeios com os turistas, quando há essa disponibilidade. Já pensámos, por exemplo, na apanha da azeitona, mas no inverno há muito poucos turistas, é raro. Nunca se proporcionou isto, porque estes trabalhos geralmente são caros e as pessoas também não podem gastar tempo a ensinar e a explicar aos turistas.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₁: Não temos ninguém que nos ajude, sou só eu. Temos pessoas que vêm cá trabalhar, mas é fazer serviços pontuais, por exemplo, podar as oliveiras e apanhar a azeitona.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₁: Para o turismo, sou eu também e a minha mulher e ainda temos uma senhora permanentemente.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

- Workshops* com animais (tosquiás, tratamento de cavalos, entre outros)___
- Passeios a cavalo pela propriedade___
- Passeios de burro pela propriedade___
- Passeios pedestres pela propriedade___ X
- Passeios de bicicleta pela propriedade___
- Quinta pedagógica___
- Apanha de fruta da época___
- Apicultura___
- Vindimas___
- Prova de vinhos___
- Outras, quais:___

E₁₁: Às vezes quando há disponibilidade o que se faz é dar passeios com os turistas e explicar as árvores, porque o nosso olival é um olival centenário e é interessante ver as oliveiras com seiscentos/setecentos anos a continuarem a produzir, é fantástico. As pessoas podem também passear livremente. Existe um trajeto com alguma sinalética e com a identificação de algumas espécies vegetais e podem observar também aves, porque este vale tem uma grande variedade de aves, são mais de cem espécies diferentes ao longo do ano.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa___ Passiva___ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção___ X Imersão___

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S___

N___ X

E₁₁: Não, a parte agrícola acaba por requerer muito tempo e deixamos de ter disponibilidade para outras coisas. Além disso, acho que as pessoas querem mais estarem livres e serem autónomas.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens___

Casais jovens sem filhos___ X

Famílias com crianças___ X

Seniores___

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas___ X

1000-2000 turistas___

2001-3000 turistas___

3001-4000 turistas___

Mais de 4001 turistas___

34. Quais os meses de maior procura?

E₁₁: Os meses de verão, junho a agosto. Chegámos à conclusão que não vale a pena estarmos abertos no inverno, não perdemos nada com isso.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária___

Workshops de panificação___

Workshops de agricultura___

Workshops de artesanato___

Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)___
Passeios a cavalo pela propriedade___
Passeios de burro pela propriedade___
Passeios pedestres pela propriedade___
Passeios de bicicleta pela propriedade___
Quinta pedagógica___
Apanha de fruta da época___
Apicultura___
Vindimas___
Prova de vinhos___
Outras, quais:___

E₁₁: Os passeios não são pagos. Quer dizer, as pessoas estão cá alojadas e podem dar uma caminhada se assim lhes apetecer.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?___

N__ X

E₁₁: Não, não é pelos passeios pedestres que as pessoas voltam. Talvez mais por gostarem do espaço, sentirem-se bem recebidas.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?___

N__ X

E₁₁: Não, não temos ninguém ou somos nós que fazemos um passeio com os hóspedes ou então são eles que o fazem sozinhos.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?___ X

N__

E₁₁: Sim, temos a nossa funcionária que é de Moura.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?___

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?___ X

N__

E₁₁: Sim, o nosso azeite é vendido para supermercados e mercearias, não o vendemos aqui, e a romã é vendida para o mercado biológico.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?___

N__

Não se aplica___ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₁₁: É uma pequena ajuda apenas, não é assim nada de extraordinário.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__ X

N__

Não se aplica___

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₁: Sim, somos sócios da Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos que é onde produzem o nosso azeite.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__ X

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ X Pelo município__ X

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais: __

E₁₁: Traz certamente alguns contributos, nomeadamente na melhoria aqui da estrada de acesso para a nossa propriedade. Sim, as setas foi a Câmara, ofereceu-nos uma, mas as restantes fomos nós que colocámos.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais: __ X

E₁₁: Fazemos a reciclagem e agora estamos à espera de instalar uma pequena central fotovoltaica para a produção de energia elétrica para autoconsumo. Temos é um pequeno problema em relação à estética, não queremos estar a estragar o ambiente e, por isso, não sabemos onde colocar os painéis sem estragar o aspeto das coisas, porque o edifício para o turismo foi considerado Património de Interesse Municipal pela Câmara de Moura e, não seria tanto pelas restrições impostas pela Câmara, mas nós é que não queremos estar a estragar a aparência do edifício. Portanto, temos essa preocupação de não estragar a paisagem e o próprio património edificado.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__

Outros, quais: __ X

E₁₁: Cada agroturismo é uma entidade que nada tem nada a ver com as outras, porque depende muito dos donos, sobretudo dos donos. Não pode existir uma ideia geral do que é que o agroturismo faz pelo ambiente ou pelos interesses económicos da região. No que nos diz respeito,

fazemos o que pudemos para a manutenção do ambiente, da arquitetura dos edifícios e da paisagem. O aspeto económico não é a parte que nos interessa mais. A nossa unidade de cinco quartos como peso económico não tem grande interesse. Claro que para os pequenos-almoços tentamos sempre oferecer produtos de Moura, desde o queijo, ao azeite, ao pão, algumas compotas são de supermercado, mas outras são feitas aqui. Ainda assim, somos muito pequenos e não somos nós que vamos ter um grande impacto aqui na região.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__

N__ X

E₁₁: Eu não acredito em nada disso, porque os grandes interesses económicos estão naqueles que plantam milhares de hectares de olival e de amendoal. Agora uma propriedade com onze hectares aqui no Alentejo, com uma produção de cinco mil azeitonas e mil quilos de romã por ano é insignificante. Não altera nada e infelizmente as pessoas sentem o ar irrespirável dos pesticidas que, apesar de estarem a quilómetros daqui, toda a cidade de Moura e outras por aqui apanham com o cheiro dos venenos e dos pesticidas que dão cabo do ambiente. Tudo isso leva muito dinheiro, não sei é para onde, porque para Beja não é, para Moura não é, para Serpa não é, para onde vai o dinheiro do lucro dessa destruição do ambiente não sei. Nós não ganhamos de certeza, nós só perdemos. Agora influência para modificar alguma coisa, não acredito nisso, não posso, porque mesmo que seja uma herdade de quinhentos hectares em que as pessoas pratiquem agricultura biológica e com um agroturismo razoável, nem mesmo essa consegue influenciar a região. O mais forte é a floresta de amendoeiras e oliveiras que se vê de um lado e do outro da estrada.

Monte do Pantaleão (E₁₂)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. Nome do empreendimento

Monte do Pantaleão.

2. Local

Baleizão, distrito de Beja.

3. Data

5 de agosto de 2022.

4. Duração

29 minutos e 54 segundos.

5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:

*Non working farm agritourism*__

*Working farm, passive contact agritourism*__ X

*Working farm, indirect contact agritourism*__

*Working farm, direct contact, staged agritourism*__

*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__

Parte II – Perfil do entrevistado

6. Nome

E₁₂: Eu sou o José Carvalho.

7. Cargo/função desempenhada

E₁₂: Sou o proprietário, juntamente com a minha mulher, e somos nós que fazemos a gestão do espaço. Quando consigo e tenho disponibilidade estou aqui no turismo e ajudo a minha esposa, mas tenho muito trabalho na agricultura com o meu pai.

8. Género M.

9. Idade

E₁₂: Tenho 48 anos.

10. Formação

E₁₂: A minha formação não está relacionada com esta área. Tirei licenciatura e mestrado relacionados com Gestão de Recursos Hídricos.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₁₂: A herdade foi uma herança que estava na minha família e foi passando de geração em geração, mas nós não vivemos aqui.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₁₂: Desde que abrimos que foi em abril deste ano.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₁₂: Sim, eu sou de Beja e moramos mesmo em Beja. Eu sou de lá mesmo, mas a minha mulher é de Lisboa.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁₂: São pouco mais de 10 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__

Vínico__ X

Outro, qual: __

E₁₂: Nós temos vinha, eu faço vinho artesanal e temos olival. Para os pequenos-almoços aproveitamos para servir melão, uvas, porque também temos uva de mesa, e costumamos oferecer nozes, porque temos aí nozeiras. Somos nós que produzimos.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₁₂: É um edifício único com três apartamentos autónomos, com cozinha completa, casa de banho. Um apartamento é T1 e os outros dois são T2.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₁₂: Sim, antes da abertura do turismo já havia atividade agrícola. Isto que aqui está era uma horta que estava funcional, já havia o laranjal. Esteve mais parado durante alguns anos e agora eu e o meu pai fizemos esta parte das noqueiras.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₂: Somos novinhos ainda, abrimos em abril de 2022.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁₂: Sobretudo por impulso de amigos e conhecidos. Esta herdade era dos meus avós paternos e passou para o meu pai que fez a gestão da herdade e continuou com a agricultura. Depois comecei a vir para aqui e tive vontade de fazer outras coisas, comecei a fazer vinho de talha e o Enoturismo e o agroturismo despertaram o meu interesse, porque começou a ficar na moda e a ouvir-se falar.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁₂: Sim, existia um edifício já e tinha a parte do estábulo para animais, mas nunca me lembro deste monte ser habitado. Nas obras o edifício foi muito pouco aumentado em termos de área, mas havia uma parte que já existia e foi reabilitada e outra, mínima, que foi construída de raiz. Olhe o alpendre, por exemplo, foi planeado e construído de raiz mesmo.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

E₁₂: Para o turismo sim, tivemos apoios.

Para a atividade turística?

S__ X N__

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Qual/quais?

Para a atividade turística?

S__ N__ X

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₂: Então, estipulado não temos nada, mas, quando surge essa oportunidade e se temos cá hóspedes falamos com eles e informamos sobre as atividades que existem, porque eu e a minha mulher estamos sempre informados dos eventos e atividades que a Câmara organiza. Mas nós aqui não temos ainda nenhuma atividade que sejamos nós a fazer, levamos é os hóspedes aos locais onde existam atividades.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₂: Sou só eu e o meu pai. Somos os únicos.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₂: Sou eu, quando tenho disponibilidade, a minha mulher e, por vezes, uma senhora externa, quando precisamos de mais ajuda e temos mais entradas e saídas de hóspedes.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops de culinária__
- Workshops de panificação__
- Workshops de agricultura__
- Workshops de artesanato__
- Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__
- Passeios de bicicleta pela propriedade__
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __ X

E₁₂: Ontem tivemos aqui uns hóspedes que foram assistir a um ensaio do grupo coral e etnográfico de Baleizão. Por vezes, há hóspedes que demonstram esse interesse e nós acabamos por acompanhá-los. Ainda ninguém quis, mas há aqui um artesão, o senhor Manuel Pica que trabalha em buinho, faz cadeiras e bancos, os assentos em buinho, e nós divulgamos a arte dele até para dar a conhecer o processo do trabalho, porque é ele que seca o buinho e depois faz o entrançado. Então também podemos acompanhar as pessoas à oficina do Manuel para verem a demonstração deste trabalho.

Em relação à vinha, inicialmente pensámos que as pessoas podiam participar na vindima, em todo o processo da produção de vinho, porque é tudo artesanal, faço tudo aqui no monte. Tenho essa ideia em mente, mas ainda não sabemos se teremos alguém que queira participar. Por outro lado, tinha projetado construir um posto de observação de aves na barragem. Só que ainda são só ideias, começámos isto há pouco tempo, tem que ser aos poucos.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__ X

N__

E₁₂: Nós queremos e tentamos isso, é uma experiência diferente ir a uma oficina de um artesão e vê-lo a fazer a sua arte ou ir assistir ao ensaio de um grupo de Cante. Agora com as vindimas penso que seria também uma atividade engraçada de se fazer, porque seria tudo à moda antiga e o vinho de talha requer outros cuidados.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

- Grupos de jovens__
- Casais jovens sem filhos__
- Famílias com crianças__ X
- Seniores__

E₁₂: Os primeiros hóspedes que aqui tivemos foram nossos amigos e conhecidos, mas daí para a frente têm sido maioritariamente famílias.

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

- <999 turistas__
- 1000-2000 turistas__
- 2001-3000 turistas__
- 3001-4000 turistas__
- Mais de 4001 turistas__

(*Não se aplica*).

34. Quais os meses de maior procura?

E₁₂: A partir de junho tivemos muitas reservas, mas abril e maio foi menos procurado.

Até agora foi junho e julho.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__
- Passeios de bicicleta pela propriedade__
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais: __

E₁₂: Por enquanto não cobramos nada aos hóspedes, mas nas vindimas não sei se iria pedir algum valor. Possivelmente seria mais do género se os turistas quiserem participam, sem qualquer custo, mas ainda preciso de estudar melhor esta questão.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

- S, em que medida?__
- N__ X

E₁₂: Não, por enquanto ainda não. Já tivemos repetições, mas foi tudo de pessoas amigas.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

- S, quantos?__
- N__ X

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

- S, quantos?__ X
- N__

E₁₂: Nós pretendíamos ter uma pessoa de mais perto, talvez até de Baleizão, e até tivemos a ajuda da Junta de Freguesia para encontrar alguém, mas quem nos chegou aqui não reunia as

condições que procurávamos ou não tinha o perfil adequado. Atualmente a senhora que vem cá fazer as limpezas é de Beja e vai e vem connosco.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₁₂: O vinho é para maioritariamente para consumo próprio, mas não conseguimos dar conta de tudo, então ofereço sempre quando as pessoas chegam e, caso queiram, podem depois comprar mais. Não tenho marca registada, mas vendo também para tabernas, para pessoas conhecidas e amigas e, como somos sócios da Cooperativa da Vidigueira, consigo escoar para lá o restante.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₁₂: Não, é pouco importante, é mais uma ajuda do que outra coisa qualquer. Não é por ali que “tiro o pé da lama”.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₂: Por enquanto, assim de forma informal, temos com o grupo coral e com o Manuel.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₁₂: Aquela estrada, a principal, foi arranjada recentemente, mas aqui a estrada de acesso é um caminho rural, de terra batida, onde passam algumas máquinas agrícolas, nem sempre está no seu melhor estado. Mas devido à herdade não houve melhorias. Já pedimos as placas a identificar o monte, mas ainda estamos à espera.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__ X

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais:__

E₁₂: Nós colocámos painéis solares e as águas são aquecidas com energia solar. A triagem de lixo fazemos, mesmo os hóspedes também o fazem. Notamos que têm esse cuidado.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__ X

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__ X

Outros, quais:__

E₁₂: Eu acho que tem algumas vantagens. O agroturismo não deixa de ser uma atividade económica, está a correr melhor do que esperava e como atividade económica acho que pode ser importante. Mas mais concretamente conseguimos dar emprego a alguém, mesmo que seja só um posto de trabalho, depois permite-nos conhecer muita gente que vem de outros locais, por exemplo, de Lisboa, Sintra, da Fuzeta. Conseguimos também ajudar a promover a arte e a cultura alentejana, através dos ensaios do grupo coral e do trabalho do Manuel e tudo isto é uma forma de incluir os hóspedes e integrá-los na comunidade. Proporcionamos interação entre os turistas e a população de Baleizão. Além do mais, mandamos também os turistas para restaurantes locais.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__

N__ X

E₁₂: Se calhar é um bocado demasiado dizer que consegue desenvolver e revitalizar a região. Aqui, pelo menos na zona de Baleizão, não há mais nenhum turismo rural, mas como este é um projeto pequeno, sozinho, não acredito que dinamize a região. Nós tentamos fazer pequenas coisas de forma a dar uma ajuda à aldeia, como por exemplo o Cante, já são umas três ou quatro vezes que levo os turistas aos ensaios do grupo coral e até acabam por comprar o CD e dá-se a conhecer o trabalho deles. O mesmo acontece com a arte do Manuel, quando levar lá turistas vou estar a contribuir para mostrar o trabalho dele. Ainda assim, na verdade isto é um projeto muito pequeno, mesmo que estivesse sempre cheio com o passa-a-palavra, seria uma “pequena gota de água”, mas damos o nosso contributo e tentamos sempre proporcionar boas experiências. As pessoas não saem desiludidas e, normalmente, gostam dos sítios que recomendamos.

Portanto, acho que um agroturismo sozinho não, mas talvez em conjunto com outros agroturismos já conseguem ter um impacto maior, porque nós e outros donos de propriedades similares à nossa damo-nos todos bem e partilhamos conhecimentos.

Casas do Rio Sado (E₁₃)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. **Nome do empreendimento**
Casas do Rio Sado.
2. **Local**
Azinheira de Barros, Grândola, distrito de Setúbal.
3. **Data**
15 de setembro de 2022.
4. **Duração**
1 hora, 45 minutos e 17 segundos.
5. **Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__ X

Parte II – Perfil do entrevistado

6. **Nome**
E₁₃: O meu nome é Efigénia Migueis Cachadinha.
7. **Cargo/função desempenhada**
E₁₃: Este espaço é de uma empresa cujos acionistas é família, portanto, marido, mulher e os dois filhos. Eu não estou atenta exclusivamente à situação da herdade, aliás da componente agrícola até estou muito muito desatenta, é o meu marido que está mais atento. Da componente turística sou eu que estou mais atenta, basicamente faço a gestão desta herdade, mas não é um projeto que me ocupe o tempo na totalidade. Estou aqui e é fácil dar apoio, receber os hóspedes, fazer o pequeno-almoço, mas também mantenho a atividade que sempre tive que me leva a que um dia por semana vá a Lisboa e trate de muitas outras coisas remotamente.
8. **Género** F.
9. **Idade**
E₁₃: Tenho 73 anos.
10. **Formação**
E₁₃: A minha formação de base é Engenharia Civil e fiz uma trajetória profissional pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, pelo Instituto Superior Técnico, estive também no ISCTE e depois vim para as empresas familiares que são do setor da construção e imobiliário. Há muitas afinidades entre o setor da construção e o turismo, principalmente na infraestrutura e, entretanto, num projeto que comecei na Comporta, que, para mim, seria um projeto imobiliário, em determinado momento percebi que o uso do solo que estava definido era turístico e nasceu um hotel de apartamentos. Entretanto vendi-o.
11. **Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₁₃: Eu estive sempre atenta ao desenvolvimento deste projeto, contámos com a colaboração muito preciosa de uma senhora, consultora na área do turismo. Em determinado momento eu passei aqui um verão, depois estiveram apenas empregadas com a C., que é a minha

filha e é arquiteta, a autora do projeto de reconversão deste projeto. Deram muita atenção a fazer certificações e as partes burocráticas. Mas em março de 2020, por razões que têm a ver com a pandemia, com a minha idade e com a existência de alguma situação de saúde que recomendava que não apanhasse Covid na altura mais crítica, vim para aqui com o meu marido. Cheguei e senti-me de tal forma bem que agora não me quero ir embora. E não querendo sair daqui, a C. tem outras solicitações e eu fiquei aqui assim atenta a esta componente.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₁₃: Assim de forma permanente acaba por ser este ano, porque estivemos fechados durante dois anos.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__ X

N__

E₁₃: Muitas coisas aprendi com o outro projeto na Comporta e acaba por me ajudar a fazer a gestão desta herdade, de forma muito mais atenuada.

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₁₃: Sim, como lhe disse, eu e o meu marido vivemos aqui. Eu sou alentejana, saí daqui com quinze anos e só regresssei quando tinha cinquenta.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁₃: É uma herdade que tem 270 ha, dos quais 97 ha são campos de arroz e o restante é montado.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__ X

Animal, de que tipo?__

Vínico__

Outro, qual:__ X

E₁₃: Em termos agrícolas o nosso foco são os arrozais e a cortiça. O arroz é absolutamente necessário, é um cereal fundamental na alimentação, mas consome muita água. A água chega aqui da barragem de Odivelas, temos um canal dentro da herdade, depois, para além dessa que vem da barragem de Odivelas, vem água da barragem do Alqueva para aqui. Os custos sobem, os custos de produção deste ano foram elevadíssimos. E depois temos ali o rio Sado que é uma coisa interessantíssima. Para além do arroz e da cortiça, temos figos, dióspiros e estamos a fazer uma experiência com amêndoas, mas é para autoconsumo. Antigamente tiveram aqui pomares de pêssegos e de laranjas, mas já não temos, porque os campos de arroz expandiram-se até onde havia pomares.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__ X

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__ X

E₁₃: As Casas do Rio Sado são quinze suítes mais dois apartamentos T1. Um deles é a casa do gestor que é a nossa casa e depois o outro, geralmente, é ocupado pela minha filha.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₁₃: Sim já, a atividade agrícola sempre se desenvolveu nesta herdade e era a única. Aliás, aqueles armazéns que vê ali são dependências agrícolas. Portanto, o arroz é plantado, depois da ceifa é levado para os armazéns onde é seco e depois sai para o descasque e embalagem.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₃: Aqui o nosso agroturismo nasceu em 2015 e trabalha de uma forma moderada, não com agressividade. Este ano, quando reabrimos, entendemos que não seria muito bom para nós ter estadias de uma noite, mas sim de cinco. Até é mais vantajoso para gerar mais empatia e maior proximidade com os hóspedes em estadias maiores, que não sejam de uma noite apenas. Uma pessoa que chega, vem stressada, vem à procura daquilo que não consegue atingir só numa noite. Agora estamos com estadias mínimas de três noites.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁₃: Este agroturismo nasceu em complemento da atividade agrícola. Foi mais como um rendimento adicional. Se bem que, em boa verdade, nem o arrozal nem o agroturismo são atividades muito rentáveis.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁₃: Sim, houve uma intervenção profunda para criar conforto, compatível com as exigências atuais. A única coisa construída de raiz foi o salão de eventos que é onde a Nespresso realiza alguns eventos.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ X N__

S__ X N__

E₁₃: Para o turismo tivemos alguns apoios efetivamente, não lhe sei dizer qual é o programa. A parte agrícola, nomeadamente o arroz, só subsiste porque tem apoios significativos, se não tornava-se insuportável.

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₃: Sim, sempre proporcionámos as atividades como outra componente das Casas do Rio Sado.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₃: É o meu marido e depois temos alguma gente da aldeia. É o senhor da ceifeira, depois os três mecânicos, porque as bombas têm que ter assistência permanente. Não temos muitos empregados, mas temos pessoas muito dedicadas, empenhadas e com muitos anos de casa.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₃: Da parte turística sou eu e duas empregadas, mas estou preocupada, porque são pessoas que sabem o que fazem, são pessoas com muito valor, mas ambas tiveram problemas de saúde e acredito que uma delas já não deve voltar.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

- Workshops* de culinária__
- Workshops* de panificação__
- Workshops* de agricultura__
- Workshops* de artesanato__
- Workshops* com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
- Passeios a cavalo pela propriedade__
- Passeios de burro pela propriedade__
- Passeios pedestres pela propriedade__ X
- Passeios de bicicleta pela propriedade__ X
- Quinta pedagógica__
- Apanha de fruta da época__
- Apicultura__
- Vindimas__
- Prova de vinhos__
- Outras, quais:__ X

E₁₃: Nós temos na herdade sinalizados caminhos para caminhadas e bicicletas. As bicicletas são de utilização livre. Depois, por vontade e iniciativa própria, as pessoas podem ver os campos de arroz e a tiragem da cortiça. Pensou-se em proporcionar-lhes a possibilidade de participação na ceifa, mas considerámos que são equipamentos e que havia risco associado. Não significa que alguns mais destemidos não tenham experimentado e não tenham andado na ceifeira. Mas é muito informal, não é generalizado. Um hóspede que insista com certeza que se proporciona, os nossos empregados são responsáveis, mas pensamos que não é propriamente uma atividade lúdica e, em face disso, sim pode acontecer, mas com muito cuidado. Há é ainda a possibilidade das pessoas observarem as aves e as estrelas de uma forma muito autónoma e informal. Não temos equipamentos nem infraestruturas específicas para esse efeito.

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ X Passiva__ X

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ X Imersão__ X

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__

N__ X

E₁₃: Quer dizer, não acho que tenhamos atividades tão diferentes daquelas que já existem.

A única grande diferença é termos os arrozais.

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__

Casais jovens sem filhos__

Famílias com crianças__ X

Seniores__

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__ X

1000-2000 turistas__

2001-3000 turistas__

3001-4000 turistas__

Mais de 4001 turistas__

E₁₃: Olhe, aqui este ano não tive programa de gestão hoteleira, eu não lhe sei dizer quantas

pessoas aqui estiveram, mas eu acho que menos de mil, não ultrapassam os mil turistas.

34. Quais os meses de maior procura?

E₁₃: São os meses de verão, mas, particularmente, agosto.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

Workshops de agricultura__

Workshops de artesanato__

Workshops com animais (tosquiás, tratamento de cavalos, entre outros)__

Passeios a cavalo pela propriedade__

Passeios de burro pela propriedade__

Passeios pedestres pela propriedade__

Passeios de bicicleta pela propriedade__

Quinta pedagógica__

Apanha de fruta da época__

Apicultura__

Vindimas__

Prova de vinhos__

Outras, quais:__

E₁₃: Todas as atividades são gratuitas.

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__ X

N__

E₁₃: Isso está a acontecer. Fideliza-se muito facilmente aqui.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__ X

E₁₃: Basicamente as atividades que acontecem são as caminhadas, as bicicletas, a observação de aves por iniciativa própria, a observação das estrelas, a observação da cultura do arroz, a observação do sobreiro e da tiragem da cortiça. Portanto, são atividades autónomas e

livres, as pessoas podem ou não fazê-las, por isso mesmo não temos essa necessidade de ter um empregado específico para esta componente.

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₁₃: São os funcionários da agricultura e as funcionárias do turismo. Ao todo, seis pessoas.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

S, quais?__ X

N__

E₁₃: O que vendemos é o arroz e a cortiça.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ X Importante__ X Muito importante__

E₁₃: A cortiça é uma fonte de rendimento com significado. O arroz é uma fonte de rendimento que não dá prejuízo, porque tem subsídios.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

E₁₃: Não, a cortiça são os corticeiros que a vêm tirar, têm que ser pessoas cautelosas se não destroem árvores e, portanto, eles tiram-na, fazem pilhas e depois seguem para as indústrias. Em relação ao arroz, nós aqui só vamos até à secagem. Depois vendemos a uma organização que descasca, embala e distribui.

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₃: Tenho uma parceria mais significativa com o restaurante O Portão, aqui de Ferreira do Alentejo. Não só na componente da restauração, mas naquilo que a gente precisar aqui na zona.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__ X

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__ X

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₁₃: O nosso contributo é mais relativamente à aldeia, porque, de resto, ao nível da envolvente temos somente ali a sinalética a indicar a herdade que foi autorizada pela Câmara.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__ X

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__

Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__

Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__ X

Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X

Realização da triagem do lixo__ X

Outras, quais:__ X

E₁₃: O meu marido tem um projeto muito interessante. Destes noventa e sete hectares de arroz, trinta e poucos são adubados com um produto resultante da compostagem de borras de café. Isto é uma parceria com a Nespresso e o arroz produzido aqui, umas toneladas de arroz, é adquirido pela Nespresso para fazer doação ao Banco Alimentar. Este projeto teve tanto êxito em Portugal que a Nespresso já o replicou em Espanha e em Itália.

Para além deste aspeto, temos painéis solares e fotovoltaicos e procuramos ter práticas ambientais responsáveis, sem margem de dúvida. Eu estando aqui, estou muito atenta aos consumos de eletricidade, muita atenta aos consumos de água naquilo em que eu posso ter uma opinião sem prejudicar. Quando me falam de arrozal, eu tenho que me calar, todos os dias estou a dizer para terem atenção e cuidado, mas não consigo intervir, porque se quem percebe disto diz-me que é necessária aquela quantidade de água eu não posso fazer muito. Ainda assim, não tive tempo de ir ver se não há outra maneira de cultivar o arroz, sem este consumo todo de água. E eu acho que se não há, tem que se inventar. O arroz faz falta, mas a água é um bem escasso. Outra coisa que tenho é uma atenção muito grande ao consumo excessivo e desnecessário de plásticos.

Nós temos uma certificação *Biosphere*, então todas estas medidas de triagem do lixo, poupar água, e outras, são tidas em conta, são seguidas e praticadas. Mesmo assim, uma coisa é ter a certificação, outra coisa é ter a prática e para ter a prática tem que estar alguém no terreno atento.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__

Criação de postos de emprego para a população local__ X

Fixação da população em regiões menos povoadas__

Melhoria e construção de infraestruturas__

Valorização e preservação das tradições e culturas locais__

Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__

Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__ X

Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__ X

Outros, quais:__

E₁₃: A relação com a aldeia é algo que já vem do tempo do meu pai, porque o meu pai tinha aqui atividade empresarial, onde empregava muita gente. Agora, para além do emprego que proporcionamos, eu recomendo sempre um café específico da aldeia, em que as pessoas conseguem comer comida típica e caseira, feita na hora. Tentamos sempre adquirir produtos aqui

da zona, mas já na nossa vida pessoal procuramos fazer isso. Portanto, alguma fruta é nossa, mais concretamente os figos e os dióspiros, para consumo próprio e para os turistas, mas depois compramos à vizinhança melancias, melões, tomates, ovos e outros produtos. Costumamos também patrocinar associações de Grândola, por exemplo, jovens desportistas que se estão a destacar e precisam de comprar um equipamento mais adequado para prosseguir a sua carreira. Distribuímos muito arroz, adquirimos à entidade que o embala, e distribuímos por entidades que ajudam as pessoas mais carenciadas ou mesmo diretamente a essas pessoas. Passo a passo damos o nosso contributo.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__

N__ X

E₁₃: Quer dizer, muito poucos agroturismos fazem muito e não acredito que, por si só, possua essa capacidade. Agora, o agroturismo, conjuntamente com outras iniciativas que começam a aparecer, mesmo não estando relacionadas com o turismo, e que o agroturismo porque existe vai entrar na cadeia de valor e vai potenciar, aí sim talvez consiga desenvolver e revitalizar. O agroturismo dessa forma acaba por dar o seu contributo obviamente, mas, sozinhos, estou convencida que o nosso papel é reduzido, somos muito pequeninos. O agroturismo sozinho não proporcionava isso.

c) Agroturismo com exploração animal e sem atividades

Vale de Gatos (E₁₄)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. Nome do empreendimento

Vale de Gatos.

2. Local

Viana do Alentejo, Évora.

3. Data

18 de julho de 2022.

4. Duração

20 minutos e 56 segundos.

5. Tipologia do empreendimento de agroturismo:

*Non working farm agritourism*__

*Working farm, passive contact agritourism*__ X

*Working farm, indirect contact agritourism*__

*Working farm, direct contact, staged agritourism*__

*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__

Parte II – Perfil do entrevistado

6. Nome

E₁₄: Chamo-me Isabel Cartaxo.

7. Cargo/função desempenhada

E₁₄: Sou a proprietária e responsável. Basicamente sou eu e o meu marido.

8. Género F.

9. Idade

E₁₄: Tenho 60 anos.

10. Formação

E₁₄: Eu sou tecelã e o meu marido é arquiteto.

11. Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?

E₁₄: Vivemos cá há vinte e cinco anos. Viemos diretamente para aqui, comprámos isto,

eram duas casas, assim velhotas, e nós fizemos as obras e viemos viver para aqui.

12. Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?

E₁₄: Desde que nos deram esta classificação que foi, mais ou menos, em 2017.

13. Teve a mesma função noutra negócio equivalente?

S__

N__ X

14. Reside na região?

S__ X

N, em que município reside?__

E₁₄: Não somos de cá, somos de Lisboa, só que viemos diretamente para aqui.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. Qual a dimensão da herdade/quinta, em hectares?

E₁₄: São 2 ha.

16. Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?

Alimentar, de que tipo?__

Animal, de que tipo?__ X

Vínico__

Outro, qual:__

E₁₄: Nós temos um rebanho de ovelhas Campaniças. Temos a nossa hortinha, as nossas

galinhas, mas é nossa, é de subsistência.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__

E₁₄: Atualmente, é um único edifício com quatro quartos.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__

N__ X

E₁₄: Não, não havia atividade agrícola. Mais tarde é que começámos a criar a nossa horta

e a ter as ovelhas.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__

N__ X

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₄: Nós fizemos uma experiência em 2012, com aquele *site*, o Airbnb, que não tinha regras naquela altura. Pronto, era só fazer o anúncio. Nós experimentámos em 2012 e 2013 e correu muito bem. Foi quando começou o problema, foi quando vieram as leis, decidimos

licenciar tudo e tivemos cinco anos à espera. Foi muito penoso, porque perdemos o andamento e nunca mais conseguimos retomar. Nós decidimos associar o turismo à minha atividade e fazer uma residência artística, em que as pessoas podem vir trabalhar aqui, aprender ou desenvolver trabalhos aqui. É mais por aí.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta?

E₁₄: A nossa ideia era para ser uma casa de família. O turismo veio vinte anos depois, os filhos vão embora, a casa fica grande e foi também na altura da crise uma fonte de rendimento adicional.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__ X

N__

E₁₄: Sim, tivemos que reabilitar as casas. Uma delas estava em ruína, a outra que é dos quartos, estava habitável, não tinha era casa de banho nem cozinha, nem nada.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

E₁₄: Não, não, nunca tivemos.

Para a atividade turística?

S__ N__ X

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

S__ N__ X

Qual/quais?

Para a atividade turística?

S__ N__ X

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₄: Nós oferecemos só alojamento. As pessoas vêm à procura e ficam aqui, porque isto é uma zona que tem pouca oferta de alojamento e nós temos uma coisa, que até estamos a repensar, que é nós alojávamos só por uma noite que quase ninguém faz e realmente consigo perceber porque não fazem. Em termos de rendimento não justifica, mas, por outro lado, também me aborrece as pessoas não poderem ficar só uma noite, porque lhes dá jeito. Mas vamos repensar um pouco essa parte.

Já me aconteceu as pessoas pedirem para aprenderem a tecer e a fiar e ficam aqui três dias para ter as noções gerais. Faço uma espécie de um orçamento e apresento à pessoa. Temos tido, por exemplo, associações que financiam o artista e mandam-no para cá outras vezes são particulares que vêm para passar a tarde. Tive aqui, no ano passado, uma senhora a fazer uma pós-graduação em arte-têxtil e quis ficar um mês, porque quis aprender tudo e desenvolver trabalho. Mas isto são casos em que as pessoas se dedicam a esta arte ou estão a aprender.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₄: A horta é pequena e é para nós. Não temos ninguém, só o senhor que tosquia o nosso rebanho. Só pode ser esse senhor, porque aquilo tem uma técnica. O nosso tosquiador não é de cá, vive cá, em Castelo de Vide, mas é da Nova Zelândia. Tem uma técnica fabulosa para tosquia.

É uma vez por ano, uma manhã e não sou eu que marco. Como não sou eu a organizar não consigo dizer aos turistas que podem assistir.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₄: Não temos ninguém, somos mesmo só nós os dois.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__
Workshops de panificação__
Workshops de agricultura__
Workshops de artesanato__
Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
Passeios a cavalo pela propriedade__
Passeios de burro pela propriedade__
Passeios pedestres pela propriedade__
Passeios de bicicleta pela propriedade__
Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __
(*Não se aplica*)

29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:

Ativa__ Passiva__
(*Não se aplica*)

30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:

Absorção__ Imersão__
(*Não se aplica*)

31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?

S__
N__
(*Não se aplica*)

32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?

Grupos de jovens__
Casais jovens sem filhos__
Famílias com crianças__
Seniores__
(*Não se aplica*)

33. Em média, quantos turistas recebem por ano?

<999 turistas__ X
1000-2000 turistas__
2001-3000 turistas__
3001-4000 turistas__
Mais de 4001 turistas__

E₁₄: Isso são muito menos do que mil turistas por ano. Como lhe disse, durante a fase do Airbnb correu tudo muito bem, mas a partir daí perdemos o ritmo.

34. Quais os meses de maior procura?

E₁₄: Não há meses que sobressaíam. Talvez no verão possamos ter um pouco mais de turistas, mas nada de muito importante.

35. Que atividades agroturísticas geram maior lucro, a curto prazo?

- Workshops* de culinária__
Workshops de panificação__
Workshops de agricultura__
Workshops de artesanato__
Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
Passeios a cavalo pela propriedade__
Passeios de burro pela propriedade__
Passeios pedestres pela propriedade__
Passeios de bicicleta pela propriedade__
Quinta pedagógica__
Apanha de fruta da época__
Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras, quais: __
(*Não se aplica*)

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

- S, em que medida?__
N__

E14: Já tivemos hóspedes a regressar, porque gostaram e porque, como isto é uma coisa que acaba por ser tão pessoal, nós já temos amigos, ficámos com amigos, casais que já vieram umas três ou quatro vezes. Acabamos por ter uma relação muito pessoal. Mas não é por causa das atividades, elas não existem.

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

- S, quantos?__
N__
(*Não se aplica*)

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

- S, quantos?__
N__ X

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

- S, quantos?__ X
N__

E14: O nosso tosquiador, mas ele passa por cá, faz-nos o favor de tosquiar as ovelhas e vai-se embora. Não fica cá a fazer mais nada.

40. Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta?

- S, quais?__ X
N__

E14: Sim, uma parte da lã fica para os meus trabalhos e outra parte eu vendo, dou. Quer dizer, agora vendo, porque tenho realmente um custo a ir até à Covilhã. Durante muitos anos, o tratamento da lã fui eu que fiz, mas a lavagem da lã consome muita água e nós aqui temos falta de água durante o verão e é sempre um problema que fica na consciência, estar a gastar água. Então, conheci uma senhora da Covilhã que me faz a lavagem, eles lá têm muita água. Eu prefiro, não é muita lã que produzo por ano, são trinta quilos por ano, meto tudo no carro, levo lá, ela lava

seca e depois eu trago. Depois vou cardá-la na *Burel Factory* que há ali em Manteigas. Eu tenho um cardador pequenino que carda assim aos bocados, mas eles lá cardam-me os trinta quilos numa tarde. Mas isto da venda da lã são contactos que eu tenho. As pessoas sabem que eu tenho um rebanho de Campaniças e que a minha lã é específica de uma raça autóctone aqui do Alentejo, não é uma lã muito macia, tem outras características. É venda do género passa-a-palavra.

Em relação aos meus trabalhos, é complicado vendê-los. Eu estou aqui, aqui não passa ninguém, não tenho loja, isto não são coisas que se vendam bem *online*. Ou se tem um grande domínio dessas técnicas de Marketing, pronto, sou de outra geração, não domino, nem tenho grande tempo para estar a investir. Já tive uma loja *online*, mas depois não consigo. Mas tomo como uma falha minha de não investir mais tempo nisso. Na altura em que experimentámos o Airbnb, esses dois anos, tudo o que fazia as pessoas pediam para mostrar e acabavam por comprar os trabalhos com uma certa regularidade.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ X Pouco importante__ X Importante__ Muito importante__

E₁₄: A venda dos trabalhos não é nada de significativo e a venda da lã não é uma fonte de rendimento importante, não. Nada disto rende, se a coisa se pagar a si própria já é bom. Nós não conseguimos viver disto, é impossível. Quer dizer, a ideia era essa. Agora, não sei se juntando o turismo a isto conseguimos.

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__

Não se aplica__ X

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₄: Não, não temos nenhuma.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência da herdade/quinta__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₁₄: Nada, não contribuiu para melhorias nenhuma. Ninguém sabe, acho que em Viana, talvez o técnico que viu o projeto saiba da nossa existência, mas de resto não acredito que saibam que existe aqui o nosso alojamento.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__ X

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__

Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__
Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__
Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
Utilização de alguma fonte de energia renovável__
Realização da triagem do lixo__
Outras, quais:__

E₁₄: Os cuidados que nós temos no dia-a-dia sempre foram os que tivemos desde sempre, antes de abrir sequer ao turismo. Temos sim a preocupação de poupar água como tinha dito, por causa da lavagem da lã que gasta muita água, então preferimos ir até lá acima.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__
Criação de postos de emprego para a população local__
Fixação da população em regiões menos povoadas__
Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta__
Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais__
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais:__

E₁₄: Não sei mesmo. Eu sei que, por exemplo, há muita coisa a aparecer aí, pessoas a comprarem e a recuperarem. Provavelmente trará benefícios, mas não sei. Aqui na minha realidade sinto que não estou dentro do esquema e desta classificação, porque não tem nada a ver com a nossa atividade.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__
N__

E₁₄: Não sei também. Nós não temos atividade agrícola. Aí é que está a questão do nosso enquadramento do agroturismo não ser real, porque quando nós decidimos experimentar fazer turismo, nós queríamos alojamento local, porque o que nós experimentámos fazer foi alugar quartos para as pessoas virem, mas a Câmara causou-nos imensos problemas e tivemos os tais cinco anos para licenciar, foi um processo muito complicado. Ainda pensámos ser casa de campo, que seria uma coisa mais adequada, mas nunca o agroturismo, porque nós não temos atividade agrícola. Quem vem, para já nunca recebemos ninguém que vem à procura do agroturismo por essa via.

d) Agroturismo sem exploração animal nem atividades

Passo do Lobo (E₁₅)

Parte I – Informações acerca da entrevista

1. Nome do empreendimento

Passo do Lobo.

2. **Local**
Moura.
3. **Data**
3 de agosto de 2022.
4. **Duração**
23 minutos e 17 segundos.
5. **Tipologia do empreendimento de agroturismo:**
*Non working farm agritourism*__
*Working farm, passive contact agritourism*__ X
*Working farm, indirect contact agritourism*__
*Working farm, direct contact, staged agritourism*__
*Working farm, direct contact, authentic agritourism*__

Parte II – Perfil do entrevistado

6. **Nome**
E₁₅: Chamo-me João Lobo.
7. **Cargo/função desempenhada**
E₁₅: Eu e a minha mulher somos os proprietários e dedicamo-nos à gestão do espaço e dos turistas que chegam até nós. Temos o nosso filho que também nos auxilia, é gestor da nossa página no *Booking* e é responsável pelo nosso *site*.
8. **Género** M.
9. **Idade**
E₁₅: Tenho 58 anos.
10. **Formação**
E₁₅: Eu sou construtor civil.
11. **Há quanto tempo se encontra na herdade/quinta?**
E₁₅: Decidimos comprar a propriedade há vinte e três anos, mas não tinha esta finalidade.

Era a nossa casa de fim de semana e para passar férias.

12. **Há quanto tempo possui a função em causa na herdade/quinta?**
E₁₅: Somos muito recentes. Há, sensivelmente, dois meses.
13. **Teve a mesma função noutra negócio equivalente?**
S__
N__ X
14. **Reside na região?**
S__ X
N, em que município reside?__
E₁₅: Pois, atualmente vivemos aqui mesmo no Passo do Lobo, mas somos de cá, de

Moura.

Parte III – Desenvolvimento da entrevista

15. **Qual a dimensão da propriedade, em hectares?**
E₁₅: São pouco mais de 5 ha.
16. **Qual o tipo de negócio agrícola praticado na herdade/quinta?**
Alimentar, de que tipo?__ X
Animal, de que tipo?__
Vínico__
Outro, qual:__

E₁₅: Gosto bastante de fazer coisas e de me entreter, então acabei, por brincadeira, a plantar diferentes árvores de fruto. Temos também oliveiras, a nossa horta e fazemos compotas.

17. Qual o tipo de negócio turístico?

Estada em casas individuais, sem conexão entre si__

Estada num edifício único, quantos quartos?__ X

Estada em diferentes edifícios, quantos quartos?__

Estada num parque de campismo agroturístico__

Oferta de atividades agroturísticas__

E₁₅: É uma única casa com oito quartos, são suítes, disponíveis para hospedar turistas.

Temos um nono quarto que é o nosso.

18. Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente?

S__ X

N__

E₁₅: Sim, depois de adquirirmos o terreno e construirmos a casa fomos, lentamente, plantando árvores e, posteriormente, veio a horta.

19. A agricultura era a única atividade praticada?

S__ X

N__

20. A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo?

E₁₅: Como disse, somos muito recentes, abrimos de junho deste ano.

21. Qual a razão da introdução do agroturismo nesta propriedade?

E₁₅: Assim a principal razão foi por impulso de amigos e por gosto próprio.

22. Houve a necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos?

S__

N__ X

E₁₅: A nossa casa já existia, mas para o turismo tivemos que a melhorar e ampliar.

23. Alguma vez tiveram apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

24. Receberam fundos de outro tipo?

Para a atividade agrícola:

Para a atividade turística?

S__ N__ X

S__ N__ X

Qual/quais?

Qual/quais?

25. Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento ou complementavam este serviço com atividades agroturísticas?

E₁₅: Por enquanto, é só mesmo alojamento. Nós somos muito recentes, mas ainda vamos estudar a hipótese de criar atividades até para combater a sazonalidade. Por exemplo, termos atividades relacionadas com a agricultura, em que na primavera, no outono e no inverno podemos convidar os hóspedes a fazer a apanha da azeitona e da fruta.

26. Atualmente, quantas pessoas trabalham na agricultura praticada na herdade/quinta?

E₁₅: Sou apenas eu.

27. Atualmente, quantas pessoas trabalham no negócio de turismo na herdade/quinta?

E₁₅: Para além de nós os três temos ainda duas senhoras a *part-time* para a limpeza do espaço.

28. Que atividades agroturísticas proporcionam aos turistas:

Workshops de culinária__

Workshops de panificação__

- Workshops de agricultura__
 Workshops de artesanato__
 Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
 Passeios a cavalo pela propriedade__
 Passeios de burro pela propriedade__
 Passeios pedestres pela propriedade__
 Passeios de bicicleta pela propriedade__
 Quinta pedagógica__
 Apanha de fruta da época__
 Apicultura__
 Vindimas__
 Prova de vinhos__
 Outras:__
 (Não se aplica).
- 29. As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma:**
 Ativa__ Passiva__
 (Não se aplica).
- 30. O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por:**
 Absorção__ Imersão__
 (Não se aplica).
- 31. Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região?**
 S__
 N__
 (Não se aplica).
- 32. Que tipo de público atraem mais com as atividades agroturísticas que oferecem?**
 Grupos de jovens__
 Casais jovens sem filhos__
 Famílias com crianças__
 Seniores__
 (Não se aplica).
- 33. Em média, quantos turistas recebem por ano?**
 <999 turistas__
 1000-2000 turistas__
 2001-3000 turistas__
 3001-4000 turistas__
 Mais de 4001 turistas__
 (Não se aplica, embora já tenham pessoas a repetir a estada).
- 34. Quais os meses de maior procura?**
 E₁₅: Por enquanto, desde os dois meses que estamos abertos é o julho e o agosto.
- 35. Que atividades agroturísticas oferecidas geram maior lucro, a curto prazo?**
 Workshops de culinária__
 Workshops de panificação__
 Workshops de agricultura__
 Workshops de artesanato__
 Workshops com animais (tosquias, tratamento de cavalos, entre outros)__
 Passeios a cavalo pela propriedade__
 Passeios de burro pela propriedade__
 Passeios pedestres pela propriedade__
 Passeios de bicicleta pela propriedade__
 Quinta pedagógica__
 Apanha de fruta da época__

Apicultura__
Vindimas__
Prova de vinhos__
Outras:__

(*Não se aplica*).

36. As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes?

S, em que medida?__

N__

(*Não se aplica*).

37. Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local?

S, quantos?__

N__

(*Não se aplica*).

38. Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções?

S, quantos?__ X

N__

E₁₅: Sim, as duas senhoras que nos ajudam são da região.

39. Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região?

S, quantos?__

N__ X

40. Comercializam artigos produzidos na propriedade?

S, quais?__

N__ X

E₁₅: Para já é tudo para autoconsumo e para os hóspedes.

41. Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos *workshops* que dinamizam?

S, quais?__

N__

Não se aplica__ X

42. A venda desses produtos é uma fonte de rendimento muito importante?

Insignificante__ Pouco importante__ Importante__ Muito importante__

(*Não se aplica*).

43. Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais?

S__

N__ X

Não se aplica__

44. Que parcerias locais possuem?

E₁₅: Não temos ainda nenhuma.

45. Em que medida a herdade/quinta contribui para a melhoria do seu meio envolvente?

Melhoria dos acessos à região__

Existência de sinalética indicativa da propriedade__

- Colocada pela gerência__ Pelo município__

Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico__

Melhoria da rede de transportes públicos__

Melhoria das infraestruturas (ex.: serviços públicos, saneamento básico, entre outros)__

Outras, quais:__

E₁₅: Como abrimos recentemente ainda não sentimos que tenha contribuído. Em relação

à sinalética, estamos a aguardar por aprovação da Câmara Municipal de Moura.

46. Em que medida a herdade/quinta contribui para a preservação do ambiente?

Preocupação em poupar água__

Reaproveitamento da água__

Uso de adubos naturais na horta__

Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra__
Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições__ X
Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas__
Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade__
Utilização de alguma fonte de energia renovável__ X
Realização da triagem do lixo__ X
Outras, quais:__

E15: Nós procuramos ter uma atitude o mais sustentável possível. No dia-a-dia procuramos fazer a reciclagem do lixo, temos também painéis solares para aquecimento das águas e tudo o que conseguimos aproveitar de produtos cultivados, aproveitamos.

47. Na sua opinião, quais são os contributos socioeconómicos do agroturismo para a região?

Fonte extra de rendimento para os agricultores__
Criação de postos de emprego para a população local__ X
Fixação da população em regiões menos povoadas__
Melhoria e construção de infraestruturas__
Valorização e preservação das tradições e culturas locais__
Melhoria do meio envolvente da propriedade__
Parcerias entre a herdade/quinta e outros negócios locais e/ou regionais__
Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas__
Outros, quais:__

E15: Lá está, somos principiantes nisto. Acho que o que ressalta mais em termos de contribuição é a criação de emprego para as duas senhoras da população local.

48. Será que o agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região?

S, como?__
N__ X

E15: Acredito que o nosso agroturismo é mais um valioso acréscimo para a cidade de Moura, damos a conhecer a cidade, a restauração local, comércio e tudo o que esta tem para oferecer. Contudo, temos para oferecer apenas oito quartos e, portanto, posto isto, por si só não é suficiente para revitalizar a região, apenas com a existência dos outros turismos na região conseguimos levar a cabo essa missão.

Apêndice V – Resumo dos resultados obtidos

a) Agroturismo com exploração animal e atividades

Tabela 17 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte I

Parte I – Informações acerca da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
5.	<i>Non working farm agritourism</i>	0
	<i>Working farm, passive contact agritourism</i>	3
	<i>Working farm, indirect contact agritourism</i>	5
	<i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, authentic agritourism</i>	6

Fonte: Elaboração própria

Tabela 18 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas, grupo a), parte II

Parte II – Perfil do entrevistado		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
7.	Cargo/função desempenhada – proprietário/gerente	6
	Cargo/função desempenhada – não proprietário/apenas gerente	1
8.	Género Feminino	5
	Género Masculino	2
9.	Idade inferior ou igual a 40 anos	2
	Idade superior a 40 anos	5
10.	Formação em turismo	2
	Formação noutras áreas	5
11.	Encontra-se há pouco tempo na herdade/quinta – a partir de 2020	0
	Encontra-se há algum tempo na herdade/quinta – antes de 2019	7
12.	Possui a função em causa na herdade/quinta há pouco tempo – a partir de 2020	3
	Possui a função em causa na herdade/quinta há algum tempo – antes de 2019	4
13.	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Sim	0
	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Não	7
14.	Reside na região – Sim	7
	Reside na região – Não	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 19 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (1)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
15.	Pequena dimensão – 0 a 5 ha	2
	Média dimensão – 10 a 20 ha	1
	Grande dimensão – mais de 20 ha	4
16.	Negócio alimentar	3
	Negócio animal	7
	Vínico	0
	Outro	5
17.	Estada em casas individuais, sem conexão entre si	0
	Estada num edifício único	4
	Estada em diferentes edifícios	3
	Estada num parque de campismo agroturístico	0
	Oferta de atividades agroturísticas	7
18.	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Sim	6
	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Não	1
19	A agricultura era a única atividade praticada – Sim	5
	A agricultura era a única atividade praticada – Não	2
20.	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – a partir de 2020	3
	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – antes de 2019	4
21.	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – um sonho	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – recuperar e revitalizar a propriedade	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – rentabilização do espaço e do negócio	3
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – partilha da natureza	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – não sabe	1
22.	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Sim	6
	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Não	1
23.	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Sim	3
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Não	4
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Sim	6
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Não	1
24.	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Sim	1
	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Não	6
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Sim	2
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Não	5
25.	Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento	1
	Com a introdução do agroturismo ofereciam alojamento e complementavam com atividades agroturísticas	6

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 20 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (2)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
26.	Entre 1 e 2 trabalhadores agrícolas	6
	Entre 3 e 5 trabalhadores agrícolas	1
	Mais de 5 trabalhadores agrícolas	0
27.	Entre 1 e 2 trabalhadores para o negócio de turismo	2
	Entre 3 e 5 trabalhadores para o negócio de turismo	5
	Mais de 5 trabalhadores para o negócio de turismo	0
28.	<i>Workshops</i> de culinária	1
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	1
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	1
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	4
	Passeios de bicicleta pela propriedade	2
	Quinta pedagógica	5
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	1
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
Outras	7	
29.	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – ativa	6
	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – passiva	5
30.	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – absorção	5
	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – imersão	6
31.	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Sim	6
	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Não	1
32.	Grupos de jovens	0
	Casais jovens sem filhos	2
	Famílias com crianças	7
	Seniores	3
	Outros	0
33.	< 999 turistas	2
	1000-2000 turistas	3
	2001-3000 turistas	0
	3001-4000 turistas	0
	Mais de 4000 turistas	0
	Não sabe/não se aplica	2

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 21 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (3)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
34.	Junho e julho	1
	Julho e agosto	1
	Junho, julho e agosto	4
	Julho, agosto e setembro	1
35.	<i>Workshops</i> de culinária	1
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	1
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	1
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	0
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
	Outras	3
Gratuitas	3	
36.	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Sim	4
	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Não	3
37.	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Sim	1
	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Não	6
38.	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Sim	7
	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Não	0
39.	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Sim	1
	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Não	6
40.	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Sim	5
	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Não	2
41.	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Sim	1
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não	1
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não se aplica	5

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 22 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo a), parte III (4)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
42.	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Insignificante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Pouco importante	3
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Importante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Muito importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Não se aplica	2
43.	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Sim	0
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não	5
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não se aplica	2
44.	Parcerias locais – Sim	6
	Parcerias locais – Não	1
45.	Melhoria dos acessos à região	1
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pela gerência	1
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pelo município	1
	Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico	0
	Melhoria da rede de transportes públicos	0
	Melhoria das infraestruturas	0
	Outras	1
	Nenhumas	4
46.	Preocupação em poupar água	1
	Reaproveitamento da água	1
	Uso de adubos naturais na horta	1
	Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra	0
	Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições	2
	Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas	3
	Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade	1
	Utilização de alguma fonte de energia renovável	6
	Realização da triagem do lixo	4
	Outras	3
47.	Fonte extra de rendimento para os agricultores	0
	Criação de postos de emprego para a população local	6
	Fixação da população em regiões menos povoadas	0
	Melhoria e construção de infraestruturas	1
	Valorização e preservação das tradições e culturas locais	3
	Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta	1
	Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais	6
	Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas	2
	Outros	1
48.	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Sim	3
	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Não	4

Fonte: Elaboração própria

b) Agroturismo sem exploração animal e com atividades

Tabela 23 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte I

Parte I – Informações acerca da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
5.	<i>Non working farm agritourism</i>	0
	<i>Working farm, passive contact agritourism</i>	6
	<i>Working farm, indirect contact agritourism</i>	2
	<i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, authentic agritourism</i>	4

Fonte: Elaboração própria

Tabela 24 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte II

Parte II – Perfil do entrevistado		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
7.	Cargo/função desempenhada – proprietário/gerente	5
	Cargo/função desempenhada – não proprietário/ apenas gerente	1
8.	Género Feminino	3
	Género Masculino	3
9.	Idade inferior ou igual a 40 anos	1
	Idade superior a 40 anos	5
10.	Formação em turismo	2
	Formação noutras áreas	4
11.	Encontra-se há pouco tempo na herdade/quinta – a partir de 2020	1
	Encontra-se há algum tempo na herdade/quinta – antes de 2019	5
12.	Possui a função em causa na herdade/quinta há pouco tempo – a partir de 2020	2
	Possui a função em causa na herdade/quinta há algum tempo – antes de 2019	4
13.	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Sim	1
	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Não	5
14.	Reside na região – Sim	6
	Reside na região – Não	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 25 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (1)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
15.	Pequena dimensão – 0 a 5 ha	0
	Média dimensão – 10 a 20 ha	3
	Grande dimensão – mais de 20 ha	3
16.	Negócio alimentar	5
	Negócio animal	0
	Vínico	3
	Outro	4
17.	Estada em casas individuais, sem conexão entre si	0
	Estada num edifício único	3
	Estada em diferentes edifícios	3
	Estada num parque de campismo agroturístico	0
	Oferta de atividades agroturísticas	6
18.	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Sim	6
	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Não	0
19.	A agricultura era a única atividade praticada – Sim	6
	A agricultura era a única atividade praticada – Não	0
20.	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – a partir de 2020	1
	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – antes de 2019	5
21.	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – um sonho	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – recuperar e revitalizar a propriedade	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – rentabilização do espaço e do negócio	5
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – partilha da natureza	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – não sabe	0
22.	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Sim	6
	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Não	0
23.	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Sim	5
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Não/Não sei	1
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Sim	5
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Não	1
24.	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Sim	0
	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Não	6
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Sim	1
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Não	5
25.	Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento	3
	Com a introdução do agroturismo ofereciam alojamento e complementavam com atividades agroturísticas	3

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 26 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (2)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
26.	Entre 1 e 2 trabalhadores agrícolas	4
	Entre 3 e 5 trabalhadores agrícolas	2
	Mais de 5 trabalhadores agrícolas	0
27.	Entre 1 e 2 trabalhadores para o negócio de turismo	1
	Entre 3 e 5 trabalhadores para o negócio de turismo	4
	Mais de 5 trabalhadores para o negócio de turismo	1
28.	Workshops de culinária	1
	Workshops de panificação	0
	Workshops de agricultura	1
	Workshops de artesanato	0
	Workshops com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	5
	Passeios de bicicleta pela propriedade	1
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	2
Outras	5	
29.	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – ativa	4
	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – passiva	6
30.	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – absorção	6
	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – imersão	4
31.	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Sim	3
	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Não	3
32.	Grupos de jovens	0
	Casais jovens sem filhos	3
	Famílias com crianças	6
	Seniores	2
	Outros	0
33.	< 999 turistas	2
	1000-2000 turistas	1
	2001-3000 turistas	0
	3001-4000 turistas	0
	Mais de 4000 turistas	0
	Não sabe/não se aplica	3

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 27 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (3)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
34.	Junho e julho	1
	Julho e agosto	1
	Junho, julho e agosto	2
	Julho, agosto e setembro	2
35.	<i>Workshops</i> de culinária	0
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	0
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	1
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	1
Outras	2	
Gratuitas	4	
36.	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Sim	3
	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Não	3
37.	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Sim	0
	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Não	6
38.	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Sim	5
	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Não	1
39.	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Sim	2
	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Não	4
40.	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Sim	6
	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Não	0
41.	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Sim	0
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não	2
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não se aplica	4

(continuação)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 28 – Dados estatísticos dos resultados das entrevistas do grupo b), parte III (4)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
42.	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Insignificante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Pouco importante	5
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Importante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Muito importante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Não se aplica	0
43.	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Sim	2
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não	4
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não se aplica	0
44.	Parcerias locais – Sim	6
	Parcerias locais – Não	0
45.	Melhoria dos acessos à região	1
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pela gerência	2
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pelo município	4
	Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico	0
	Melhoria da rede de transportes públicos	0
	Melhoria das infraestruturas	0
	Outras	1
Nenhumas	1	
46.	Preocupação em poupar água	2
	Reaproveitamento da água	0
	Uso de adubos naturais na horta	0
	Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra	0
	Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições	0
	Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas	2
	Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade	1
	Utilização de alguma fonte de energia renovável	5
	Realização da triagem do lixo	6
Outras	3	
47.	Fonte extra de rendimento para os agricultores	1
	Criação de postos de emprego para a população local	3
	Fixação da população em regiões menos povoadas	1
	Melhoria e construção de infraestruturas	0
	Valorização e preservação das tradições e culturas locais	2
	Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta	0
	Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais	3
	Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas	2
	Outros	4
48.	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Sim	1
	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Não	5

Fonte: Elaboração própria

c) Agroturismo com exploração animal e sem atividades

Tabela 29 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte I

Parte I – Informações acerca da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
5.	<i>Non working farm agritourism</i>	0
	<i>Working farm, passive contact agritourism</i>	1
	<i>Working farm, indirect contact agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, authentic agritourism</i>	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 30 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte II

Parte II – Perfil do entrevistado		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
7.	Cargo/função desempenhada – proprietário/gerente	1
	Cargo/função desempenhada – não proprietário/ apenas gerente	0
8.	Género Feminino	1
	Género Masculino	0
9.	Idade inferior ou igual a 40 anos	0
	Idade superior a 40 anos	1
10.	Formação em turismo	0
	Formação noutras áreas	1
11.	Encontra-se há pouco tempo na herdade/quinta – a partir de 2020	0
	Encontra-se há algum tempo na herdade/quinta – antes de 2019	1
12.	Possui a função em causa na herdade/quinta há pouco tempo – a partir de 2020	0
	Possui a função em causa na herdade/quinta há algum tempo – antes de 2019	1
13.	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Sim	0
	Teve a mesma função noutra negócio equivalente – Não	1
14.	Reside na região – Sim	1
	Reside na região – Não	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 31 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (1)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
15.	Pequena dimensão – 0 a 5 ha	1
	Média dimensão – 10 a 20 ha	0
	Grande dimensão – mais de 20 ha	0
16.	Negócio alimentar	0
	Negócio animal	1
	Vínico	0
	Outro	0
17.	Estada em casas individuais, sem conexão entre si	0
	Estada num edifício único	1
	Estada em diferentes edifícios	0
	Estada num parque de campismo agroturístico	0
	Oferta de atividades agroturísticas	0
18.	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Sim	0
	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Não	1
19.	A agricultura era a única atividade praticada – Sim	0
	A agricultura era a única atividade praticada – Não	1
20.	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – a partir de 2020	0
	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – antes de 2019	1
21.	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – um sonho	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – recuperar e revitalizar a propriedade	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – rentabilização do espaço e do negócio	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – partilha da natureza	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – não sabe	0
22.	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Sim	1
	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Não	0
23.	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Sim	0
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Não/Não sei	1
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Sim	0
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Não	1
24.	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Sim	0
	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Não	1
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Sim	0
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Não	1
25.	Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento	1
	Com a introdução do agroturismo ofereciam alojamento e complementavam com atividades agroturísticas	0

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 32 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (2)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
26.	Entre 1 e 2 trabalhadores agrícolas	1
	Entre 3 e 5 trabalhadores agrícolas	0
	Mais de 5 trabalhadores agrícolas	0
27.	Entre 1 e 2 trabalhadores para o negócio de turismo	1
	Entre 3 e 5 trabalhadores para o negócio de turismo	0
	Mais de 5 trabalhadores para o negócio de turismo	0
28.	<i>Workshops</i> de culinária	0
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	0
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	0
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
Outras	0	
29.	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – ativa	0
	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – passiva	0
30.	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – absorção	0
	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – imersão	0
31.	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Sim	0
	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Não	0
32.	Grupos de jovens	0
	Casais jovens sem filhos	0
	Famílias com crianças	0
	Seniores	0
	Outros	0
33.	< 999 turistas	1
	1000-2000 turistas	0
	2001-3000 turistas	0
	3001-4000 turistas	0
	Mais de 4000 turistas	0
	Não sabe/não se aplica	0

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 33 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (3)

Número da questão	Questão	Número total de respostas
34.	Junho e julho	0
	Julho e agosto	0
	Junho, julho e agosto	0
	Julho, agosto e setembro	0
35.	<i>Workshops</i> de culinária	0
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	0
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	0
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
Outras	0	
Gratuitas	0	
36.	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Sim	0
	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Não	0
37.	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Sim	0
	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Não	0
38.	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Sim	0
	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Não	0
39.	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Sim	1
	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Não	0
40.	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Sim	1
	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Não	0
41.	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Sim	0
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não	0
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não se aplica	1

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 34 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo c), parte III (4)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
42.	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Insignificante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Pouco importante	1
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Muito importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Não se aplica	0
43.	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Sim	0
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não	0
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não se aplica	1
44.	Parcerias locais – Sim	0
	Parcerias locais – Não	1
45.	Melhoria dos acessos à região	0
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pela gerência	0
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pelo município	0
	Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico	0
	Melhoria da rede de transportes públicos	0
	Melhoria das infraestruturas	0
	Outras	0
Nenhumas	1	
46.	Preocupação em poupar água	1
	Reaproveitamento da água	0
	Uso de adubos naturais na horta	0
	Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra	0
	Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições	0
	Preocupação em inculcar boas práticas ambientais aos turistas	0
	Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade	0
	Utilização de alguma fonte de energia renovável	0
	Realização da triagem do lixo	0
Outras	0	
47.	Fonte extra de rendimento para os agricultores	0
	Criação de postos de emprego para a população local	0
	Fixação da população em regiões menos povoadas	0
	Melhoria e construção de infraestruturas	0
	Valorização e preservação das tradições e culturas locais	0
	Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta	0
	Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais	0
	Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas	0
	Outros	0
48.	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Sim	0
	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Não	0

Fonte: Elaboração própria

d) Agroturismo sem exploração animal nem atividades

Tabela 35 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte I

Parte I – Informações acerca da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
5.	<i>Non working farm agritourism</i>	0
	<i>Working farm, passive contact agritourism</i>	1
	<i>Working farm, indirect contact agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, staged agritourism</i>	0
	<i>Working farm, direct contact, authentic agritourism</i>	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 36 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte II

Parte II – Perfil do entrevistado		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
7.	Cargo/função desempenhada – proprietário/gerente	1
	Cargo/função desempenhada – não proprietário/ apenas gerente	0
8.	Género Feminino	0
	Género Masculino	1
9.	Idade inferior ou igual a 40 anos	0
	Idade superior a 40 anos	1
10.	Formação em turismo	0
	Formação noutras áreas	1
11.	Encontra-se há pouco tempo na herdade/quinta – a partir de 2020	0
	Encontra-se há algum tempo na herdade/quinta – antes de 2019	1
12.	Possui a função em causa na herdade/quinta há pouco tempo – a partir de 2020	1
	Possui a função em causa na herdade/quinta há algum tempo – antes de 2019	0
13.	Teve a mesma função noutro negócio equivalente – Sim	0
	Teve a mesma função noutro negócio equivalente – Não	1
14.	Reside na região – Sim	1
	Reside na região – Não	0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 37 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (1)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
15.	Pequena dimensão – 0 a 5 ha	1
	Média dimensão – 10 a 20 ha	0
	Grande dimensão – mais de 20 ha	0
16.	Negócio alimentar	1
	Negócio animal	0
	Vínico	0
	Outro	0
17.	Estada em casas individuais, sem conexão entre si	0
	Estada num edifício único	1
	Estada em diferentes edifícios	0
	Estada num parque de campismo agroturístico	0
	Oferta de atividades agroturísticas	0
18.	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Sim	1
	Na fundação deste empreendimento a atividade agrícola já se encontrava presente – Não	0
19.	A agricultura era a única atividade praticada – Sim	1
	A agricultura era a única atividade praticada – Não	0
20.	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – a partir de 2020	1
	A partir de que ano começaram a dedicar-se ao turismo – antes de 2019	0
21.	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – um sonho	1
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – recuperar e revitalizar a propriedade	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – rentabilização do espaço e do negócio	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – partilha da natureza	0
	Razão da introdução do agroturismo nesta herdade/quinta – não sabe	0
22.	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Sim	0
	Necessidade de recuperarem e reabilitarem este empreendimento para fins turísticos – Não	1
23.	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Sim	0
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade agrícola – Não/Não sei	1
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Sim	0
	Apoios financeiros disponibilizados pela União Europeia para a atividade turística – Não	1
24.	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Sim	0
	Fundos de outro tipo para a atividade agrícola – Não	1
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Sim	0
	Fundos de outro tipo para a atividade turística – Não	1
25.	Com a introdução do agroturismo ofereciam apenas alojamento	1
	Com a introdução do agroturismo ofereciam alojamento e complementavam com atividades agroturísticas	0

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 38 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (2)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
26.	Entre 1 e 2 trabalhadores agrícolas	1
	Entre 3 e 5 trabalhadores agrícolas	0
	Mais de 5 trabalhadores agrícolas	0
27.	Entre 1 e 2 trabalhadores para o negócio de turismo	0
	Entre 3 e 5 trabalhadores para o negócio de turismo	1
	Mais de 5 trabalhadores para o negócio de turismo	0
28.	<i>Workshops</i> de culinária	0
	<i>Workshops</i> de panificação	0
	<i>Workshops</i> de agricultura	0
	<i>Workshops</i> de artesanato	0
	<i>Workshops</i> com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	0
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
Outras	0	
29.	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – ativa	0
	As atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta incentivam o turista a participar de forma – passiva	0
30.	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – absorção	0
	O tipo de envolvimento do turista nas atividades agroturísticas oferecidas pela herdade/quinta ocorre por – imersão	0
31.	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Sim	0
	Procuram implementar atividades turísticas inovadoras e diferentes de todas aquelas que já existem na região – Não	0
32.	Grupos de jovens	0
	Casais jovens sem filhos	0
	Famílias com crianças	0
	Seniores	0
	Outros	0
33.	< 999 turistas	0
	1000-2000 turistas	0
	2001-3000 turistas	0
	3001-4000 turistas	0
	Mais de 4000 turistas	0
	Não sabe/não se aplica	0

(continua)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

Tabela 39 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (3)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
34.	Junho e julho	0
	Julho e agosto	1
	Junho, julho e agosto	0
	Julho, agosto e setembro	0
35.	Workshops de culinária	0
	Workshops de panificação	0
	Workshops de agricultura	0
	Workshops de artesanato	0
	Workshops com animais	0
	Passeios a cavalo pela propriedade	0
	Passeios de burro pela propriedade	0
	Passeios pedestres pela propriedade	0
	Passeios de bicicleta pela propriedade	0
	Quinta pedagógica	0
	Apanha de fruta da época	0
	Apicultura	0
	Vindimas	0
	Prova de vinhos	0
	Outras	0
	Gratuitas	0
36.	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Sim	0
	As atividades agroturísticas oferecidas permitem fidelizar clientes – Não	0
37.	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Sim	0
	Para a dinamização das vossas atividades optam por empregar trabalhadores pertencentes à população local – Não	0
38.	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Sim	1
	Empregam trabalhadores pertencentes à população local para o desempenho de outras funções – Não	0
39.	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Sim	0
	Têm colaboradores que vêm de fora da região e estão em permanência na herdade/quinta ou na região – Não	1
40.	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Sim	0
	Comercializam artigos produzidos na herdade/quinta – Não	1
41.	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Sim	0
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não	0
	Comercializam produtos semelhantes aos obtidos nos <i>workshops</i> que dinamizam – Não se aplica	1

(continua)

Fonte: Elaboração própria

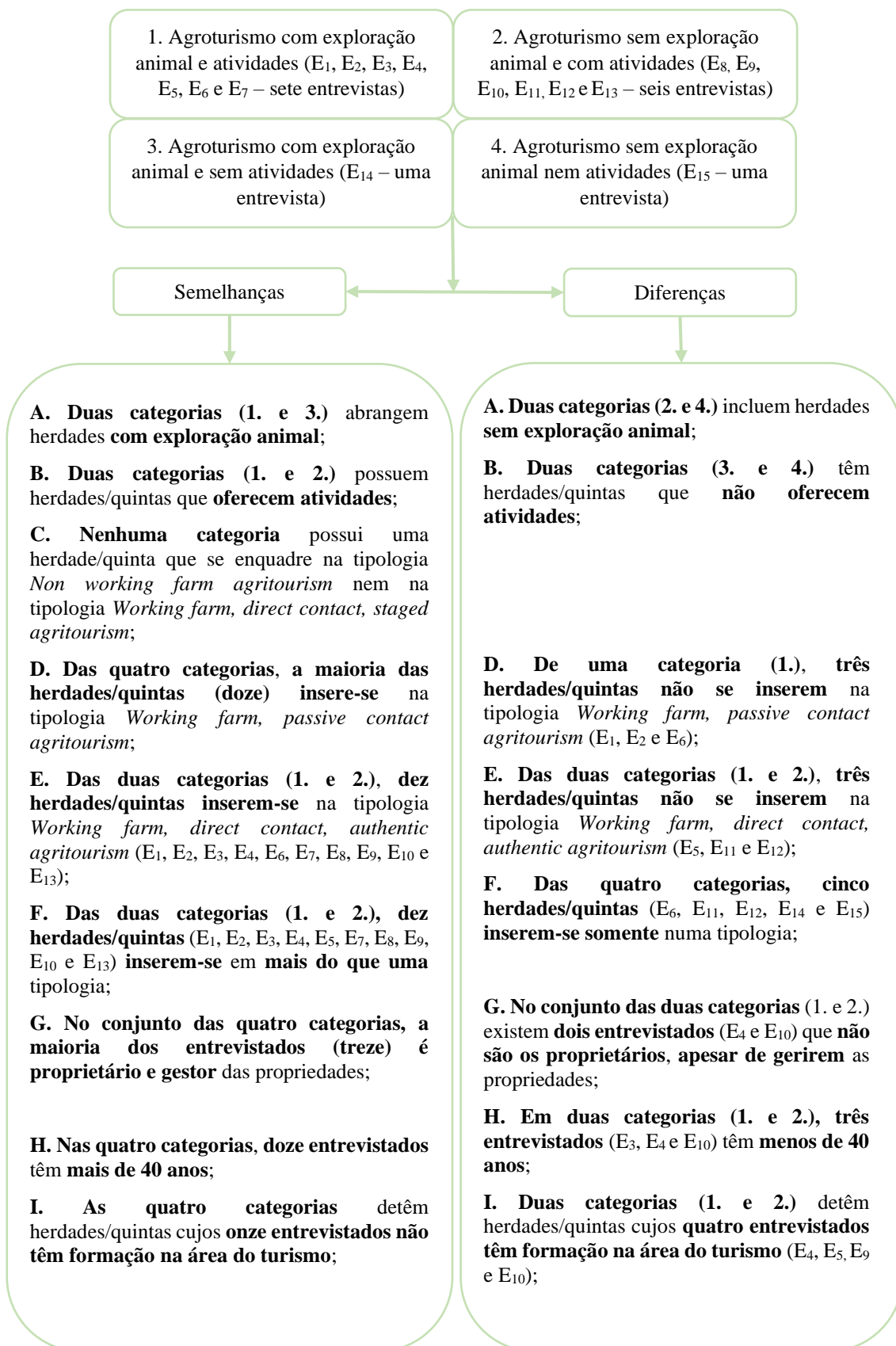
(continuação)

Tabela 40 – Dados estatísticos dos resultados da entrevista do grupo d), parte III (4)

Parte III – Desenvolvimento da entrevista		
Número da questão	Questão	Número total de respostas
42.	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Insignificante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Pouco importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Muito importante	0
	A venda desses produtos é uma fonte de rendimento – Não se aplica	1
43.	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Sim	0
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não	1
	Os vossos produtos são vendidos para/por mercearias locais – Não se aplica	0
44.	Parcerias locais – Sim	0
	Parcerias locais – Não	1
45.	Melhoria dos acessos à região	0
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pela gerência	0
	Existência de sinalética indicativa da propriedade – pelo município	0
	Existência de sinalética indicativa dos locais de interesse turístico	0
	Melhoria da rede de transportes públicos	0
	Melhoria das infraestruturas	0
	Outras	0
Nenhumas	1	
46.	Preocupação em poupar água	0
	Reaproveitamento da água	0
	Uso de adubos naturais na horta	0
	Reaproveitamento de restos dos alimentos dos animais para adubar a terra	0
	Aproveitamento dos alimentos que cultivam para a confeção de refeições	1
	Preocupação em inculir boas práticas ambientais aos turistas	0
	Existência de trilhos pré-definidos para passeios pela propriedade	0
	Utilização de alguma fonte de energia renovável	1
	Realização da triagem do lixo	1
Outras	0	
47.	Fonte extra de rendimento para os agricultores	0
	Criação de postos de emprego para a população local	1
	Fixação da população em regiões menos povoadas	0
	Melhoria e construção de infraestruturas	0
	Valorização e preservação das tradições e culturas locais	0
	Melhoria do meio envolvente da herdade/quinta	0
	Parcerias entre as herdades/quintas com outros negócios locais e/ou regionais	0
	Promoção do contacto entre as comunidades locais e os turistas	0
	Outros	0
48.	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Sim	0
	O agroturismo, por si só, detém a capacidade de desenvolver e revitalizar a região – Não	1

Fonte: Elaboração própria

Apêndice VI – Esquema de semelhanças *versus* diferenças entre as quatro categorias de agroturismo

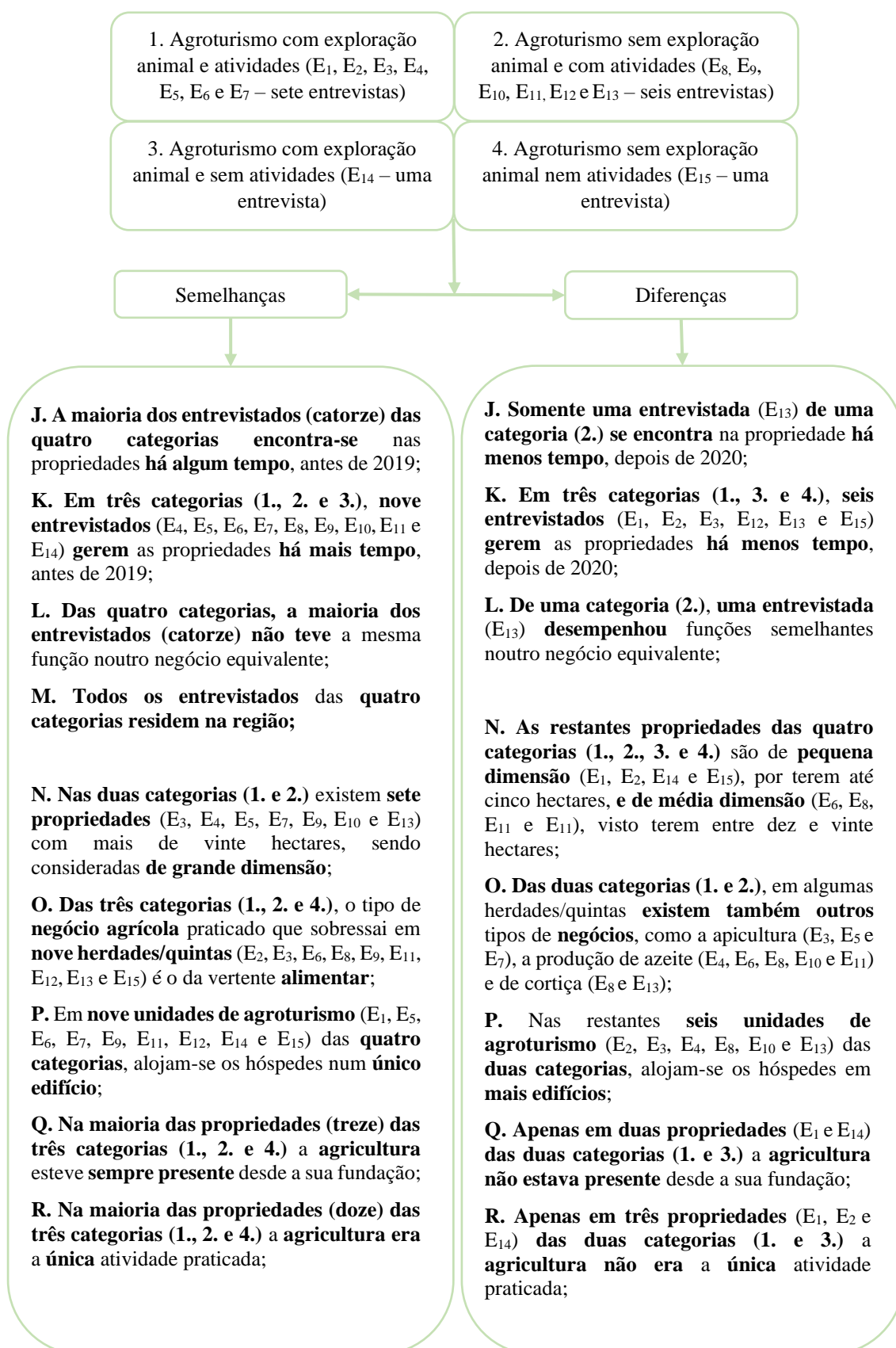


(continua)

Figura 56 – Esquema conceitual (1)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

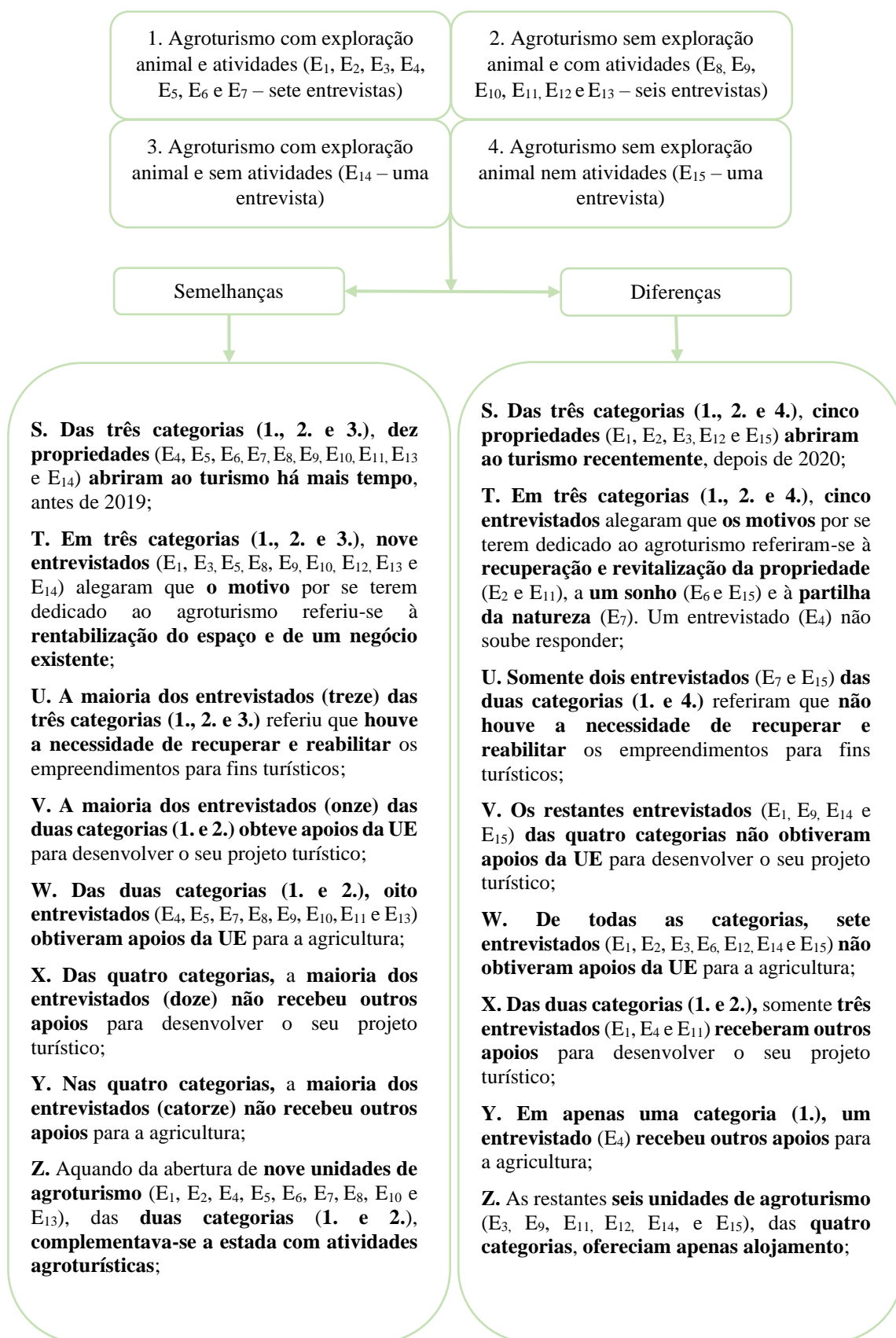


(continua)

Figura 57 – Esquema conceptual (2)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

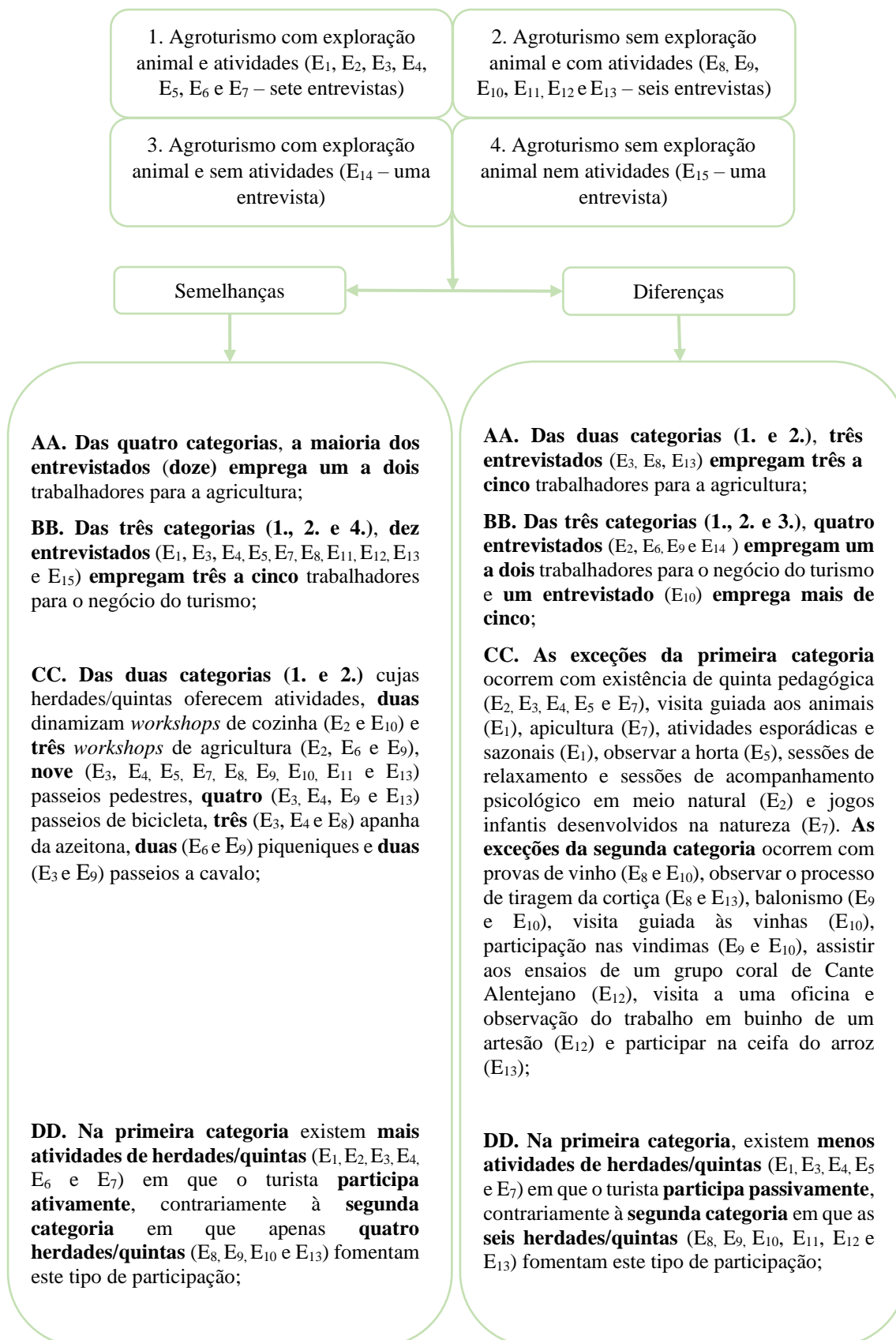


(continua)

Figura 58 – Esquema conceitual (3)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

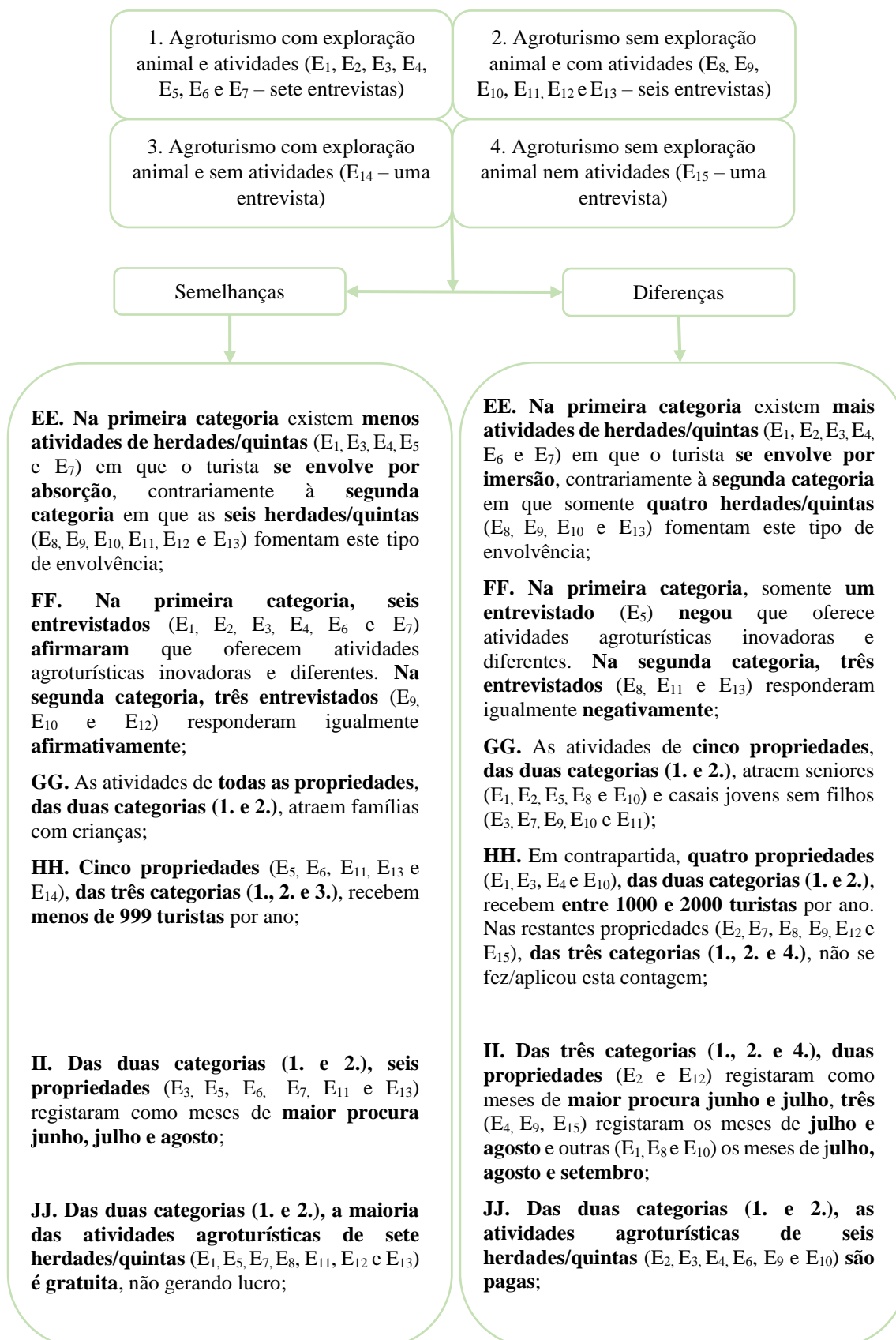


(continua)

Figura 59 – Esquema conceitual (4)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

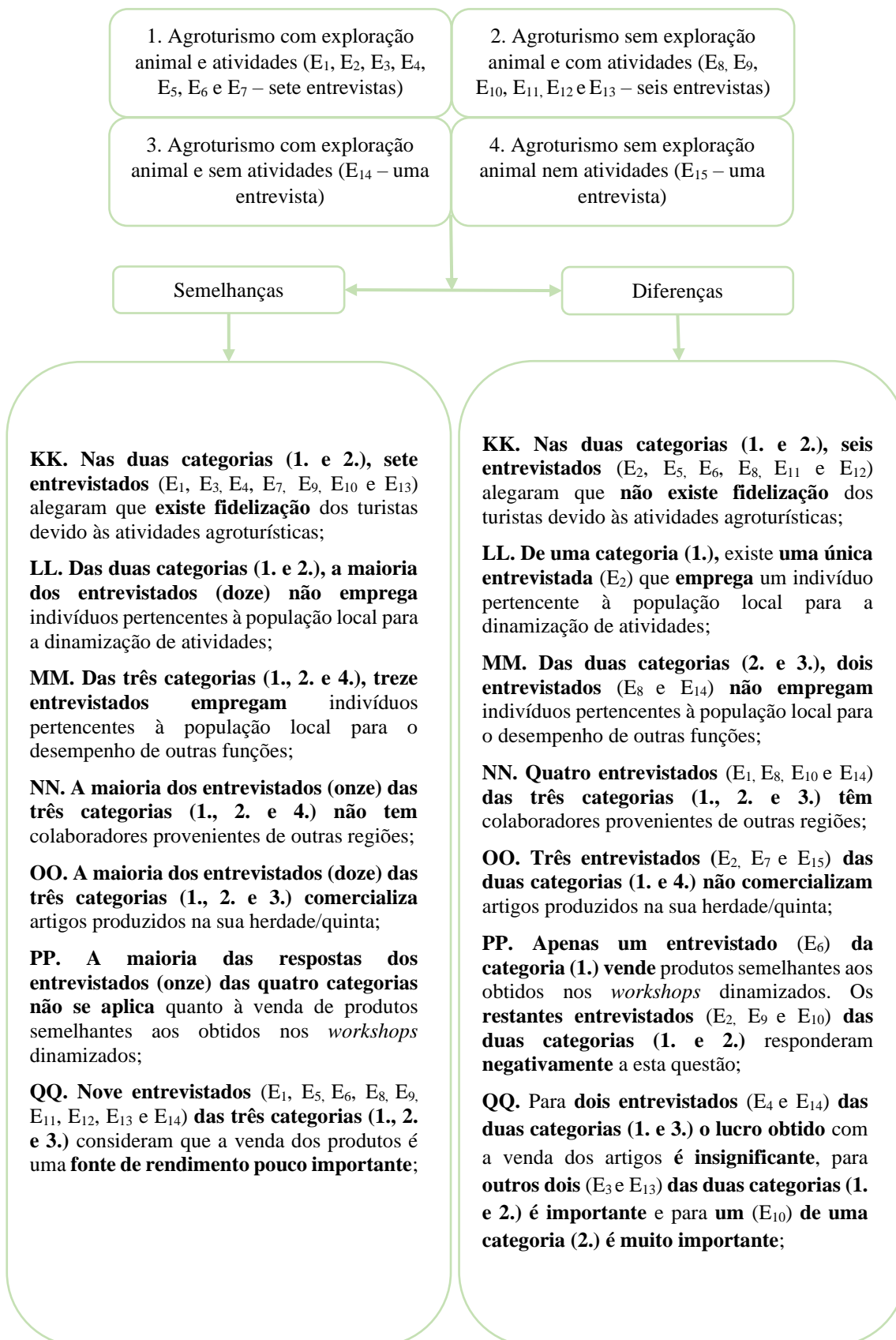


(continua)

Figura 60 – Esquema conceptual (5)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

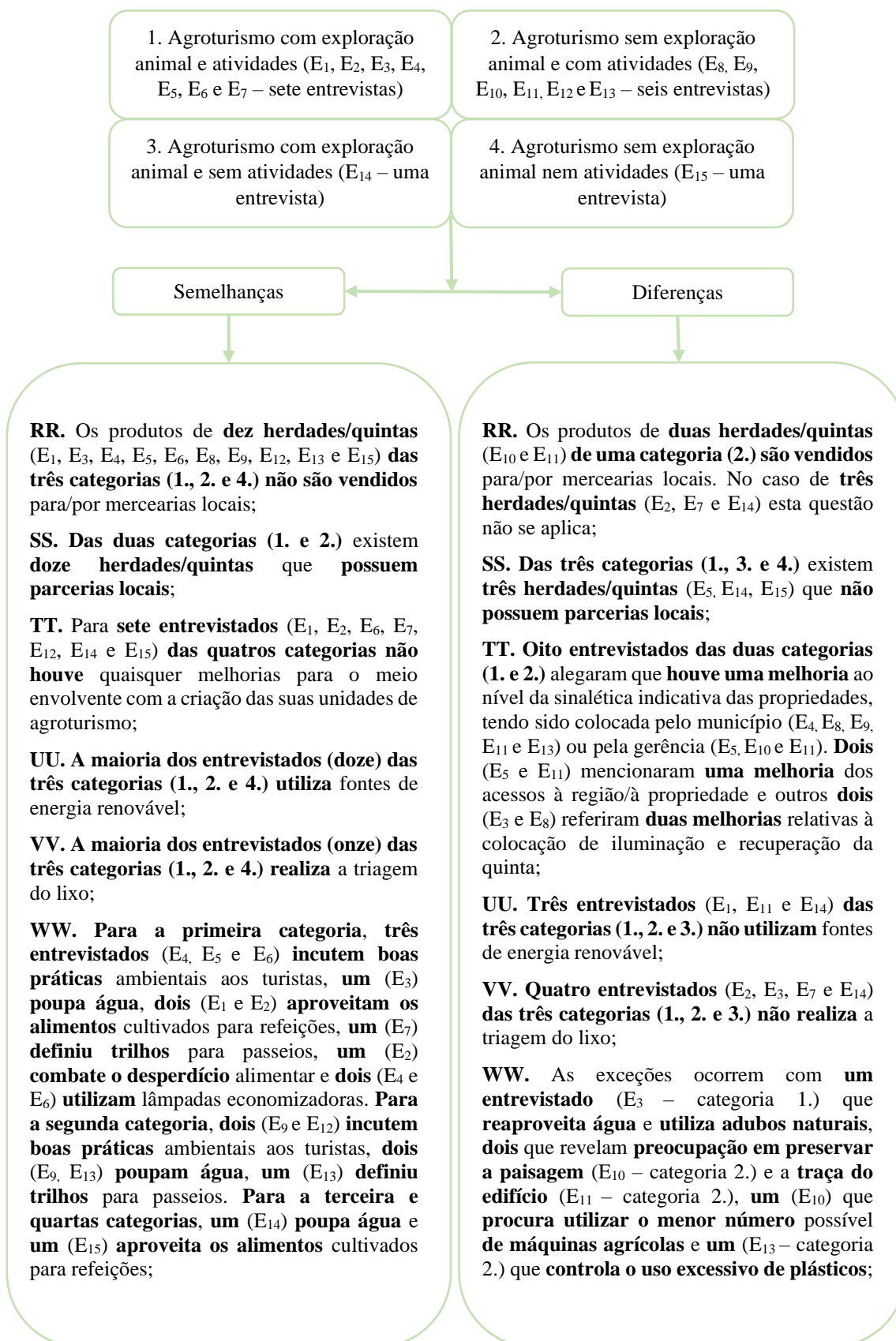


(continua)

Figura 61 – Esquema conceitual (6)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)



(continua)

Figura 62 – Esquema conceptual (7)

Fonte: Elaboração própria

(continuação)

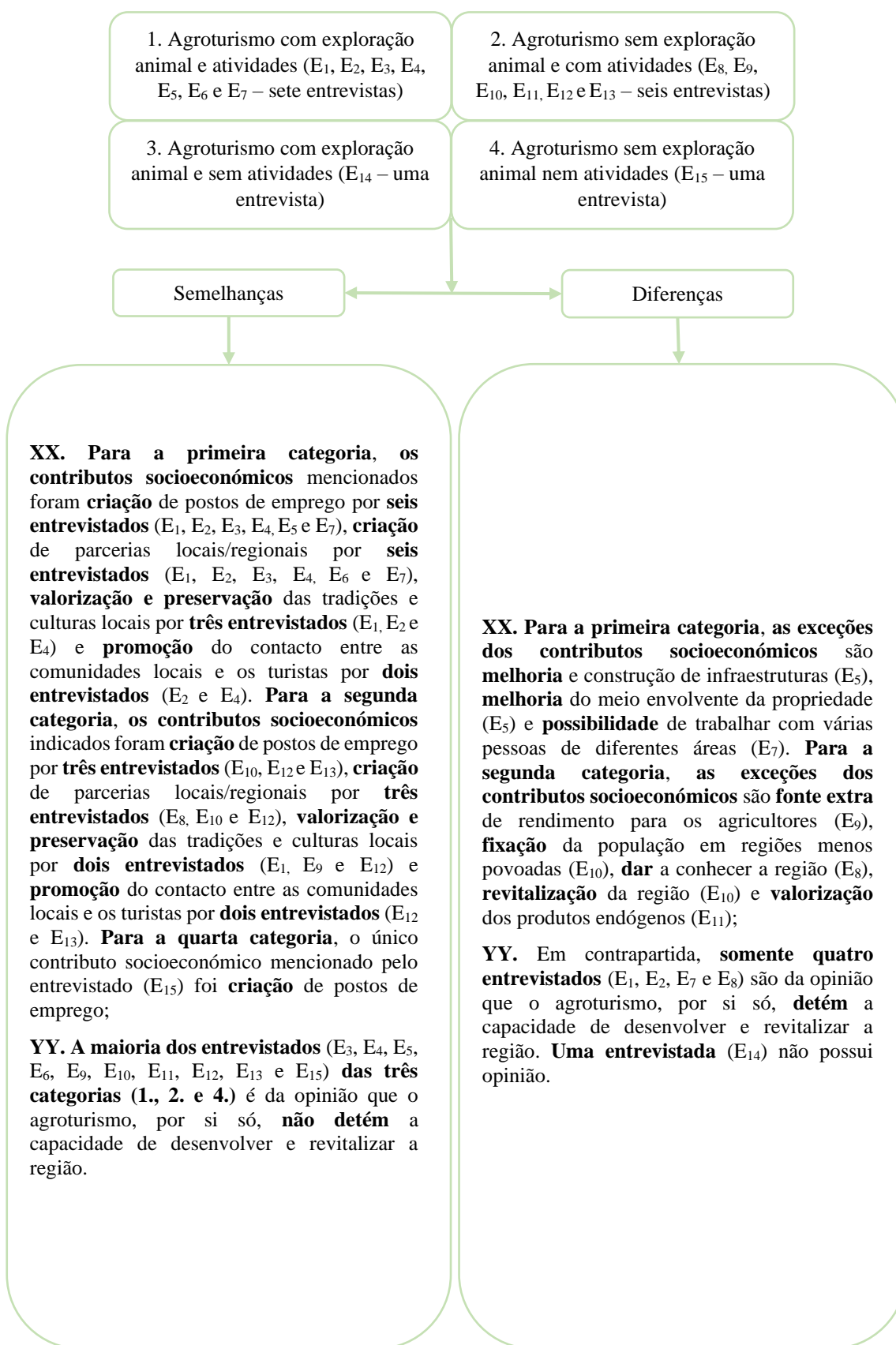


Figura 63 – Esquema conceitual (8)

Fonte: Elaboração própria